

Quatro Doutrinas

Doutrina do Senhor

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor)

Doutrina da Escritura Santa

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Escritura Santa)

Doutrina de Vida

(Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém
segundo os Preceitos do Decálogo)

Doutrina da Fé

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Fé)

Copyright © by
Edições das Doutrinas Celestes para a Nova Jerusalém

Tradução
Cristóvão Rabelo Nobre

Editoração e fotolitos
RG Editores, São Paulo, SP

Direitos desta edição reservados a
Edições das Doutrinas Celestes para a Nova Jerusalém

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swedenborg, Emanuel

Quatro Doutrinas – Publicadas separadamente em latim, Amsterdã, 1763.
Doctrina Novae Hierosolymae De Domino; Doctrina Novae Hierosolymae
De Scriptura Sacra; Doctrina Vitae pro Nova Hierosolyma; Doctrina Novae
Hierosolymae de Fide. Tradução por Cristóvão R. Nobre - Edições das
Doutrinas Celestes para a Nova Jerusalém, Brasil, 2006

ISBN xxxxxxxxx

1. xxxxx

Xxxxxxx

xxxxxxx

Índice para catálogo sistemático:
1. xxxxxi

Impressão e acabamento:
RG EDITORES
ASSAHI GRÁFICA

Índice

<u>Quatro Doutrinas.....</u>	<u>1</u>
<u>Doutrina do Senhor.....</u>	<u>7</u>
<u>Prefácio.....</u>	<u>9</u>
<u>I. Toda a Escritura Santa trata do Senhor e o Senhor é a Palavra.....</u>	<u>10</u>
<u>II. “O Senhor cumpriu todas as coisas da Lei” quer dizer que Ele cumpriu toda a Palavra.....</u>	<u>23</u>
<u>III. O Senhor veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar o Humano, e a paixão da cruz foi o último combate, pelo qual venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou Seu Humano.....</u>	<u>28</u>
<u>IV. O Senhor, pela paixão da cruz, não tirou os pecados, mas os portou.....</u>	<u>33</u>
<u>V. A imputação do mérito do Senhor não é outra coisa senão a remissão dos pecados depois da penitência.....</u>	<u>39</u>
<u>VI. O Senhor, quanto ao Divino Humano, é chamado “Filho de Deus” e, quanto à Palavra, chamado “Filho do homem”.....</u>	<u>42</u>
<u>VII. O Senhor fez Divino o Seu Humano pelo Divino n’Ele e, assim, fez-Se Um com o Pai.....</u>	<u>50</u>
<u>VIII. O Senhor é o Próprio Deus, de Quem vem a Palavra e de Quem ela trata.....</u>	<u>66</u>
<u>IX. Deus é Um, e o Senhor é esse Deus.....</u>	<u>75</u>
<u>X. O Espírito Santo é o Divino Procedente do Senhor e é o próprio Senhor.....</u>	<u>77</u>
<u>XI. A Doutrina da Fé Atanasiana concorda com a verdade, se tão somente se, pela Trindade de Pessoas, se entender a Trindade da Pessoa que está no Senhor.....</u>	<u>88</u>
<u>XII. A Nova Igreja é entendida pela Nova Jerusalém no Apocalipse.....</u>	<u>95</u>
<u>Doutrina da Escritura Santa.....</u>	<u>101</u>
<u>I. A Escritura Santa ou Palavra é o próprio Divino Vero.....</u>	<u>103</u>
<u>II. Na Palavra há um sentido espiritual até hoje desconhecido.....</u>	<u>105</u>

<u>III. O sentido da letra da Palavra é a base, o continente e o sustentáculo de seus sentidos espiritual e celeste.....</u>	<u>124</u>
<u>IV. O Divino Vero no sentido da letra da Palavra está em sua plenitude, sua santidade e seu poder.....</u>	<u>128</u>
<u>V. A Doutrina da Igreja deve ser extraída do sentido da letra da Palavra e confirmada por esse sentido.....</u>	<u>137</u>
<u>VI. Pelo sentido da letra da Palavra há conjunção com o Senhor e consociação com os anjos.....</u>	<u>144</u>
<u>VII. A Palavra está em todos os céus e por ela há a sabedoria angélica.....</u>	<u>148</u>
<u>VIII. A igreja existe pela Palavra e é tal qual é o seu entendimento da Palavra.....</u>	<u>150</u>
<u>IX. Em cada coisa da Palavra há o casamento do Senhor e da igreja, e, por conseguinte, o casamento do bem e do vero.....</u>	<u>153</u>
<u>X. Heresias podem ser extraídas do sentido da letra da Palavra, mas confirmá-las é perigoso</u>	<u>161</u>
<u>XI. O Senhor veio ao mundo para cumprir todas as coisas da Palavra e por esse modo tornar-Se o Divino Vero ou a Palavra também nos últimos.....</u>	<u>167</u>
<u>XII. Antes dessa Palavra que há hoje no mundo existiu uma Palavra que foi perdida.....</u>	<u>168</u>
<u>XIII. Pela Palavra há luz também para os que estão fora da igreja e não têm a Palavra.....</u>	<u>171</u>
<u>XIV. Se não houvesse a Palavra, ninguém saberia sobre Deus, o céu e o inferno, a vida após a morte e, ainda menos, sobre o Senhor.....</u>	<u>174</u>
<u>Doutrina de Vida.....</u>	<u>178</u>
<u>I. Toda religião pertence à vida e a vida da religião é fazer o bem</u>	<u>180</u>
<u>II. Ninguém pode, por si mesmo, fazer o bem que é realmente o bem.....</u>	<u>186</u>
<u>III. Quanto mais o homem foge dos males como pecados, mais pratica os bens, não por si, mas pelo Senhor.....</u>	<u>189</u>
<u>IV. Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais ama</u>	

<u>os veros.....</u>	<u>195</u>
<u>V. Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais tem a fé e é espiritual.....</u>	<u>197</u>
<u>VI. O Decálogo ensina quais são os males que são pecados... </u>	<u>201</u>
<u>VII. Que os homicídios, adultérios, roubos e falsos testemunhos de todo gênero, como as concupiscência por eles, são os males de que se deve fugir como pecados.....</u>	<u>206</u>
<u>VIII. Quanto mais alguém foge dos homicídios de todo gênero como pecados, mais tem amor para com o próximo.....</u>	<u>209</u>
<u>IX. Quanto mais alguém foge dos adultérios de todo gênero como pecados, mais ama a castidade.....</u>	<u>211</u>
<u>X. Quanto mais alguém foge dos roubos de todo gênero como pecados, mais ama a sinceridade.....</u>	<u>214</u>
<u>XI. Quanto mais alguém foge dos falsos testemunhos de todo gênero como pecados, mais ama a verdade.....</u>	<u>217</u>
<u>XII. Ninguém pode fugir dos males como pecados, até ao ponto de ter interiormente aversão por eles, a não ser por combates contra eles.....</u>	<u>219</u>
<u>XIII. O homem deve fugir dos males como pecados e combater contra eles como por si mesmo.....</u>	<u>222</u>
<u>XIV. Se alguém fugir dos males por qualquer outra causa que não seja porque são pecados, não foge deles, mas somente faz com que não apareçam diante do mundo.....</u>	<u>225</u>
<u>Doutrina da Fé.....</u>	<u>229</u>
<u>I. A fé é o reconhecimento interno do vero.....</u>	<u>231</u>
<u>II. O reconhecimento interno do vero, que é a fé, não existe senão nos que estão na caridade.....</u>	<u>234</u>
<u>III. Os conhecimentos do vero e do bem não são da fé antes de o homem estar na caridade, mas são a despensa de que a fé da caridade pode ser formada.....</u>	<u>237</u>
<u>IV. A fé cristã na forma universal.....</u>	<u>240</u>
<u>VI. Qual é a fé separada da caridade.....</u>	<u>243</u>
<u>VII. Os que estão na fé separada da caridade foram representados na Palavra pelos filisteus.....</u>	<u>244</u>

<u>VIII. Os que estão na fé separada da caridade são entendidos pelo “dragão” no Apocalipse.....</u>	<u>247</u>
<u>IX. Os que estão na fé separada da caridade são entendidos pelos “bodes” em Daniel e Mateus.....</u>	<u>250</u>
<u>X. A fé separada da caridade destrói a igreja e tudo o que lhe pertence.....</u>	<u>254</u>

Doutrina do Senhor

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor)

Emanuel Swedenborg

Publicado originalmente em latim

Amsterdã, 1763

Edições das Doutrinas Celestes da Nova Jerusalém

Dezembro 2006

Prefácio

Há alguns anos foram publicados cinco opúsculos, que são: 1. O Céu e o Inferno, 2. Doutrina da Nova Jerusalém, 3. O Juízo Final, 4. O Cavalo Branco, 5. Dos Planetas e Terras no Universo, nos quais foram manifestadas muitas coisas que tinham sido até então ignoradas. Agora, por ordem do Senhor, que a mim Se revelou, deve ser trazida ao público a seguinte seqüência:

Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor.

Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Escritura Santa.

Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém segundo os Preceitos do Decálogo.

Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Fé.

Continuação do Juízo Final.

Sabedoria Angélica sobre a Divina Providência.

Sabedoria Angélica sobre as Divinas Onipotência, Onipresença, Onisciência, Infinitude e Eternidade.

Sabedoria Angélica sobre o Divino Amor e a Divina Sabedoria.

Sabedoria Angélica sobre a Vida.

Diz-se “Doutrina da Nova Jerusalém”, mas entenda-se “Doutrina para a Nova Igreja”, a qual está sendo hoje instaurada pelo Senhor, pois a velha Igreja chegou ao seu fim, como se pode constatar pelas coisas que foram ditas no opúsculo *Do Juízo Final*, n. 33 a 39, e pelas coisas que serão ditas depois, nos opúsculos mencionados há pouco, que se seguirão. Que pela Nova Jerusalém, prevista no *Apocalipse* capítulo 21 que viria após o juízo, seja entendida a Nova Igreja, ver-se-á aqui, abaixo, no último capítulo.

I. Toda a Escritura Santa trata do Senhor e o Senhor é a Palavra

1. Lê-se em *João*:

“No princípio era o Verbo [Palavra], e o Verbo estava em Deus, e Deus era o Verbo; este estava no princípio em Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a Luz aparece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. ... E o Verbo Se fez Carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, glória como a do Unigênito procedente do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo. 1:1-5, 14).

No mesmo:

“A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois as suas obras eram más” (Jo. 3:19).

E em outro lugar, no mesmo:

“Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que filhos da luz sejais... Eu, a Luz, vim ao mundo, para que todo aquele que crê em Mim não permaneça em trevas” (Jo. 12:36, 46).

Por aí se pode ver que o Senhor é, desde a eternidade, Deus, e que Ele mesmo é o Senhor que nasceu no mundo, pois foi dito: “*o Verbo estava em Deus, e Deus era o Verbo*”, e depois: “*sem Ele, nada do que foi feito se fez*”; e, em seguida, que “*o Verbo se fez Carne*” e que eles O viram. Poucos na Igreja entendem por que o Senhor é chamado “Verbo” [Palavra¹], mas Ele é chamado “Palavra” porque Palavra significa o Divino Vero ou a Divina Sabedoria, e o Senhor é o Divino Vero mesmo ou a Divina Sabedoria mesma; por isso é também chamado “Luz”, da qual também se disse que veio ao mundo. Como a Divina Sabedoria e o Divino Amor fazem um e desde a eternidade foram um no Senhor, por isso também se disse: “*n’Ele estava a vida, e Vida era a luz dos homens*”; a “vida” é o Divino Amor e a “luz” é a Divina Sabedoria. É este Uno que se entende por “no princípio a Palavra estava com Deus, e Deus era a Palavra”. “Com Deus” [*apud Deum*] é em Deus [*in Deo*], pois a sabedoria está no amor e o amor na sabedoria. Semelhantemente se diz em outro lugar, em *João*:

¹ Deste ponto em diante, o termo latino *Verbum* será sempre traduzido por “Palavra”.

“Glorifica-Me Tu, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que tive contigo antes que o mundo existisse” (Jo. 17:5);

“contigo mesmo” é em Ti mesmo; por isso foi dito também: “e Deus era a Palavra” e, em outro lugar, que o Senhor está no Pai e o Pai está n’Ele, pois que o Pai e Ele são um. Ora, como a Palavra é a Divina Sabedoria do Divino Amor, segue-se que é JEHOVAH, assim, o Senhor, de Quem foram feitas todas as coisas que se fizeram, pois todas as coisas foram criadas do Divino Amor pela Divina Sabedoria.

2. Que seja a mesma Palavra, manifestada por Moisés, pelos profetas e pelos evangelistas, que se entende aqui em particular, pode-se ver claramente pelo fato de que Ele é o Divino Vero mesmo do qual existe toda sabedoria para os anjos e inteligência para os homens espirituais. Com efeito, a mesma Palavra que está com os homens no mundo está também com os anjos nos céus; mas, no mundo, com os homens, está o seu natural, enquanto no céu está o seu espiritual. E como é o Divino Vero, é também o Divino procedente, e esse não só vem do Senhor, mas também é o Senhor mesmo. E visto que é o Senhor mesmo, por isso todas e cada uma das coisas da Palavra foram escritas a respeito d’Ele somente. Desde *Isaias* até *Malaquias*, não há outra coisa ali a não ser o que trata do Senhor ou, no sentido oposto, contra o Senhor.

[2] Ninguém ainda tinha visto que isso é assim, e, no entanto, qualquer um pode vê-lo, contanto que apenas conheça e, quando ler, medite e saiba, como foi dito acima, que na Palavra há não somente o sentido natural, mas também o espiritual e, nesse sentido, pelos nomes das pessoas e dos lugares é significada alguma coisa do Senhor e, assim, alguma coisa do céu e da igreja proveniente d’Ele, ou alguma coisa oposta. Visto que todas e cada uma das coisas da Palavra tratam do Senhor, e a Palavra é o Senhor porque é o Divino Vero, eis porque se diz claramente: “*E a Palavra se fez Carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória*”. E também porque se diz: “*Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que filhos da luz sejais ... Eu, a Luz, vim ao mundo [para] ... quem crê em Mim não permaneça em trevas*”. A “luz” é o Divino Vero, assim, a Palavra. Por essa causa é que, mesmo hoje, todo aquele que recorre ao Senhor, quando lê a Palavra e ora a Ele, nela é iluminado.

3. Dir-se-ão também aqui umas poucas coisas sobre o que se diz em geral e em particular a respeito do Senhor em todos os Profetas do Velho Testamento, de *Isaias* até *Malaquias*.

(i). O Senhor veio ao mundo na plenitude dos tempos, que era quando

Ele não seria mais reconhecido pelos judeus e, por isso, quando não restasse mais coisa alguma da igreja; e, a não ser que, então, o Senhor viesse ao mundo e Se revelasse, o homem pereceria de morte eterna. Assim se diz em *João*:

“Se não credes que Eu Sou, morrereis em vossos pecados” (Jo. 8:24).

(ii). O Senhor veio ao mundo para efetuar o juízo final e, por este, subjugar os infernos que então dominavam; que fez isso por meio de combates ou tentações admitidas no Seu Humano proveniente da mãe, e por contínuas vitórias; que, se os infernos não fossem subjogados, homem nenhum poderia ser salvo.

(iii). O Senhor veio ao mundo para glorificar o Humano, isto é, uni-lo ao Divino que n'Ele estava pela concepção.

(iv). O Senhor veio ao mundo para instaurar uma nova igreja que O reconhecesse como Redentor e Salvador, e fosse redimida e salva pelo amor e pela fé n'Ele.

(v). Então, ao mesmo tempo, ordenou o céu, para que fizesse um com a Igreja.

(vi). A paixão da cruz foi Seu último combate ou tentação, pela qual venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou o Seu Humano.

Que a Palavra não trate de outra coisa, isso se verá numa obra seguinte, *Sobre a Escritura Santa*.

4. Para confirmar que é assim, quero, neste primeiro capítulo, aduzir somente as passagens da Palavra onde se diz “aquele dia”, “naquele dia” e “naquele tempo”, nas quais, pelo “dia” e pelo “tempo” se entende o advento do Senhor. Em *Isaías*:

“Será, na posteridade dos dias, que o monte de JEHOVAH será firmado no cume dos montes. ... Só JEHOVAH será exaltado naquele dia. ... O dia de JEHOVAH Zebaoth sobre todo soberbo e altivo. Naquele dia o homem lançará fora seus ídolos de prata e ouro” (Is. 2:2, 11, 12, 20).

“Naquele dia o Senhor Jehovih removerá o ornato” (Is. 3:18).

“Naquele dia haverá um renovo de JEHOVAH em honra e glória” (Is. 4:2).

“Rugirá contra ele naquele dia... e olhará a terra, que, eis, [estará em] trevas, ansiedade, e a luz se escurecerá nas ruínas” (Is. 5:30).

“Acontecerá naquele dia que JEHOVAH assobiará para as moscas na

extremidade dos rios do Egito. ... Naquele dia, tosquiara o Senhor ... na passagem do rio. ... Naquele dia vivificará... Será naquele dia todo lugar... para o espinheiro e a sarça” (Is. 7:18, 20, 21, 23).

“Que fareis no dia da visitação ... que virá? Naquele dia... Israel apoiar-se-á em JEHOVAH, o Santo de Israel em verdade” (Is. 10:3, 20).

“Acontecerá naquele dia que as nações buscarão a raiz de Jischa [Jessé], a qual está posta por sinal dos povos; e será a glória o Seu repouso. Em primeiro lugar, naquele dia, o Senhor buscará as relíquias de Seu povo” (Is. 11:10, 11).

“Dirás naquele dia: Confessar-te-ei, JEHOVAH. ... Direis naquele dia: Confessai JEHOVAH, invocai o Seu nome” (Is. 12:1, 4).

“Próximo está o dia de JEHOVAH, como devastação virá de Shaddai. ... Eis o dia de JEHOVAH vem, cruel, e com indignação, e com inflamação, e com ira. ... Abalarei o céu, e agitarei a terra de seu lugar, no dia da inflamação de Sua ira. Próximo está o Seu tempo, e virá ... e os dias não se prolongarão” (Is. 13:6, 9, 13, 22).

“Sucederá naquele dia que será enfraquecida a glória de Jacob. Naquele dia o homem volverá para o seu Feitor, e os olhos ... para o Santo de Israel. Naquele dia as cidades de refúgio serão... como abandonadas na selva” (Is. 17:4, 7, 9).

“Dirá o habitante da ilha naquele dia: Eis a nossa expectativa” (Is. 20:6).

“Naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito, falando com lábios de Canaan. Naquele dia, o altar de JEHOVAH estará no meio... do Egito. Naquele dia haverá uma vereda do Egito para a Assíria, e Israel estará no meio da terra” (Is. 19:18, 21, 24).

“Dia de tumulto, e de atropelo, e de perplexidade, da parte do Senhor Jehovih Zebaoth” (Is. 22:5).

“Naquele dia visitará JEHOVAH o exército nas alturas... e os reis da terra. Depois de uma multidão de dias, serão visitados. Então a lua se enrubescerá, e o Sol se envergonhará” (Is. 24:21-23).

JEHOVAH² “dirá naquele dia: Eis o nosso Deus, a Quem esperávamos, para que nos liberte” (Is. 25:9).

“Naquele dia cantar-se-á este cântico na terra de Judá ... uma cidade forte para nós” (Is. 25:1).

“Naquele dia JEHOVAH visitará com Sua espada. Naquele dia, respondi a isto, uma vinha de vinho puro” (Is. 27:1, 2, 12, 13).

“Naquele dia JEHOVAH Zebaoth será por coroa de ornamento e por

² Assim está no latim, mas em outras passagens se lê: “Dir-se-á”

diadema” (Is. 28:5).

“Então os surdos ouvirão, naquele dia, as palavras do livro... e nas trevas os olhos dos cegos verão” (Is. 29:18).

“Haverá... correntes de águas no dia grande carnificina, quando as torres cairão, e a luz da lua será como a luz do sol, no dia em que JEHOVAH ligar a fratura de Seu povo” (Is. 30:25, 26).

“Naquele dia lançarão fora, cada homem os seus ídolos de prata e de ouro” (Is. 31:7).

“O dia da vingança de JEHOVAH, o ano de Suas retribuições” (Is. 34:8).

“Essas duas coisas virão a ti num só dia, perda de filhos e viuvez” (Is. 47:9).

“O Meu povo conhecerá o Meu nome, naquele dia... Eu, Aquele que fala, eis-Me aqui” (Is. 52:6).

“JEHOVAH Me ungiu... para proclamar o ano do beneplácito de JEHOVAH e o dia da vingança de nosso Deus, para consolar todos os que choram” (Is. 61:1, 2).

“O dia da vingança está em Meu coração, e veio o ano dos Meus redentores^{3c} (Is. 63:4).

Em Jeremias:

“Naqueles dias, não direis mais: Arca da aliança de JEHOVAH. Naquele tempo chamarão a Jerusalém trono de JEHOVAH. Naqueles dias irá a casa de Judá para a casa de Israel” (Jr. 3:16, 17, 18).

“Naquele dia... perecerá o coração do rei e o coração dos príncipes, e pasmarão os sacerdotes e os profetas” (Jr. 4:9).

“Eis, dias vêm em que a terra passará por assolação” (Jr. 7:34).

“Cairão entre os que caem, no dia de sua visitação” (Jr. 8:12).

“Eis, dias vêm em que visitarei a todo circunciso no prepúcio^{4c} (Jr. 9:24).

“No tempo da visitação deles, perecerão” (Jr. 10:15).

“Não haverá restos para eles; farei vir o mal sobre [eles] no ano de sua visitação” (Jr. 11:23).

“Eis, dias vêm... em que não se dirá mais...” (Jr. 16:14).

“Na cerviz, e não nas faces, os olharei, no dia de sua ruína” (Jr.

³ Assim está no latim: “*redemptorum Meorum*”

⁴ No latim, “*circumcisum in praeputio*”

18:17).

“Eis, dias vêm... em que darei este lugar para devastação” (Jr. 19:6).

“Eis, dias vêm... em que suscitarei a David um renovo justo, que reinará como Rei. Naqueles dias, Judá será salvo e Israel habitará em segurança. ... Por isso, eis que vêm os dias... em que não dirão mais... Farei vir o mal sobre eles no ano da visitação deles. ... No fim dos dias entenderéis com inteligência” (Jr. 23:5, 6, 7, 12, 20).

“Eis, dias vêm... em que serão trazidos. ... Ah!... grande é esse dia, e não haverá como esse. ... Será, naquele dia... que quebrarei o jugo... e as ligaduras arrancarei” (Jr. 30:3, 7, 8).

“Haverá um dia em que clamarão os vigias no monte de Efraim: Erguei-vos, subamos a Sião, à casa de JEHOVAH nosso Deus. ... Eis, dias vêm... em que firmarei um novo pacto. ... Eis, dias vêm... em que será edificada a cidade para JEHOVAH” (Jr. 31:6, 27, 31, 38).

“Dias vêm... em que firmarei a boa palavra. ... Naqueles dias e naquele tempo farei germinar para David um renovo justo. Naqueles dias Judá será salvo” (Jr. 33:14, 15, 16).

“Farei vir palavras... contra esta cidade para o mal... naquele dia. A ti, porém, farei escapar naquele dia” (Jr. 39:16, 17).

“Esse dia para o Senhor Jehovih Zebaoth [será] dia de vingança, fará vingança aos seus inimigos. ... O dia da ruína... vem sobre eles, o tempo de sua visitação” (Jr. 46:10, 21).

“Por causa do dia que vem para devastar” (Jr. 47:4).

“Farei vir sobre ele... o ano da visitação. ... Todavia restaurarei o seu cativo no fim dos dias” (Jr. 48:44, 47).

“Farei vir a ruína sobre eles no tempo de sua visitação. ... Cairão seus jovens nas praças, e todo varão de guerra será cortado naquele dia. ... No fim dos dias restaurarei o cativo” deles (Jr. 49:8, 26, 39).

“Naqueles dias e naquele tempo... virão os filhos de Israel... e os filhos de Judá juntamente... e buscarão JEHOVAH seu Deus. ... Naqueles dias e naquele tempo... buscar-se-á a iniquidade de Israel, e não se achará. ... Ai deles, porque veio o seu dia, o tempo de sua visitação” (Jr. 50:4, 20, 27, 31).

“Vaidade elas são, obra de enganos, no tempo de sua visitação perecerão” (Jr. 51:18).

Em *Ezequiel*:

“O fim vem, o fim vem!... Vem a manhã sobre ti... Vem o tempo, está próximo o dia de tumulto. ... Eis o dia, eis que vem, saiu a

manhã, floresceu a vara, germinou a violência. ... Chega o dia, chega o tempo... sobre toda a sua multidão. ... Nem a prata nem o ouro os farão escapar no dia da ira de JEHOVAH” (Ez. 7:6, 7, 10, 12, 19).

Diziam do profeta: “A visão que ele vê acontecerá depois de muitos dias; para tempos longínquos ele profetiza” (Ez. 12:27).

“Não permanecerão firmes na guerra, no dia da ira de JEHOVAH” (Ez. 13:5).

“Tu, ó ímpio traspassado, príncipe de Israel, cujo dia vem, no tempo do fim da iniquidade” (Ez. 21:29).

“A cidade que derrama o sangue em seu meio, para que venha o seu tempo; e fizeste aproximar os dias, para que venha aos teus anos” (Ez. 22:3, 4).

“Não será no dia em que Eu tirar deles a força? Naquele dia virá a ti o que escapar, para te dar informação em teus ouvidos. Naquele dia será aberta a tua boca com o que escapou” (Ez. 24:25, 26, 27).

“Naquele dia farei crescer um chifre para a casa de Israel” (Ez. 29:21).

“Lamentai! Ah, dia!, pois está próximo o dia de JEHOVAH, próximo o dia de JEHOVAH, dia de nuvem, tempo das nações será. ... Naquele dia sairão de Mim os mensageiros” (Ez. 30:2, 3, 9).

“No dia em que houveres de descer ao inferno” (Ez. 31:15).

“Eis, buscarei Meu rebanho... no dia em que ele estará no meio do rebanho... e os arrebatarei de todos os lugares aonde foram dispersos, no dia de nuvem e de escuridão” (Ez. 34:11, 12).

“No dia em que vos terei limpados de todas as vossas iniquidades” (Ez. 36:33).

“Profetiza e dize: No dia em que o Meu povo Israel se assentará em segurança, não saberás? ... Na posteridade dos dias te farei conduzir à Minha terra. ... Naquele dia, no dia em que Gog virá sobre a terra. No Meu zelo, no fogo de Minha inflamação... se não terá havido nesse dia um grande tremor de terra sobre a terra de Israel” (Ez. 38:14, 16, 18, 19).

“Eis que vem... esse dia de que falei. ... Será naquele dia que darei a Gog um lugar de sepulcro na terra de Israel;... para que a casa de Israel saiba que Eu, [sou] JEHOVAH seu Deus, desde aquele dia em diante” (Ez. 39:8, 11).

Em *Daniel*:

“Deus no céu revelou os segredos... que será o futuro na posteridade dos dias” (Dn. 2:28).

“Chegou o tempo em que os santos consolidassem o reino” (Dn. 7:22).

“Atende... porque a visão é para o tempo do fim. ... Disse: Eis, Eu te farei saber qual é o futuro na extremidade da ira, porque no tempo estabelecido será o fim. A visão da tarde e da manhã... é verdade; tu... oculta a visão, porque será para muitos dias” (Dn. 8:17, 19, 26).

“Vim para te fazer entender o que sobrevirá ao teu povo no fim dos dias, pois a visão é ainda para dias” (Dn. 10:14, 15).

“Os entendidos... serão provados, para serem purificados e limpos até o tempo do fim, pois é ainda para o tempo estabelecido” (Dn. 10:35).

“Naquele tempo surgirá Miguel, o grande príncipe, que se posta em favor de teu povo, e será um tempo de angústia tal como nunca existiu, desde que houve nação. Nesse tempo, também, será liberto o teu povo, todo aquele que se achar inscrito no livro” (Dn. 12:1).

“Tu, Daniel, cerra as palavras e sela o livro até o tempo do fim. ... Mas desde o tempo em que o [sacrifício] contínuo for removido e existir a abominação devastadora, haverá mil, duzentos e noventa dias. ... Levantarás na tua sorte no fim dos dias” (Dn. 12:4, 9, 11, 13).

Em *Oséias*:

“Farei findar o reino da casa de Israel. Naquele dia, quebrarei o arco de Israel. ... Grande [será] o dia de Israel⁵” (Os. 1:4, 5, 11).

“Naquele dia... chamarás: Meu Marido. ... Farei com eles uma aliança naquele dia. ... Naquele dia darei ouvidos” (Os. 2:16, 18, 21).

“Tornarão os filhos de Israel e buscarão JEHOVAH Deus... e a David o seu rei... no fim dos dias” (Os. 3:5).

“Eis, naqueles dias, e naquele tempo, que os restaurarei” (Os. 4:1 [? Jl. 4:1]).

“Ide, e voltemo-nos para JEHOVAH... nos vivificará depois de dois dias, e no terceiro nos levantará, e viveremos diante d’Ele” (Os. 6:1, 2).

“Vêm os dias da visitação, vêm os dias da retribuição” (Os. 9:7).

Em *Joel*:

“Ah, dia!, porque está próximo o dia de JEHOVAH, e virá como uma devastação de Schaddai” (Jl. 1:15).

⁵ Israel, e não Jizreel; assim está na edição original.

“Vem o dia de JEHOVAH, está próximo o dia de trevas e de escuridão, dia de nuvem e de obscuridade. ... Grande é o dia de JEHOVAH, e mui terrível, e quem o suportará?” (Jl. 2:1, 2, 11).

“Sobre os servos e escravos derramarei naqueles dias o Meu espírito. ... O sol se tornará em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o dia de JEHOVAH, grande e terrível” (Jl. 2:29, 31).

“Naqueles dias, e naquele tempo... congregarei todas as nações. Está próximo o dia de JEHOVAH. ... Acontecerá naquele dia que os montes destilarão mosto” (Jl. 3:1, 14, 18).

Em *Obadias*:

“Naquele dia... farei perecer os sábios de Edom. Não te alegravas sobre [eles], no dia do seu aniquilamento... No dia da sua angústia. ... Pois está próximo o dia de JEHOVAH sobre todas as nações” (Ob. vers. 8, 12, 13, 14, 15).

Em *Amós*:

“O de coração forte... fugirá nu naquele dia” (Am. 2:16).

“No dia em que hei de visitar as prevaricações de Israel sobre ele” (Am. 3:14).

“Ai dos que desejam o dia de JEHOVAH. Que será para vós o dia de JEHOVAH? Ele será de trevas e não de luz. Não será de treva o dia de JEHOVAH, e não de luz? E de escuridão, e nenhum esplendor nele?” (Am. 5:18, 20).

“Lamentarão os cânticos no templo naquele dia. Naquele dia ... farei que o sol se ponha ao meio-dia; e escurecerei a terra num dia de luz. Naquele dia as virgens formosas desmaiarão e os jovens terão sede” (Am. 8:3, 9, 13).

“Naquele dia erguerei as tendas caídas de David. Eis que vêm os dias... para que os montes destilem mosto” (Am. 9:11, 17).

Em *Miquéias*:

“Naquele dia... se lamentará... em assolação fomos assolados” (Mq. 2:4).

“No fim dos dias será o monte da casa de JEHOVAH estabelecido por cabeça dos montes. No dia... juntarei a que coxeia” (Mq. 4:1, 6).

“Naquele dia... aniquilarei os teus cavalos... e os teus carros” (Mq. 5:10).

“Vem o dia dos teus espiões, de tua visitaçao. Dia que avança para edificar as muralhas. Nesse dia até ti virá” (Mq. 7:4, 11, 2).

Em *Habacuque*:

“A visão é ainda para um tempo marcado, e será anunciado no fim;... se demorar, espera-o, porque vindo virá, não demorará” (Hc. 2:3).

“JEHOVAH... no meio dos anos fazes a Tua obra; no meio dos anos fazes-a conhecida... Deus virá” (Hc. 3:2).

Em *Sofonias*:

“Está próximo o dia de JEHOVAH. No dia do sacrifício de JEHOVAH visitarei os príncipes, e os filhos do rei. Naquele dia... haverá voz de clamor. Naquele tempo examinarei Jerusalém com lanternas. Próximo está o grande dia de JEHOVAH. Dia de inflamação será esse dia; dia de angústia e de aperto; dia de assolação e de devastação; dia de trevas e de escuridão; dia de nuvem e de obscuridade; dia de buzina e de clangor. No dia da inflamação de JEHOVAH será consumida toda a terra, e farei apressada consumação de todos os habitantes da terra” (Sf. 1:7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 18).

“Quando ainda não veio sobre vós... o dia da ira de JEHOVAH. Talvez vos escondereis no dia da ira de JEHOVAH” (Sf. 2:2, 3).

“Esperai-Me... até que se levante o Meu dia para a presa, pois é o Meu juízo. Naquele dia não te envergonharás... de tuas obras. Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas. Exterminarei os teus opressores naquele tempo. Naquele tempo vos farei vir. Naquele tempo vos congregarei, porque vos darei por nome e por louvor” (Sf. 3:11, 16, 19, 20).

Em *Zacarias*:

“Então se ajuntarão muitas nações a JEHOVAH naquele dia” (Zc. 2:11).

“Removerei a iniquidade da terra ... em um só dia. Naquele dia, clamareis, um varão ao seu companheiro, sob a videira e sob a figueira” (Zc. 3:9, 10).

“Naqueles dias... pegarão dez varões na orla da veste de um varão judeu” (Zc. 8:23).

“JEHOVAH Deus os preservará deles naquele dia como ao rebanho de Seu povo” (Zc. 9:16).

A Minha aliança “foi rompida naquele dia” (Zc. 11:11).

“Naquele dia porei Jerusalém como pedra pesada para todo o povo. Naquele dia... ferirei todo cavalo com espanto. Naquele dia porei os líderes de Judá como fornalha de fogo na lenha. Naquele dia, JEHOVAH protegerá os habitantes de Jerusalém. Naquele dia

procurarei destruir todas as nações. Naquele dia crescerá o pranto em Jerusalém” (Zc. 12:3, 4, 6, 8, 9, 11).

“Naquele dia será aberta uma fonte para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém. Acontecerá naquele dia... que aniquilarei os nomes dos ídolos na terra. Naquele dia os profetas se envergonharão” (Zc. 13:1-4).

“Eis que vem o dia de JEHOVAH. Estarão os Seus pés, naquele dia, sobre o Monte das Oliveiras. Naquele dia não haverá luz nem esplendor... Um dia que será conhecido de JEHOVAH; não dia, nem noite; para o tempo da tarde haverá luz. Naquele dia sairão águas vivas de Jerusalém. Naquele dia JEHOVAH será Um, e Seu nome Um. Naquele dia haverá grande tumulto de JEHOVAH. Naquele dia estará sobre os cinerros dos cavalos: Santidade a JEHOVAH. Não haverá mais cananeu na casa de JEHOVAH... naquele dia” (Zc. 14:1, 4, 6-9, 13, 20-21).

Em *Malaquias*:

“Quem suportará o dia de Seu advento, e quem subsistirá, quando aparecer? Para que sejam para Mim, naquele dia que faço, um tesouro. Eis que vem um dia que arde como forno. Eis que Eu vos envio Elias, o profeta, antes que venha o grande e terrível dia de JEHOVAH” (Ml. 3:2, 17; 4:1, 5).

Em David:

“Florescerá naquele dia o justo, e muita paz... e dominará de mar a mar, e do rio até o fim da terra” (Salmo 72:7, 8).

Além de outros lugares.

5. Nestas passagens, pelo “dia” e pelo “tempo” se entende o advento do Senhor. Pelo “dia” ou “tempo de treva”, “de escuridão”, “de obscuridade”, “não de luz”, “de devastação”, “do fim da iniquidade”, “de aniquilamento”, se entende o advento do Senhor, quando Ele não seria mais conhecido e, daí, quando nada mais restasse da Igreja. Pelo “dia cruel”, “terrível”, “de inflamação”, “de ira”, “de tumulto”, “de visitação”, “de sacrifício”, “de retribuição”, “de angústia”, “de guerra” e “de clamor”, se entende o advento do Senhor para o julgamento. Pelo “dia em que somente JEHOVAH será exaltado”, em que “será Um e Seu nome Um”, em que “haverá um renovo de JEHOVAH em honra e glória”, em que “florescerá o justo”, em que “vivificará”, em que “buscará seu rebanho”, em que “fará uma nova aliança”, em que “os montes destilarão mosto”, em que “sairão águas vivas de Jerusalém”, em que “olharão para o Deus de Israel” e muitas coisas semelhantes, se entende o advento do Senhor para

instaurar uma nova igreja que O reconheça como Redentor e Salvador.

6. Pode-se acrescentar a estas algumas passagens que falam mais abertamente sobre o advento do Senhor, as quais são:

“O Senhor mesmo vos dá um sinal: Eis que a virgem conceberá e parirá um Filho, e chamar-se-á Seu nome Deus conosco”. (Is. 7:14; Mt. 1:22, 23).

“Um Menino nos nasceu, um filho se nos deu, sobre cujo ombro está o principado; e chamar-se-á Seu nome Maravilhoso, Conselheiro, Deus, Herói, Pai da eternidade, Príncipe da paz. Para multiplicar o principado e a paz, não haverá fim, sobre o trono de David, e sobre seu reino, para o estabelecer... em juízo e em justiça, desde agora e para sempre” (Is. 9:5, 6).

“Sairá uma vara do tronco de Jessé, e um rebento de sua raiz dará fruto... Repousará sobre Ele o espírito de JEHOVAH, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de virtude. ... A justiça será o cinto dos Seus lombos, e a verdade o cinto de Suas coxas. ... Acontecerá, pois, naquele dia, que as nações buscarão a raiz de Jessé, que está para sinal dos povos; e será o repouso a Sua glória” (Is. 11:1, 2, 5, 10).

“Enviai o Cordeiro do dominador da terra, desde a pedra, para o deserto, até ao monte da filha de Sião. ... Firmado está o trono pela misericórdia, e se assentará nele, em verdade no tabernáculo de Davi, um que julga e busca o juízo, e que apressa a justiça” (Is. 16:1, 5).

“Dir-se-á naquele dia: Eis aqui o nosso Deus, a quem esperávamos, para que nos libertasse; aqui está JEHOVAH, a quem esperávamos; exaltemo-nos e alegremo-nos em Sua salvação” (Is. 25:9).

“Voz do que clama no deserto: Preparei um caminho a JEHOVAH, aplanai no ermo uma vereda ao nosso Deus. ... Pois será revelada a glória de JEHOVAH, e toda a carne verá⁶ juntamente. ...Eis, o Senhor Jehovih vem em força, e o Seu braço dominará por Ele; eis a Sua recompensa consigo. ...Como o pastor apascenta o seu rebanho” (Is. 40:3, 5, 10, 11).

“O Meu Eleito, em quem a Minha alma se apraz. ...Eu, JEHOVAH, Te chamei em justiça, ... e Te darei por aliança ao povo, e por luz às nações; para abrir os olhos aos cegos, para tirar do cárcere o ligado, da casa da clausura os que se assentam em trevas. Eu, JEHOVAH, este é o Meu nome; a Minha glória a outro não darei” (Is. 42:1, 6-8).

“Quem creu em nossa palavra? e o braço de JEHOVAH, sobre quem foi revelado?... Nenhuma forma Ele tem... nós O vimos, mas sem

⁶ No latim, este verbo está no plural, “verão” [videbunt].

aparência... nossas doenças Ele levou, e nossas dores portou” (Is. 53:1, 2, 4).

“Quem é Este que vem de Edom, de Bozra, com as vestes salpicadas... que avança na multidão de Sua força? ... [Eu] Que falo em justiça, grande para salvar... Porque o dia da vingança está em Meu coração, e o ano dos Meus redentores⁷ chegou. ... Assim Se fez Salvador para eles” (Is. 63:1, 4, 8).

“Eis que vêm os dias... quando suscitarei a David um renovo justo que reine como Rei, e prospere, e que faça juízo e justiça na terra; ... e este é o nome pelo qual o chamarão: JEHOVAH justiça nossa” (Jr. 23:5, 6; 33:15, 16).

“Exulta muito, ó filha de Sião; grita, ó filha de Jerusalém! Eis que o teu Rei a ti vem, Ele, justo e salvo... fala de paz às nações; Seu domínio será de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra” (Zc. 9:9, 10).

“Jubila e alegra-te, filha de Sião; eis... Eu venho, para que habite em teu meio;... então se ajuntarão muitas nações a JEHOVAH naquele dia, e Me serão por povo” (Zc. 2:10, 11).

“Tu, Belém Efrata, pouco és, para que estejas entre as milhares de Judá; de ti Me sairá o que será Dominador em Israel, e cujas saídas são desde o antigo, desde os dias da eternidade... Ele permanecerá e apascentará na força de JEHOVAH” (Mq. 5:2, 4).

“Eis, Eu envio o Meu anjo, que preparará o caminho adiante de Mim, e de súbito virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o Anjo da aliança, a quem vós desejais, eis que vem... Quem suportará o dia do Seu advento? ... Eis, eu vos envio Elias, o profeta, antes que venha o dia de JEHOVAH, grande e terrível” (Ml. 3:1, 2; 4:5).

“Vi... e eis, com as nuvens dos céus, um como o Filho do homem que vem, a Quem foi dado o domínio, e a glória, e o reino; e todos os povos e nações O honrarão; Seu domínio será um domínio de séculos, que não passará, e o Seu reino, um que não perecerá. ...E todos os domínios O honrarão e a Ele obedecerão” (Dn. 7:13, 14, 27).

“Setenta semanas foram determinadas sobre o teu povo, e sobre a cidade de tua santidade, para consumir a prevaricação... e para selar a visão e o profeta, e para ungir o santo dos santos. Sabe, pois, e percebe, desde a saída da palavra para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Príncipe Messias, sete semanas” (Dn. 9:24, 25).

“Porei no mar a Sua mão, e nos rios a Sua destra; Ele Me chamará:

⁷ Assim se encontra no texto original, “redentores”

Tu és Meu Pai, Meu Deus, e Pedra de Minha salvação. Eu O farei também primogênito, mais alto que os reis da terra. ... Porei na eternidade a Sua semente, e o Seu trono como nos dias dos céus” (Sl. 89:25-27, 29).

“Dito de JEHOVAH ao Meu Senhor: Assenta-Te à Minha destra, até que ponha Teus inimigos por escabelo de Teus pés. O cetro da Tua força JEHOVAH enviará de Sião, [para] dominar no meio dos Teus inimigos. ... Tu, Sacerdote na eternidade, conforme o modo de Melquisedeque.” (Sl. 110:1-2, 4; Mt. 22:44; Lc. 20:42).

“Eu ungi o Meu Rei sobre Sião, o monte de Minha santidade. Anunciarei por estatuto, JEHOVAH disse a Mim: Meu Filho és Tu, Eu hoje Te gerei... darei as nações por herança Tua, e por Tuas possessões as extremidades da terra. ... Beijai o Filho, para que não Se ire, e pereçais no caminho... Bem-aventurado todos os que confiam nEle” (Sl. 2:6-8, 12).

“...Certamente O fizeste carecer um pouco menos que os anjos, mas de glória e de honra O coroaste; fizeste-O dominar sobre as obras de Tuas mãos; todas as coisas puseste sob os Seus pés” (Sl. 8:5, 6).

“Lembra-Te, JEHOVAH, de David, que jurou a JEHOVAH, fez voto ao Poderoso de Jacob: Se eu entrar nas tendas de minha casa, se eu subir no estrado de meu leito, se eu der sono aos meus olhos, ... antes que venha ao lugar de JEHOVAH, ao habitáculo do Poderoso de Jacob. Eis que ouvimos sobre Ele em Efrata, encontramos-Lo nos campos da selva; entraremos no Seu habitáculo, curvaremos-nos no escabelo dos Seus pés. ... Teus sacerdotes se vestem de justiça, e Teus santos jubilam” (Sl. 132:1-7, 9).

Mas são poucas as citações feitas aqui.

7. Que toda a Escritura Santa tenha sido escrita sobre o Senhor, somente, pode-se verificar mais plenamente pelo que vai ser dito na seqüência, principalmente pelas coisas que serão referidas no livreto *Da Escritura Santa*. Daí, e de nenhuma outra parte, é que vem a santidade da Palavra. Isso é o que se entende, também, por estas palavras no *Apocalipse*:

“O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap. 19:10).

II. “O Senhor cumpriu todas as coisas da Lei” quer dizer que Ele cumpriu toda a Palavra

8. Muitos hoje acreditam que, onde se diz do Senhor que Ele cumpriu a Lei, se entende que Ele cumpriu todos os preceitos do

Decálogo, e que, assim, Se fez justiça e também justificou os homens do mundo por essa fé. Entretanto, não é isso que se entende, mas que Ele cumpriu todas as coisas que foram escritas a Seu respeito na Lei e nos Profetas, isto é, em toda a Escritura Santa, porque ela trata somente d'Ele, como foi dito no capítulo acima. A razão por que muitos hoje crêem diferentemente tem como causa o fato de não terem examinado as Escrituras e não terem visto o que ali se entende pela "Lei". Ali, pela "Lei" se entende, no sentido restrito, os dez preceitos do Decálogo; num sentido mais amplo, todas as coisas que foram escrita por Moisés em seus cinco livros; e, num sentido amplíssimo, toda a Palavra. Que pela "Lei" num sentido restrito sejam entendidos os dez preceitos do Decálogo, isto é sabido.

9. Que pela "Lei" num sentido mais amplo sejam entendidas todas as coisas que foram escrita por Moisés em seus cinco livros, vê-se pelas seguintes passagens. Em *Lucas*:

Abraão disse ao rico no inferno: "Eles têm Moisés e os Profetas, ouçam-nos... Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, não serão persuadidos, ainda que algum dos mortos ressurja" (Lc. 16:29, 31).

Em *João*, Filipe disse a Natanael:

"Achamos Aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e nos Profetas" (Jo. 1:46).

Em *Mateus*:

"Não julgueis que Eu tenha vindo para anular a Lei e o Profeta; não vim para anular, mas para cumprir" (Mt. 5:17).

No mesmo:

"Todos os Profetas e a Lei profetizaram até João" (Mt. 11:13).

Em *Lucas*:

"A Lei e os Profetas [duraram] até João; a partir de agora o reino de Deus é anunciado" (Lc. 16:16).

Em *Mateus*:

"Todas as coisas que quereis que os homens vos façam, fazei-lhes vós também; esta... é a Lei e os Profetas" (Mt. 7:12).

No mesmo:

"Jesus... disse: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e em toda a tua alma... e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem a Lei e os Profetas" (Mt. 22:37, 39, 40).

Nesses lugares, por “Moisés e Profetas”, e também por “Lei e Profetas” são entendidas todas as coisas que foram escritas nos livros de Moisés e nos livros dos profetas. Que pela “Lei” em particular se entendam todas as coisas que foram escritas por Moisés, é evidente ainda por isto, em *Lucas*:

“Completaram-se os dias da purificação conforme a Lei de Moisés; trouxeram” Jesus “a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor, que todo macho que abre o útero seja chamado santo ao Senhor, e para darem em sacrificio conforme foi dito na Lei do Senhor, um par de rolinhas e dois filhotes de pombas. ... E os pais levaram... Jesus ao templo, para fazerem por Ele conforme o costume da Lei. ... Quando cumpriam todas as coisas conforme a Lei do Senhor”... (Lc. 2:22-24, 27, 39).

Em *João*:

“Na Lei... Moisés... ordenou apedrejar tais” (Jo. 8:5).

No mesmo:

“A Lei foi dada por Moisés” (Jo. 1:7).

Daí é evidente que ora se diz “Lei”, ora “Moisés”, onde se trata das coisas que são escritas em seus livros. (Como também em *Mt. 8:4; Mc. 10:2-4; 12:19; Lc. 20:28, 37; Jo. 3:14; 7:19, 51; 8:17; 19:7*). Muitas coisas que foram mandadas por Moisés são também chamadas “Lei”, como o que se disse sobre os holocaustos (*Lv. 6:9; 7:37*), os sacrificios (*Lv. 6:25; 7:1-11*), as ofertas de manjares (*Lv. 6:14*), a lepra (*Lv. 14:2*), o ciúme (*Nm. 5:29, 30*) e o nazireado (*Nm. 6:13, 21*). E Moisés mesmo chama os seus livros “a Lei”:

“Escreveu... Moisés esta Lei e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, os que carregavam a arca da aliança de JEHOVAH”, e disse-lhes: “Recebendo o livro desta Lei, depositai-o ao lado da arca da aliança de JEHOVAH” (Dt. 31:9, 11, 26).

Foi depositado ao lado da arca, porque dentro da arca estavam as tábuas de pedra, que, no sentido restrito, são a Lei. Os livros de Moisés são depois chamados “Livro da Lei”:

“Disse Hilquias, o sumo sacerdote, a Shafan, o escriba: Achei o Livro da Lei na casa de JEHOVAH. ...Quando o rei ouviu as palavras do Livro da Lei, rasgou as suas vestes” (II Rs. 22:8).

10. Que pela “Lei”, no sentido mais amplo, se entenda toda a Palavra, pode-se ver por estas passagens:

Jesus disse: “Porventura não está escrito em vossa Lei: Eu disse: Sois deuses?” (Jo. 10:34);

isto está escrito no *Salmo 82:6*.

“A multidão respondeu... Nós ouvimos da Lei que o Cristo permanecerá para sempre” (Jo. 12:34);

isto está escrito nos *Salmos 89:29; 110:4*; e em *Daniel 7:11, 14*.

“Para que se cumprisse a palavra escrita na Lei deles: Tiveram ódio de Mim sem causa” (Jo. 15:25);

isto está escrito no *Salmo 25:19*.

Disseram os fariseus: “Acaso algum dos principais creu n’Ele? Mas essa multidão que não sabe a Lei [é maldita]” (Jo. 7:48, 49).

“É mais fácil... passar o céu e a terra do que cair um til da Lei” (Lc. 16:7).

Pela “Lei”, aqui, entende-se toda a Sagrada Escritura.

11. Que “o Senhor cumpriu toda a Lei” queira dizer que Ele cumpriu toda a Palavra, é evidente pelas passagens onde se diz que por Ele a Escritura foi cumprida e todas as coisas foram consumadas, como por estas:

Jesus “entrou... na sinagoga, e levantou[-Se] para ler. Então Lhe trouxeram o livro do profeta Isaías; e desenrolou o livro, e achou a passagem... escrita: O Espírito do Senhor está sobre Mim, pois que Me ungiu, enviou-Me para evangelizar os pobres, para curar os contritos de coração, para anunciar⁸ a remissão dos cativos, e [dar] visão dos cegos, e para pregar o ano aceitável do Senhor. Em seguida, enrolando o livro... e disse: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lc. 4:16-21).

“Examinai as Escrituras... e elas testificam de Mim” (Jo. 5:39).

“Para que se cumprisse a Escritura: O que comeu pão comigo levantou sobre Mim o calcanhar” (Jo. 13:8).

“Nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura” (Jo. 17:12).

“Para que se cumprisse a Palavra, que disse: Dos que Me deste, não perdi deles nenhum” (Jo. 18:9).

“Disse Jesus” a Pedro: “Esconde a tua espada no lugar...; como então se cumpririam as Escrituras, que assim convém que se faça?... Isto... tudo aconteceu para se cumprissem as Escrituras dos profetas” (Mt. 26:52, 54, 56).

“O Filho do homem vai, como está escrito sobre Ele... para que se

⁸ No original, para evangelizar (*evangelizandum*).

cumpram as Escrituras” (Mc. 14:21, 49).

“Assim se cumpriu a Escritura, que disse... Com os ímpios foi contado” (Mc. 15:28; Lc. 22:37).

“Para que a Escritura se cumprisse... Dividiram consigo Minha vestimenta, e sobre Minha túnica lançaram sorte” (Jo. 19:24).

“Depois disso, sabendo Jesus que todas as coisas já estavam consumadas, para que se cumprisse a Escritura...” (Jo. 19:28).

“Quando... tomou o vinagre, Jesus disse: Está consumado” isto é, cumprido. (Jo. 19:30).

“Estas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: Um osso d’Ele não quebrareis. E, de novo, outra Escritura disse: Verão a Quem traspassaram” (Jo. 19:36, 37).

Além de outros lugares, onde são citadas passagens dos Profetas e não se diz ao mesmo tempo que a Lei ou a Escritura fosse cumprida. Que toda a Palavra tenha sido escrita a respeito d’Ele, e que tivesse vindo ao mundo para a cumprir, foi o que Ele ensinou também aos discípulos, antes que Se fosse, por estas palavras:

Jesus disse aos discípulos: “Néscios e tardos de coração para crer em todas as coisas que foram faladas pelos profetas. Porventura não convinha que o Cristo sofresse isso e entrasse na glória? E começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou para eles todas as Escrituras a Seu respeito” (Lc. 24:25-27).

E, adiante:

Jesus disse aos discípulos: “Estas são as palavras que falei a vós, quando ainda estava convosco, que convinha cumprir todas as coisas que foram escritas na Lei de Moisés e nos Profetas e Salmos sobre Mim” (Lc. 24:44, 45).

Que o Senhor tenha cumprido no mundo todas as coisas da Palavra, até as mais singulares dali, vê-se por essas Suas palavras:

“Amém vos digo, ainda que o céu e a terra passem, nem um iota ou um til passará da Lei, até que todas as coisas aconteçam” (Mt. 5:18).

Por aí se pode ver claramente agora que por essa expressão, que o Senhor cumpriu todas as coisas da Lei, não se entende que Ele cumpriu todos os preceitos do Decálogo, mas todas as coisas da Palavra.

III. O Senhor veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar o Humano, e a paixão da cruz foi o último combate, pelo qual venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou Seu Humano.

12. Sabe-se na Igreja que o Senhor venceu a morte, pela qual se entende o inferno, e depois subiu ao céu em glória. Mas ainda não se sabe que o Senhor, por meio dos combates, que são tentações, venceu a morte ou inferno e, ao mesmo tempo, por esse meio, glorificou o Seu Humano, e que a paixão da cruz foi o último combate ou tentação, pela qual venceu e glorificou [o Humano]. A esse respeito se trata muitas vezes nos Profetas e em David [Salmos], mas não tantas vezes nos Evangelhos. Nesses, as tentações que suportou desde a infância são descritas, em sumário, pelas Suas tentações no deserto e, depois, pelas que vieram do diabo e, por último, pelas que passou no Gethsemani e na cruz. Sobre as tentações no deserto e, depois, pelo diabo, veja-se em *Mt. 4:1-11; Mc. 1:12, 13; e Lc. 4:1-13*. Por essas, porém, se entendem todas as outras, até às últimas. Sobre isso, Ele não revelou muitas coisas aos discípulos, porque foi dito em *Isaias*:

“Suportou o degredo... todavia não abriu a Sua boca; como cordeiro para a matança... e como a ovelha diante dos seus tosquiadores, emudeceu, e não abriu a Sua boca” (Is. 53:7).

Sobre Suas tentações no Gethsemani, veja-se em *Mt. 26:36-44; Mc. 14:32-42; e Lc. 22:39-46*. E sobre as tentações na cruz, em *Mt. 27:33-50; Mc. 15:22-37; Lc. 23:33-49; e Jo. 19:17-34*. As tentações não são outra coisa senão o combate contra os infernos. Sobre as tentações ou combates do Senhor, veja-se a obra *Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste*, editada em Londres, n. 201 e 302. E sobre as tentações em geral, n. 187-200 naquele livro.

13. Que o Senhor, pela paixão na cruz, tenha vencido plenamente os infernos, Ele o ensina em *João*:

“Agora é o juízo deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado fora” (Jo. 12:31);

essas palavras o Senhor falou quando ia sofrer a paixão da cruz. No mesmo:

“O príncipe deste mundo está julgado” (Jo. 16:11).

No mesmo:

“Confiai. Eu venci o mundo” (Jo. 16:33).

E em *Lucas*:

“Disse Jesus: Vi Satanás caindo do céu como um raio” (Lc. 10:18).

Por “mundo”, “príncipe do mundo”, “Satanás” e “diabo” se entende o inferno. Que o Senhor, pela paixão da cruz, também tenha glorificado plenamente o Seu Humano, Ele o ensina em *João*:

“Depois que” Judas “saiu, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado n’Ele. Se Deus é glorificado n’Ele, também Deus O glorificará em Si mesmo, e logo O glorificará” (Jo. 13:31, 32).

No mesmo:

“Pai, chegou a hora. Glorifica o Teu Filho, para que também o Filho glorifique a Ti” (Jo. 17:1).

No mesmo:

“Agora Minha alma está turbada”, e disse: “Pai, glorifica o Teu nome; e saiu uma voz do céu: E glorifiquei, e de novo glorificarei” (Jo. 12:27-28).

Em *Lucas*:

“Não convinha que o Cristo sofresse isso, e entrasse na Sua glória?” (Lc. 24:26).

Estas coisas foram ditas a respeito da paixão. A glorificação é a união do Divino com o Humano, pelo que foi dito: “E Deus O glorificará em Si mesmo”.

14. O Senhor veio ao mundo para repor na ordem todas as coisas nos céus e, daí, nas terras, e fez isto por meio de lutas contra os infernos, que então infestavam todo homem que nascia no mundo e saía do mundo. Por esse ato Ele Se fez Justiça e salvou os homens, os quais, sem isso, não poderiam ser salvos. Isto foi predito em muitas passagens nos Profetas, das quais serão trazidas algumas.

[2] Em *Isaiás*:

“Quem é Este que vem de Edom, de Bozra, com as vestes salpicadas? Este, honroso em Sua vestimenta, que avança na multidão de Sua força? Eu, que falo em justiça, grande para salvar. Por isso estás vermelho quanto às Tuas vestes, e Tuas vestes como as do que pisa no lagar. Sozinho Eu pisei no lagar, e, do povo, nenhum varão comigo. Por causa disso pisei-os na Minha ira, e os espezinhei na Minha inflamação. Donde a vitória sobre eles espargiu

as Minhas vestes... Porque o dia da vingança está em Meu coração, e o ano dos Meus redentores⁹ chegou. Meu braço Me trouxe salvação; fiz descer em terra a sua vitória. Disse: Eis, eles são Meu povo, filhos... Assim Se fez Salvador para eles. ... Por Seu amor e por Sua clemência Ele os redimiu” (Is. 63:1-9).

Essas palavras tratam dos combates do Senhor contra os infernos. Pela “veste” que era vermelha e na qual estava honroso se entende a Palavra, à qual o povo judeu fez violência. O combate mesmo contra os infernos e a vitória sobre eles se descrevem por esta expressão: “que os pisou na Sua ira, e os espezinhou na Sua inflamação”. Que o Senhor tenha combatido sozinho, por Seu próprio poder, descreve-se por estas palavras: “Do povo, nenhum varão comigo; Meu braço Me trouxe a salvação; fiz descer à terra a sua vitória”. Que, por esse meio, Ele os tenha salvado e redimido, descreve-se por estas palavras: “Assim tornou-Se para eles Salvador. Por Seu amor e por sua clemência Ele os redimiu”. Que esta tenha sido a causa do Seu advento, descreve-se por estas palavras: “O dia da vingança está em meu coração e o ano dos Meus redentores¹⁰ chegou”.

[3] Em *Isaias*:

“Viu que ninguém havia, e admirou[-Se] de que não houvesse quem intercedesse, pelo que Seu braço Lhe trouxe salvação, e a Sua justiça O ergueu; assim vestiu a justiça como couraça, e o capacete da salvação sobre a Sua cabeça, e vestiu as vestes da vingança, e como manto teceu [para] Si o zelo; ... então veio a Sião o Redentor” (Is. 59:16, 17, 20).

Estas palavras também tratam dos combates do Senhor contra os infernos, quando estava no mundo. Que, por Seu próprio poder, tenha combatido contra eles, entende-se por estas palavras: “Viu que ninguém havia, pelo que Seu braço Lhe trouxe salvação”. Que, assim, Se tenha feito justiça, por estas: “Sua justiça O ergueu; assim vestiu a justiça como couraça”. Que dessa maneira os tenha redimido, por estas: “então veio a Sião o Redentor”.

[4] Em *Jeremias*:

“Eles ficaram consternados... os fortes deles foram contundidos... em fuga fugiram, nem olharam para trás. ...Esse dia é para o Senhor JEHOVAH Zebaoth dia de vingança, para fazer vingança aos Seus adversários, e para que a espada devore, e fique saciada” (Jr. 46:5, 10);

⁹ No original, “redentores”

¹⁰ No original, “redentores”

o combate do Senhor contra os infernos e a vitória sobre eles são descritos aqui pelas expressões “ficaram consternados”, “os fortes deles, contundidos, em fuga fugiram, e não olharam para trás”. Os “fortes deles” e os “adversários” são os infernos, porque todos lá têm ódio ao Senhor. Por causa disso, o Seu advento ao mundo é entendido por estas palavras: “Esse dia é para o Senhor JEHOVAH Zebaoth dia de vingança, para fazer vingança aos seus adversários”.

[5] Em *Jeremias*:

“Caem os jovens nas praças, e todos os varões de guerra serão cortados naquele dia” (Jr. 49:26).

Em *Joel*:

“JEHOVAH proferiu uma palavra... perante Seu exército; ... Grande dia de JEHOVAH, muito terrível. Quem o suportará?” (Jl. 2:11).

Em *Sofonias*:

“No dia do sacrificio de JEHOVAH visitarei os príncipes, e os filhos do rei, e todos os vestidos de trajes estrangeiros naquele dia, dia de angústia... dia de trombeta e de clangor” (Sf. 1:8, 15, 16).

Em *Zacarias*:

“JEHOVAH sairá e combaterá contra as nações... como o dia em que Ele combater no dia da batalha... Estarão os Seus pés, naquele dia, sobre o Monte das Oliveiras, que está perante as faces de Jerusalém. ... Então fugireis nos vales dos Meus montes. ... Naquele dia não haverá luz e esplendor. ... JEHOVAH, porém, será por Rei sobre toda a terra; naquele dia, JEHOVAH será Um, e o Seu nome, Um” (Zc. 14:3-6, 9).

Nessas passagens também se tratam dos combates do Senhor. Por “Seu dia” se entende o Seu advento; o “Monte das Oliveiras, que está perante as faces de Jerusalém” era onde o Senhor costumava ficar (veja-se em *Mc. 13:3; 14:26; Lc. 21:37; 22:39; Jo. 8:1*; e em outros lugares).

[6] Em *David*:

“Cercaram-Me cordas da morte... cordas do inferno Me cercaram, afrontaram-Me laços da morte; ... por isso enviou dardos... e muitos raios, e os perturbou. Perseguirei Meus adversários e os encerrarei, não retornarei até que os tenha consumido... Feri-los-ei, para que não possam se levantar. ... Cinges-Me de força para a guerra e darás... os adversários; em fuga os esmiuçarei como pó diante das faces do vento, como lama das praças os reduzirei” (Sl. 18:5, 14, 37-40, 42).

“Cordas” e “laços da morte” que cercaram e afrontaram significam as tentações; visto que elas vêm do inferno, são também chamadas “cordas do inferno”. Essas frases e as restantes em todo esse salmo tratam dos combates e das vitórias do Senhor, pelo que também se diz:

“Pões-Me por cabeça das nações; povos que Eu não conhecera Me servirão” (vers. 44, 45).

[7] Em David:

“Cinge... tua espada sobre a coxa, ó Poderoso;... tuas flechas agudas, os povos caem sob Ti, do coração dos adversários do Rei. Teu trono ... para sempre e eternamente;... amas a justiça, pelo que Deus Te ungiu” (Sl. 45:3, 5-7);

essas coisas também se referem aos combates contra os infernos e à subjugação deles, pois em todo o salmo se trata do Senhor, isto é, de Seus combates, de Sua glorificação e da salvação dos fiéis por Ele. Em David:

“Um fogo irá diante d’Ele... inflamará os Seus adversários em redor; ... a terra verá e temerá; os montes derreterão como cera... diante do Senhor de toda a terra. Os céus anunciarão a Sua justiça, e todos os povos verão a Sua glória” (Sl. 97:3-6).

Igualmente, neste Salmo se trata do Senhor e de assuntos semelhantes.

[8] Em David:

“Dito de JEHOVAH ao meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita, até que ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés; ...dominar no meio dos teus inimigos. ...O Senhor à Tua direita feriu os reis no dia de Sua ira;... encheu de cadáveres, feriu o cabeça sobre muita terra” (Sl. 110:1, 2, 5, 6).

Que essas palavras sejam pronunciadas a respeito do Senhor, é evidente por Suas próprias palavras em *Mt. 22:44*; *Mc. 12:36 e Lc. 20:42*. Por “sentar-se à mão direita” é significada a Onipotência; pelos “inimigos” são significados os infernos; pelos “reis”, os que ali estão nas falsidades do mal; “pô-los por escabelo”, “feri-los no dia da ira, encher de cadáveres”, significa destruir o poder deles; e “ferir o cabeça sobre muita terra” significa destruí-los a todos.

[9] Visto que o Senhor, só, venceu os infernos, sem ajuda de anjo algum, por isso é chamado: “Herói” e “Varão de guerras” (*Is. 42:13*); “Rei da glória”, “JEHOVAH forte”, “Herói de guerra” (*Sl. 24:8*); “Forte de Jacob” (*Sl. 132:2*); e, em muitas passagens, “JEHOVAH Zebaoth”, isto é, JEHOVAH dos exércitos da guerra. E o Seu advento é também chamado “Dia terrível de JEHOVAH”, “cruel”, “de indignação”, “de

inflamação”, “de ira”, “de vingança”, “de destruição”, “de guerra”, “de clangor de trombetas”, “de tumulto”, como se pode ver pelas passagens referidas acima.

[10] Visto que o Juízo Final foi efetuado pelo Senhor, quando veio ao mundo, por meio de combates contra os infernos e pela subjugação deles, por isso em muitas passagens se trata do juízo que Ele deveria fazer, como em David:

JEHOVAH “veio para julgar a terra; julgará o mundo em justiça, e os povos em verdade” (Sl. 96:13),

assim como em outros lugares. Essas citações vêm da Palavra profética.

[11] Na Palavra histórica, porém, coisas semelhantes foram representadas pelas guerras dos filhos de Israel contra várias nações, pois que na Palavra, tanto na parte profética quanto na histórica, tudo o que se acha escrito, foi escrito a respeito do Senhor; daí é que a Palavra é Divina. Nos rituais da Igreja Israelita, como nos holocaustos e sacrifícios, depois nos sabbath e nas suas festas, e no sacerdócio de Arão e dos levitas, estão contidos muitos arcanos da glorificação do Senhor; da mesma forma que nos livros restantes, em Moisés, que se chamam “leis”, “juízos” e “estatutos”, o que também se entende pelas palavras do Senhor aos discípulos:

Que “convinha a Ele cumprir todas as coisas que foram escritas a Seu respeito na Lei de Moisés” (Lc. 24:44),

e também aos judeus:

Que “Moisés tinha escrito a respeito d’Ele” (Jo. 5:46).

[12] Por aí se pode agora ver que o Senhor veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar Seu Humano, e que a paixão da cruz foi o último combate, pelo qual Ele venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou o Humano. Mas muitas coisas sobre esse assunto serão vistas na obra seguinte, *Da Escritura Santa*, onde serão reunidas todas as passagens da Palavra profética que tratam dos combates do Senhor contra os infernos e das vitórias sobre eles, ou, o que é o mesmo, que tratam do juízo final feito por Ele, quando estava no mundo. Depois, as que tratam da paixão e da glorificação de Seu Humano, que são tantas que, se fossem referidas, encheriam páginas.

IV. O Senhor, pela paixão da cruz, não tirou os pecados, mas os portou

15. Há alguns dentro da Igreja que acreditam que o Senhor, pela paixão da cruz, tirou os pecados e satisfez ao Pai e, assim, fez a redenção. Alguns crêem, também, que, por terem fé no Senhor, Ele levou em Si os pecados deles, carregou-os como se tivesse lançado num profundo mar, isto é, no inferno. Confirmam isso por essas palavras de Jesus em *João*:

“Eis o Cordeiro de Deus que carrega os pecados do mundo” (Jo. 1:29),

e pelas palavras do Senhor em *Isaias*:

“Ele levou as nossas doenças, e nossas dores portou; ... ferido por nossas prevaricações, traspassado por nossas iniquidades, o castigo de nossa paz [estava] sobre Ele... por Suas feridas nos deu a sanidade. ... JEHOVAH fez lançar sobre Ele as iniquidades de todos nós. O desterro suportou, e foi afligido, todavia, não abriu a Sua boca; como cordeiro para a matança, foi levado... da terra dos viventes por causa da prevaricação do Meu povo, a praga deles; para dar os ímpios por Seu sepulcro, e os ricos em Sua morte; ... do trabalho de Sua alma viverá, e ficará saciado. Por sua ciência justificará a muitos, pois que em Si portou a iniquidade deles... Esvaziou até à morte a Sua alma, e com os prevaricadores foi contado, e o pecado de muitos tirou, e pelos prevaricadores intercedeu” (Is. 53:4-12).

Estas palavras foram ditas a respeito das tentações do Senhor e de Sua paixão. E por “tirar os pecados e as enfermidades”, como também por “fazer lançar sobre Ele a iniquidade de todos” se entende o mesmo que “portar as dores e as iniquidades”.

[2] Assim, pois, dir-se-á em primeiro lugar o que se entende por “portar as iniquidades” e, em seguida, o que se entende por “tirá-las”. Por “portar as iniquidades” não se entende outra coisa senão suportar graves tentações, assim, sofrer como os judeus fizeram com Ele da maneira que tinham feito com a Palavra, pois O trataram semelhantemente, porque Ele era a Palavra. Com efeito, a Igreja que então havia com os judeus tinha sido inteiramente devastada. E foi devastada pelo fato de terem pervertido toda a Palavra, até o ponto de não haver nenhum resíduo do vero. Por esse motivo não reconheceram o Senhor. Fez-se de modo semelhantemente com os profetas, que representavam para eles o Senhor quanto à Palavra e, assim, quanto à igreja; e o Senhor foi o Profeta mesmo.

[3] Que o Senhor tenha sido o Profeta mesmo, pode-se ver por estas passagens:

“Jesus disse... Um profeta não é menos honrado do que aquele em sua pátria e em sua casa” (Mt. 13:57; Mc. 6:4; Lc. 4:24);

Jesus disse: “Não convém ao profeta perecer fora de Jerusalém” (Lc. 13:33);

Disseram sobre Jesus: “Ele é o profeta de Nazareth” (Mt. 21:11; Jo. 7:40).

“Apoderou de todos o temor, louvando a Deus e dizendo que um grande profeta foi levantado entre eles” (Lc. 7:16) .

Que um profeta “sairia do meio dos irmãos, cujas palavras obedecessem” (Dt. 18:15-19).

Que tenha sucedido o mesmo com os profetas, vê-se pelas citações que agora se seguem. Foi ordenado ao profeta Isaías, para que representasse o estado da Igreja,

Que desprendesse o cilício de sobre seus ombros e tirasse o calçado de seu pé, e fosse nu e descalço por três anos, por sinal e por prodígio (Is. 20:2-3).

[4] Foi ordenado ao profeta Jeremias, para que representasse o estado da igreja,

Que conseguisse para si um cinto e o pusesse sobre seus lombos, que não passasse pela água, e o escondesse numa fenda da rocha junto ao Eufrates; que, depois de dias, o achasse apodrecido (Jr. 13:1-7).

O mesmo profeta representou o estado da igreja por isto,

Que não tomasse para si esposa naquele lugar, nem entrasse em casa de luto, nem saísse a lamentar, nem entrasse em casa de banquete (Jr. 16:2, 5, 8).

[5] Foi ordenado ao profeta Ezequiel, para que representasse o estado da Igreja,

Que fizesse passar uma navalha de tosquiadores sobre sua cabeça e sobre sua barba, e depois dividisse [os cabelos], e queimasse terça parte deles no meio da cidade, terça [parte] ferisse com espada, terça [parte] espalhasse ao vento, e um pouco deles atasse na roupa e, finalmente, o lançasse no meio do fogo e o queimasse (Ez. 5:1-4).

Ao mesmo profeta, para que representasse o estado da Igreja, foi ordenado

Que fizesse vasos de migração e migrasse para outro lugar, aos olhos dos filhos de Israel, e tirasse os vasos durante o dia, e saísse à tarde por uma abertura na parede e cobrisse as faces para que não

visse a terra; e que, assim, fosse um prodígio para a casa de Israel; e que o profeta dissesse: “Eis, sou um prodígio para vós; da maneira como fiz, assim lhes fará” (Ez. 12:3-7, 11).

[6] Ao profeta Oséias, para que representasse o estado da Igreja, foi ordenado

Que tomasse para si uma meretriz por esposa; e que também a recebesse, e ela parisse para ele três filhos, dos quais um se chamou “Jisreel”, o outro “Não digno de compaixão”, e o terceiro “Não [Meu] povo” (Os. 1:2, 9).

E, de novo, foi-lhe ordenado

Que fosse e amasse uma mulher amada de um amigo e adúltera, a qual também comprou para si por quinze [peças] de prata (Os. 3:1, 2).

[7] Ao profeta Ezequiel, para que representasse o estado da Igreja, foi ordenado

Que tomasse um tijolo e gravasse sobre ele “Jerusalém”, e fizesse cerco, e fizesse uma trincheira e um amontoado contra ela; pusesse uma panela de ferro entre si e a cidade, e se deitasse sobre o lado esquerdo e depois sobre o direito trezentos e noventa dias [e, depois, quarenta dias]. Depois tomasse trigo, cevada, lentilha, milho e espelta, e com esses fizesse pão para si, o qual comeria conforme a medida. E, também, que fizesse para si um bolo de cevada com esterco de fezes de homem; e como ele suplicou, foi ordenado que o fizesse com excremento de boi (Ez. 4:1-15).

Além disso, os profetas também representaram outras coisas, como Zedequias, pelos chifres de ferro que fez para si (*I Rs. 22:11*), e outro profeta, por ser ferido e cortado, e ter posto cinza sobre os olhos (*I Rs. 20:35, 38*).

[8] Em geral, os profetas, ao usarem uma túnica de pele, representavam a Palavra em seu sentido último, que é o sentido da letra (*Zc. 13:4*). Por isso Elias se vestia de uma tal túnica, e cingia-se de um cinto de couro em volta dos lombos (*2 Rs. 1:8*). João Batista, semelhantemente, tinha vestes de pelo de camelo e um cinto de couro em volta de seus lombos, e comia gafanhoto e mel agreste (*Mt. 3:4*). Por aí se pode ver que os profetas representaram o estado da igreja e da Palavra. Com efeito, o que representa um, representa também o outro, pois a igreja provém da Palavra, e segundo sua recepção de vida e fé. Por isso, também, pelos “profetas”, onde são nomeados em e outro Testamentos, é significada a doutrina da igreja proveniente da Palavra, mas pelo Senhor, como o Maior Profeta, é significada a igreja

mesma e a Palavra mesma.

16. Sendo representado nos Profetas, o estado da igreja proveniente da Palavra era o que se entende por “portar as iniquidades e os pecados do povo”. Que seja assim, é evidente pelas coisas que são referidas sobre o profeta Isaías: que ele fosse nu e descalço por três anos, por sinal e prodígio (*Is. 20:3*). E sobre o profeta Ezequiel, que trouxesse os vasos da migração e cobrisse as faces para que não visse a terra, e que, assim, fosse um prodígio para a casa de Israel; e, também, que dissesse: “Eu sou um prodígio para vós” (*Ez. 12:6, 11*).

[2] Que isto tenha sido, para eles, portar as iniquidades, vê-se claramente em *Ezequiel*, quando foi-lhe ordenado deitar-se trezentos e noventa dias e quarenta dias sobre os lados esquerdo e direito contra Jerusalém, e comer bolo de cevada feito com excremento de boi. Ali se lê também:

“Tu, deita-te sobre o teu lado esquerdo e sobre ele põe a iniquidade da casa de Israel; o número de dias que te deitarás sobre ele portarás a iniquidade deles. Eu, pois, darei a ti os anos da iniquidade deles conforme o número dos dias, trezentos e noventa dias, para que portes a iniquidade da casa de Israel. Mas, no momento em que os tiveres completado, jazerás outra vez, sobre o teu lado direito, para que portes a iniquidade da casa de Judá quarenta dias” (*Ez. 4:4-6*).

[3] O profeta, ao portar assim as iniquidades da casa de Israel e da casa de Judá, não as tirou nem, daí, as expiou, mas somente as representou e mostrou. Isto é evidente pelo que se segue ali:

“Assim diz JEHOVAH: Os filhos de Israel comerão seu pão imundo, entre as nações para onde os expulsei. ... Eis que Eu quebro o cetro do pão em Jerusalém... para que careçam de pão e de água, e sejam desolados o varão e o seu pai, e se definhem por causa da iniquidade deles” (vers. 13, 16, 17).

[4] Semelhantemente, quando o mesmo profeta se mostrasse e dissesse,

“Eis que sou um prodígio para vós”, também diria: “Do mesmo modo que fiz, assim lhes fará” (*Ez. 12:6, 11*).

E o mesmo se entende a respeito do Senhor, onde se diz:

“Nossas doenças Ele levou; ... nossas dores portou; ... JEHOVAH fez lançar sobre Ele as iniquidades de todos nós; ... por Sua ciência justificou... a muitos, pois que em Si portou as iniquidades deles” (*Is. 53:4, 6, 11*),

onde se trata, em todo o capítulo, da paixão do Senhor.

[5] Que Ele, como o Maior Profeta, tenha representado o estado da igreja quanto à Palavra, vê-se por cada uma das coisas de Sua paixão, a saber, que foi traído por Judas; foi preso e condenado pelos principais dos sacerdotes e pelos anciãos; deram-Lhe bofetadas; feriram-Lhe a cabeça com uma cana; impuseram-Lhe uma coroa de espinhos; dividiram Suas vestes e lançaram sorte sobre a túnica; crucificaram-nO; deram-Lhe vinagre para beber; traspassaram-Lhe o lado; foi sepultado e, no terceiro dia, ressurgiu.

[6] Que “foi traído por Judas” significava ser traído pela nação judaica, com quem então estava a Palavra, pois Judas representava aquela nação. Que “foi preso e condenado pelos principais dos sacerdotes e pelos anciãos” significava que o fora por toda aquela igreja. Que “foi açoitado, cuspiram-Lhe na face, deram-Lhe bofetadas e feriram-Lhe a cabeça com uma cana” significava que fizeram de modo semelhante com a Palavra quanto às suas Divinas verdades, todas as quais tratam do Senhor. Que “Lhe impuseram uma coroa de espinhos” significava que a tinham falsificado e adulterado. Que “dividiram Suas vestes, e sobre a túnica lançaram sorte” significava que tinham dispersado todos os veros da Palavra, mas não seu sentido espiritual; esse sentido da Palavra era significado pela “túnica do Senhor”. Que “O crucificaram” significava que tinham destruído e profanado toda a Palavra”. Que “Lhe ofereceram vinagre para beber” significava coisas meramente falsificadas e falsas, por isso não o bebeu, e então disse: “Está consumado”. Que “traspassaram-Lhe o lado” significava que extinguíram completamente todo vero da Palavra e todo seu bem. Que “foi sepultado” significava a rejeição do humano que restara da mãe. Que “no terceiro dia ressurgiu” significava a glorificação.

[7] Coisas semelhantes foram significadas por estas representações nos Profetas e em David, onde foram preditas. Por causa disso, depois que foi açoitado e saiu portando uma coroa de espinhos, e os soldados Lhe puseram uma vestimenta púrpura, foi dito:

“Eis o Homem” (Jo. 19: 1, 5).

Isto foi dito porque “Homem” significa a Igreja. De fato, “Filho do homem” significa a verdade da igreja, assim a Palavra. Por aí se pode ver agora o que se entende por “portar as iniquidades”, isto é, representar e figurar em Si os pecados contra as Divinas verdades da Palavra. Que o Senhor tenha suportado e sofrido tais coisas como o Filho do homem e não como o Filho de Deus, ver-se-á na seqüência. Com efeito, “Filho do homem” significa o Senhor quanto à Palavra.

17. Dir-se-á agora alguma coisa sobre o que se entende por “levar os pecados”. Por “levar os pecados” se entende o mesmo que redimir o homem e salvá-lo. Porque o Senhor veio ao mundo para que o homem pudesse ser salvo. Sem Seu advento nenhum mortal poderia ser reformado e regenerado, assim, ser salvo. Mas isso pôde ser feito depois que o Senhor suprimiu todo o poder do diabo, isto é, do inferno, e glorificou Seu Humano, isto é, uniu-O ao Divino de Seu Pai. Se essas coisas não tivessem sido feitas, nenhum dos homens poderia receber coisa alguma do Divino Vero que fosse duradoura nele, e ainda menos coisa alguma do Divino Bem, pois o diabo, cujo poder antes era superior, as arrancaria do coração.

[2] Daí é evidente que o Senhor, pela paixão da cruz, não tirou os pecados, mas os afasta, isto é, remove-os naqueles que crêem n’Ele vivendo segundo os Seus preceitos, como o Senhor também o ensina em *Mateus*:

“Não julgueis que vim para anular a Lei e os Profetas. ... Qualquer que anular o menor desses preceitos e assim ensinar aos homens, será chamado menor no reino dos céus. Mas quem os pratica e ensina, esse será chamado grande no reino dos céus” (Mt. 5:17, 19).

[3] Pela razão, somente, qualquer um pode ver, contanto que esteja em alguma iluminação, que os pecados não podem ser tirados do homem a não ser por uma penitência ativa, qual seja, que o homem veja seus pecados, implore o auxílio do Senhor e desista deles. Ver outra coisa, assim acreditar e ensinar não vem da Palavra, tampouco vem da razão sã, mas da cobiça e da vontade depravada, que são o *proprium* do homem, pelo que a inteligência se torna estúpida.

V. A imputação do mérito do Senhor não é outra coisa senão a remissão dos pecados depois da penitência

18. Acredita-se na Igreja que o Senhor foi enviado pelo Pai para fazer expiação pelo gênero humano, que isso se fez pelo cumprimento da Lei e pela paixão da cruz e que, assim, suspendeu a danação e satisfez. Acredita-se que, sem essa expiação, satisfação e propiciação, o gênero humano pereceria de morte eterna; e que isto vem da justiça, que por alguns é também chamada vindicativa. É verdade que, sem o advento do Senhor ao mundo, todos pereceriam; mas, de que maneira

deve ser entendido que o Senhor cumpriu todas as coisas da Lei, veja-se acima, no capítulo próprio. E por que razão sofreu a cruz, veja-se também acima, no seu lugar. Por essas exposições pode-se ver que não houve qualquer justiça vindicativa, porque isso não é um atributo Divino; os atributos Divinos são a justiça, o amor, a misericórdia e o bem. E Deus é a Justiça mesma, o Amor mesmo, a Misericórdia mesma e o Bem mesmo, e onde esses atributos estão não existe nada de vingança, assim, nenhuma justiça vindicativa.

[2] Pois que o cumprimento da Lei e a paixão da cruz foram entendidos por muitos, até hoje, como as duas coisas pelas quais o Senhor deu satisfação pelo gênero humano e deste tirou a danação prevista ou que lhe estava destinada, pela conexão e, ao mesmo tempo, pelo princípio de que o homem é salvo pela fé só em que isto é assim, seguiu-se o dogma da imputação do mérito do Senhor, tomando-se essas duas coisas, que tinham sido do mérito do Senhor, em lugar da satisfação. Mas isto sucumbe pelas coisas que foram ditas sobre o cumprimento da Lei pelo Senhor e por Sua paixão na cruz. E, ao mesmo tempo, pode-se ver que a imputação do mérito é uma expressão vazia, a não ser que por ela se entenda a remissão dos pecados depois da penitência, porquanto coisa alguma do Senhor pode ser imputada ao homem, mas a salvação pode ser adjudicada pelo Senhor depois que o homem pratica a penitência, isto é, depois que vê e reconhece seus pecados e, daí, desiste deles, e isto pelo Senhor. Então a salvação lhe é somente adjudicada, pois que o homem não é salvo por seu mérito ou por sua própria justiça, mas pelo Senhor, que sozinho combateu e venceu os infernos, e que também sozinho combate pelo homem e vence os infernos por ele.

[3] Essas ações são o mérito e a justiça do Senhor, e elas não podem jamais ser imputadas ao homem, pois, se fossem imputadas, o mérito e a justiça do Senhor seriam apropriados pelo homem como se fossem seus, e isto jamais foi feito nem se pode fazer. Se a imputação lhe fosse dada, o homem impenitente e ímpio poderia imputar a si o mérito do Senhor e, por assim pensar, ser justificado, quando, todavia, isto seria conspurcar o santo pelo profano e profanar o nome do Senhor. Porque seria ter o pensamento no Senhor e a vontade no inferno, e, contudo, a vontade é o todo do homem. Existe a fé de Deus e a fé do homem: têm a fé de Deus aqueles que praticam a penitência, têm porém a fé do homem aqueles que não praticam a penitência, e isto ainda que pensem na imputação. E a fé de Deus é viva, enquanto a fé do homem é uma fé morta.

[4] Que o Senhor mesmo e Seus discípulos tenham pregado a

penitência e a remissão dos pecados, pode-se ver pelo que se segue:

“Jesus começou a pregar e a dizer: Fazei vós penitência, porque se aproximou o reino dos céus” (Mt. 4:17).

“João disse: Dai frutos dignos de penitência; ... Já, já o machado está posto à raiz das árvores; toda ... árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada no fogo” (Lc. 3:8-9).

Jesus disse: “Se não fizerdes penitência, todos ... perecereis” (Lc. 13: 3,5);

“Jesus... pregando o Evangelho do reino de Deus, ... dizendo: ... Completou-se o tempo e aproximou-se o reino de Deus; fazei penitência e crede no Evangelho” (Mc. 1:14, 15).

Jesus enviou os discípulos, que, “saindo, pregaram que fizessem penitência” (Mc. 6:12).

Jesus disse aos apóstolos que lhes convinha pregar “em Seu nome a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc. 24:47).

João pregou “o batismo da penitência na remissão dos pecados” (Lc. 3:3, Mc. 1:4);

Pelo “batismo” se entende a lavagem espiritual, que é a lavagem dos pecados e se chama regeneração.

[5] A penitência e a remissão dos pecados são assim descritas pelo Senhor em *João*:

“Veio aos Seus, mas os Seus não O receberam, mas a todos os que receberam, deu-lhes poder, para que fossem filhos de Deus, os que crêem no Seu nome, os quais nasceram não dos sangues, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus” (Jo. 1:11-13);

pelos “Seus” se entende os que eram então da igreja onde havia a Palavra; pelos “filhos de Deus” e “que crêem no Seu nome” se entendem os que crêem no Senhor e crêem na Palavra; pelos “sangues” se entendem as falsificações da Palavra e as confirmações falsas por esse meio; “vontade da carne” é o *proprium* voluntário do homem, que em si é falso; “nascidos de Deus” são os que foram regenerados pelo Senhor. Por aí se vê que são salvos aqueles que estão no bem do amor e nos veros da fé pelo Senhor e que não estão no *proprium*.

VI. O Senhor, quanto ao Divino Humano, é chamado “Filho de Deus” e, quanto à Palavra, chamado “Filho do homem”.

19. Na igreja não se sabe outra coisa senão que o Filho de Deus é uma outra pessoa da Divindade, distinta da pessoa do Pai; daí vem a fé a respeito de um Filho de Deus nascido de eternidade. Como isto é universalmente recebido e se trata de Deus, não se dá ocasião ou permissão para se pensar sobre isso com algum entendimento, nem mesmo sobre o que vem a ser “nascido de eternidade”. Pois quem pensa sobre isso com entendimento em geral diz consigo mesmo: “Isto transcende, mas, assim mesmo, digo-o porque assim dizem, e creio nisso porque assim crêem”. Saibam, porém, que não existe um Filho de eternidade, mas que o Senhor é de eternidade. Quando se sabe o que é o Senhor e o que é o Filho, pode-se também pensar com entendimento sobre Deus triuno, e não antes.

[2] O Humano do Senhor, concebido de JEHOVAH, o Pai, e nascido da virgem Maria é o Filho de Deus. Isto se vê claramente pelas seguintes passagens. Em *Lucas*:

“O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, cujo nome é Nazareth, a uma virgem desposada por um varão cujo nome era José, da casa de David. E o nome da virgem era Maria. Logo que o anjo entrou a ela, disse: Salve, agraciada, o Senhor é contigo, bendita entre as mulheres. Ela... vendo-se perturbada com suas palavras, pensou que saudação seria essa. Mas o anjo lhe disse: Não temas, Maria, achaste... graça em Deus: ... eis que conceberás... e parirás um filho, e chamarás o Seu nome Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. Mas Maria disse ao anjo: Como se fará isto, porque não conheço varão? Respondendo-lhe, o anjo disse: Um Espírito santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá de sombra, pelo que também o que nascerá de ti, Santo, será chamado Filho de Deus” (Lc. 1:26-35).

Aqui se diz: “conceberás e parirás um filho; Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo”, mas, logo depois, “o que nascer de ti, santo, será chamado Filho de Deus”, pelo que é evidente que o Humano concebido por Deus e nascido da virgem Maria é o que Se chama Filho de Deus.

[3] Em *Isaias*:

“O Senhor vos dá um sinal: Eis, a virgem conceberá e parirá um Filho, e Seu nome se chamará Deus conosco” (Is. 7:4).

Que o Filho nascido da virgem e concebido de Deus seja o que Se chama “Deus conosco”, assim, o que é o Filho de Deus, é evidente. Que seja assim, pode-se confirmar também por *Mateus (1:22, 23)*.

[4] Em *Isaiás*:

“Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu, sobre cujo ombro está o principado; e se chamará o Seu nome Maravilhoso, Conselheiro, Deus, Herói, Pai da eternidade, Príncipe da paz” (*Is. 9:6*);

vê-se a mesma coisa aqui, pois se diz “Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu”, que não é um Filho de eternidade, mas um Filho nascido no mundo. Isto também é evidente pelas palavras do profeta, no vers. 6, e pelas palavras do anjo Gabriel a Maria, em *Lucas 1:32, 33*, que são semelhantes.

[5] Em David:

“Anunciarei do estatuto, disse JEHOVAH:... Meu Filho, Tu, Eu hoje Te gerei. ... Beijai o Filho, para que não Se ire e pereçais no caminho” (*Sl. 2:7, 12*);

nem aqui se entende um filho de eternidade, mas o Filho nascido no mundo, porquanto é uma profecia sobre o Senhor que viria. Por isso se chama “estatuto”, do qual JEHOVAH anunciou a David; “hoje” não é de eternidade, mas está no tempo.

[6] Em David:

“Porei no mar a Sua mão... Ele Me chamará, Meu Pai és Tu. ... Eu O darei por Primogênito” (*Sl. 89:25-27*).

Em todo este salmo se trata do Senhor que viria, por isso se entende Aquele que chamará JEHOVAH Seu Pai, que será o Primogênito, assim, que é o Filho de Deus.

[7] Além disso, em outra passagem, onde é chamado “Vara do tronco de Jessé” (*Is. 11:1*), “Renovo de David” (*Jr. 23:5, 6*), “Semente de mulher” (*Gn. 3:15*), “Unigênito” (*Gn. 1:18*); “Sacerdote de eternidade” e “Senhor” (*Salmo 110:4, 5*).

[8] Na Igreja Judaica, pelo “Filho de Deus” se entendia o Messias, a Quem esperavam e sabiam que iria nascer em Belém. Que por “Filho de Deus” eles tenham entendido o Messias, é evidente pelas seguintes passagens. Em *João*:

Disse Pedro: “Cremos e reconhecemos que Tu és o Cristo, Filho do Deus vivente” (*Jo. 6:69*).

No mesmo:

“Tu és o Cristo, Filho de Deus, que havia de vir ao mundo” (Jo. 11:27).

Em *Mateus*:

O principal dos sacerdotes interrogou a Jesus se não era o Cristo, Filho de Deus; Jesus disse: “Eu o Sou” (Mt. 26:63, 64; Mc. 14:62).

Em *João*:

“Estas coisas foram escritas para que creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus” (Jo. 20:31, também Mc. 1:1).

“Cristo” é uma palavra grega que significa Ungido, semelhante a “Messias” na língua hebraica. Por isso João disse:

“Achamos o Messias, que é, se traduzido, Cristo” (Jo. 1.42).

E em outra passagem:

“Disse a mulher: Sei que o Messias vem, o que é chamado Cristo” (Jo. 4:25).

[10] Que a Lei e os Profetas, ou toda a Palavra do Velho Testamento trate do Senhor, foi mostrado no capítulo primeiro. Por isso, pelo Filho de Deus não se pode entender outro senão o Humano que o Senhor gerou no mundo. Daí se segue que Ele é o que se entende pelo “Filho” vindo de JEHOVAH, conforme foi dito do céu, quando era batizado:

“Este é Meu Filho amado, em Quem Me comprazo” (Mt. 3:17; Mc. 1:11; Lc. 3:22),

pois Seu Humano era batizado. E, quando Se transfigurou:

“Este é Meu Filho amado, em Quem Me comprazo, a Ele escutai” (Mt. 17:5; Mc. 9:7; Lc. 9:35).

E, também, em outras passagens, como *Mt. 8:29; 14:33; Mc. 3:11; 15:39; Jo. 1:34, 49; 3:18; 5:25; 10:36; 11:4.*

20. Uma vez que pelo “Filho de Deus” se entende o Senhor quanto ao Humano que gerou no mundo, o qual é o Divino Humano, é evidente o que significa o Senhor dizer tantas vezes que “foi enviado ao mundo pelo Pai” e “saiu do Pai”. Por “ser enviado ao mundo pelo Pai” se entende que foi concebido de JEHOVAH, o Pai. Que não seja entendida outra coisa por “ser enviado” e “enviado do Pai”, pode-se ver por todas as passagens onde também foi dito que fazia a vontade do Pai e a Sua obra, as quais eram, que venceria os infernos,

glorificaria o Humano, ensinaria a Palavra e instauraria uma nova igreja. Essas coisas não poderiam ser feitas a não ser por um Humano concebido de JEHOVAH e nascido de uma virgem, isto é, a não ser que Deus Se fizesse Homem. Consulta as passagens onde se diz “ser enviado” e “enviado”, e verás, como em *Mt. 10:40; 15:24; Mc. 9:37; Lc. 4:43; 9:48; 10:16; John 3:17, 34; 4:34; 5:23-24, 36-38; 6:29, 39-40, 44, 57; 7:16, 18, 28, 29; 8:16, 18, 29, 42; 9:4; 11:42; 12:44-45, 49; 13:20; 14:24; 15:21; 16:5; 17:3, 8, 21, 23, 25; 20:21*; depois, também as passagens onde o Senhor chama JEHOVAH de “Pai”.

21. Muitos hoje não pensam outra coisa sobre o Senhor senão que é um homem comum, semelhante a eles próprios, porque pensam somente no Seu Humano e não ao mesmo tempo no Divino, quando, todavia, o Divino e Seu Humano não podem ser separados. Com efeito, o Senhor é Deus e Homem; e Deus e Homem no Senhor não são duas, mas uma só Pessoa, assim, inteiramente uma, como a alma e o corpo são um homem, segundo a doutrina em todo o mundo cristão, a qual vem dos concílios e se chama Doutrina da Fé Atanasiana. E assim, para que, daqui por diante, o homem não separe o Divino e o Humano no Senhor, peço-lhe que leia as passagens que foram citadas acima, de *Lucas*, e depois também esta, de *Mateus*:

“O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando sua mãe desposada de José, antes que convivessem achou-se ter do Espírito Santo no útero. E José, seu noivo, como era justo e não a queria difamar, quis deixá-la secretamente. Mas quando ele pensava nessas coisas, eis que um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho, dizendo: José, filho de David, não temas receber Maria por tua noiva, pois o que nela foi gerado é do Espírito Santo. E parirá um Filho, e chamarás o Seu nome Jesus. Ele... salvará o Seu povo de seus pecados. ... E, despertando José do sono, fez segundo prescreveu-lhe o anjo do Senhor, e tomou sua noiva; mas não a conheceu até que pariu seu primogênito, e chamou o Seu nome Jesus” (*Mt. 1:18-25*).

Por essas e por aquelas coisas que se acham escritas em *Lucas* a respeito do nascimento do Senhor, como também pelas que foram acima referidas, pode-se ver que o “Filho de Deus” é Jesus concebido de JEHOVAH, o Pai, e nascido da virgem Maria, a respeito do que todos os Profetas e a Lei até João profetizaram.

22. Quem sabe o que significa, no Senhor, o “Filho de Deus”, e o que significa n’Ele o “Filho do homem”, esse pode ver muitos arcanos da Palavra. Pois o Senhor ora Se chama “Filho”, ora “Filho de Deus”, ora “Filho do homem”, em toda parte segundo o assunto de que se trata. Quando se trata da Sua Divindade, da União com o Pai, do

Poder Divino, da Fé n'Ele, da Vida proveniente d'Ele, então Ele Se chama "Filho" e "Filho de Deus", como em *Jo. 5: 17-26* e outras passagens. Quando, porém, se trata da paixão, do juízo, do advento, e, em geral, da redenção, da salvação, da reforma e da regeneração, então Ele Se chama "Filho do homem", pela razão de que então se entende Ele quanto à Palavra. O Senhor é designado por vários nomes na Palavra do Velho Testamento; ali é nomeado "JEHOVAH", "Jah", "Senhor", "Deus", "Senhor Jehovih", "JEHOVAH Zebaoth", "Deus de Israel", "Santo de Israel", "Forte de Jacob", "Schaddai", "Rocha", e também "Criador", "Formador", "Salvador", "Redentor", em toda parte segundo o assunto de que se trata. É semelhante na Palavra do Novo Testamento, onde é nomeado "Jesus", "Cristo", "Senhor", "Deus", "Filho de Deus", "Filho", "Profeta", "Cordeiro" e de outros modos, também, em toda parte, segundo o assunto de que se trata ali.

23. Até aqui se disse por que o Senhor é chamado "Filho de Deus". Agora se dirá por que é chamado "Filho do homem". É chamado "Filho do homem" onde se trata da paixão, do juízo, do advento e, em geral, onde se trata de redenção, salvação, reforma e regeneração. A razão é porque o "Filho do homem" é o Senhor quanto à Palavra e Ele mesmo, como a Palavra, sofreu, julga, veio ao mundo, redimiu, salva, reforma e regenera. Que seja assim, pode-se ver pelas coisas que agora se seguem.

24. Que o Senhor seja chamado "Filho do homem" quando se trata da paixão, vê-se por isto:

Jesus disse aos discípulos: "Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais dos sacerdotes e aos escribas, que O condenarão à morte, e O entregarão aos gentios, e O açoitarão, e cuspirão n'Ele e O matarão. Mas no terceiro dia ressurgirá" (*Mc. 10:33,34*),

semelhante a outras passagens, onde se predisse Sua paixão, como em *Mt. 20:18, 19; Mc. 8:31; Lc. 9:22*.

Jesus disse aos discípulos: "Eis que chega a hora, e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores" (*Mt. 26:45*).

O anjo disse às mulheres que vieram ao túmulo: "Lembra-vos de que falou convosco que convinha ao Filho do homem ser entregue nas mãos dos homens pecadores e ser crucificado, e no terceiro dia ressurgir" (*Lc. 24:6, 7*).

Que o Senhor então Se tenha chamado "Filho do homem" é porque Se permitiu que Lhe fizessem de modo semelhante ao que tinham feito com a Palavra, como foi mostrado em muitas passagens acima.

25. Que o Senhor seja chamado “Filho do homem” quando se trata do juízo, vê-se por isto:

“Quando o Filho do homem vier à Sua glória... então Se sentará no trono de Sua glória e colocará as ovelhas à direita e os bodes à esquerda” (Mt. 25:31, 33).

“Quando o Filho do homem Se sentar no trono de Sua glória, julgará as doze tribos de Israel” (Mt. 19:28).

“Virá o Filho do homem na glória de Seu Pai... e então retribuirá cada um segundo os seus feitos” (Mt. 16:27).

“Vigiai... em todo o tempo, para que vos acheis dignos... para estardes diante do Filho do homem” (Lc. 21:36).

“Na hora em que não presumais, o Filho do homem virá” (Mt. 24:44; Lc. 12:40).

“O Pai não julga a ninguém, mas todo o juízo deu ao Filho... porque é Filho do homem” (Jo. 5:22,27).

A razão por que o Senhor Se chama “Filho do homem” quando se trata do juízo é porque todo juízo se faz segundo o Divino Vero que está na Palavra. Que esta julgue a cada um, Ele mesmo o disse em *João*:

“Se alguém ouvir Minhas palavras [e] todavia não crer, Eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo... A Palavra que falei, esta o julgará no último dia” (Jo. 12:47, 48).

E em outra passagem:

O Filho do homem não veio “para julgar o mundo, mas para que... fosse salvo por Ele; quem crer n’Ele não é julgado, mas quem não crê já está julgado, porque não crê no nome do Filho unigênito de Deus” (Jo. 3:17, 18).

Que o Senhor não julgue ninguém para o inferno, nem lance alguém ao inferno, mas que o próprio mau espírito se lance a si mesmo, veja-se na obra *O Céu e o Inferno* (n. 545-550, 574). Pelo “nome de JEHOVAH”, “do Senhor”, “do Filho de Deus” se entende o Divino Vero, assim, também, a Palavra, que vem d’Ele, trata d’Ele e, assim, é Ele.

26. Que o Senhor se chame “Filho do homem” onde se trata de Seu advento, vê-se por isto:

Os discípulos diziam a Jesus “Qual o sinal de Teu advento e da consumação do século?”

E então o Senhor predisse os estados sucessivos da igreja até o fim. E,

sobre o fim desta, disse:

“Então aparecerá o sinal do Filho do homem... e verá o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e glória” (Mt. 24:3, 30; Mc. 8:26; Lc. 21:27);

pela “consumação do século” se entende o último tempo da Igreja; pelo “advento nas nuvens do céu com glória” se entende a abertura da Palavra e a manifestação de que a Palavra foi escrita a respeito d’Ele somente. Em *Daniel*:

“Olhei... e eis, com as nuvens dos céus... o Filho do homem vindo” (Dn. 7:13).

No *Apocalipse*:

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá” (Ap. 1:7);

também aqui se trata do Filho do homem, como é evidente pelo vers. 13 ali. Depois, em outra passagem, no *Apocalipse*:

Quando olhei, eis, uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem” (Ap. 14:14).

[2] Que o Senhor tenha-Se referido ora como “Filho de Deus”, ora como “Filho do homem”, é evidente por sua resposta ao principal dos sacerdotes:

“O sumo sacerdote disse a Jesus: “Conjuro-Te pelo Deus vivente que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus. Disse-lhe Jesus: Tu o disseste, Eu O sou. Mas vos digo: Desde agora vereis o Filho do homem sentado à direita do poder, e vindo nas nuvens do céu” (Mt. 26:63, 64).

Aqui Ele primeiro declara que é o “Filho de Deus” e, em seguida, diz que “veriam o Filho do homem sentado à direita do poder, e vindo nas nuvens do céu”, pelo que se entende que, depois da paixão da cruz estaria no poder Divino de abrir a Palavra e instaurar a igreja, o que não poderia ser feito antes, porque não teria vencido o inferno e glorificado Seu Humano. O que significa “sentar sobre as nuvens do céu” e “vir em glória”, foi explicado na obra *O Céu e o Inferno (n.1)*.

27. Que o Senhor seja chamado “Filho do homem” onde se trata da redenção, salvação, reforma e regeneração, vê-se por isto:

“O Filho do homem vem... para dar a alma em redenção em lugar de muitos” (Mt. 20:28; Mc. 10:45).

“O Filho do homem vem para salvar” e não para destruir (Mt. 18:11; Lc. 9:56).

“O Filho do homem vem para buscar e salvar aquele que se perdera” (Lc. 19:10).

O Filho do homem vem “para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo. 3:17).

“O que semeia a boa semente é o Filho do homem” (Mt. 13:37).

Aí se trata da redenção e da salvação, que, como são feitas pelo Senhor por meio da Palavra, por isso Ele ali Se chama “Filho do homem”. O Senhor disse:

Que o Filho do homem tem poder para redimir os pecados (Mc. 2:10; Lc. 5:24),

isto é, para salvar. E também:

Que é o Senhor do sabbath, porque é o Filho do homem (Mt. 12:8; Mc. 2:28; Lc. 6:5),

porque é a Palavra, que Ele ensina. Além disso, Ele disse em *João*:

“Trabalhai pela comida, não a que perece, mas a comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará” (Jo. 6:27);

pela “comida” se entende toda verdade e todo bem da doutrina proveniente da Palavra, assim, do Senhor. É isso que também se entende ali pelo “maná” e pelo “Pão” que desceu do céu. E, também por isso, no mesmo capítulo:

“Se não comerdes a carne do Filho do homem, e [não] beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós” (vers. 53);

a “carne” ou o “pão” é o bem do amor proveniente da Palavra; o “sangue” ou o “vinho” é o bem da fé proveniente da Palavra, um e outro provenientes do Senhor.

[2] Coisa semelhante é significada em outras passagens onde se diz “Filho do homem”, como nesta:

“As raposas têm suas tocas, e os pássaros... ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt. 8:20; Lc. 9:58),

pelo que se entende que a Palavra não teve lugar com os judeus, como também o Senhor disse (*Jo. 8:37*), nem podia permanecer com eles, porque O não reconheceram (*Jo. 5:38, 39*). Pelo “Filho do homem” Se entende o Senhor quanto à Palavra também no *Apocalipse*:

“No meio dos sete candelabros” vi “um semelhante ao Filho do

homem, com um vestido comprido¹¹ e cingido no peito com um cinto de ouro” (Ap. 1:13 e seq.);

aqui o Senhor como a Palavra é representado por várias coisas; por isso Se chama também “Filho do homem”. Em David:

“Seja a Tua mão pelo Varão da Tua direita, pelo Filho do homem que fortificaste para Ti; então não nos retiraremos de Ti; vivifica-nos.” (Sl. 80: 17, 18).

O “Varão da direita” é, aqui também, o Senhor quanto à Palavra. De modo semelhante, o “Filho do homem” é chamado “Varão da direita” porque o Senhor é poder pelo Divino Vero, que também é a Palavra, e tornou-Se o poder Divino quando cumpriu toda a Palavra. Daí também ser dito:

Que veriam “o Filho do homem sentado à direita” do Pai, em poder (Mc. 14:62).

28. Que o “Filho do homem” signifique o Senhor quanto à Palavra, era porque os profetas também foram chamados “filhos do homem”. Que os profetas sejam chamados “filhos do homem”, era porque representavam o Senhor quanto à Palavra e, daí, significavam a doutrina da igreja proveniente da Palavra. No céu, onde os profetas são nomeados na Palavra, não se entende outra coisa. Com efeito, a significação espiritual de “profeta” e também de “filho do homem” é a doutrina da igreja proveniente da Palavra e, quando se trata do Senhor, é a Palavra mesma. Que o profeta Daniel tenha sido chamado “filho do homem”, veja-se no seu livro (*Dn.* 8:17). Que o profeta Ezequiel tenha sido chamado “filho do homem”, veja-se no seu livro (*Ez.* 2:1, 3, 6, 8; 3:1, 3, 4, 10, 17, 25; 4:1, 16; 5:1; 6:2; 7:2; 8:5, 6, 8, 12, 15; 11:2, 4, 15; 12:2, 3, 9, 18, 22, 27; 13:2, 17; 14:3, 13; 15:2; 16:2; 17:2; 20:3, 4, 27, 46; 21:2, 6, 9, 12, 14, 19, 28; 22:18, 24; 23:2, 36; 24:2, 16, 25; 25:2; 26:2; 27:2; 28:2, 12, 21; 29:2, 18; 30:2, 21; 31:2; 32:2, 18; 33:2, 7, 10, 12, 24, 30; 34:2; 35:2; 36:1, 17; 37:3, 9, 11; 16; 38:2, 14; 39:1, 17; 40:4; 43:7, 10, 18; 44:5). Por aí é agora evidente que o Senhor quanto ao Divino Humano é chamado “Filho de Deus” e, quanto à Palavra, “Filho do homem”.

VII. O Senhor fez Divino o Seu Humano pelo Divino n’Ele e, assim, fez-Se Um com o Pai

29. Da doutrina da igreja recebida em todo o mundo cristão tem-se que:

¹¹ Indutum talari, isto é, com um vestido comprido até os tornozelos

O nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e Homem; e, posto que seja Deus e Homem, não é, porém, dois, mas um só Cristo; é Um porque o Divino gerou para Si o Humano; e mais, é inteiramente um, com efeito, uma só Pessoa, uma vez que, assim como o corpo e a alma fazem um no homem, assim também Deus e Homem é um só Cristo.

Essas palavras foram tiradas da Doutrina da Fé Atanasiana, que é aceita em todo o mundo cristão. Elas são os pontos essenciais a respeito da união do Divino e o Humano no Senhor; as restantes, que são ditas na mesma doutrina sobre o Senhor, serão explicadas em seu capítulo. Por elas se pode ver claramente que consta na fé da igreja cristã que o Divino e o Humano no Senhor não são dois, mas um só, assim como a alma e o corpo são um homem, e que o Divino por Si mesmo gerou o Humano.

[2] Disso se segue que o Divino não pode ser separado do Humano nem o Humano do Divino, pois separá-los seria como separar a alma do corpo. Que isto seja assim, também é reconhecido por todo aquele que lê as citações que foram trazidas acima (n. 19 e 21) dos dois evangelistas (a saber, de *Lucas 1:26-35* e de *Mateus 1:18-25*), sobre o nascimento do Senhor. Por elas fica claro que Jesus foi concebido de JEHOVAH Deus e nasceu da virgem Maria, assim, que n'Ele havia o Divino, que era a Sua Alma. Ora, como a Sua Alma era o próprio Divino do Pai, segue-se que o Seu Corpo ou o Humano também Se fez Divino, pois onde está um também estará o outro. Assim, e não de outro modo, o Pai e o Filho são um, o Pai no Filho e o Filho no Pai, pois todas as coisas do Filho são do Pai, e todas as coisas do Pai são do Filho, como o Senhor mesmo o ensina em Sua Palavra.

[3] Mas, de que modo essa união se fez, é o que se dirá nesta ordem: (i). Que o Senhor é, de eternidade, JEHOVAH. (ii). Que o Senhor de eternidade, ou JEHOVAH, gerou o Humano para salvar a todos. (iii). Que o Senhor, pelo Divino em Si, fez Divino o Seu Humano. (iv). Que o Senhor fez Divino o Seu Humano por meio de tentações em Si admitidas. (v). Que a união plena do Divino e o Humano n'Ele foi feita pela paixão da cruz, que foi a última tentação. (vi). Que o Senhor Se despojou sucessivamente do Humano gerado da mãe e Se revestiu do Humano proveniente do Divino, que é o Divino Humano e o Filho de Deus. (vii). Que, assim, Deus Se fez Homem, como nos primeiros, também nos últimos.

30. (i). Que o Senhor de eternidade seja JEHOVAH, isto se sabe pela Palavra, pois o Senhor disse aos judeus:

“Amém vos digo, antes que Abraão existisse, Eu sou” (Jo. 8:58).

E, em outra passagem:

“Glorifica-Me, Tu, ó Pai, com a glória que tive em Ti antes que o mundo existisse” (Jo. 17:5),

pelo que se entende o Senhor de eternidade e não um Filho de eternidade, pois o Filho é o Humano mesmo, concebido de JEHOVAH, o Pai, e nascido no tempo, da virgem Maria, como foi mostrado acima.

[2] Que o Senhor de eternidade seja JEHOVAH mesmo, vê-se por muitas passagens na Palavra, das quais serão trazidas neste momento estas poucas:

“Dir-se-á naquele dia: ...Este é nosso Deus, a Quem esperávamos, para que nos liberte; ... JEHOVAH, a Quem esperávamos: exaltemo-nos e alegremos em Sua salvação” (Is. 25:9),

pelo que é evidente que Deus mesmo, JEHOVAH, era esperado.

“Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho de JEHOVAH; aplanai no ermo uma vereda a nosso Deus. ... Será revelada a glória de JEHOVAH, e verá toda carne juntamente... Eis, o Senhor Jehovih vem em força” (Is. 40:3, 5, 10; Mt. 3:3; Mc. 1:3; Lc. 3:4);

aqui, também, o Senhor é chamado “JEHOVAH”, Que devia vir.

[3] “Eu, JEHOVAH... Te darei por aliança ao povo, por luz das nações. Eu, JEHOVAH, este é o Meu nome, e Minha glória a outro não darei” (Is. 42:6-8);

“aliança do povo” e “luz das nações” é o Senhor quanto ao Humano. Como Ele procede de JEHOVAH e fez-Se um com JEHOVAH, por isso se diz: “Eu, JEHOVAH, este é o Meu nome, e Minha glória a outro não darei”, isto é, não a outro senão a Si mesmo; “dar glória” é glorificar ou unir a Si.

[4] “De súbito virá ao Seu templo o Senhor, a Quem buscais” (Mt. 3:1);

pelo “templo” se entende o “Templo do Seu Corpo” (como em *Jo. 2:19, 21*).

“Visitou-nos o Oriente do alto” (Lc. 1:78);

o “Oriente do alto” também é JEHOVAH, ou o Senhor de eternidade. Por aí é evidente que pelo Senhor de eternidade entende-se o Divino mesmo do Qual procede, que, na Palavra, é JEHOVAH. Mas, pelas passagens referidas abaixo, ficará evidente que pelo “Senhor” e também por “JEHOVAH”, depois que o Seu Humano foi glorificado,

entende-se o Divino e o Humano ao mesmo tempo, como um; e que pelo “Filho”, referido isoladamente, se entende o Divino Humano.

31. (ii). Que o Senhor de eternidade, ou JEHOVAH, tenha gerado o Humano para salvar os homens, foi confirmado pela Palavra nos capítulos anteriores. Que o homem não possa ser salvo de outra maneira, dir-se-á em outro lugar. Que tenha gerado o Humano, vê-se também pelas passagens na Palavra onde se diz que “saiu de Deus”, “desceu do céu” e “foi enviado ao mundo”, como nestas:

“Saí do Pai e vim ao mundo” (Jo. 16:28).

“Eu... saí de Deus e venho; e não... vim de Mim, mas Ele Me enviou” (Jo. 8:42).

“O Pai... vos ama, porque... crestes que saí de Deus” (Jo. 16:27).

“Ninguém sobe ao céu senão Aquele que do céu desceu” (Jo. 3:13).

“O Pão... de Deus é Aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo. 6:33, 35, 41, 50, 51).

“O que veio de cima está acima de tudo; ... o que veio do céu está acima de tudo” (Jo. 3:31).

“Eu conheço” o Pai, “porque d’Ele sou, e Ele Me enviou” (Jo. 7:29).

Que “ser enviado pelo Pai ao mundo” signifique gerar o Humano, veja-se acima (n. 20).

32. (iii). Que o Senhor, pelo Divino em Si, tenha feito Divino o Seu Humano, pode-se ver por muitas passagens da Palavra, das quais agora se trazem as seguintes, que confirmam: (1.) Que isso se fez sucessivamente, a saber:

Jesus “cresceu e Se fortaleceu em espírito e em sabedoria, e a graça de Deus era sobre Ele” (Lc. 2:40).

“Jesus avançava em sabedoria, idade e graça em Deus e para com os homens” (vers. 52).

[2] (2.) Que o Divino tenha operado por intermédio do Humano, assim como a alma por intermédio do corpo, isso se confirma por estas passagens:

“O Filho não pode de Si mesmo fazer coisa alguma, se não o vir fazer o Pai” (Jo. 5:19).

“De Mim mesmo nada faço, mas assim como o Pai Me ensinou, isso falo ... porque Me enviou, está comigo e não Me deixará só” (Jo. 8:28, 29; 5:30).

“Eu não falo por Mim mesmo, mas o Pai que Me enviou... deu-Me o preceito do que devo dizer e do que devo falar (Jo. 12:49).

“As palavras que Eu vos falo, não as falo de Mim mesmo. O Pai..., que habita em Mim, Ele faz as obras” (Jo. 14:10).

“Não estou só, porque o Pai está comigo” (Jo. 16:32).

[3] (3.) Que o Divino e o Humano tenham operado unanimemente, vê-se por estas passagens:

“O que” o Pai “faz, isto também o Filho igualmente faz” (Jo. 5:19).

“Assim como ... o Pai ressuscita os mortos e vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quiser” (Jo. 5:21).

“Assim como... o Pai tem a vida em Si mesmo, assim também deu ao Filho ter a vida em Si mesmo” (Jo. 5:26).

“Agora conheceram que todas as coisas que Me deste provêm de Ti” (Jo. 17:7).

[4] (4.) Que o Divino tenha sido unido ao Humano e o Humano ao Divino, vê-se por estas passagens:

“Se conhecêsseis a Mim, também conheceríeis a Meu Pai ... e O tendes visto.” Disse a Filipe, que queria ver o Pai: “Tanto tempo estou convosco e não Me conheceste, Filipe? Quem vê a Mim, vê o Pai. ... Não crês que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim? ... Crede-Me que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim” (Jo. 14:7-11).

“Se não faço as obras de Meu Pai, não credes em Mim; se... faço... as obras, credes; para que conheçais e creiais que o Pai está em Mim e Eu no Pai” (Jo. 10:37 38).

“Para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, o és em Mim, e Eu em Ti” (Jo. 17:21).

“Naquele dia conhecereis que Eu estou em Meu Pai” (Jo. 14:20).

“Ninguém arrebatá” as ovelhas “da mão de Meu Pai. Eu e o Pai somos Um” (Jo. 10:29, 30).

“O Pai ama o Filho, e todas as coisas deu em Sua mão” (Jo. 3:35).

“Todas as coisas que o Pai tem são Minhas” (Jo. 16:15).

“Todas as Minhas coisas são Tuas, e as Tuas, Minhas” (Jo. 17:10).

“Deste” ao Filho “poder de toda a carne” (Jo. 17:2).

“Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt. 28:18).

[5] (5.) Que o Divino Humano deva ser invocado, é evidente por estas passagens:

“Para que todos honrem o Filho, assim como honram ao Pai” (Jo. 5:23).

“Se não conheceis a Mim, também não conheceis a Meu Pai” (Jo. 8:19).

“Quem Me vê, vê Aquele que Me enviou” (Jo. 12:45).

“Se conhecêsseis a Mim, também conheceríeis a Meu Pai, e desde agora O conheceis, e O tendes visto” (Jo. 14:7).

“Quem... Me recebe, recebe Aquele que Me enviou” (Jo. 13:20).

A razão disso é que ninguém pode ver o Divino mesmo, que é chamado “Pai”, mas o Divino Humano. Com efeito, o Senhor disse:

“Deus jamais foi visto por alguém. O Filho Unigênito, que está no seio do Pai, O manifestou” (Jo. 1:18).

“Ninguém viu o Pai, a não ser Aquele que está no Pai; Esse viu o Pai” (Jo. 6:46).

“Nunca ouvistes a voz” do Pai, “nem vistes o Seu aspecto” (Jo. 5:37).

[6] (6.) Visto que o Senhor, pelo Divino em Si, fez o Seu Humano Divino, e visto que Esse deve ser invocado, e Esse é o Filho de Deus, por isso é que se deve crer no Senhor, que é o Pai e o Filho. Isto é evidente por estas passagens:

Jesus disse: “A todos quantos ... O receberam, deu-lhes o poder de serem filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome” (Jo. 1:12).

“Para que todo aquele que n’Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo. 3:15).

“De tal maneira... amou Deus o mundo, que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquele que n’Ele crê... tenha a vida eterna” (Jo. 3:16).

“Quem crê” no Filho “não será condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não crê no nome do Unigênito Filho de Deus” (Jo. 3:18).

“Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, porém, não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo. 3:36).

“É o Pão... de Deus, que desceu do céu e dá vida ao mundo. ... Quem vem a Mim não terá fome, e quem crê em Mim nunca mais terá sede” (Jo. 6:33, 35).

“Esta... é a vontade d’Aquele que Me enviou, para que todo aquele

que vê o Filho, e crê n'Ele, tenha a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia” (Jo. 6:40).

“Disseram a” Jesus: “Que faremos para praticar as obras de Deus? Respondeu Jesus:... A obra de Deus é esta: que creiais n'Aquele a Quem enviou” (Jo. 6:28, 29).

“Amém vos digo, quem crê em Mim tem a vida eterna” (Jo. 6:47).

Jesus “clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba; todo aquele que crê em Mim, como disse a Escritura, rios de águas vivas fluirão de seu ventre” (Jo. 7:37, 38).

“Se não... crerdes que Eu sou, morrereis em vossos pecados” (Jo. 8:24)

“Jesus disse: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá. Todo aquele que vive, e crê em Mim, não morrerá na eternidade” (Jo. 11:25, 26).

Jesus disse: “Eu, a Luz, vim ao mundo, para que todo aquele que crê em Mim não permaneça em trevas” (Jo. 12:46; 8:12).

“Enquanto tendes luz, crede na luz, para que filhos da luz sejais” (Jo. 12:36).

“Amém vos digo, que... os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão” (Jo. 5:25).

“Permanecei em Mim, também Eu em vós; Eu sou a videira, vós os ramos; quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (Jo. 15:1-5).

Que eles deviam permanecer no Senhor, e o Senhor neles (Jo. 14:20; 17:23).

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por Mim” (Jo. 14:6).

[7] Nessas passagens e em todas as outras onde o Pai é nomeado entende-se o Divino que estava no Senhor pela concepção, o qual, segundo a doutrina da fé do mundo cristão, era como a alma no corpo com o homem. O Humano mesmo proveniente desse Divino é o Filho de Deus. Ora, como Esse também foi feito Divino, para que nenhum homem invoque só ao Pai, e por aí, no pensamento, na fé e, assim, no culto, separe o Pai do Senhor, no Qual está, por isso, depois que o Senhor ensinou que o Pai e Ele são Um, e que o Pai está n'Ele e Ele no Pai, e que deviam permanecer n'Ele, e que ninguém vem ao Pai a não ser por Ele, também ensinou que se deve crer n'Ele e que o homem é salvo pela fé dirigida a Ele.

[8] Muitos no cristianismo não podem perceber idéia alguma de que o Humano no Senhor foi feito Divino. A razão principal disso é que o homem pensa pelo material de seu corpo e não pelo espiritual, quando, todavia, todos os anjos, que são espirituais, também estão na plena forma de homens. E todo Divino, que procede de JEHOVAH Deus, desde os seus primeiros nos céu até o seu último no mundo, tende para a forma humana. Que os anjos estejam na forma humana, e que todo Divino tenda para a forma humana, veja-se na obra *O Céu e o Inferno* (n. 73-77, e 453-460). Isso será visto mais plenamente nas obras seguintes, que tratarão da sabedoria angélica sobre o Senhor.

33. (iv). Que o Senhor tenha feito Divino o Seu Humano por meio de tentações em Si admitidas e, então, por contínuas vitórias, foi tratado acima (n. 12-14), ao que deve ser acrescentado somente o seguinte: as tentações não são outra coisa senão combates contra os males e os falsos, e como os males e os falsos vêm do inferno, assim, são também combates contra o inferno. Também no homem que sofre tentações espirituais há espíritos maus do inferno, que as induzem. O homem ignora que os maus espíritos induzem tentações, mas que isto seja assim, foi dado saber por muitas experiências.

[2] Por isso é que o homem, quando, pelo Senhor, vence nas tentações, é tirado do inferno e elevado ao céu. Daí vem que o homem, pelas tentações ou combates contra os males, torna-se espiritual e, assim, um anjo. Mas o Senhor combateu por Seu próprio poder contra todos os infernos e, assim, inteiramente os domou e subjugou, e os mantém domados e subjugados pela eternidade, uma vez que, ao mesmo tempo, por esse meio Ele glorificou o Seu Humano.

[3] Com efeito, antes do advento do Senhor os infernos tinham crescido a uma altitude tal que começaram a infestar os próprios anjos do céu e, do mesmo modo, todo homem que vinha ao mundo e saía do mundo. A razão de os infernos terem crescido até essa altitude era porque a igreja estava inteiramente devastada e os homens do mundo estavam em meros males e falsidades pelas idolatrias, e os infernos são provenientes de homens. Assim era que, se o Senhor não viesse ao mundo, nenhum homem poderia ser salvo.

[4] Muito se trata nos *Salmos* de David e nos Profetas desses combates do Senhor, mas pouco nos Evangelhos. São esses combates que se entendem pelas tentações que o Senhor suportou, das quais a última foi a paixão na cruz. É por eles que o Senhor é chamado “Salvador” e “Redentor”. Isto é tão bem conhecido na igreja, que dizem que o

Senhor venceu a morte ou o diabo, isto é, o inferno, e que ressurgiu com vitória; e também que, sem o Senhor, não há salvação. Que Ele também tenha glorificado o Seu Humano e que, por isso, fez-Se Salvador, Redentor, Reformador e Regenerador pela eternidade, será visto na seqüência.

[5] Que o Senhor Se tenha feito Salvador por meio de lutas ou tentações, vê-se pelas passagens abundantemente referidas acima (n. 12-14) e por esta, em *Isaiás*:

“O dia da vingança [está] em Meu coração, e o ano dos Meus redentores chegou. ... Pisei[-os] na Minha ira... fiz descer à terra a vitória deles... assim tornou-Se Salvador para eles” (Is. 63:4, 6, 8).

Trata-se nessa passagem dos combates do Senhor. E em David:

“Levantai, ó portas, as vossas cabeças... erguei-vos, ó entradas do mundo, para que entre o Rei da glória. Quem é esse Rei da glória? JEHOVAH, poderoso e herói, JEHOVAH herói de guerra” (Sl. 24:7, 8);

essas palavras também são respeito ao Senhor.

34. (v). Que a união plena do Divino e o Humano n’Ele tenha sido feita pela paixão na cruz, que foi a última tentação, isto se confirma no capítulo próprio, acima, em que foi mostrado que o Senhor veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar Seu Humano, e que a paixão da cruz foi o último combate, pelo qual venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou Seu Humano. Ora, como o Senhor, pela paixão da cruz, glorificou plenamente Seu Humano, isto é, uniu-O ao Seu Divino e, assim, fez Seu Humano também Divino, segue-se que Ele mesmo é JEHOVAH e Deus quanto a um e outro. Por isso, na Palavra, em muitas passagens Ele é chamado “JEHOVAH”, “Deus” e “Santo de Israel”, “Redentor”, “Salvador” e “Formador”.

[2] Como nas seguintes passagens:

“Maria disse: Minha alma engrandece ao Senhor, e meu espírito exulta em Deus, Meu Salvador” (Lc. 1:46, 47).

“O anjo disse” aos pastores... “Eis, dou-vos boas novas de grande alegria, que será para todo o povo; porque nasceu... hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor, na cidade de David” (Lc. 2:10, 11).

“Disseram... Este é verdadeiramente o Salvador do mundo, o Cristo” (Jo. 4:42).

“Eu” JEHOVAH Deus “ajudo-te... e Redentor... Santo de Israel” (Is. 41:14).

“Disse” JEHOVAH, “teu Criador, ó Jacob, e teu Formador, ó Israel;... pois te redimi. ... Eu, JEHOVAH teu Deus, Santo de Israel, Salvador” (Is. 43:1, 3).

“Disse JEHOVAH vosso Redentor, o Santo de Israel: ... Eu, JEHOVAH vosso Santo, Criador de Israel, vosso Rei” (Is. 43:14, 15).

“Assim disse JEHOVAH, o Santo de Israel, e seu Formador (...Salvador)” (Is. 45:11).

“Assim disse JEHOVAH, teu Redentor, o Santo de Israel” (Is. 48:17).

“Para que saiba toda carne que Eu [sou] JEHOVAH teu Salvador, e teu Redentor, o Forte de Jacob” (Is. 49:26).

“Então virá a Sião o Redentor” (Is. 59:20).

“Para que saibas que Eu [sou] JEHOVAH teu Salvador, e teu Redentor, o Poderoso de Jacob” (Is. 60:16).

“JEHOVAH, teu Formador desde o útero” (Is. 49:5).

“JEHOVAH, Rocha minha e Redentor meu” (Sl. 19:14).

“Lembraram-se de que Deus é a sua Rocha, e o Deus excelso o seu Redentor” (Sl. 78:35).

“Disse JEHOVAH, teu Redentor, e teu Formador desde o útero” (Is. 44:24).

“Quanto ao nosso Redentor, JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, o Santo de Israel” (Is. 47:4).

“Com misericórdia de eternidade Me compadecerei de ti, assim disse o teu Redentor, JEHOVAH” (Is. 54:8).

“Seu Redentor é forte, JEHOVAH (Zebaoth) é o Seu nome” (Jr. 50:34).

“Espera, ó Israel, em JEHOVAH, porque com JEHOVAH está a misericórdia... com Ele há muita redenção;... Ele remirá Israel de todas as suas iniquidades” (Sl. 130:7, 8).

“JEHOVAH” Deus, “minha Rocha... e minha fortaleza... chifre da minha salvação.... meu Salvador” (2 Sam. 22:2, 3).

“Assim disse JEHOVAH, Redentor de Israel, o seu Santo:... Os reis verão e subsistirão... por causa de JEHOVAH, que é fiel, o Santo de Israel, que te escolheu” (Is. 49:7).

“Somente Deus está em ti, e mais nenhum outro Deus; realmente Tu [és] Deus no oculto, Deus de Israel, Salvador” (Is. 45:14, 15).

“Disse JEHOVAH, Rei de Israel e seu Redentor, JEHOVAH Zebaoth: ... Além de Mim não há Deus” (Is. 44:6).

“Eu [sou] JEHOVAH, e além de Mim não há Salvador” (Is. 43:11).

“Não [sou] Eu JEHOVAH? E nenhum mais há além de Mim, e Salvador não há além de Mim” (Is. 45:21).

“Eu, JEHOVAH teu Deus, e além de Mim nenhum deus reconhecereis, e Salvador não há além de Mim” (Os. 13:4).

“Não [sou] Eu JEHOVAH, e não há outro além de Mim? Deus justo e Salvador não há além de Mim. Olhai para Mim, para que sejais salvos, todos os fins da terra; porque Eu [sou] Deus, e nenhum além” (Is. 45:21, 22).

“JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, e será chamado teu Redentor, o Santo de Israel, Deus de toda a terra” (Is. 54:5).

[3] Por aí pode ser visto que o Divino do Senhor, que é chamado “Pai” e, aqui, JEHOVAH e Deus, e o Divino Humano, que é chamado “Filho” e, aqui, Redentor e Salvador, depois Formador, isto é, Reformador e Regenerador, não são dois, mas um. Pois não somente se diz “JEHOVAH Deus e Santo de Israel, Redentor e Salvador”, mas também se diz “JEHOVAH Redentor e Salvador”. E, ainda mais, diz-se “JEHOVAH Salvador e não há outro além de Mim”, do que se pode ver claramente que o Divino e o Humano no Senhor são uma Pessoa, e que o Humano também é Divino, pois o Redentor e Salvador do mundo não é outro senão o Senhor quanto ao Divino Humano, que é chamado “Filho”. Com efeito, redenção e salvação são atributos próprios do Seu Humano, que se chama mérito e justiça, porquanto o Seu Humano suportou e a paixão da cruz. Assim, pelo Seu Humano redimiu e salvou.

[4] Ora, visto que após a união do Humano com o Divino em Si, a qual foi como a da alma e do corpo no homem, não eram mais dois, mas uma só Pessoa, segundo a doutrina do mundo cristão, por isso o Senhor, quanto a um e outro, é JEHOVAH e Deus. Por essa razão, ora se diz JEHOVAH e Santo de Israel, Redentor e Salvador, ora JEHOVAH Redentor e Salvador, como se pode ver pelas passagens que foram citadas. Ali se diz:

“Cristo, o Salvador” (Lc. 2:10, 11; Jo. 4:42)

“Deus, e Deus de Israel, Salvador e Redentor” (Lc. 1:47; Is. 45:15; 54:5; Sl. 78:35).

“JEHOVAH, o Santo de Israel, Salvador e Redentor” (Is. 41:14; 43:3, 11, 14, 15; 48:17; 49:7; 54:5).

“JEHOVAH Salvador, Redentor e Formador” (Is. 44:6; 47:4; 49:26; 54:8; 63:16; Jr. 50:34; Sl. 19:14; 130:7, 8; 2 Sam. 22:2, 3).

“JEHOVAH Deus, Redentor e Salvador, e além de Mim não há outro”
(Is. 43:11; 44:6; 45:14,15, 21,22; Os. 13:4).

35. (vi). O Senhor Se despojou sucessivamente do Humano gerado da mãe e Se revestiu do Humano proveniente do Divino, que é o Divino Humano e Filho de Deus. Sabe-se que o Senhor foi Divino e Humano; Divino por JEHOVAH, o Pai, e Humano pela virgem Maria. Daí ter sido Deus e Homem e, assim, a Essência Divina mesma e a natureza humana; a Essência Divina do Pai e a natureza humana da mãe; daí, igual ao Pai quanto ao Divino, e menor que o Pai quanto ao Humano. E essa natureza humana, da mãe, não mudou em Essência Divina, nem poderia se misturar com ela, como ensina a doutrina da fé chamada atanasiana, que a natureza humana não pode ser mudada em Essência Divina, nem pode com ela se misturar.

[2] E todavia, nossa doutrina vem do mesmo fato, que o Divino gerou o Humano, isto, uniu-Se a ele, assim como a alma ao seu corpo, ao ponto de não serem duas, mas uma só Pessoa. Daí se segue que Se despojou do humano proveniente da mãe, que em si mesmo era semelhante ao humano de outro homem e, assim, material, e Se revestiu do Humano proveniente do Pai, que em si era semelhante ao Seu Divino e, assim, substancial. Por isso o Humano também foi feito Divino. Daí vem que o Senhor, também quanto ao Humano, é chamado “JEHOVAH” e “Deus” na Palavra dos profetas, mas, na Palavra dos evangelistas, “Senhor”, “Deus”, “Messias” ou “Cristo”, e “Filho de Deus”, em Quem se deve crer e por Quem se é salvo.

[3] Ora, como de início o Senhor foi humano pela mãe, e desse sucessivamente Se despojou, daí, quando estava no mundo, havia n’Ele dois estados, os quais se chamam estado de humilhação ou exinanição e estado de glorificação ou união com o Divino que é chamado “Pai”. O estado de humilhação, na medida e no momento em que estava no humano proveniente da mãe, e o estado de glorificação na medida e no momento em que estava no Humano proveniente do Pai. No estado de humilhação orava ao Pai como a um outro separado de Si, mas no estado de glorificação falava com o Pai como consigo. Nesse estado disse que o Pai estava n’Ele e Ele no Pai, e que o Pai e Ele eram um. Mas no estado de humilhação sofreu tentações e suportou a cruz, e orou ao Pai para que O não abandonasse. Pois o Divino não pode ser tentado e ainda menos sofrer a cruz. Por aí agora se pode ver que pelas tentações e, daí, por contínuas vitórias e pela paixão da cruz, que foi a última das tentações, venceu plenamente os infernos e plenamente glorificou o Humano, como foi mostrado antes.

[4] Que o Senhor Se tenha despojado do humano proveniente da mãe, e Se revestiu do Humano proveniente do Divino n'Ele, que é "Pai", é evidente também pelo fato de que o Senhor, todas as vezes que por Sua boca falou com a mãe, não a chamou "mãe", mas "mulher". Nos Evangelhos se lêem somente três vezes que por Sua boca falou à mãe e a respeito dela, e duas vezes a chamou mulher e, uma vez, que não a reconhecia como mãe. As duas vezes em que a chamou "mulher" lêem-se em *João*:

"Disse a mãe de Jesus a Ele: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: O que há para Mim e para ti, mulher? Ainda não veio a Minha hora" (Jo. 2:3, 4).

E, no mesmo:

"Jesus... da cruz viu a mãe e, ao lado, o discípulo a quem amava; disse à Sua mãe: Mulher, eis o teu filho; e depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe" (Jo. 19:26, 27).

Uma vez, que não a reconhecia. Em *Lucas*:

"Anunciaram" a Jesus "dizendo: Tua mãe e Teus irmãos estão lá fora, e querem Te ver." Jesus, "respondendo, disse-lhes: Minha mãe e Meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a cumprem" (Lc. 8:20, 21; Mt. 12: 46-49; Mc. 3:31-35).

Em outras passagens Maria é chamada Sua mãe, mas não por Sua boca.

[5] Isso também se confirma pelo seguinte, que Ele não Se reconheceu ser Filho de David. Com efeito, lê-se nos Evangelhos:

"Jesus interrogou" aos fariseus "dizendo: Que pensais vós sobre o Cristo? De quem é Filho? Disseram-Lhe: De David. Disse-lhes: Como? Pois David em espírito O chama seu Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-Te à Minha direita, até que ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés. Se pois David O chama Senhor, como era seu Filho? E ninguém podia Lhe responder palavra alguma" (Mt. 12:41-46; Mc. 12:35-37; Lc. 20:41-44; Sl. 110:1);

por aí é evidente que o Senhor, quanto ao Humano glorificado, não foi filho de Maria nem de David.

[6] A qualidade de Seu Humano glorificado foi mostrada a Pedro, Tiago e João, quando Se transfigurou diante deles:

Sua face resplandeceu como o Sol, e Suas vestes eram como a luz; "e então uma voz, das nuvens, disse: Este é Meu Filho amado, em Quem Me comprazo; a Ele ouvi" (Mt. 17:1-8; Mc. 9:2-8; Lc. 9:28-

36).

O Senhor foi visto também por João,

“Como o Sol brilhando em sua força” (Ap. 1:16).

[7] Que o Humano do Senhor tenha sido glorificado, vê-se pelas coisas que são ditas nos Evangelhos a respeito da Sua glorificação, como estas, em *João*:

“Chega a hora para que seja glorificado o Filho do homem”. Disse: “Pai, glorifica o Teu nome; saiu... uma voz do céu: E glorifiquei, e de novo glorificarei” (Jo. 12: 23, 28).

Como o Senhor foi glorificado sucessivamente, daí ser dito: “E glorifiquei, e de novo glorificarei”. No mesmo:

“Depois que” Judas “saiu, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado n’Ele; ...também Deus O glorificará em Si mesmo, e sem demora O glorificará” (Jo. 13:31, 32).

No mesmo:

Jesus “disse: Pai, é chegada a hora; glorifica o Teu Filho, para que o Filho também glorifique a Ti” (Jo. 17:1, 5).

E em *Lucas*:

“Não convinha ao Cristo sofrer isto, e entrar na Sua glória?” (Lc. 24:26).

Estas coisas foram ditas a respeito de Seu Humano.

[8] O Senhor disse: “Deus é glorificado n’Ele”, e também “Deus O glorificará em Si Mesmo”; e, depois: “Glorifica Teu Filho, para que Teu Filho também glorifique a Ti”. O Senhor disse essas coisas porque a união foi recíproca, o Divino com o Humano e o Humano com o Divino. Por isso dissera também:

“Eu estou no Pai, e o Pai em Mim” (Jo. 14: 10, 11),

e ainda:

“Todas as coisas Minhas são Tuas, e todas as Tuas, Minhas” (Jo. 17:10),

pois que havia uma união plenária. Acontece de modo semelhante com toda união, que, se não for recíproca, não é plena. Tal deve ser também com o Senhor e o homem, e o homem com o Senhor, como o ensina em *João*:

“Naquele dia conhecereis, que ... vós [estais] em Mim, e Eu em vós”

(Jo. 14:20);

e em outra passagem:

“Permaneeci em Mim, também Eu em vós... Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto” (Jo. 15:4, 5).

[9] Visto que o Humano do Senhor foi glorificado, isto é, foi feito Divino, por isso ressurgiu com todo o Corpo no terceiro dia após a morte. Isso não se dá com homem algum, pois o homem ressurge somente quanto ao espírito, mas não quanto ao corpo. Para que o homem soubesse e ninguém duvidasse que o Senhor ressurgiu com todo o Corpo, isto não só foi dito pelos anjos que estavam no sepulcro, mas também Ele Se mostrou no Humano em Seu Corpo diante dos discípulos, dizendo-lhes, quando acreditavam ver um espírito:

“Vede Minhas mãos e Meus pés, que sou Eu mesmo. Tocai-Me e vede, pois um espírito não tem carne e ossos, como Me vedes ter. E, ao dizer isso, mostrou-lhes as mãos e os pés” (Lc. 24:39, 40; Jo. 20:20).

E, além disso:

“Jesus disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as Minhas mãos; e põe a tua mão, e mete-a no Meu lado, e não sejas incrédulo, mas crente. Então disse Tomé: Senhor meu e Deus meu” (Jo. 20:27, 28).

[10] Para ainda confirmar que não era um espírito, mas Homem, disse aos discípulos:

“Tendes aqui algo de comer? Eles ... Lhe deram uma parte de um peixe assado e de um favo de colméia, os quais, tomando, diante deles comeu” (Lc. 24:41-43).

Quanto ao Seu Corpo, agora não era material, mas Divino substancial; por isso

“Veio aos discípulos estando as portas fechadas” (Jo. 20:19, 26).

E, depois que foi visto,

“Tornou-Se invisível” (Lc. 24:31).

Assim o Senhor foi elevado e assentou-Se à direita de Deus, pois se diz em *Lucas*:

“Aconteceu que, quando abençoou” Jesus os discípulos, “separou-Se deles, e foi elevado ao céu” (Lc. 24:51);

e em *Marcos*:

“Depois que lhes falou, foi elevado ao céu, e sentou-Se à direita de

Deus” (Mc. 16:19).

“Sentar à direita de Deus” significa a Divina Onipotência.

[11] Visto que o Senhor, com o Divino e o Humano unidos em Um, subiu ao céu e assentou-Se à direita de Deus, pelo que é significada a Divina Onipotência, segue-se que Sua substância ou Essência Humana é como Seu Divino. Se o homem pensar de modo diferente, será como pensar que o Seu Divino foi elevado ao céu e sentou-Se à direita de Deus, e não, ao mesmo tempo, o Humano. Isto é contra a Escritura e também contra a doutrina cristã, que consiste em que Deus e Homem são um em Cristo, como a alma e o corpo, e separá-los é contra a razão sã. Essa união do Pai com o Filho, ou do Divino com o Humano é entendida também no que se segue:

“Saí do Pai, e vim ao mundo; de novo deixo o mundo, e vou para o Pai” (Jo. 16:28).

“Parto, e vou para Aquele que Me enviou” (Jo. 7:33; 16:5,16; 17:11, 13; 20:17).

“Se, pois, vísseis subir o Filho do homem para onde estava antes?” (Jo. 6:62).

“Ninguém sobe ao céu, a não ser Aquele que do céu desceu” (Jo. 3:13).

Todo homem que é salvo sobe ao céu; não, porém, por si, mas pelo Senhor. Somente o Senhor sobe por Si.

36. (vii). Que, assim, Deus Se tenha feito Homem, como nos primeiros, também nos últimos. Que Deus seja Homem, e que, por Deus, todo anjo e todo espírito é homem, foi mostrada alguma coisa a esse respeito na obra *O Céu e o Inferno* e, mais tarde, será mostrado no opúsculo sobre a *Sabedoria Angélica*. Mas Deus foi desde o início Homem nos primeiros, porém não nos últimos. Mas depois que gerou o Humano no mundo, também Se fez Homem nos últimos. Isto se segue das coisas confirmadas acima, que o Senhor uniu Seu Humano ao Seu Divino, e, assim, fez o Seu Humano também Divino. Daí vem que o Senhor é chamado “o Princípio e o Fim”, “o Primeiro e o Último”, e “o Alfa e o Ômega”. Isto, no *Apocalipse*:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, Aquele que é, e que foi, e que virá, o Onipotente” (Ap. 1:8, 11).

João, quando viu o Filho do homem no meio dos sete candelabros,

“Caiu aos Seus pés como morto; mas [Ele] impôs Sua direita sobre ele, dizendo: ... Eu sou o Primeiro e o Último” (Ap. 1:13, 17; 2:8;

21:6).

“Eis que cedo venho... e darei a cada um segundo a sua obra... Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Último” (Ap. 22:12, 13).

E em *Isaiás*:

“Assim disse JEHOVAH, Rei de Israel, e seu Redentor, JEHOVAH Zebaoth: Eu sou o Primeiro e o Último” (Is. 44:6; 48:12).

VIII. O Senhor é o Próprio Deus, de Quem vem a Palavra e de Quem ela trata

37. No primeiro capítulo começou-se a demonstrar que toda a Escritura Santa trata do Senhor e que o Senhor é a Palavra. Isto será adicionalmente demonstrado aqui pelas passagens da Palavra em que o Senhor é chamado “JEHOVAH”, “Deus de Israel e de Jacob”, “Santo de Israel”, “Senhor e Deus”, como também “Rei”, “Ungido de JEHOVAH” e “David”. De antemão, convém lembrar que me foi concedido percorrer todos os Profetas e os Salmos de David e em cada um dos versículos ser iluminado e ver do que ali se trata; e vi que não se trata de outra coisa senão da igreja que é instaurada e vai ser instaurada pelo Senhor, do advento do Senhor, dos combates, da glorificação, da redenção e da salvação, e do céu proveniente d’Ele, e, ao mesmo tempo, de seus opostos. Como todas essas coisas são obras do Senhor, tornou-se-me evidente que toda a Escritura Santa trata do Senhor e, daí, que o Senhor é a Palavra.

[2] Mas isto não pode ser visto senão por aqueles que estão na iluminação pelo Senhor e também conhecem o sentido espiritual da Palavra. Todos os anjos do céu estão nesse sentido; por isso, quando a Palavra é lida pelo homem, eles não compreendem outra coisa. Com efeito, há espíritos e homens constantemente com o homem, e eles, por serem espirituais, entendem espiritualmente todas as coisas que o homem entende naturalmente. Que toda Escritura Santa trate do Senhor, isso pode ser visto somente em obscuridade e como através de uma cortina, pelas coisas da Palavra que foram citadas acima, no capítulo primeiro (do número 1 ao 6) e, agora, pelas coisas vão ser citadas sobre o Senhor, onde Ele é chamado tantas vezes “Senhor” e “Deus”. Por essas citações pode-se elucidar que Ele é Aquele que é falado pelos Profetas em toda parte onde se diz: “JEHOVAH falou”,

“JEHOVAH disse” e “Dito de JEHOVAH”.

[3] Que o Senhor tenha existido antes de Seu advento ao mundo, é evidente por isto:

João disse a respeito do Senhor: “Ele é o Que virá depois de mim, Que era antes de mim, de Quem não sou digno de desatar a correia de Sua sandália. ... Este é de Quem eu disse, Que vem depois de mim, Que era antes de mim, e Que era anterior a mim” (Jo. 1:27, 30).

No *Apocalipse*:

Caíram diante do trono, sobre o qual o Senhor estava, “dizendo: Graças Te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que virás” (Ap. 11:16, 17).

Também em *Miquéias*:

“Tu, Belém Efrata, pouco és para que estejas entre as milhares de Judá; de ti Me sairá Aquele que será Dominador em Israel, e cujas saídas desde o antigo, dos dias de eternidade” (Mq. 5:2).

Além das palavras do Senhor nos Evangelhos, dizendo que tinha existido antes de Abraão, tinha tido glória com o Pai antes da fundação do mundo, saíra do Pai, e no princípio fora a Palavra em Deus, e Deus era a Palavra e esta se fez Carne. Que o Senhor seja chamado “JEHOVAH”, “Deus de Israel e de Jacob”, “Santo de Israel”, “Deus” e “Senhor”, como também “Rei”, “Ungido de JEHOVAH” e “David”, pode-se ver pela seqüência.

38. (i). Que o Senhor seja chamado “JEHOVAH”, é evidente por isto:

“Disse” JEHOVAH “Criador teu, ó Jacob, e Formador teu, ó Israel; ... pois te redimi. ... Eu, JEHOVAH teu Deus, o Santo de Israel, Salvador teu” (Is. 43:1, 3).

“Eu, JEHOVAH, [vosso] Santo, Criador de Israel, [vosso] Rei” (Is. 43:15).

[Assim disse JEHOVAH,] “Santo de Israel, e seu Formador” (Is. 45:11, 15).

“Para que saiba toda carne que Eu [sou] JEHOVAH, teu Salvador e teu Redentor, o Forte de Jacob” (Is. 49:26).

“Para que saibas que Eu [sou] JEHOVAH, teu Salvador, e teu Redentor, o Poderoso de Jacob” (Is. 60:16).

“JEHOVAH, Formador teu desde o útero” (Is. 49:5).

“JEHOVAH, minha Rocha e meu Redentor” (Sl. 19:14).

“Disse JEHOVAH, teu Feitor e Formador... desde o útero... Assim disse JEHOVAH, Rei de Israel e seu Redentor, JEHOVAH Zebaoth” (Is. 44:2, 6).

“Que ao nosso Redentor, JEHOVAH Zebaoth o Seu nome, o Santo de Israel...” (Is. 47:4).

“Com misericórdia de eternidade terei misericórdia de ti..., assim disse teu Redentor, JEHOVAH” (Is. 54:8).

“O Redentor forte deles, JEHOVAH (Zebaoth) é Seu nome” (Jr. 1:34).

“JEHOVAH” Deus, “minha Rocha, minha trincheira,... chifre de minha salvação, meu Salvador” (II Sm. 22:2, 3).

“Disse JEHOVAH, Redentor vosso, o Santo de Israel” (Is. 43:14; 48:17).

“Assim disse JEHOVAH, Redentor de Israel, Seu Santo... os reis verão” (Is. 49:7).

“Eu [sou] JEHOVAH, e além de Mim não há Salvador” (Is. 43:11).

“Não [sou] Eu JEHOVAH, e nenhum há mais... além de Mim? ... e não há Salvador além de Mim. Volvei a Mim, para que sejais salvos, todos os fins da terra” (Is. 45:21, 22).

“Eu sou JEHOVAH teu Deus... e Salvador não há além de Mim” (Os. 13:4).

“Redimiste-me, JEHOVAH (Deus) da verdade” (Sl. 31:5).

“Espera, ó Israel, em JEHOVAH, porque em JEHOVAH está a misericórdia... e n’Ele há abundante redenção... Ele remirá Israel de toda a sua iniquidade” (Salmo 130:7, 8).

“JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, e teu Redentor, o Santo de Israel; Deus de toda a terra será chamado” (Is. 54:5).

Nestas passagens, JEHOVAH é chamado “Redentor” e “Salvador”; e como somente o Senhor é Redentor e Salvador, é Ele mesmo que se entende por JEHOVAH. Que o Senhor seja JEHOVAH, isto é, que JEHOVAH é o Senhor, é evidente também por isto:

“[Sairá] uma vara do tronco de Jessé, e um rebento de sua raiz dará fruto;... repousará sobre Ele o espírito de JEHOVAH” (Is. 11:1, 2).

“Dir-se-á naquele dia: ...Este é o nosso Deus, a Quem esperávamos, para que nos liberte;... JEHOVAH, a Quem esperávamos; exaltemo-nos e nos alegremos em Sua salvação” (Is. 25:9)

“Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho de JEHOVAH, aplanai no ermo uma vereda a nosso Deus. ... Pois será revelada a

glória de JEHOVAH, e toda carne verá¹² juntamente. ... Eis, o Senhor Jehovih vem em força, e o Seu braço dominará por Ele” (Is. 40:3, 5, 10)

“Eu, JEHOVAH, ... Te darei por aliança ao povo, para luz das nações. ... Eu, JEHOVAH, este é o Meu nome, e a Minha glória a outro não darei” (Is. 42:6, 8).

“Eis, dias... em que suscitarei a David um renovo justo que reinará como Rei, e prosperará, e fará juízo e justiça na terra; ... e este é o nome pelo qual O chamarão: JEHOVAH, Justiça nossa” (Jr. 23:5-6; 33:15-16).

“Tu... Belém Efrata,... de ti Me sairá o que será Dominador em Israel; ... Ele permanecerá e apascentará na força de JEHOVAH (Mq. 5:2, 4).

“Um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu, sobre cujo ombro está o principado, e chamar-se-á Seu nome: ... Deus, Herói, Pai da eternidade.... sobre o trono de David... para o estabelecer e o fundar em juízo e... justiça, desde agora e para sempre” (Is. 9:6-7)

“JEHOVAH sairá, e combaterá contra as nações; ... e estarão os Seus pés... sobre o Monte das Oliveiras, diante das faces de Jerusalém” (Zc. 14:3-4).

“Levantai, ó portas, as vossas cabeças, e erguei-vos, ó entradas do mundo, para que entre o Rei da glória. Quem é esse Rei da glória? JEHOVAH, poderoso e herói, JEHOVAH herói de guerra” (Sl. 24:7-10).

“Naquele dia JEHOVAH Zebaoth será por coroa de ornamento, e por diadema de adorno para os restantes de Seu povo” (Is. 28:5).

“Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande dia de JEHOVAH” (Mal. 4:5).

Além de outras passagens, onde se diz “está próximo o grande dia de JEHOVAH”, como em *Ezequiel 30:3; Joel 2:11; Amós 5:18, 20; Sofonias 1:14-15, 18*.

39. (ii) Que o Senhor seja chamado “Deus de Israel” e “Deus de Jacob”, é evidente por isto:

“Tomou Moisés o sangue e [o] espargiu sobre o povo, e disse: Eis o sangue da aliança que JEHOVAH fez convosco... E viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia como que uma obra de pedra de safira, e como que uma substância do céu” (Êx. 24:8, 10).

“A multidão ficou admirada quando viu os mudos falando... os coxos andando, os cegos vendo, e glorificavam o Deus de Israel”

¹² No original, o verbo está no plural, “verão”.

(Mt. 15:31).

“Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e deu libertação ao Seu povo” Israel, “quando ergueu o chifre da nossa salvação na casa de David” (Lc. 1:68, 69).

“Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas ocultas dos lugares escondidos, para que conheças que Eu, JEHOVAH, que chamei... pelo teu nome, o Deus de Israel” (Is. 45:3)

“A casa de Jacob, ... os que juram em nome de JEHOVAH” e do Deus de Israel: “porque da cidade da santidade são chamados, e sobre o Deus de Israel se firmam, JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome” (Is. 48:1,2).

Jacob verá “seus filhos..., no seu meio santificarão o Meu nome, e santificarão o Santo de Jacob, e ao Deus de Israel temerão” (Is. 29:23).

“No fim dos dias... irão muitos povos e dirão: Vinde e subamos ao monte de JEHOVAH, à casa do Deus de Jacob, Que nos ensinará sobre os Seus caminhos, e andaremos nas Suas veredas” (Is. 2:2, 3; Miq. 4:1, 2).

“Para que saiba toda carne que Eu [sou] JEHOVAH, teu Salvador, e Redentor teu, o forte de Jacob...” (Is. 49:26).

“Eu [sou] JEHOVAH, teu Salvador, e Redentor teu, o Poderoso de Jacob” (Is. 60:16).

“Diante de Deus sofres¹³, ó terra, diante do Deus de Jacob” (Sl. 114:7).

David “jurou a JEHOVAH, votou ao Forte de Jacob: Se eu entrar nas tendas de minha casa... antes que venha ao lugar de JEHOVAH, ao habitáculo do Forte de Jacob... ouvimos sobre Ele em Efrata (Belém)” (Sl. 132:2, 3, 5, 6).

“Bendito... o Deus de Israel... toda a terra se encherá de Sua glória” (Sl. 72:18, 19).

Além de outras passagens, onde o Senhor é chamado “Deus de Israel”, “Redentor” e “Salvador”, como em *Lucas 1:47; Is. 45:15; 54:5; Sl. 78:35*. E muitas outras passagens, onde é chamado somente “Deus de Israel”, como em *Is. 17:6; 21:10, 17; 24:15; 29:23; Jr. 7:3; 9:15; 11:3; 13:12; 16:9; 19:3, 15; 23:2; 24:5; 25:15, 27; 29:4, 8, 21, 25; 30:2; 31:23; 32:14, 15, 36; 33:4; 34:2, 13; 35:13, 17, 18, 19; 27:7; 38:17; 39:16; 42:9, 15, 18; 43:10; 44:2, 7, 11, 25; 48:1; 50:18; 51:33; Ez. 8:4; 9:3; 10:19, 20; 11:22; 43:2; 44:2; Sf. 2:9; Sl. 41:13;*

¹³ Literalmente, sofrer dores de parto

59:5; 68:8.

40. (iii) Que o Senhor seja chamado “Santo de Israel”, é evidente por isto:

“O anjo disse” a Maria: “O Santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus” (Lc. 1:35).

“Estava vendo em visões... eis um Vigia e Santo descendo do céu” (Dn. 4:13, 23).

“Deus virá de Theman, e o Santo do monte Paran” (Hab. 3:3).

“Eu, JEHOVAH [VOSSO] Santo, Criador de Israel, vosso Rei” (Is. 49:7).

“(Assim disse JEHOVAH), o Santo de Israel e seu Formador” (Is. 45:11).

“Assim disse JEHOVAH, Redentor de Israel e seu Santo” (Is. 43:14; 48:17).

“Eu [sou] JEHOVAH teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador” (Is. 43:1, 3).

“Quanto ao nosso Redentor, JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, o Santo de Israel” (Is. 47:4).

“Disse JEHOVAH, VOSSO Redentor, o Santo de Israel” (Is. 43:14; 48:17).

“JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, e teu Redentor, o Santo de Israel” (Is. 54:5).

“Tentaram a Deus, e ao Santo de Israel” (Sl. 78:41).

“Deixaram JEHOVAH, e provocaram o Santo de Israel” (Is. 1:4).

Disseram: “Fazei cessar de diante de nossas faces o Santo de Israel. Por causa disso, assim disse o Santo de Israel...” (Is. 30:11, 12).

“Os que dizem...: Apresse a Sua obra, para que a vejamos, e aproxime-se e venha o conselho do Santo de Israel” (Is. 5:19).

“Naquele dia... firmar-se-ão em JEHOVAH, o Santo de Israel, em verdade” (Is. 10:20).

“Clama e jubila, ó filha de Sião, porque grande é o Santo de Israel em teu meio” (Is. 12:6).

“Dito... do Deus de Israel: Naquele dia o homem atentará para seu Feitor, e seus olhos olharão para o Santo de Israel” (Is. 17:6, 7).

“Os mansos acrescentarão gozo em JEHOVAH, e os necessitados dos homens exultarão no Santo de Israel” (Is. 29:19; 41:16).

As nações “correm para ti por causa de JEHOVAH teu Deus, e por causa do Santo de Israel” (Is. 55:5).

“As ilhas confiarão em Mim... para trazer seus filhos do longínquo,... para o nome de JEHOVAH Zebaoth, e para o Santo de Israel” (Is. 60:9).

“A terra está cheia de culpa, contra o Santo de Israel” (Jr. 51:5).

“Contra JEHOVAH se houve arrogantemente, contra o Santo de Israel” (Jr. 50:29).

E muitas outras passagens. Pelo “Santo de Israel” se entende o Senhor quanto ao Divino Humano, pois que o anjo Gabriel disse a Maria:

“O Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lc. 1:35).

Que “JEHOVAH” e o “Santo de Israel” sejam um, ainda que sejam distintamente nomeados, pode-se ver pelas passagens aqui citadas, nas quais se diz que JEHOVAH é Esse Santo de Israel.

41. (iv). Que o Senhor seja chamado “Senhor” e “Deus”, vê-se por tantas passagens que, se fossem citadas, encheriam páginas. Estas poucas bastam. Em *João*:

Quando Tomé, por ordem do Senhor, viu Suas mãos e tocou em Seu lado, disse: “Senhor meu e Deus meu” (Jo. 20:27, 28).

Em David:

“Lembraram-se de que Deus era a sua Rocha, e o Deus excelso o seu Redentor” (Sl. 78:35).

E em *Isaias*:

“JEHOVAH Zebaoth é o Seu nome, e teu Redentor, o Santo de Israel; será chamado Deus de toda a terra” (Is. 54:5).

Isto também é vidente pelo fato de eles O terem adorado e terem caído sobre suas faces diante d’Ele. (*Mt. 9:18; 14:33; 15:25; 28:9; Mc. 1:40; 5:22; 7:25; 10:17; Lc. 17:15, 16; Jo. 9:38*). E em David:

“Ouvimos sobre Ele em Efrata... entraremos em Seus habitáculos, e nos curvaremos ante o escabelo de Seus pés” (Sl. 132:6, 7).

Semelhantemente no céu, de que se trata no *Apocalipse*:

“Estive... em espírito, e eis um trono posto no céu, e sobre o trono [Um que se] assentava... semelhante à pedra de jaspe e sardônica, e um arco-íris em volta do trono semelhante ao aspecto de esmeralda... E os vinte e quatro anciãos caíram diante do Que estava

assentado no trono, e adoravam o Que vive no século dos séculos, e lançaram suas coroas diante do trono” (Ap. 4: 2, 3, 10).

E em outra passagem:

“Vi à direita do Que estava sentado no trono um livro escrito por dentro e por trás, selado com sete selos”, e ninguém o podia abrir. “Então disse um dos anciãos: Eis que o Leão, que é da tribo de Judá, a raiz de David, venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E vi [que]... no meio do trono... estava um Cordeiro;... Ele veio e tomou o livro, e caíram diante do Cordeiro e adoraram o Que vive no século dos séculos” (Ap. 5:1, 3, 5-8, 14).

42. (v). Que o Senhor seja chamado “Rei” e “Ungido”, a razão é porque Ele era o Messias ou Cristo. E “Messias” ou “Cristo” significa Rei e Ungido. Daí é que, na Palavra, o Senhor também é entendido por “Rei”, semelhantemente por “David”, que era rei sobre Judá e sobre Israel. Que o Senhor seja chamado “Rei” e “Ungido de JEHOVAH”, vê-se por muitas passagens na Palavra. Daí ser dito no *Apocalipse*:

“O Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis” (Ap. 17:14).

E em outra passagem:

O que estava assentado sobre o cavalo branco tinha “sobre a veste... Seu nome escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap. 19:16).

Por esta razão, de o Senhor ser chamado Rei, é que o céu e a igreja são chamados “Seu Reino”, e o Seu advento ao mundo ser chamado “evangelho do Reino”. Que o céu e a igreja sejam chamados “Seu Reino”, vê-se em *Mt. 12:28; 16:28; Mc. 1:14, 15; 9:1; 15:43; Lc. 1:33; 4:43; 8:1, 10; 9:2, 11, 60; 10:11; 16:16; 19:11; 21:31; 22:18; 23:51*. E em *Daniel*:

“Deus fará suscitar... um reino que não perecerá eternamente; ... esmiuçar e consumirá todos os outros reinos, mas ele permanecerá eternamente” (Dn. 2:44).

No mesmo:

“Vendo eu estava nas visões da noite, e eis com as nuvens dos céus havia um como Filho do homem que vem, e a Quem foi dado o domínio, e a glória, e o reino; e todos os povos, e nações, e línguas O adorarão; Seu domínio será um domínio eterno... e Seu reino um que não perecerá” (7: 13, 14, 27).

Que o Seu advento seja chamado “evangelho do Reino”, vê-se em *Mt. 4:33; 9:35; 24:14*.

43. Que o Senhor seja chamado “David”, é evidente por isto:

“Naquele dia... servirão a JEHOVAH seu Deus, e a David seu Rei, a Quem suscitarei para eles” (Jr. 30:8, 9).

“Depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão a JEHOVAH, seu Deus, e a David, seu Rei, e com temor virão a JEHOVAH, e ao Seu bem, no fim dos dias” (Os. 3:5).

“Suscitarei sobre eles um Pastor, que os apascentará. Meu servo David, Ele os apascentará, e Ele lhes será por Pastor; e Eu, JEHOVAH, lhes serei por Deus, e David, príncipe no meio deles” (Ez. 34:23, 24).

“Para que sejam a Mim por povo, e Eu lhes serei por Deus... Meu servo David [será] rei sobre eles, para que haja um Pastor para todos eles; ... então habitarão sobre a terra,... eles e os seus filhos e os filhos dos seus filhos, até a eternidade. E David... príncipe para eles eternamente; e firmarei um concerto de paz, e um concerto de eternidade haverá com eles” (Ez. 37:23-26).

“Firmarei convosco um concerto pela eternidade, as misericórdias firmes de David; dei-O por testemunha dos povos, Príncipe e Legislador das nações” (Is. 55:3, 4).

“Naquele dia erguerei as tendas caídas de David, e fecharei as suas rupturas, restituirei as suas ruínas, e a edificarei como nos dias de eternidade” (Am. 9:11).

“...A casa de David como Deus, como o anjo de JEHOVAH diante deles” (Zc. 12:8).

“Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de David” (Zc. 13:1).

44. Quem sabe que por “David” deve ser entendido Senhor, esse pode saber por que David escreveu sobre o Senhor tantas vezes em seus salmos, quando falava de si mesmo, como no *Salmo 89*, onde se acham estas palavras:

“Firmei um concerto com Meu eleito, jurei a David, Meu servo. Pela eternidade estabelecerei a Tua semente, e edificarei o Teu trono de geração em geração; e os céus confessarão as Tuas maravilhas... também a verdade... na congregação dos santos... Então falaste em visão ao Teu Santo, e disseste: Pus auxílio sobre o poderoso, exaltei o eleito de entre o povo. Achei a David, Meu servo, com óleo de Minha santidade O ungi, com o qual Minha mão será firme; também o Meu braço O confirmará; ... Minha verdade e Minha misericórdia com Ele, e no Meu nome será exaltado o Seu chifre; e porei no mar a Sua mão, e nos rios a Sua destra. Ele Me invocará: Tu és Meu Pai,

Meu Deus e Rocha de Minha salvação. Também Eu lhe darei por primogênito, alto mais que os reis da terra. ... Meu concerto Lhe será firme. ... Estabelecerei pela eternidade a Sua semente, e Seu trono como nos dias dos céus... Uma vez jurei por Minha santidade, a David não mentirei; Sua semente será pela eternidade, e Seu trono como o sol diante de Mim; como a lua será firme pela eternidade, e como testemunha fiel nas nuvens” (Sl. 89:3-5, 19-21, 24-29, 35-37).

Semelhantemente em outros *Salmos*, como nos de números 45:1-17; 4:5; 132:8-18.

IX. Deus é Um, e o Senhor é esse Deus.

45. Pelas citações da Palavra que foram referidas com abundância no capítulo logo acima, pode-se ver que o Senhor é chamado “JEHOVAH”, “Deus de Israel e de Jacob”, “Santo de Israel”, “Senhor” e “Deus”, e também “Rei”, “Ungido” e “David”. Daí se pode ver, mesmo que como através de uma cortina, que o Senhor é o próprio Deus, do Qual vem a Palavra e de Quem ela trata. Entretanto, nada é mais conhecido em todas as terras do mundo que Deus é Um, o que nenhum homem de razão é sã nega. Resta portanto que isto seja confirmado pela Palavra e, além disso, que o Senhor é esse Deus.

[2] (i.) Que Deus seja Um, confirma-se por estas passagens da Palavra:

Jesus disse: “O primeiro de todos os preceitos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; por isso amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Mc. 12:29, 30).

“Ouve, Israel, JEHOVAH nosso Deus é o único JEHOVAH... amarás JEHOVAH teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma” (Dt. 6:4,5).

Um se aproximou de Jesus e disse: “Bom Mestre, que devo fazer de bom para que tenha a vida eterna?” Jesus “Ihe disse: Por que Me chamas bom? Ninguém é bom senão um, Deus” (Mt. 19:16, 17).

“Para que todos os reinos da terra conheçam que só Tu és JEHOVAH” (Is. 37:20).

“Eu [sou] JEHOVAH, e nenhum além; além de Mim não há Deus... para que conheçam desde o nascer do sol e desde o poente, que não” [há] Deus “além de Mim. Eu [sou] JEHOVAH e nenhum além” (Is. 45:5,6).

Jehovah Zebaoth, Deus de Israel que habita [entre] os querubim; Tu somente és Deus sobre todos os reinos da terra” (Is. 37:16).

“Não há Deus além de Mim? e nenhuma Rocha conheci” (Is. 44:8).

“Quem é Deus além de Jehovah? e quem é a Rocha, senão o nosso Deus?” (Sl. 18:31).

[3] (ii.) Que o Senhor seja esse Deus, confirma-se por estas passagens da Palavra:

“Tão somente Deus está entre ti, e além, nenhum Deus. Verdadeiramente, Tu és o Deus oculto, Deus, o Salvador de Israel” (Is. 45:14, 15) .

“Não [sou] Eu Jehovah? e nenhum outro Deus além de Mim? Deus justo e salvador, nenhum há além de Mim. Olhai para Mim, para que sejais salvos, todos os fins da terra, porque Eu [sou] Deus e nenhum além” (Is. 45: 21, 22).

“Eu [sou] Jehovah, e além de mim nenhum Salvador” (Is. 43:11).

“Eu [sou] Jehovah teu Deus... e Deus nenhum reconhecerás além de Mim, e além de Mim nenhum Salvador” (Os. 13:4).

“Assim disse Jehovah, Rei de Israel, e seu Redentor, Jehovah Zebaoth: Eu [sou] o Primeiro e o Último, e além de Mim não há Deus”(Is. 44:6).

“Jehovah Zebaoth é o Seu nome, e Redentor... o Santo de Israel, Deus de toda a terra será chamado” (Is. 54:5).

“Naquele dia... Jehovah será por Rei sobre toda a terra; naquele dia Jehovah será Um, e o Seu nome Um” (Zc. 14:9).

Visto que somente o Senhor é Salvador e Redentor, e como é dito que Jehovah é Ele, e que nenhum há além d’Ele, segue-se que o Deus Um não é outro senão o Senhor.

X. O Espírito Santo é o Divino Procedente do Senhor e é o próprio Senhor.

46. Disse Jesus em *Mateus*:

“Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra; ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século” (Mt. 28:18-20).

Mostrou-se anteriormente que o Divino que é chamado “Pai” e o Divino que é chamado “Filho” são um no Senhor. Por isso agora se mostrará que o Espírito Santo é o mesmo que o Senhor.

[2] Se o Senhor disse que “batizassem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” é porque o trino ou a trindade está no Senhor. Com efeito, há o Divino que é chamado “Pai”, o Divino Humano que é chamado “Filho” e há o Divino Procedente, que é o “Espírito Santo”. O Divino que é “Pai” e o Divino que é “Filho” são o Divino de que procede [*ex quo*]. Mas o Divino Procedente, que é o “Espírito Santo”, é o Divino pelo qual procede [*per quod*]. Que nenhum outro Divino haja que procede do Senhor senão o Divino que está n’Ele, será visto na obra *Divina Providencia, Onipotência, Onipresença e Onisciência*. É, com efeito, uma indagação mais elevada.

[3] Que haja um trino no Senhor, isto pode ser ilustrado por uma comparação com o anjo: este tem uma alma, um corpo e também o que procede. O que procede dele é ele mesmo fora dele; desse procedente é permitido saber muitas coisas, mas aqui não é o lugar para se acrescentá-las.

[4] Todo homem que se volta para Deus é ensinado logo após a morte pelos anjos que o Espírito Santo não é outro senão o Senhor, e que “sair” e “proceder” não são outra coisa senão iluminar e ensinar pela presença, a qual é segundo a recepção do Senhor. Donde vem que, depois da morte, muitos abandonam a idéia concebida no mundo sobre o Espírito Santo, e recebem a idéia de que é a presença do Senhor no homem e nos anjos e espíritos, pela qual e segundo a qual o homem é iluminado e conduzido.

[5] Além disso, é uma fórmula comum na Palavra serem nomeados dois Divinos, e algumas vezes três, como “JEHOVAH e Deus”, “JEHOVAH e Santo de Israel”, “JEHOVAH e Poderoso de Jacob”, e também “Deus e Cordeiro”, os quais, porque são um, são também citados em outras

passagens onde se diz que “JEHOVAH somente é Deus” e que “Ele é o Santo de Israel” e “não há outro além d’Ele”. Ademais, ora Deus é chamado “Cordeiro”, ora o Cordeiro é chamado “Deus”, este último caso no *Apocalipse* e aquele nos Profetas.

[6] Que seja o Senhor, somente, que é entendido pelo “Pai, Filho e Espírito Santo” (*Mt. 28:19*), é evidente pelos versículos que precedem e seguem essa passagem. No versículo precedente o Senhor disse: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra” e, no versículo seguinte, o Senhor disse: “Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século”, portanto, falou a respeito d’Ele somente. Ele disse isso para que soubessem que n’Ele há uma trindade.

[7] Para que se saiba que o Espírito Santo não é outro Divino a não ser o Senhor, será mostrado o que se entende na Palavra por “espírito”. Pelo “espírito” se entende: (i.) A vida do homem em comum. (ii.) Visto que a vida do homem é variada segundo o seu estado, daí, pelo “espírito” se entende a variedade de afeições da vida no homem. (iii.) Daí, a vida do regenerado, que se chama vida espiritual. (iv.) Mas onde se diz “Espírito” a respeito do Senhor, entende-se a Sua vida Divina, daí o Senhor mesmo. (v.) Em particular, a vida de Sua sabedoria, que se chama Divina verdade. (vi.) Que JEHOVAH mesmo, isto é, o Senhor, tenha proferido a Palavra por meio dos profetas.

47. (i.) Que pelo “espírito” seja entendida a vida do homem, pode-se ver pela expressão comum, que diz que o homem rende o espírito, quando morre. Por isso, pelo “espírito”, nesse sentido, se entende a vida da respiração. Vem mesmo daí que a palavra “espírito” é uma derivação de sua respiração. Daí também é que, na língua hebraica, há uma só palavra para “espírito” e “vento”¹⁴. Existem duas fontes de vida no homem: uma é o movimento do coração e a outra é a respiração dos pulmões. É a vida da respiração dos pulmões que é entendida propriamente por “espírito” e também por “alma”. Que esta aja como um com o pensamento do homem proveniente do entendimento, e que a vida do movimento do coração aja como um com o amor da vontade do homem, será visto em seu lugar. Que a vida do homem seja entendida por “espírito” na Palavra, vê-se pelo seguinte:

“Recolhes o espírito deles, expiram, e retornam ao pó” (Sl. 104:29).

“Lembrou-Se que eles são carne, espírito¹⁵ que se vai, e não retorna” (Sl. 128:39).

¹⁴ Ou “sopro”.

¹⁵ Ou vento

“Quando rende seu espírito, volta à terra” (Sl. 146:4).

Ezequias se lamentou por sair a vida de seu espírito (Is. 38:16).

“Reviveu o espírito de Jacob” (Gn. 45:2).

“A obra de fundição é mentira... nenhum espírito nela” (Jr. 51:17).

“Disse o Senhor Jehovih aos ossos” secos... “Eu farei vir espírito em vós, para que vivais... Vem dos quatro ventos, ó espírito, e inspira nesses mortos, e vivam... E veio neles o espírito, e reviveram” (Ez. 37:5, 6, 9, 10).

“Jesus tomou a mão da filha... e tornou-lhe o seu espírito, e imediatamente ressuscitou” (Lc. 8:54, 55).

48. (ii.) Visto que a vida do homem é variada segundo o seu estado, daí, pelo “espírito” se entende a variedade de afeições da vida no homem. Como: (1.) A vida da sabedoria:

Bezaleel foi cheio do espírito de sabedoria, inteligência e ciência (Êx. 31:3).

“Tu falarás a todos os que sábios de coração, a quem enchi do espírito de sabedoria” (Êx. 28:3).

“Josué foi cheio... do espírito de sabedoria” (Dt. 34:9).

Nabucodonosor disse, a respeito de Daniel: “Em quem está o espírito dos deuses santos”. A rainha disse que “um espírito excelente, de ciência, de inteligência e de sabedoria havia nele” (Dn. 4:8; 5:12).

“Os errantes de espírito conhecerão a inteligência” (Is. 29:24).

[2] (2.) O despertar da vida:

“Despertou JEHOVAH o espírito dos reis da Média” (Jr. 51:11).

“Despertou JEHOVAH o espírito de Zorobabel... e o espírito de todos os restantes do povo” (Ageu 1:14).

Dou ao rei da Assíria “espírito, para que ouça a notícia, e retorne à sua terra” (Is. 37:7).

Agravou JEHOVAH o espírito do rei de Sião (Dt. 2:30).

[3] (3.) A liberdade da vida:

Os quatro animais, que eram os querubim¹⁶, vistos pelo profeta, “iam para onde espírito havia de ir” (Ez. 1:12, 20).

[4] (4.) A vida em temor, dor e ira:

¹⁶ Vite nota 21.

“Desfaleceu sobre mim o meu espírito; no meio de mim espantou-se o meu coração” (Sl. 142:3; 143:4).

“Consumiu-se o meu espírito” (Sl. 143:7).

“Quanto a mim, Daniel, afligiu-se o meu espírito” (Dn. 7:15).

O espírito do faraó se turbou (Gn. 41:8).

Disse Nabucodonosor: “Está perturbado o meu espírito” (Dn. 2:3).

“Fui tristonho, na indignação de meu espírito” (Ez. 3:14).

[5] (5.) A vida das várias afeições más:

“Contanto que não haja dolo em seu espírito” (Sl. 32:2).

“JEHOVAH misturou no meio deles o espírito de perversidade” (Is. 19:14).

Disse dos profetas: estultos “que iam após seu espírito” (Ez. 13:3).

“Estulto é o profeta, insano de espírito o varão” (Os. 9:7).

“Observai-vos pelo vosso espírito, para que não ajais perfidamente” (Mal. 2:16).

“Um espírito de escortação [os] seduziu” (Os. 4:12).

“Quando passa sobre ele o espírito de ciúme” (Nm. 5:14).

“O varão que é errante de espírito, e afirma uma mentira” (Mq. 2:11).

“Geração... cujo espírito não é constante com Deus” (Sl. 78:8).

Derramou sobre eles um espírito de sonolência (Is. 29:10).

“Concebestes palha, dareis à luz restolho; quanto ao vosso espírito, o fogo vos comerá” (Is. 33:11)

[6] (6.) A vida dos infernais:

“Um espírito imundo farei passar da terra” (Zc. 13:2).

“Quando ... o espírito homem sai do homem, perambula por lugares áridos; ... e depois ajunta a si sete ... espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali” (Mt. 12:43-45).

Babilônia “tornou-se... prisão de espírito imundo” (Ap. 18:2).

[7] (7.) Além dos próprios espíritos infernais, pelos quais os homens são afligidos (*Mt. 8:16; 10:1; 12:43-45; Mc. 1:3-27; 9:17-29; Lc. 4:33, 36; 6:17, 18; 7:21; 8:2, 29; 9:39, 42, 55; 11:24-26; 13:11; Ap. 13:15; 16:13, 14*).

49. (iii.) Que pelo “espírito” seja entendida a vida do regenerado,

que se chama vida espiritual:

Jesus disse: “Aquele que não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus” (Jo. 3:5).

“Dar-vos-ei um coração novo e um espírito novo... Meu espírito darei no meio de vós, e farei que andeis nos Meus estatutos” (Ez. 36:26, 27).

“Dar um novo coração e um novo espírito” (Ez. 11:19).

“Um coração puro cria em mim, é Deus, e um espírito firme renova no meio de mim... Torna a dar-me a alegria de Tua salvação, e com um espírito voluntário sustenta-me” (Sl. 51:10-12).

“Fazei para vós um coração novo e um espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?” (Ez. 18:31).

“Envias o Teu espírito, são criados, e renovas as faces da terra” (Sl. 104:30).

“Vem a hora, e agora é, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (Jo. 4:23).

“JEHOVAH Deus... dá alma ao povo... e um espírito aos que nela andam” (Is. 42:5).

JEHOVAH “forma o espírito do homem no meio dele” (Zc. 12:1).

“Com minha alma Te esperei de noite... e com meu espírito no meio de mim Te esperei de manhã” (Is. 26:9).

“Naquele dia JEHOVAH será... por espírito de juízo para o que se assenta em juízo” (Is. 28:5, 6).

“Meu espírito exulta em Deus meu Salvador” (Lc. 1:47).

“Fizeram repousar meu espírito na terra do norte” (Zc. 6:8).

“Em tua mão encomendo meu espírito, redimiste-me” (Sl. 31:5).

“Não foi¹⁷ somente um, e os restantes em que [havia] espírito?” (Ma. 2:15).

“Depois de três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus entrou nas” duas testemunhas mortas pela besta (Ap. 11:11).

Eu [sou] JEHOVAH, “formador dos montes, e criador do espírito [ou vento]” (Am. 4:13).

“Ó Deus, Deus dos espíritos quanto a toda carne” (Nm. 16:22; 27:18).

¹⁷ “Foi”, como está na primeira edição. Mas nos AC 255 e 9818 se lê “fez”, de acordo com o texto hebraico.

“Derramarei o espírito sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalém” (Zc. 12:10).

“Até que do alto tenha derramado sobre nós o espírito” (Is. 32:15).

“Derramarei águas sobre o sedento, e rios sobre o árido; derramarei o espírito Meu sobre tua semente” (Is. 44:3).

“Derramarei o espírito Meu sobre toda a carne,... também sobre os servos e as servas, naqueles dias derramarei o espírito” (Jl. 2:28, 29).

Por “derramar o espírito” se entende regenerar; semelhantemente por “dar um coração novo e um espírito novo”.

[2] Que pelo “espírito” se entenda a vida espiritual para aqueles que estão em humilhação:

“Habito no contrito e humilde de espírito, e para vivificar o espírito dos humildes, e para vivificar os contritos de coração” (Is. 57:15).

“Os sacrifícios para Deus são um espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito Deus não desprezará” (Sl. 51:17).

Darei “óleo de alegria em lugar do luto, e manto de louvor em lugar de espírito contrito” (Is. 61:3).

“Mulher abandonada e aflita de espírito” (Is. 54:6).

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt. 5:3).

50. (iv.) Que onde se diz “Espírito” a respeito do Senhor, entenda-se a Sua vida Divina, daí o Senhor mesmo, vê-se por estas passagens:

“Aquele que... o Pai enviou, fala as palavras de Deus; ... não Lhe deu Deus o espírito por medida; o Pai ama o Filho, e todas as coisas deu em Sua mão” (Jo. 3:34, 35).

“Sairá uma vara do tronco de Jessé... repousará sobre Ele o espírito de JEHOVAH, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de virtude” (Is. 11:1, 2).

“Dei o Meu espírito sobre Ele; trará juízo para as nações” (Is. 42:1).

“Virá como um rio estreito, o espírito de JEHOVAH produzirá nele um sinal; então virá o Redentor de Sião” (Is. 59:19, 20).

“O Espírito do Senhor Jehovih está sobre Mim... ungiu-Me JEHOVAH para evangelizar os pobres” (Is. 61:1; Lc. 4:18).

“Jesus, conhecendo em Seu espírito que assim arrazoavam entre si,...” (Mc. 2:8).

“Exultou Jesus em espírito e disse” (Lc. 10:21).

“Jesus turbou-Se em Seu espírito” (Jo. 13:21).

Jesus “suspirando em Seu espírito” (Mc. 8:12).

[2] “Espírito” em lugar de JEHOVAH Mesmo, ou o Senhor:

“Deus é Espírito” (Jo. 4:24).

“Quem guiou o espírito de JEHOVAH, ou quem é o varão que O aconselhou?” (Is. 40:13)

O espírito de JEHOVAH os conduziu pela mão de Moisés (Is. 63:14).

“Para onde me irei do Teu espírito, e para onde... voarei?” (Sl. 139:7).

“Disse JEHOVAH: Não por força, mas pelo Meu espírito fará” (Zc. 4:6).

“Eles irritaram o espírito de Sua santidade, pelo que Se lhes tornou em inimigo” (Is. 63:10; Sl. 106:33).

“Não argüirá o Meu espírito ao homem perpetuamente, porque carne é” (Gn. 6:3).

“Não... disputarei eternamente... porque o espírito se desfaleceria diante de Mim” (Is. 54:16).

“A blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada, mas quem disser uma palavra contra o Filho do homem lhe será perdoado” (Mt. 12:31, 32; Mc. 3:28-30; Lc. 12:10).

“Blasfêmia contra o Espírito santo” é a blasfêmia contra o Divino do Senhor; “[palavra] contra o Filho do homem” é algo contra a Palavra, interpretando-se seu sentido de outra maneira; pois o “Filho do homem” é o Senhor quanto à Palavra, como foi mostrado acima.

51. (v) Que pelo “Espírito”, onde se trata do Senhor, se entenda, em particular, a vida de Sua sabedoria, que é a Divina verdade:

“Eu, em verdade, vos digo que vos convém que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se Eu for, enviá-Lo-ei a vós” (Jo. 16:7).

“Quando vier aquele Espírito da verdade, Ele vos guiará em toda a verdade. Não falará por si mesmo, mas tudo o que tiver ouvido, isso dirá” (Jo. 16:13).

“Ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu, e vos anunciará; todas as coisas que o Pai tem são minhas; por isso disse, que receberá do que é Meu e anunciará a vós” (Jo. 16:14, 15).

“Eu rogarei ao Pai, para que vos dê outro Consolador... o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; mas vós O conhecereis, porque permanece em vós, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, virei a vós e vós Me vereis” (Jo. 14:16-18).

“Quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai vos hei de enviar, o Espírito da Verdade... Ele testificará de Mim” (Jo. 15:26).

“Jesus clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como disse a Escritura, do seu ventre fluirão rios de águas vivas. Isto... disse a respeito do Espírito, que deveriam receber os cressem n’Ele. Não havia ainda... o Espírito Santo, porque Jesus ainda não fora glorificado” (Jo. 37:39).

“Jesus soprou sobre os discípulos e disse: “Recebei o Espírito Santo” (Jo. 20:22).

[2] Por “Consolador” “Espírito da verdade” e “Espírito Santo” o Senhor Se referia a Si mesmo. Isto é evidente por essas palavras do Senhor, que “o mundo ainda não o conhecia”, pois não conhecia ainda o Senhor; e quando disse que O enviaria, acrescentou:

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós, e vós Me vereis” (Jo. 14:16-19, 26, 28);

e em outra passagem:

“Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século” (Mt. 28:20).

E quando Tomé disse: “Não sabemos para onde vais”, Jesus disse: “Eu sou o caminho e a verdade” (Jo. 14:5, 6).

[3] Visto que o Espírito da verdade ou Espírito Santo é o mesmo que o Senhor, que é a Verdade mesma, daí também se disse:

“Não havia ainda o Espírito Santo, porque Jesus não era ainda glorificado” (Jo. 7:39),

porque após a glorificação ou união plenária com o Pai, que se fez por meio da paixão da cruz, então o Senhor era a Divina Sabedoria mesma e a Divina Verdade, assim, o Espírito Santo. A razão de o Senhor soprar sobre os discípulos e dizer: “Recebei o Espírito Santo” era porque toda respiração do céu vem do Senhor. Com efeito, assim como os homens, os anjos têm uma respiração e um batimento de coração; a sua respiração é segundo a recepção da Divina Sabedoria proveniente do Senhor, e o seu batimento do coração ou do pulso é segundo a recepção do Divino Amor proveniente do Senhor. Que isto seja assim, veja-se em seu lugar próprio.

[4] Que o Espírito Santo seja a Divina verdade proveniente do Senhor, é ainda mais evidente por estas passagens:

“Quando.... vos conduzirem às sinagogas, não estejais solícitos... sobre que direis: o Espírito ... Santo vos ensinará na mesma hora o que convém dizer” (Lc. 12:12; 21:14; Mc. 13:11).

“Disse JEHOVAH: O Meu Espírito, que está sobre ti, e as Minhas palavras, que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca” (Is. 59:21).

“Sairá uma vara do tronco de Jessé... ferirá a terra com a vara de sua boca, e o espírito de Seus lábios matará o ímpio... a verdade será o cinto de suas coxas” (Is. 11:1, 4, 5).

“Ora, com a boca Ele deu o preceito, e o Seu espírito os recolherá” (Is. 34:16).

“Os que adoram” a Deus, “em espírito e em verdade importa adorar” (Jo. 4:24).

“O Espírito é o que vivifica, a carne nada produz. As palavras que Eu vos falo são espírito e vida” (Jo. 6:63).

“João disse: Eu... vos batizo com água para penitência. Mas o Que virá após Mim... batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt. 3:11; Mc. 1:8; Lc. 3:16).

“Batizar com o Espírito Santo e com fogo” é regenerar por meio da Divina Verdade, que é da fé, e por meio do Divino Bem, que é do amor.

Quando Jesus era batizado, os céus se abriram, e viu o Espírito Santo descendo como uma pomba (Mt. 3:16; Mc. 1:10; Lc. 3:21; Jo. 1:32, 33).

A pomba é o representativo da purificação e da regeneração por meio da Divina Verdade.

[5] Uma vez que pelo “Espírito Santo”, onde se diz do Senhor, se entende a Sua vida Divina, assim Ele mesmo - e, em particular, Sua vida de sabedoria, que se chama Divina Verdade - por isso, pelo “Espírito” dos profetas, que também se chama “Espírito Santo” se entende a Divina Verdade proveniente do Senhor. Assim se lê nas passagens seguintes:

“O Espírito disse às Igrejas” (Ap. 2:7, 11, 29; 3:1, 6, 13, 22).

“Sete lâmpadas de fogo ardente diante do trono... são os sete espíritos de Deus” (Ap. 4:5).

“No meio dos anciãos estava o Cordeiro... tendo sete olhos, que são

os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra” (Ap. 5:6).

“Lâmpadas de fogo” e “olhos do Senhor” significam a Divina verdade, e “sete” significa o santo.

“Diz o Espírito, para que descansem de seus trabalhos” (Ap. 14:13).

“O Espírito e a esposa dizem: Vem” (Ap. 22:17).

“O seu coração fizeram em diamante, para que não ouvissem a lei ou as palavras que JEHOVAH enviou... em Seu Espírito pela mão dos profetas” (Zc. 7:12).

“O espírito de Elias veio sobre Eliseu” (2 Rs. 2:15).

João precedeu “no espírito e virtude de Elias” (Lc. 1:17).

O Espírito Santo encheu Elizabeth, e ela profetizou (Lc. 1:41).

“Zacarias... cheio do Espírito Santo... profetizou” (Lc. 1:67).

“David disse no Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-Te à Minha direita” (Mc. 12:36).

“O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap. 19:10).

Ora, visto que pelo “Espírito Santo” em particular se entende o Senhor quanto à Divina Sabedoria e, daí, quanto à Divina Verdade, é evidente por que se diz do Espírito Santo que este ilumina, ensina e inspira.

52. (vi.) Que JEHOVAH Mesmo, isto é, o Senhor, tenha proferido a Palavra por meio dos profetas. Lê-se a respeito dos profetas que eles estiveram “em visão” e que “JEHOVAH falou com eles”. Quando estavam em visão, não estavam em seu corpo, mas em seu espírito. Nesse estado eles viram coisas tais as que estão no céu. Mas quando JEHOVAH falou com eles, então estavam em seu corpo, e ouviram JEHOVAH falando. Esses dois estados dos profetas devem ser adequadamente distinguidos. No estado de visão, os olhos de seu espírito estavam abertos e os olhos do corpo fechados, e então se viam também serem levados de um lugar para outro, o corpo permanecendo em seu lugar. Em um estado assim estiveram Ezequiel, Zacarias, Daniel e João quando escreveu o *Apocalipse*. E então foi dito que estavam “em visão” ou “em espírito”. Pois assim disse Ezequiel:

“O espírito... me levantou e me trouxe à Caldeia, ao cativeiro em visão” de Deus, “no espírito de Deus; assim veio sobre mim a visão, que vi” (Ez. 11: 1, 24).

Ele disse

Que o Espírito o tinha levantado, e tinha ouvido detrás de si um terremoto, e outras coisas (Ez.. 3:12, 14).

Também o Espírito o tinha levantado entre a terra e o céu, e ele tinha sido arrebatado a Jerusalém na visão de Deus, e tinha visto as abominações (Ez. 8:3 e seq.)

Por isso, em visão de Deus, ou em espírito, viu semelhantemente

Quatro animais, que eram querubins (Ez. 1:10)

E também uma nova terra e um novo templo, e um anjo que o media (de que se trata do capítulo 40 ao 48).

Que então estava em visões de Deus, disse-o no capítulo 40:2; e que o Espírito o tinha levantado, cap. 43:5. Deu-se de modo semelhante com Zacarias, com quem havia então um anjo:

Quando viu um varão cavalgando entre as murtas (Zc. 1:8 e seq.).

Quando viu quatro chifres e, depois, um varão em cuja mão havia um cordel de medir (Zc. 2:1, 5 e seq.).

Quando viu Josué, o sumo sacerdote (Zc. 3:1 e seq.).

Quando viu o candelabro e duas oliveiras (Zc. 4:1 e seq.).

Quando viu um rolo voando e um efa (Zc. 5:1, 6).

E quando viu quatro carros saindo dentre dois montes, e cavalos (Zc. 6:5 e seq.).

Em estado semelhante estava Daniel

Quando viu quatro bestas subindo do mar (Dn. 7:3).

E quando viu a luta entre o bode e o carneiro (Dn. 8:1 e seq.).

Que tenha visto essas coisas em visões, lê-se no cap. 7:1, 2, 7, 13; 8:2; 10:1, 7, 8. Que o anjo Gabriel tenha sido visto por ele em visão e tenha falado com ele, cap. 9:21. Deu-se de modo semelhante com João quando escreveu o *Apocalipse* e disse:

Estava “em espírito no dia do Senhor” (Ap. 1:10).

Que foi levado ao deserto, em espírito (Ap. 17:3).

A um monte alto, em espírito (Ap. 21).

Que viu cavalos em visão (Ap. 9:17).

E em outras passagens, onde viu as coisas que descreveu, assim, em espírito ou em visão: Ap. 1:12; 4:1; 5:1; 6:5 e em cada capítulo seguinte.

53. Mas, no que concerne à Palavra mesma, não se diz dos profetas que eles a tenham proferido pelo Espírito Santo, mas que a proferiram

por JEHOVAH, JEHOVAH Zebaoth e Senhor Jehovih. Porquanto se lê: “Veio a mim a Palavra de JEHOVAH”, “JEHOVAH me falou” e, muitíssimas vezes, “JEHOVAH disse” e “Dito de JEHOVAH”. E como o Senhor é JEHOVAH, como foi mostrado acima, daí toda a Palavra proferida é por d’Ele. Para que ninguém duvide que seja assim, vou referir somente de *Jeremias*, onde se diz “Veio a mim a palavra de JEHOVAH”. “Falou JEHOVAH a mim”, “Disse JEHOVAH” e “Dito de JEHOVAH”, como nestas passagens: *Jeremias* 1:4, 7, 11-14, 19; 2:1-5, 9, 19, 22, 29, 31; 3:1, 6, 10, 12, 14, 16; 4:1, 3, 9, 17, 27; 5:11, 14, 18, 22, 29; 6:6, 9, 12, 15-16, 21-22; 7:1, 3, 11, 13, 19-21; 8:1, 3, 12, 13; 9:3, 7, 9, 13, 15, 17, 22, 24-25; 10:1, 2, 18; 11:1, 6, 9, 11, 17, 21-22; 12:14, 17; 13:1, 6, 9, 11-15, 25; 14:1, 10, 14-15; 15:1-3, 6, 11, 19, 20; 16:1, 3, 5, 9, 14, 16; 17:5, 19-21, 24; 18:1, 5-6, 11, 13; 19:1, 3, 6, 12, 15; 20:4; 21:1, 4, 7-8, 11-12; 22:2, 5-6, 11, 16, 18, 24, 29-30; 23:2, 5, 7, 12, 15, 24, 29, 31, 38; 24:3, 5, 8; 25:1, 3, 7-9, 15, 27-29, 32; 26:1-2, 18; 27:1, 2, 4, 8, 11, 16, 19, 21-22; 28:2, 12, 14, 16; 29:4, 8-9, 16, 19-21, 25, 30-32; 30:1-5, 8, 10-12, 17-18; 31:1, 2, 7, 10, 15-17, 23, 27-28, 31-38; 32:1, 6, 14-15, 25-26, 28, 30, 36, 42; 33:1-2, 4, 10-13, 17, 19-20, 23, 25; 34:1-2, 4, 8, 12-13, 17, 22; 35:1, 13, 17-19; 36:1, 6, 27, 29-30; 37:6-7, 9; 38:2-3, 17; 39:15-18; 40:1; 42:7, 9, 15, 18-19; 43:8, 10; 44:1-2, 7, 11, 24-26, 30; 45:1-2, 5; 46:1, 23, 25, 28; 47:1; 48:1, 8, 12, 30, 35, 38, 40, 43-44, 47; 49:2, 5-7, 12-13, 16, 18, 26, 28, 30, 32, 35, 37-39; 50:1, 4, 10, 18, 20-21, 30-31, 33, 35, 40; 51:25, 33, 36, 39, 52, 58. Estas, somente em *Jeremias*. Diz-se de modo semelhante em todos os restantes Profetas, a saber, não que o Espírito Santo falou, nem que JEHOVAH falou a eles pelo Espírito Santo.

54. Por aí fica agora evidente que JEHOVAH, que é o Senhor de eternidade, falou por meio dos profetas; e que, onde se diz “Espírito Santo”, trata-se d’Ele mesmo. Conseqüentemente, que Deus é um em Pessoa e Essência, e que Ele é o Senhor.

XI. A Doutrina da Fé Atanasiana concorda com a verdade, se tão somente se, pela Trindade de Pessoas, se entender a Trindade da Pessoa que está no Senhor.

55. Que os cristãos tenham reconhecido três pessoas Divinas, e, assim, três deuses, era porque há um trino no Senhor: um é chamado “Pai”, o segundo é o “Filho” e o terceiro é o “Espírito Santo”. E esse trino é nomeado distintamente na Palavra, assim como também são

distintamente nomeados a alma, o corpo e o que procede destes, ainda que sejam um só. Com efeito, a Palavra no sentido da letra é tal que as coisas que são um se acham distinguidas como se não fossem uma. Daí é que a JEHOVAH, que é o Senhor de eternidade, ela nomeia ora “JEHOVAH”, ora “JEHOVAH Zebaoth”, ora “Deus”, ora “Senhor, e, ao mesmo tempo, “Criador”, “Salvador”, “Redentor” e “Formador”, e mesmo “Shaddai”. E o Seu Humano, que tomou no mundo, “Jesus”, “Cristo”, “Messias”, “Filho de Deus”, “Filho do homem” e, na Palavra do Velho Testamento, “Deus”, “Santo de Israel”, “Ungido de JEHOVAH”, “Rei”, “Conselheiro”, “Anjo” e “David”.

[2] Ora, como a Palavra, no sentido da letra, é tal que nomeia como muitos o que, todavia, é um, por isso os cristãos, que no início eram simples e entendiam todas as coisas segundo o sentido da letra, distinguiram a Divindade em três pessoas. De fato, isso lhes foi permitido por causa da simplicidade deles, mas de tal maneira que cressem também que o Filho é infinito, incriado, onipotente, Deus e Senhor, inteiramente igual ao Pai. E, sobretudo, que cressem que não são duas ou três, mas uma só essência, majestade, glória, e, assim, uma Divindade.

[3] Os que crêem assim, com simplicidade, segundo a doutrina, e não confirmam em si três Deuses, mas de três fazem Um, esses, depois da morte, são informados pelos anjos a respeito do Senhor que Ele é esse Um e esse trino. Isto também é recebido por todos aqueles que vêm ao céu, porque ninguém que pensa em três Deuses pode ser admitido no céu, ainda que de boca diga um. Realmente, toda a vida do céu, bem como a sabedoria de todos os anjos, estão fundadas no reconhecimento e, daí, na confissão de um Deus, e na fé que esse Deus é também Homem, e que Ele mesmo é o Senhor, que é, ao mesmo tempo, Deus e Homem.

[4] Daí é evidente que foi pela permissão Divina que os cristãos no princípio recebessem a Doutrina de três pessoas, contanto que recebessem juntamente que o Senhor é também Deus infinito, onipotente e JEHOVAH. Pois, a menos que recebessem também isso, a igreja teria inteiramente perecido, visto que a igreja é igreja pelo Senhor, e toda a vida eterna vem do Senhor e não de outra parte.

[5] Que a igreja seja igreja pelo Senhor, pode-se ver por isso somente, que toda a Palavra, do princípio ao fim, trata do Senhor, somente, como foi mostrado acima, e é n’Ele que se deve crer, pois os que não crêem n’Ele não têm a vida eterna e, mesmo, “a ira de Deus permanece sobre eles” (Jo. 3:36).

[6] Ora, visto que qualquer um pode ver em si que Deus é Um, e Um em Pessoa e Essência - pois ninguém pensa diferentemente, nem pode pensar, quando pensa que Deus é um - vou agora referir e, depois, demonstrar que são verdadeiras todas as coisas que ali foram ditas, contanto que, no lugar de uma trindade de pessoas se entenda a trindade na Pessoa.

56. Essa Doutrina é: “Quem quer ser salvo, é-lhe necessário observar esta fé universal (alguns, cristã); se não observar essa Fé total e integralmente, sem duvidar, perecerá na eternidade. Essa fé universal (alguns, cristã) é que: adoramos um Deus na Trindade, e a Trindade na Unidade, e isso não se misturando as Pessoas, nem se separando a substância (alguns, essência). Pois que uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho e outra a do Espírito Santo. Mas a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma e a mesma, com glória igual e majestade co-eterna. Como é o Pai, tal é o Filho e tal é o Espírito Santo. O Pai é inciado, o Filho é inciado e o Espírito Santo é inciado. O Pai é infinito, o Filho é infinito e o Espírito Santo é infinito. O Pai é eterno, o Filho é eterno e o Espírito Santo é eterno. E, todavia, não são três eternos, mas um só eterno; e não são três infinitos, nem três inciados, mas um só inciado e um só infinito. Semelhantemente, como o Pai é onipotente, assim o Filho é onipotente e o Espírito Santo é onipotente; e, todavia, não são três onipotentes, mas um onipotente. Assim como o Pai é Deus, assim o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, e, todavia, não são três deuses, mas um só Deus. Embora o Pai seja o Senhor, o Filho seja o Senhor e o Espírito Santo seja o Senhor, não são, todavia, três senhores, mas um só Senhor. Uma vez que, pela verdade cristã, somos obrigados a reconhecer cada uma das Pessoas por Si como Deus e Senhor, todavia, pela religião universal, somos proibidos de dizer que são três deuses, ou três senhores (alguns, ainda que não possamos pela fé cristã nomear três deuses ou três senhores). O Pai de nada foi feito, nem criado, nem nascido. O Filho não foi feito nem criado do Pai, mas nascido. O Espírito Santo vem do Pai e do Filho, e não foi feito, nem criado, nem nascido, mas procedente. Assim, há um só Pai, não três pais; um só Filho, não três filhos; um só Espírito Santo, não três espíritos santos. E, nessa Trindade, não há primeiro e último, nem há maior e menor, mas todas as três Pessoas são ao mesmo tempo eternas e são inteiramente iguais. De modo que, como se disse acima, deve-se adorar a Unidade na Trindade e a trindade na Unidade (alguns, deve-se adorar as três Pessoas em uma só Divindade, e um Deus em três Pessoas). Por conseguinte, quem quer ser salvo, importa-lhe pensar assim a respeito da Trindade”. “Além disso, para a salvação é

necessário que convenientemente creia na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo (alguns, que creia firmemente que nosso Senhor seja o verdadeiro Homem). Porquanto a verdadeira fé é que creiamos e confessemos que nosso Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, é Deus e Homem, Deus da substância (alguns, essência, ou natureza) do Pai, nascido antes do mundo. E Homem da substância (alguns, natureza) da mãe, nascido no mundo, perfeito Deus e perfeito Homem, consistindo de uma alma racional e um corpo humano; igual ao Pai quanto ao Divino, mas inferior (alguns, menor) ao Pai quanto ao Humano. Que Ele, ainda que seja Deus e Homem, não seja, todavia, dois, mas um só Cristo: um, não pela conversão da Essência Divina em Corpo, mas pela assunção do Humano em Deus (alguns, Ele é Um, não que, porém, o Divino Se tenha transmudado em Humano, mas que o Divino tomou para Si um Humano); inteiramente Um, não pela confusão (alguns, mistura) de substância, mas pela unidade de Pessoas (alguns, Ele é inteiramente Um, não que essas duas naturezas se tenham misturado, mas que Ele é uma Pessoa). Visto como a alma racional e o corpo são um só homem, assim Deus e Homem é um só Cristo. Ele, por causa de nossa salvação, sujeitou-Se descer ao inferno e ressuscitou da morte no terceiro dia; e subiu ao céu, e sentou-se à direita do Pai... onipotente. Dali deve vir para julgar os vivos e os mortos; em Seu advento, todos os homens ressurgirão com seus corpos; (e serão trazidos de volta aos fatos da própria razão); e os que fizeram o bem entrarão na vida eterna, e os que fizeram o mal, no fogo eterno”.

57. Que toda essa doutrina seja verdadeira quanto a cada uma de suas palavras - contanto que pela Trindade de Pessoas seja entendida a Trindade na Pessoa - pode-se ver novamente pelas mesmas coisas descritas, onde essa Trindade é substituída. A Trindade na Pessoa é esta: o Divino do Senhor é o Pai, o Divino Humano é o Filho e o Divino Procedente é o Espírito Santo. Quando esse Trindade é compreendida, então o homem pode pensar em um só Deus e também pode dizer um só Deus. De outra maneira, não pode nem pensar senão em três deuses, que não vê, como Atanasius viu, pelo que, em sua doutrina, também inseriu estas palavras:

“Visto que, pela verdade cristã, somos obrigados a reconhecer cada uma das Pessoas por Si Deus e Senhor, todavia não podemos, pela religião universal (ou fé cristã) dizer (ou nomear) três Deus ou três Senhores”.

O que, em outras palavras, é: Embora pela verdade cristã seja permitido reconhecer e pensar três deuses e senhores, todavia não é

permitido pela fé cristã dizer ou nomear senão um só Deus e um só Senhor, quando, porém, é o reconhecimento e o pensamento que conjuntam o homem ao Senhor e ao céu, e não a fala somente. Acresce que ninguém compreende de que maneira o Divino, que é Um, pode-Se dividir em três Pessoas, cada uma delas sendo Deus. Com efeito, o Divino não é dividido. E três fazendo um pela essência ou substância não remove a idéia de deuses triunos, mas somente dá uma idéia da unanimidade deles.

58. Que toda essa Doutrina seja verdadeira quanto a cada uma das palavras, contanto que pela trindade de Pessoas se entenda a trindade na Pessoa, pode-se ver, novamente, pelas mesmas coisas descritas, como agora se seguem:

“Quem quer ser salvo, é-lhe necessário observar essa fé cristã. Essa fé cristã é: Que adoramos um só Deus na Trindade, e a Trindade na Unidade, não se misturando o trino de Pessoas, nem se separando a Essência. O Trino de uma só Pessoa é chamada Pai, Filho e Espírito Santo. A Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma e a mesma, com glória e majestade iguais. Tal como é o Pai, assim é o Filho, e assim é o Espírito Santo. O Pai é incriado, o Filho é incriado e o Espírito Santo é incriado. O Pai é infinito, o Filho é infinito e o Espírito Santo é infinito. E, todavia, não são três infinitos, nem três incriados, mas um só incriado e um só infinito. Semelhantemente, como o Pai é onipotente, assim o Filho é onipotente e o Espírito Santo é onipotente; e, todavia, não são três onipotentes, mas um só onipotente. Assim como o Pai é Deus, assim o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; e, todavia, não são três deuses, mas um só Deus. Tanto quanto o Pai é Senhor, o Filho é Senhor e o Espírito Santo é Senhor, contudo não são três senhores, mas um só Senhor. Ora, assim como pela verdade cristã reconhecemos o trino em Uma só Pessoa, que é Deus e Senhor, assim, pela fé cristã, podemos dizer um Deus e um Senhor. O Pai de nada foi feito, nem criado, nem nascido; o Filho vem do Pai, não feito, nem criado, mas nascido. O Espírito Santo vem do Pai e do Filho, não feito, nem criado, mas nascido e procedente. Assim, há um só Pai, não três pais; um só Filho, não três filhos; um só Espírito Santo, não três espíritos santos. E nessa trindade não há maior e menor, mas são inteiramente iguais. De modo que é inteiramente como foi dito acima, que é a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade que deve ser adorada.

59. Estas coisas se acham na doutrina sobre a Trindade e a Unidade de Deus. Depois se seguem, ali, as coisas a respeito da assunção do Humano por Deus no mundo, o que se chama encarnação. Essas também, naquela doutrina, são verdadeiras quanto a todas e cada uma das coisas, contanto que se entenda distintamente o

humano proveniente da mãe, no qual o Senhor estava quando no estado de humilhação ou exinanição e sofreu tentações e a cruz, e o Humano proveniente do Pai, no qual estava no estado de glorificação ou de união. Pois o Senhor assumiu no mundo um Humano concebido de JEHOVAH, que é o Senhor de eternidade, e nascido da virgem Maria, e daí Ele foi Divino e humano, Divino de Seu Divino de eternidade, e humano de Maria, a mãe no tempo. Mas despiu-Se desse humano e revestiu-se do Humano Divino. Esse Humano é que se chama Divino Humano, e o Que se entende na Palavra pelo “Filho de Deus”. Quando, pois, as coisas que precederam na Doutrina sobre a Encarnação são entendidas sobre o humano materno, no qual estava quando em estado de humilhação, e as coisas que se seguem sobre o Divino Humano, no qual estava quando em estado de glorificação, então todas as coisas ali são congruentes. Com o humano materno, no qual estava quando em estado de humilhação, são congruentes as coisas que precederam nessa Doutrina:

Que Jesus Cristo foi Deus e Homem, Deus pela substância do Pai, e Homem pela substância da mãe, nascido no mundo. Perfeito Deus e perfeito Homem, consistindo de uma alma racional e de um corpo humano. Igual ao Pai quando ao Divino, menor que o Pai quanto ao Humano.

Depois, estas:

Que esse Humano não foi convertido em Divino, nem com Ele misturado, mas despojado, e, em lugar dele, o Humano Divino foi assumido.

Com o Humano Divino, no qual estava em estado de glorificação, e no qual agora está eternamente, são congruentes as coisas que se seguem na Doutrina:

Embora nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, seja Deus e Homem, todavia não são dois, mas um só Cristo; e mais, é inteiramente um. Com efeito, é Uma Pessoa. Porquanto, assim como a alma e o corpo fazem um homem, assim Deus e Homem é um só Cristo.

60. Que o Deus e o Homem no Senhor, segundo a doutrina, não sejam dois, mas uma só Pessoa, e inteiramente uma, assim como a alma e o corpo são um, vê-se claramente pelas muitas coisas que Ele disse: que “o Pai e Ele são um”; “todas as coisas do Pai são Suas, e todas as Suas, do Pai”; “Ele está no Pai e o Pai está n’Ele”; “todas as coisas foram dadas em Sua mão”; “d’Ele é todo o poder; “é Deus do céu e da terra”; “aquele que n’Ele crê, tem a vida eterna”; e assim por

diante, que o Divino e Humano foi elevado ao céu e, quanto a um e outro, “senta-Se à direita de Deus”, ou seja, é onipotente. E muitas outras coisas que foram acima abundantemente aduzidas da Palavra sobre o Seu Divino Humano, as quais, todas, testificam que Deus é Um, tanto a Pessoa quanto a Essência, no qual está a trindade; e que esse Deus é o Senhor.

61. A razão de essas coisas sobre o Senhor serem agora pela primeira vez publicadas, é porque foi predito no *Apocalipse, cap. 21 e 22* que uma nova igreja seria instituída pelo Senhor no fim da anterior, e nela esse ponto seria o primeiro. Essa igreja é a que se entende ali pela “Nova Jerusalém”, na qual ninguém pode entrar a não ser que reconheça o Senhor somente, como Deus do céu e da terra. E isto posso anunciar: todo o céu reconhece o Senhor somente, e quem não O reconhece não é admitido no céu, porque o céu é céu pelo Senhor. Esse reconhecimento mesmo, pelo amor e pela fé, faz com que eles estejam no Senhor e o Senhor neles, como o Senhor mesmo O ensinou em *João*:

“Naquele dia conhecereis que Eu estou em Meu Pai, e vós em Mim, e Eu em vós” (Jo. 14:20);

e também, no mesmo:

“Permaneço em Mim, também Eu em vós... Eu... sou a videira, vós os ramos; quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer; todo aquele que não permanece em Mim é lançado fora” (Jo. 15:4-6, e também 17:22, 23).

[2] Que isto não tenha sido visto antes na Palavra, a razão é que, se fosse visto antes, não teria sido recebido. Com efeito, o Juízo Final ainda não fora realizado e, antes disso, a potência dos infernos excedia a potência dos céus; e o homem está no meio, entre o céu e o inferno. Portanto, se isso fosse visto antes, o diabo, isto é, o inferno, o arrebataria de seus corações e, além disso, o profanaria. Esse estado de poder dos infernos foi inteiramente aniquilado pelo Juízo Final, que agora foi realizado. Após isso, quer dizer, agora, todo homem pode ser iluminado e saber, se o deseja. (Sobre esse assunto, vejam-se as coisas que foram escritas na obra *O Céu e o Inferno* (n. 589-596 e 597-603) e também no opúsculo *Do Juízo Final* (n. 65-72 e 73, 74).

XII. A Nova Igreja é entendida pela Nova Jerusalém no *Apocalipse*

62. No *Apocalipse*, após ser descrito o estado da Igreja Cristã, que estará em seu fim, que é agora, e após serem lançados no inferno aqueles que, naquela igreja, foram significados pelos “falsos profetas”, pelo “dragão”, pela “meretriz” e pelas “bestas”, assim, depois que o Juízo Final foi efetuado, foi dito:

“Vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram. Então eu, João, via a cidade santa... Jerusalém, descendo de Deus desde o céu... E ouvi uma grande voz do céu dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens, que habitará com eles, e eles serão Seu povo, e Ele estará com eles, o Deus deles... Disse o que estava sentado no trono: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque essas palavras são verdadeiras e fiéis” (Ap. 21:1-3, 5).

Pelo “novo céu” e pela “nova terra”, que ele viu depois que o primeiro céu e a primeira terra passaram, não se entende um novo céu astral e atmosférico que aparece diante dos olhos humanos, nem uma nova terra sobre a qual habitem pessoas, mas se entende uma nova igreja no mundo espiritual e uma nova igreja no mundo natural.

[2] Visto que uma igreja em um e outro mundos, tanto o espiritual quando o natural, foi de novo instaurada pelo Senhor quando estava no mundo, o mesmo foi igualmente predito nos Profetas, a saber, que um novo céu e uma nova terra iriam existir (como *Is. 65:17; 66:22* e outros lugares), pelos quais não podem ser entendidos um céu visível aos olhos nem uma terra habitada por pessoas. Pelo mundo espiritual se entende o mundo onde habitam os anjos e os espíritos, e pelo mundo natural se entende o mundo onde habitam as pessoas. Que a igreja tenha sido recentemente instaurada de novo no mundo espiritual, e que de novo a igreja existirá no mundo natural, isso foi mostrado no opúsculo *Do Juízo Final* e mais plenamente será mostrado na sua *Continuação*.

63. Pela “Cidade Santa, Jerusalém”, se entende essa nova igreja quanto à doutrina. Por isso, ela foi visto descendo dos céus da parte de Deus, pois a doutrina da verdade genuína não vem de outra parte senão do céu, desde o Senhor. Como pela “cidade da Nova Jerusalém” se entende a igreja quanto à doutrina, daí se dizer:

“Ataviada como uma esposa ornada para seu Marido” (Ap. 21:2),

e, depois:

“Um dos sete anjos veio a mim... e falou comigo, dizendo: Vem, e te mostrarei a Noiva, a Esposa do Cordeiro. E levou em espírito a um monte... alto, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, descendo do céu da parte de Deus” (vers. 9 e 10 no mesmo capítulo).

Sabe-se que por “Noiva” e “Esposa” se entende a igreja, assim como pelo Noivo e Marido se entende o Senhor. A Igreja é Noiva quando quer receber o Senhor, mas Esposa quando O recebe. Que o Senhor seja aí entendido pelo “Marido”, é evidente, pois se diz: “Noiva, Esposa do Cordeiro”.

64. Que por “Jerusalém”, na Palavra, se entenda a igreja quanto a doutrina, a razão é que na terra de Canaan, e não em outra parte, havia o templo, o altar, faziam-se ali os sacrifícios e, assim, o culto Divino. Por isso também três festas eram celebradas ali todos os anos, e ali todo macho da terra devia comparecer. Daí vem que por “Jerusalém” é significada a igreja quanto ao culto, e daí, também, a igreja quanto à doutrina, pois o culto é prescrito na doutrina e se faz segundo a doutrina. Depois também, porque o Senhor esteve em Jerusalém e ensinou em seu templo e, em seguida, ali glorificou o Seu Humano. Além disso, pela “cidade”, na Palavra, em seu sentido espiritual, é significada a doutrina; assim, pela “cidade santa”, a doutrina da Divina Verdade proveniente do Senhor¹⁸.

[2] Que “Jerusalém” signifique a igreja quanto à doutrina, é evidente também por outras passagens na Palavra, como pelas seguintes. Em *Isaías*:

“Por causa de Sião, não [Me] calarei, e por causa de Jerusalém não Me aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor e a sua salvação como uma lâmpada acesa. Então as nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória. E chamar-te-ão por um nome novo, que a boca de JEHOVAH designará. E serás uma coroa de ornamento na mão de JEHOVAH e um diadema real na mão de teu Deus. ... JEHOVAH Se agrada em Ti, e a tua terra será casada. ... Eis, a tua salvação vem, eis que vem com Ele a Sua recompensa. E chamar-lhes-ão: Povo de santidade, Redimidos de JEHOVAH; e tu

¹⁸ Que pela “cidade” na Palavra, seja significada a Doutrina da Igreja e da Religião, veja-se nos Arcanos Celestes, n. 402, 2450, 2943, 3216, 4492 e 4493. Que pela “porta da cidade” seja significada a Doutrina pela qual se é introduzido na igreja, n. 2493, 4447 e 4478. Que os anciãos se sentavam à porta da cidade e julgavam, *ibidem*. “Sair pela porta” é afastar-se da Doutrina, n. 4492, 4493. Que as cidades e os palácios no céu sejam representados quando um anjo fala sobre coisas doutrinárias, n. 3216, *ibidem*.

serás chamada: Cidade procurada, não deserta” (Is. 62:1-4, 11, 12).

Trata-se, em todo esse capítulo, do advento do Senhor e de uma nova igreja que deve ser instaurada por Ele. Essa nova igreja é que se entende por “Jerusalém”, a qual “será chamada por um nome novo que a boca de JEHOVAH designará” e, também, que “será uma coroa de ornamento na mão de JEHOVAH, e um diadema real na mão de Deus”, da qual JEHOVAH Se agrada, e que será chamada “cidade procurada, não deserta”. Por estas expressões não pode ser entendida a Jerusalém habitada pelos judeus quando o Senhor veio ao mundo, pois essa era totalmente o contrário; essa era mais para ser chamada Sodoma, como, de fato, é chamada no *Ap. 11:8*. Vide também *Is. 3:9; Jr. 23:14; Ez. 16:46, 48*.

[3] Em outra passagem, em *Isaias*:

“Eis que crio um novo céu, e uma nova terra... não serão lembrados os anteriores. ... Alegrai-vos e exultai eternamente pelo que Eu crio. ... Eu hei de criar Jerusalém em exultação, e o povo seu em alegria, para que exultem sobre Jerusalém, e Meu povo se alegre. ... Então o lobo e o cordeiro pastarão juntos... não farão o mal... em todo o monte de Minha santidade” (Is. 65:17-19, 25).

Também nesse capítulo se trata do advento do Senhor e da igreja que deve ser instaurada por Ele. Ela não é instaurada com aqueles que estão em Jerusalém, mas com aqueles que estavam fora dela. Por isso essa igreja é entendida por “Jerusalém”, que será exultação ao Senhor, e cujo povo será Sua alegria. “Então o lobo e o cordeiro pastarão juntos, e onde não farão mal”. Aqui também se diz, da mesma maneira que no *Apocalipse*, que o Senhor há de criar um novo céu e uma nova terra, pelo que são entendidas coisas semelhantes, e também se diz que criará “Jerusalém”.

[4] Em outra passagem, em *Isaias*:

“Desperta, desperta, veste-te de tua força, ó Sião. Veste os vestidos de teu ornamento, Jerusalém, cidade de santidade. Porque não acontecerá mais que venha a ti nem incircunciso nem imundo. Sacode de ti o pó, levanta-te, assenta-te, ó Jerusalém. ... Meu povo conhece o Meu nome... pois naquele dia Eu [serei] aquele que fala: Eis-Me aqui. ... JEHOVAH consolou o Seu povo, redimiu Jerusalém” (Is. 52:1, 2, 6, 9).

Também nesse capítulo se trata do advento do Senhor e da igreja que deve ser instaurada por Ele. Por isso, por “Jerusalém”, que o Senhor redimiu, à qual não virá mais o incircunciso e o imundo, entende-se a igreja; e por “Jerusalém, cidade de santidade”, a igreja quanto a

doutrina sobre o Senhor.

[5] Em *Sofonias*:

“Jubila, ó filha de Sião;... alegra-te... de todo o coração, ó filha de Jerusalém; o rei de Israel... no meio de ti; não temas mais o mal. ... Alegrar-se-á sobre ti com regozijo, aquietar-se-á no teu amor, exultará sobre ti com júbilo. ... Dar-vos-ei por nome e por louvor de todos os povos da terra” (Sf. 3:14-17, 20).

Semelhantemente, aí se trata do Senhor e da igreja que vem d’Ele, sobre a qual o Rei de Israel, que é o Senhor, “alegrar-Se-á com regozijo”, “exultará com júbilo” e “em cujo amor Se aquietará” e a qual “dará por nome e louvor de todos os povos da terra”.

[6] Em *Isaiás*:

“Assim disse JEHOVAH, teu Redentor e teu Formador: ... dizendo de Jerusalém: Serás habitada; e das cidades de Judá: Sereis edificadas” (Is. 44:24, 26).

E em *Daniel*:

“Sabe... e percebe, da saída da palavra para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Príncipe Messias, sete semanas” (Dn. 9:25).

É evidente que por “Jerusalém” aí se entende também a igreja, uma vez que ela seria restaurada e edificada pelo Senhor, mas não a Jerusalém morada dos judeus.

[7] Por “Jerusalém” se entende a igreja vinda do Senhor também nas passagens seguintes. Em *Zacarias*:

“Assim disse JEHOVAH: Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém; será chamada Jerusalém, cidade da verdade; e o monte de JEHOVAH Zebaoth, o Monte da santidade” (Zc. 8:3, 20-23).

Em *Joel*:

“Então conhecereis que Eu [sou] JEHOVAH, vosso Deus, Que habito em Sião, monte da santidade... e Jerusalém será santidade; ... e acontecerá naquele dia que os montes destilarão mosto, e os outeiros fluirão leite; ... e Jerusalém permanecerá de geração em geração” (Jl. 3:17-20).

Em *Isaiás*:

“Naquele dia será o renovo de JEHOVAH será por ornamento e glória... e acontecerá que o remanescente de Sião, e o restante de Jerusalém será chamado santo; ... todos os inscritos para a vida em Jerusalém” (Is. 4:2, 3).

Em *Miquéias*:

“No fim dos dias o monte da casa de JEHOVAH será constituído na cabeça dos montes; ... porque de Sião sairá a doutrina, e a palavra de JEHOVAH, de Jerusalém; ... virá a ti o primeiro reino, o reino da filha de Jerusalém” (Mq. 4: 1, 2 , 8).

Em *Jeremias*:

“Naquele tempo, chamarão Jerusalém: O trono de JEHOVAH; e de todas as nações se congregarão... em nome de JEHOVAH, em Jerusalém; e não andarão mais após a confirmação de seus maus corações” (Jr. 3:17).

Em *Isaiás*:

“Olha para Sião, a cidade de nossas festas marcadas; teus olhos verão Jerusalém, habitáculo tranqüilo, tabernáculo que não será dissipado; suas estacas não serão removidas jamais, e todas as suas cordas não serão arrancadas” (Is. 63:20).

Depois, também, em outras passagens, como *Is. 24:23; 37:32; 66:10-14; Zc. 12:3, 6, 8, 9, 10; 14:8, 11, 12, 21; Ml. 3:1, 4; Sl. 122:1-7; 137:5, 6.*

[8] Por “Jerusalém”, nessas passagens, entende-se a igreja, que devia ser instaurada pelo Senhor e também tem sido instaurada. Não se trata da Jerusalém na terra de Canaan e habitada pelos judeus. Isso pode ser visto também pelas passagens, na Palavra, onde se diz dela que estava inteiramente perdida e que seria destruída. Como em *Jeremias 5:1; 6:6, 7; 7:17, 20, etc.; 8:5-7, etc.; 9:10, 11, 13, etc.; 13:9, 10, 14; 14:16; Lamentações 1:8, 9, 15, 17; Ezequiel 4:1 ao fim; 5:9 ao fim; 12:18, 19; 15:6-8; 16:1 ao fim; 23:1-49; Mateus 23:33, 37, 39; Lucas 19:41-44; 21:20-22; 23:28-30*, e muitas outras passagens.

65. Diz-se no *Apocalipse*: “Um novo céu e uma nova terra”, e, em seguida: “Eis que faço novas todas as coisas”, pelo que não se entende outra coisa senão que na nova igreja agora instaurada pelo Senhor haverá uma nova doutrina que não existia na igreja precedente. A razão de não ter existido é que, se o fosse, não seria recebida. Com efeito, o Juízo Final ainda não fora realizado, e antes disso a potência do inferno prevalecia sobre a potência do céu. Por isso, se fosse dada antes pela boca do Senhor, não permaneceria com as pessoas. Tampouco hoje permanece, a não ser naqueles que se voltam para o Senhor somente e O reconhecem como o próprio Deus do céu e da terra (vide acima, n. 61). Na verdade, essa mesma doutrina fora dada antes na Palavra, mas como a igreja, não muito tempo depois de sua

instauração, tornou-se Babilônia, e com outros, depois, tornou-se Filístia, por isso essa doutrina não pôde ser vista na Palavra. Pois uma igreja não vê a Palavra de outra forma que não pelo princípio de sua religião e sua doutrina.

[2] As “coisas novas” que se acham neste opúsculo são, em geral, estas:

- i. Deus é uma só Pessoa e Essência, e Ele é o Senhor.
- ii. Toda a Escritura Santa trata d’Ele somente.
- iii. Ele veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar Seu Humano, e fez uma e outra coisas por meio de tentações em Si admitidas, e o fez plenamente pela última delas, que foi a paixão na cruz; por esse modo tornou-Se Redentor e Salvador, e por esse modo o mérito e a justiça pertencem a Ele somente.
- iv. Ele cumpriu toda a Lei; assim, cumpriu toda a Palavra.
- v. Pela paixão na cruz, não removeu os pecados, mas os portou, tal como um Profeta, isto é, que Se submeteu a isso para que em Si fosse representada a igreja, o modo como ela fazia mal à Palavra.
- vi. A imputação do mérito não é coisa alguma, a não ser que por isto se entenda a remissão dos pecados por meio da penitência.

Estas são as coisas no presente opúsculo. Novas coisas serão ainda vistas nos seguintes, que serão *Da Escritura Santa, Doutrina de Vida, Doutrina da Fé, Divino Amor e Divina Sabedoria*.

Doutrina da Escritura Santa

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Escritura Santa)

Emanuel Swedenborg

Publicado originalmente em latim
Amsterdã, 1763

Edições das Doutrinas Celestes da Nova Jerusalém
Dezembro 2006

I. A Escritura Santa ou Palavra é o próprio Divino Vero

1. Todos falam que a Palavra é de Deus, inspirada pelo Divino e que, assim, é santa, mas até hoje ainda se ignora onde se acha nela a divindade, porque a Palavra, na letra, se parece com um escrito comum, de estilo estranho, não sublime nem brilhante como são em aparência os escritos seculares. Por esse motivo é que o homem que adora a natureza em lugar de Deus e, assim, pensa por si mesmo e pelo que lhe é próprio, pode facilmente cair no erro sobre a Palavra e no desprezo por ela, dizendo consigo mesmo, quando a lê: “Que é isso? Que é aquilo? Acaso isso é divino? Acaso Deus, cuja sabedoria é infinita, pode falar assim? Onde está e de onde vem a sua santidade a não ser da religiosidade e, assim, da persuasão?”.

2. Mas quem pensa assim não considera que JEHOVAH mesmo, que é Deus do céu e da terra, proferiu a Palavra por meio de Moisés e dos profetas; e que, por isso, ela não pode deixar de ser o próprio Divino Vero, pois isso é o que JEHOVAH mesmo profere. Tampouco considera que o Senhor, que é o mesmo JEHOVAH, proferiu a Palavra nos Evangelhos, muitas coisas por Sua boca e as restantes pelo espírito de Sua boca, que é o Espírito Santo. Assim é que Ele diz que em Suas palavras há Vida e que Ele mesmo é a Luz que ilumina, e que é a Verdade. Que JEHOVAH mesmo tenha proferido a Palavra por meio dos profetas, mostrou-se na *Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor* (n. 52, 53).

[2] Que as palavras que o Senhor mesmo falou nos Evangelhos sejam Vida, vê-se em *João*:

“As palavras que Eu vos falo são Espírito e são Vida” (Jo. 6:63).

No mesmo:

Jesus disse à mulher na fonte de Jacob: “Se conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-Me de beber, tu Lhe pedirias e Ele te daria a água vivente. ... Quem beber da água que Eu der... não terá sede na eternidade; mas a água que Eu der se tornará nele uma fonte de água jorrando na vida eterna” (Jo. 4:6, 10, 14).

Pela “fonte de Jacob” é significada a Palavra, como também em

Deuteronômio 33:28. Por isso também o Senhor sentou-Se ali e falou com a mulher. E pela “água” é significado o vero da Palavra.

[3] No mesmo:

Jesus disse: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem quer que creia em Mim, como diz a Escritura, um rio de água vivente fluirá de seu ventre” (Jo; 7:37, 38).

No mesmo:

Pedro disse a Jesus: “Tens as palavras de vida eterna” (Jo. 6:68).

Por isso o Senhor disse em *Marcos*:

“O céu e a terra passarão, [mas] Minhas palavras não passarão” (Mc. 13:31).

Que as palavras do Senhor sejam Vida é porque Ele é a Vida e a Verdade, como ensina em *João*:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo. 14:6);

e, no mesmo:

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava em Deus, e Deus era a Palavra... Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo. 1:1, 4).

Pela “Palavra”, aí, entende-se o Senhor quando ao Divino Vero, no qual somente há vida e há luz.

[4] Por isso é que a Palavra que vem do Senhor e pertence ao Senhor se chama:

“Fonte de águas vivas” (Jr. 2:13; cap. 17:13; cap. 31:9);

“Fonte de salvação” (Is. 12:3);

“Fonte” (Zc. 8:1);

e

“Rio de água da vida” (Ap. 22:1);

e se diz que

“O Cordeiro, que está no meio do trono, os apascentará e os conduzirá a fontes vivas de águas” (Ap. 7:17).

Além de outras passagens em que a Palavra também é chamada “santuário” e “tabernáculo”, no qual o Senhor habita com o homem.

3. Mas o homem natural não pode, todavia, ser persuadido por essas passagens de que a Palavra é o Divino Vero no qual está a

Divina Sabedoria e a vida Divina, pois a considera pelo estilo, no qual não as vê. Mas o estilo da Palavra é o próprio estilo Divino, com o qual o estilo de todos os outros não pode ser comparado por mais sublime e excelente que pareça, porque é como a escuridão em relação a uma lâmpada. O estilo da Palavra é tal que a santidade está em cada sentido e em cada vocábulo, até mesmo em algumas das próprias letras ali. Assim é que a Palavra conjunta o homem ao Senhor e abre o céu. Há duas coisas que procedem do Senhor: o Divino Amor e a Divina Sabedoria, ou, o que é o mesmo, o Divino Bem e o Divino Vero, pois o Divino Bem pertence ao Divino Amor mesmo e o Divino Vero pertence à Divina Sabedoria mesma. Em sua essência, a Palavra é um e outro; e como ela conjunta o homem ao Senhor e abre o céu, como foi dito, por isso a Palavra enche o homem do bem do amor e dos veros da sabedoria quando ele a lê pelo Senhor e não por si somente; a sua vontade é cheia do bem do amor e o seu entendimento é cheio dos veros da sabedoria. Daí há para o homem a vida pela Palavra.

4. Para que o homem não esteja na dúvida de que a Palavra é assim, foi-me revelado pelo Senhor o sentido interno da Palavra que, em sua essência, é espiritual, estando no sentido externo ou natural como a alma no corpo. Esse sentido é o espírito que vivifica a letra, pelo que esse sentido pode testificar sobre a divindade e a santidade da Palavra e também convencer o homem natural, se ele quiser ser convencido.

II. Na Palavra há um sentido espiritual até hoje desconhecido

5. Isso se dirá na seguinte ordem: (i.) O que é o sentido espiritual; (ii.) Esse sentido está em todas e cada uma das coisas da Palavra. (iii) É por esse sentido que a Palavra foi divinamente inspirada e é santa em cada vocábulo; (iv) Esse sentido foi desconhecido até hoje; (v.) E não será concedido daqui em diante a ninguém, exceto quem estiver nos veros genuínos pelo Senhor.

(i). *O que é o sentido espiritual.* O sentido espiritual não é esse que brilha do sentido da letra da Palavra quando se perscruta e explica a Palavra para confirmar algum dogma da igreja. Esse é o sentido literal da Palavra. O sentido espiritual, porém, não aparece no sentido da

letra; está dentro dele como a alma no corpo, como o pensamento nos olhos e como a afeição na face, quando agem em comum como a causa e o efeito. Esse sentido, principalmente, faz com que a Palavra seja espiritual não somente para os homens, mas também para os anjos. Por isso, por esse sentido a Palavra comunica com os céus.

6. Do Senhor procede o celeste, o espiritual e o natural, um após o outro. Chama-se celeste o que procede de Seu Divino Amor e é o Divino Bem. Chama-se espiritual o que procede de Sua Divina Sabedoria e é o Divino Vero. O natural vem de um e outro; é o complexo destes no último. Os anjos do reino celeste do Senhor, dos quais consiste o céu terceiro ou supremo, acham-se no Divino que, procedendo do Senhor, chama-se celeste, pois se acham no bem do amor oriundo do Senhor. Os anjos do reino espiritual do Senhor, dos quais consiste o céu médio ou segundo, estão no Divino que, procedendo do Senhor, chama-se espiritual, porque se acham nos veros da sabedoria oriunda do Senhor. Mas os homens da igreja, no mundo, estão no Divino natural, que também procede do Senhor. Segue-se, assim, que o Divino procedente do Senhor até seus últimos desce por três graus, que são chamados celeste, espiritual e natural. O Divino que desce do Senhor até o homem desce por esses três graus; e quando desce, contém em si esses três graus. Todo Divino é assim; por isso, quando está em seu último grau, está em seu pleno. Assim é a Palavra. No seu último sentido ela é natural, no interior é espiritual, no íntimo é celeste e é Divina em cada um deles. Que a Palavra seja assim, não se mostra no sentido de sua letra, que é natural, em razão de que, até o presente, o homem do mundo não tinha sabido coisa alguma dos céus e, por conseguinte, o que é o celeste e o que é espiritual, não fazendo, portanto, nenhuma diferença entre esses e o natural.¹⁹

7. Não se pode conhecer a diferença entre esses graus a menos que saiba o que é a correspondência, pois esses três graus são inteiramente distintos entre si, como o fim, a causa e o efeito, ou como o anterior, o posterior e o final, embora façam um pelas correspondências. Com efeito, o natural corresponde ao espiritual e também ao celeste. Mas pode-se ver o que é a correspondência na obra *O Céu e o Inferno*, onde se tratou da Correspondência de todas as coisas do céu com todas as coisas do homem (n. 87-102) e da correspondência do céu com todas as coisas da terra (n. 103-115). E se verá, com mais amplidão, pelos exemplos da Palavra que serão citados

¹⁹ Que haja dois reinos que constituem o céu, dos quais um se chama reino celeste e o outro reino espiritual, veja-se na obra *O Céu e o Inferno*, n. 20-28.

adiante.

8. Uma vez que a Palavra é interiormente espiritual e celeste, por isso foi escrita por meras correspondências. O que é escrito por meras correspondências é, em seu sentido último, escrito num estilo assim, como o que se encontra nos Profetas e nos Evangelhos, o qual, todavia, parece vulgar, ainda que encerre em si a sabedoria Divina e toda sabedoria angélica.

9. (ii.) *Que haja um sentido espiritual em todas e cada uma das coisas da Palavra*, não se pode ver melhor do que nos exemplos que estão na seqüência. João disse no *Apocalipse*:

“Vi o céu aberto e, eis, um cavalo branco, e o que se sentava sobre ele se chamava Fiel e Verdadeiro, que julga e peleja em justiça. E Seus olhos ... como chama de fogo, e sobre a Sua cabeça muitos diademas, tendo um nome escrito que ninguém conhece senão Ele; e estava vestido com uma vestimenta tinta de sangue; e Seu nome se chamava Palavra de Deus. Seus exércitos no céu O seguiam sobre cavalos brancos, vestidos de fino linho, branco e puro. Tem sobre sua vestimenta e sobre Sua coxa um nome escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Vi, além disso, um anjo que estava no sol, que clamava com grande voz... Vinde e ajuntemo-nos para a grande ceia... para comerdes as carnes dos reis, e as carnes dos quiliarcas, e as carnes dos fortes, e as carnes dos cavalos e dos que se sentam sobre eles, e as carnes de todos os livres e todos os servos, e dos pequenos e grandes” (Ap. 19:11-18).

Ninguém pode ver o que essas coisas significam a não ser pelo sentido espiritual da Palavra, e ninguém pode ver o sentido espiritual a não ser pela ciência das correspondências, porque todos os vocábulos são correspondências e nenhum vocábulo aí é em vão. A ciência das correspondências ensina o que significam o “cavalo branco” e o que “se assenta sobre ele”, o que significam os “olhos” que são como chama de fogo, o que significam os “diademas” que estavam sobre a cabeça, o que significa a “vestimenta tinta de sangue”, o que significa o “linho fino e branco” de que estava vestido o Seu exército no céu, o que significa o “anjo que estava no sol”, o que significa a “grande ceia” para a qual viriam e se ajuntariam, como também o que significam as “carnes dos reis” e dos “quiliarcas”, além das de muitos outros, as quais se comeriam. Mas, o que significa cada uma dessas expressões no sentido espiritual, veja-se no opúsculo *Do Cavalo Branco*, onde estão explicadas; por isso me abstenho de explicá-las novamente aqui. Mostrou-se naquele opúsculo que ali era descrito o Senhor quanto à Palavra; e que pelos “Seus olhos”, que eram como

chama de fogo, pelos “diademas” sobre a cabeça e pelo “nome” que ninguém conhece senão Ele, era entendido o sentido espiritual da Palavra, que ninguém conhece senão o Senhor mesmo e quem Ele quiser revelar; depois, que pela “vestimenta tinta de sangue” é entendido o sentido natural da Palavra, que é o sentido de sua letra, pois se diz: “Seu nome se chama Palavra de Deus”. E que seja o Senhor que aí é entendido, também se vê claramente, pois se diz que o nome do que Se assenta sobre o cavalo estava escrito: “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. Que o sentido espiritual da Palavra deva ser aberto no fim da igreja, isso é significado não somente pelo que foi dito agora sobre o cavalo e sobre o que Se assenta sobre ele, mas também pela “grande ceia” para a qual o anjo que estava no sol convidava a que viessem e comessem as carnes dos reis, dos quiliarcas, dos fortes, dos cavalos e dos que se sentavam sobre eles, e de livres e servos. Todas essas expressões seriam palavras vazias, sem vida e sem espírito, se nelas não houvesse um sentido interior, como a alma no corpo.

10. No *Apocalipse*, cap. 21, assim é descrita a Santa Jerusalém:

Nela havia liminares semelhantes a pedras preciosíssimas, como a pedra de jaspe resplandecente como o cristal. Tinha um muro grande e alto contendo doze portas e, sobre as portas, doze anjos, e os nomes escritos das doze tribos dos filhos de Israel. O muro era de cento e quarenta e quatro côvados, que é medida de homem, isto é, de anjo. E a estrutura do muro era de jaspe e sua fundação de toda pedra preciosa: jaspe, safira, calcidônia, esmeralda, sardônica, sárdio, crisólito, berilo, topázio, crisópraso, jacinto e ametista. As doze portas eram doze pérolas. A cidade mesma era de ouro puro, semelhante ao vidro puro, e era quadrangular. O comprimento, a largura e altura eram iguais, de doze mil estádios; além de muitas outras coisas (vers. 11, 12, 16-21).

Que todas essas expressões devam ser entendidas espiritualmente, pode-se ver por isso: pela “Santa Jerusalém” é significada uma nova igreja que deve ser instaurada pelo Senhor, como se mostrou na *Doutrina do Senhor* (n. 62-65). E como por “Jerusalém” aí é significada a igreja, segue-se que todas as descrições que se fazem dela como cidade, a saber, de suas portas, de seu muro, das fundações do muro, como também as de suas medidas, contêm um sentido espiritual, pois as coisas que são da igreja são espirituais. O que, porém, cada uma delas significa, foi explicado na obra *Da Nova Jerusalém*, publicada em Londres no ano de 1758 (n. 1). Por isso me abstenho de explicá-las novamente. Basta que se diga que um sentido espiritual está presente em cada coisa de sua descrição, assim como a

alma está no corpo. E que, sem esse sentido, nada da igreja se entenderia nas coisas que foram descritas, ou seja, que a cidade era de ouro puro, que suas portas eram de pérola, o muro de jaspe, as fundações do muro de pedras preciosas, que o muro era de cento e quarenta e quatro côvados, que é medida de homem, isto é, de anjo; que o comprimento, a largura e altura dessa cidade era de doze mil estádios, e muitas outras coisas. Quem, todavia, conhece o sentido espiritual pela ciência das correspondências, esse as entende; por exemplo, entende que o “muro” e a “sua fundação” significam a doutrina proveniente do sentido literal da Palavra e que os números “doze”, “cento e quarenta e quatro”, “doze mil” significam o mesmo, a saber, todos os veros e bens da igreja em um só conjunto.

11. Diz-se no *Apocalipse*, cap. 7:

Que foram selados cento e quarenta e quatro mil, doze mil de cada uma das tribos de Israel, tanto da tribo de Judá, da tribo de Reuben, de Gad, de Ascher, de Naftali, de Manasses, de Simeão, de Levi, de Issacar, de Zebulom, de José e de Benjamin.

O sentido espiritual dessas expressões é que são salvos todos aqueles em quem está a igreja pelo Senhor, porque, no sentido espiritual, “assinalar nas testas” ou “selar” significa ser reconhecido pelo Senhor e ser salvo; por “doze”, “doze mil” e “cento e quarenta e quatro mil”, todos; por “Israel”, a igreja, e por cada uma das “tribos” algo específico da igreja. Quem não conhece esse espiritual presente nessas palavras pode achar que somente aqueles tantos devem ser salvos, e somente os que são da nação israelita e judaica.

12. Diz-se no *Apocalipse*, cap. 6,

Que quando o anjo abriu o primeiro selo do livro, saiu um cavalo branco, e o que estava sentado sobre ele tinha um arco e foi-lhe dada uma coroa; quando abriu o segundo selo, saiu um cavalo vermelho, e ao que estava sentado sobre ele foi dada uma grande espada; quando abriu o terceiro, saiu um cavalo negro, e o que estava sentado sobre ele tinha na mão uma balança; e, quando abriu o quarto selo, saiu um cavalo pálido, e o nome do que estava sentado sobre ele era morte (vers. 1-5, 7, 8).

Somente pelo sentido espiritual se pode desvendar isso, e é plenamente desvendado quando se sabe o que significam a “abertura dos selos”, os “cavalos” e as demais expressões. Por elas são descritos os estados sucessivos da igreja quanto ao entendimento da Palavra, do princípio até o seu fim. Pela “abertura dos selos do livro pelo Cordeiro” é significada a manifestação pelo Senhor desses estados da

igreja; pelo “cavalo”, o entendimento da Palavra; pelo “cavalo branco”, o entendimento do vero oriundo da Palavra no primeiro estado da igreja; pelo “arco” do que estava sentado sobre esse cavalo, a doutrina da caridade e da fé pelejando contra os falsos; pela “coroa”, a vida eterna como prêmio da vitória; pelo “cavalo vermelho” é significado o entendimento perdido da Palavra, quanto ao bem, no segundo estado da igreja; pela “espada grande”, o falso pelejando contra o vero; pelo “cavalo negro” é significado o entendimento nulo da Palavra por causa dos males da vida e, assim, dos falsos, no quarto ou último estado da igreja; e pela “morte”, a danação eterna. Que tais coisas sejam entendidas por estas no sentido espiritual, isso não se mostra no sentido da letra ou natural. Por isso, se o sentido espiritual não fosse uma vez aberto, a Palavra estaria fechada quanto a estas e as coisas restantes no *Apocalipse*, a ponto de que, finalmente, não se saberia em que consistiria nela a santidade Divina. É semelhante ao que é significado pelos “quatro cavalos” e pelos “quatro carros saindo de entre as duas montanhas de bronze”, em *Zacarias* (cap. 6:1-8).

13. Lê-se no *Apocalipse*, cap. 9:

“O quinto anjo tocou... e vi uma estrela do céu caída na terra, e foi-lhe dada as chaves do poço do abismo; e abriu-se o poço do abismo, e subiu uma fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha; e escureceu-se o sol e o ar pela fumaça do poço. E da fumaça saíram gafanhotos na terra, e foi-lhes dado o poder tal como o poder que têm os escorpiões da terra... A aparência dos gafanhotos era semelhante à de cavalos preparados para a guerra; e sobre as suas cabeças como que coroas semelhantes a ouro, e as suas faces como as faces dos homens, e tinham cabelos como cabelos de mulheres, e seus dentes eram como de leões; e tinham [tóraces como] tóraces férreos; e o som de suas [asas] como o som de carros... de muitos que correm na guerra; e tinham caudas semelhantes a de escorpiões, e havia agulhões nas suas caudas; e o poder delas era para danificar os homens por cinco meses; e tinham sobre si um rei, o anjo do abismo; o seu nome em hebraico é Abaddon... em grego tem o nome Apollyon” (vers. 1-3, 7-11).

Estas expressões não serão entendidas por pessoa alguma a não ser que lhe seja revelado o sentido espiritual, pois nada existe aí que tenha sido dito em vão; todas as coisas, quanto a cada uma delas, têm significação. Trata-se aí do estado da igreja, quando todas as cognições do vero oriundas da Palavra tiverem sido perdidas e, em conseqüência, o homem que se tiver tornado sensual se persuadir de que as falsidades são verdades.

[2] Pela “estrela caída do céu” são significadas as cognições do vero

que foram perdidas; pelo “sol e o ar escurecidos” é significada a luz do vero tornada em escuridão; pelos “gafanhotos” que saíram da fumaça do poço são significados os falsos nos extremos, quais são os daqueles que se tornaram sensuais e vêem e julgam todas as coisas pelas falácias; pelo “escorpião” é significado o persuasivo deles. Que os gafanhotos tenham aparecido “como cavalos preparados para a guerra” significa os seus raciocínios como se fossem do entendimento do vero; que os gafanhotos tenham “coroas semelhantes a ouro sobre a cabeça” e que “suas faces eram como faces de homens” significa que pareciam s si mesmos como vitoriosos e sábios; que seus “cabelos eram como cabelos de mulheres” significa que pareciam a si mesmos como se estivessem na afeições do vero; que eram seus “dentes como de leões” significa que as coisas sensuais, que são os últimos do homem natural, lhes parecem como tendo poder sobre todas as coisas.

[3] Que eram seus “tóraces como tóraces de ferro” significa as argumentações provenientes das falácias pelas quais combatem e prevalecem; que era o “som das asas como o som dos carros que correm na guerra” significa os raciocínios como se fossem oriundos dos veros da doutrina provenientes da Palavra, pelos quais deviam combater; que eram suas “caudas como de escorpiões” significa as persuasões; que havia “agulhões nas caudas” significa as astúcias de se iludir por meio delas; que eles tinham “poder de danificar os homens por cinco meses” significa que induzem uma espécie de entorpecimento naqueles que estão no entendimento do vero e na percepções do bem; que tinham sobre si “um rei, o anjo do abismo, cujo nome é Abaddon ou Apollyon” significa que os seus falsos eram do inferno onde se acham os que são meramente naturais e estão na própria inteligência.

[4] Eis aí o sentido espiritual dessas palavras, do qual não aparece coisa alguma no sentido da letra. É a mesma coisa em toda parte no *Apocalipse*. Cumpre saber que no sentido espiritual todas as coisas são coerentes em uma conexão contínua; por isso, se a menor palavra for tirada, a conexão se rompe e a conjunção perece. Por esse motivo, para que não se fizesse isso, no final desse livro profético foi acrescentado:

“Que não se tirasse palavra alguma” (Ap. 22:19).

É semelhante com os livros proféticos do Velho Testamento; para que nada fosse tirado deles, sucedeu, pela Divina providência do Senhor, que cada uma das coisas ali, até às letras, fossem numeradas pelos massoretas.

14. O Senhor, diante dos discípulos, quando falou sobre a consumação do século, que é o último tempo da igreja, no final das predições de suas sucessivas mudanças de estados, disse:

“Logo... depois da aflição daqueles dias, o sol será escurecido e a lua não dará sua luz e as estrelas cairão do céu e as potências do céu serão abaladas. E então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu; e então todas as tribos da terra prantearão e verão o Filho do homem, que virá nas nuvens do céu com poder e grande glória. E enviará os Seus anjos com trombetas e grande voz, e congregarão os Seus eleitos desde os quatro ventos, de um extremo dos céus até ao [outro] extremo deles” (Mt. 24:29 a 31).

[2] No sentido espiritual, por essas expressões não se entende que o sol e a lua serão escurecidos, que as estrelas cairão do céu, que deverá aparecer o sinal do Senhor do céu e que Ele será visto nas nuvens e, ao mesmo tempo, anjos com trombetas. Mas por cada uma das palavras aí se entendem coisas espirituais que pertencem à igreja, de cujo estado, em seu fim, essas palavras foram ditas. Com efeito, no sentido espiritual, pelo “sol” que será escurecido se entende o Senhor quanto ao amor; pela “lua”, que não dará sua luz, o Senhor quanto à fé; pelas “estrelas” que cairão do céu, as cognições do bem e do vero, que serão perdidas; pelo “sinal do Filho do homem no céu”, a aparição do Divino Vero; pelas “tribos da terra” que lamentarão, a falta de todo vero que é da fé e do bem que é do amor; pelo “advento do Filho do homem nas nuvens do céu com poder e glória”, a presença do Senhor na Palavra e a revelação; pelas “nuvens” é significado o sentido da letra da Palavra, e pela “glória” o sentido espiritual da Palavra; pelos “anjos com trombeta e grande voz” é significado o céu de onde procede o Divino Vero; por “congregar os eleitos dos quatro ventos de um extremo dos céus até o seu extremo” é significada a nova igreja quanto ao amor e à fé.

[3] Que não se entenda o obscurecimento do sol e da lua, nem a queda das estrelas na terra, vê-se claramente pelos Profetas, nos quais se dizem coisas semelhantes sobre o estado da igreja quando o Senhor viesse ao mundo. Como em *Isaias*:

“Eis, o dia de JEHOVAH vem, cruel... e na inflamação da ira... as estrelas do céu e as suas constelações não luzirão a sua luz, o sol será entenebrecido no seu nascimento e a lua não fará resplandecer o seu lume; visitarei sobre o mundo a malícia” ([Is. 13:9-11]; 24:21, 23).

Em *Joel*:

“Vem o dia de JEHOVAH, dia de trevas e de escuridão; o sol e a lua serão enegrecidos, e as estrelas retirarão o seu esplendor” (Jl. 2:1, 2, 10; 3:15).

Em *Ezequiel*:

“Cobrirei... os céus, e enegrecerei as estrelas... cobrirei o sol com uma nuvem e a lua não fará luzir o seu lume; escurecerei todos os luminares do céu... e darei trevas sobre a terra” (Ez. 32:7, 8).

Pelo “dia de JEHOVAH” se entende o advento do Senhor, que aconteceu quando não havia mais resto algum de bem e vero, tampouco reconhecimento algum do Senhor.

15. Para que se veja que a Palavra profética do Velho Testamento, em muitas passagens, não é entendida sem o sentido espiritual, quero acrescentar uma coisa somente, como esta passagem em *Isaias*:

“Então suscitará JEHOVAH... contra” a Assíria “um flagelo, tal como a matança [*plagam*] de Midian na rocha de Oreb, e o seu cajado sobre o mar, a qual levantará no caminho do Egito. E será naquele dia... tirará a carga de sobre o teu ombro, e o jugo... de sobre o teu pescoço; ... virá contra Aiath, passará em Migrom, contra Micmás mandará os seus exércitos; passarão Mebara, Gibeá [será] alojamento para nós, Rama tremerá, Gibeá de Saul fugirá. Deplora com tua voz, ó filha de Gallim; ouve, ó Lajisch, pobre de Anatototh. Madmena vagueará; os habitantes de Gebim se congregarão. Ainda um dia parará em Nob? Agitará sua mãe, o monte da filha de Sião, a colina de Jerusalém... JEHOVAH cortará com ferro os ramos [*implexa*] da floresta, e o Líbano cairá por um poderoso” (Is. 10:26-34).

Aqui ocorrem somente nomes de que nada pode ser extraído sem auxílio do sentido espiritual, no qual os nomes na Palavra significam coisas do céu e da igreja. Por esse sentido se conclui, pelas coisas significadas pelos nomes, que toda a igreja está devastada pelos conhecimentos que pervertem todo vero e confirmam os falsos.

[2] Em outra passagem, no mesmo profeta:

“Naquele dia... afastará a inveja de Efraím, e os inimigos de Judá serão desarraigados. Efraím não invejará Judá, e Judá não oprimirá Efraím, mas voarão no ombro dos filisteus em direção ao mar, unidos depredarão os filhos do oriente. Edom e Moab estenderão suas mãos... JEHOVAH condenará [*contra devovebit*] a língua do mar do Egito, e agitará Sua mão sobre o rio com veemência de Seu espírito, e o ferirá em sete ribeiros, para que façam um caminho com sapatos; então haverá uma vereda para restantes de Seu povo, que serão remanescentes da Assíria” (Is. 11:13-16).

Aqui, também, ninguém verá Divino algum, a não ser que saiba o que é significado aí por cada um dos nomes, quando, todavia, aí se trata do advento do Senhor e o que então acontecerá, como se vê claramente do versículo 1 até o 10 ali. E, sem ajuda do sentido espiritual, quem aqui veria que por essas expressões, em sua ordem, é significado que aqueles que estão nos falsos provenientes da ignorância e não se deixaram seduzir pelos males, se aproximarão do Senhor, e que a igreja então entenderá a Palavra e os falsos não mais lhes causarão dano?

[3] É semelhante onde não são citados nomes, como em *Ezequiel*:

“Assim disse o Senhor Jehovih: Filho do homem, dize à ave de toda asa e a toda fera do campo: Congregai-vos e vinde, congregai das redondezas para o Meu sacrifício, que sacrifico a vós, um grande sacrifício sobre os montes de Israel, para comerdes a carne e beberdes o sangue; carne de fortes comereis e sangue dos príncipes da terra bebereis... Comereis gordura a fartar e bebereis sangue até à embriaguez, do Meu sacrifício que sacrifico a vós. Saciai-vos sobre Minha mesa, o cavalo e o carro, e o forte, e todo varão de guerra; ... assim darei Minha glória entre as nações (Ez. 39:17-21).

Quem não sabe pelo sentido espiritual o que significa “sacrifício”, “carro” e “sangue”, nem o que significa “cavalo”, “carro”, “forte” e “homem de guerra” não saberá outra coisa senão que tais coisas deveriam ser comidas e bebidas. Mas o sentido espiritual ensina que por “comer carne e beber sangue” do sacrifício que o Senhor Jehovih dará sobre os montes de Israel é significado apropriar-se do Divino Bem e do Divino Vero oriundos da Palavra. Com efeito, aí se trata da convocação de todos ao reino do Senhor e, em particular, da instauração pelo Senhor da igreja entre os gentios. Quem não pode ver que por “carne” não se entende carne, nem pelo “sangue”, sangue? Como também que “beberiam o sangue até à embriaguez” e “fartar-se-iam de cavalo, carro, forte e de todo varão de guerra”. É semelhante em milhares de outras passagens nos Profetas.

16. Sem o sentido espiritual ninguém saberia por que foi ordenado ao profeta Jeremias:

Que comprasse para si um cinto e o pusesse nos lombos, não o passasse pelas águas e o escondesse numa fenda de uma rocha junto ao Eufrates (Jr. 8:1-7).

Por que foi mandado ao profeta Isaías:

Que soltasse o saco de cilício de sobre os lombos e tirasse o calçado de sobre o seu pé, e andasse nu e descalço por três anos (Is. 20:2, 3).

Por que foi mandado ao profeta Ezequiel:

Que passasse uma navalha sobre a sua cabeça e sobre a sua barba, e em seguida dividisse [os cabelos], a terça parte queimasse no meio da cidade, terça parte ferisse com a espada e terça parte espalhasse ao vento; e um pouco deles atasse ao manto e finalmente atirasse no meio do fogo (Ez. 5:1-4).

Por que ao mesmo profeta foi mandado:

Que se deitasse sobre o seu lado esquerdo e direito trezentos e noventa e quarenta dirás; e fizesse para si um bolo de trigo, cevada, milhete, aveia e espelta, com excremento de boi e o comesse; e, ao mesmo tempo, pusesse trincheira e barricada contra Jerusalém e a sitiasse (Ez. 4:1-15).

Por que ao profeta Oséias foi mandado duas vezes

Que tomasse para si uma meretriz por esposa (Os. 1:2-9; 3:2, 3),

e muitas coisas semelhantes. Além disso, sem o sentido espiritual, quem saberia o que é significado por todas as coisas do tabernáculo, como a “arca”, o “propiciatório”, os “querubins”, o “castiçal”, o “altar do incenso”, os “pães das faces” sobre a mesa e por seus “véus” e “cortinas”? E, sem o sentido espiritual, quem saberia o que é significado pelas “vestes santas de Aarão”, sua “túnica”, o “manto”, o “éfode”, o “Urim e Thumim”, a “mitra” e suas outras coisas? Sem o sentido espiritual, quem saberia o que significado por todas as coisas que foram ordenadas a respeito dos holocaustos, sacrifícios, minchás e libações? E sobre os sabbaths e as festas? A verdade é que nem uma das mínimas coisas foi ordenada que não significasse algo do Senhor, do céu e da igreja. Por esses poucos exemplos pode se ver com maior evidência que há um sentido espiritual em todas e cada uma das coisas da Palavra.

17. Que o Senhor, quando esteve no mundo, tenha falado por meio de correspondências, portanto, espiritualmente quando falava naturalmente, pode-se ver por Suas parábolas, nas quais existe um sentido espiritual em cada um dos vocábulos. Seja, por exemplo, a parábola sobre as dez virgens. Ele disse:

“O reino dos céus é semelhante a dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram ao encontro do Noivo. Cinco... delas eram prudentes, mas cinco eras insensatas. As insensatas, tomando suas lâmpadas, não tomaram... óleo, mas as prudentes tomaram óleo em ... suas lâmpadas. Tardando, porém, o Noivo, todas cochilaram e adormeceram. Mas à meia-noite fez-se um clamor: Eis, o Noivo vem! Sai ao seu encontro! Então todas essas virgens despertaram e

prepararam as suas lâmpadas. Mas as insensatas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso óleo, porque nossas lâmpadas se apagam. Mas as prudentes responderam, dizendo: Talvez não baste para nós e vós; ide... antes aos que o vendem, e comprai para vós mesmas. Indo elas, porém, para o comprar, veio o Noivo, e as preparadas entraram com Ele para as núpcias, e a porta foi fechada. E, finalmente, vieram também as demais virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos. Ele, porém, respondendo, disse: Amém vos digo: não vos conheço” (Mt. 25:1-12).

[2] Que em cada um desses vocábulos haja um sentido espiritual e, assim, uma santidade Divina, não vê senão aquele que sabe o que é o sentido espiritual e qual a sua natureza. No sentido espiritual, pelo “reino de Deus” se entende o céu e a igreja; pelo “Noivo”, o Senhor; pelas “núpcias”, o casamento do Senhor com o céu e a igreja pelo bem do amor e da fé; pelas “virgens” são significados aqueles que são da igreja; por “dez”, todos; por “cinco”, alguma coisa; por “lâmpadas”, os veros da fé, pelo “óleo”, o bem do amor; por “dormir” e “despertar”, a vida do homem no mundo, que é natural, e a sua vida após a morte, que é espiritual; por “comprar”, adquirir para si; por “ir aos que vendem e comprar óleo”, adquirir para si, dos outros, o bem do amor após a morte; e como este, então, não pode mais ser adquirido, por isso, ainda que, com as lâmpadas e o óleo comprado, elas tenham vindo à porta onde havia as núpcias, o Noivo, entretanto, lhes disse: “Não vos conheço”. A razão disso é que o homem, após a vida no mundo, permanece tal qual no mundo viveu.

[3] Por aí é evidente que o Senhor falou por meras correspondências, e isso porque o fez pelo Divino que estava n’Ele e era Ele. Que o “Noivo” signifique o Senhor, e o “reino dos Céus” a igreja; e que as “núpcias” signifiquem o casamento do Senhor com a igreja pelo bem do amor e da fé; as “virgens”, aqueles que são da igreja; “dez”, todos; “cinco”, alguns; “dormir”, o estado natural; “comprar”, adquirir para si; “porta”, a entrada ao céu; e “não conhecer”, quando dito pelo Senhor, não estar no Seu amor, pode-se ver por muitas passagens na Palavra profética, onde essas expressões significam coisas semelhantes. Como as “virgens” significam aqueles que são da igreja, por isso na Palavra se nomeia tantas vezes virgem e Filha de Sião, de Jerusalém e de Israel; e como o “óleo” significa o bem do amor, por isso todas as coisas santas da Igreja israelita eram unidas com óleo. É semelhante nas demais parábolas e em todas palavras que o Senhor pronunciou e foram escritas nos Evangelhos. Por esse motivo é que do Senhor se diz que

Suas palavras são espírito e vida (Jo. 6:63).

[4] Dá-se de modo semelhante com todos os milagres do Senhor, os quais eram Divinos porque significaram os vários estados da igreja naqueles em que a igreja estava sendo instaurada pelo Senhor. Assim, que “os cegos recebiam visão” significava que aqueles que estavam na ignorância do vero recebiam inteligência; que “os surdos recebiam audição” significava que aqueles que nada antes tinham ouvido a respeito do Senhor e da Palavra então escutavam e obedeciam; que “os mortos eram ressuscitados” significava que eram vivificados aqueles que de outra maneira teriam perecido, e assim por diante. Isto é o que se entende pela resposta do Senhor aos discípulos de João, sendo interrogado se era Ele o que viria:

“Anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: Os cegos vêem, e os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e os pobres ouvem o Evangelho” (Mt. 11:3-5).

Além disso, todos os milagres relatados na Palavra contêm em si coisas que são do Senhor, do céu e da igreja. Por esse fato os milagres são Divinos e distinguidos de milagres não Divinos. Esses poucos exemplos são para dar uma ilustração do que é o sentido espiritual e que ele está em todas e cada uma das coisas da Palavra.

18. (iii.) *É pelo sentido que a Palavra foi divinamente inspirada e é santa em cada vocábulo.* Diz-se na igreja que a Palavra é santa e isso porque JEHOVAH Deus a pronunciou. Mas como sua santidade não aparece pelo sentido da letra somente, por isso aquele que, por causa disso, duvida uma vez de sua santidade, confirma-se nisso depois por muitas coisas quando lê a Palavra, pois então pensa: “Acaso isso é santo? Acaso é Divino?” Por isso, para que tal pensamento não influa e depois se afirme em muitos, e por aí pereça a conjunção do Senhor com a igreja, na qual está a Palavra, aprouve ao Senhor revelar agora o sentido espiritual, para que se saiba onde se encerra nela a santidade.

[2] Mas exemplos ilustrarão isso também. Na Palavra, ora se trata do Egito, ora da Assíria, ora de Edom, de Moab, dos filhos de Amon, de Tiro, de Sidon e de Gog. Quem não sabe que por esses nomes são significadas coisas do céu e da igreja pode ser levado ao erro de que a Palavra trata muito de nações e povos, e pouco do céu e da igreja; portanto, trata muito do que é terrestre e pouco do celeste. Quando, porém, ele sabe o que é significado por eles ou por seus nomes, pode vir do erro à verdade.

[3] Semelhantemente, quando vê na Palavra serem nomeados tantas vezes hortos, bosques, florestas, como também suas árvores, como a

oliveira, a videira, o cedro, o choupo, o carvalho; e também serem tantas vezes nomeados os cordeiros, ovelhas, bodes, bezeros e bois, como também montes, colinas, vales e, ali, fontes, rios, águas e muitas coisas semelhantes, ele, que nada sabe do sentido espiritual da Palavra, não pode deixar de crer que somente essas coisas são entendidas. Pois não sabe que por “horto”, “bosque” e “floresta” se entende a sabedoria, a inteligência e a ciência; por “oliveira”, “videira”, “cedro”, “choupo” e “carvalho” se entendem o bem e o vero celeste, espiritual, racional, natural e sensual da igreja; por “cordeiro”, “ovelha”, “bode”, “bezerro” e “boi” se entendem a inocência, a caridade e a afeição natural; por “montes”, “colinas” e “vales” se entendem as coisas superiores, inferiores e ínfimas da igreja; também, por “Egito” é significada a ciência, por “Assíria”, o racional; por “Edom”, o natural; por “Moab”, a adulteração do bem; pelos “filhos de Amon”, a adulteração do vero; por “Tiro e Sidon”, as cognições do vero e do bem; por “Gog”, o culto externo sem o interno. Quando, porém, sabe essas coisas, então pode pensar que a Palavra não trata senão dos celestes, e esses terrestres são apenas sujeitos nos quais se acham.

[4] Mas um exemplo da Palavra ilustrará isso. Lê-se em David:

“A voz de JEHOVAH sobre as águas, o Deus da glória faz ressoar; JEHOVAH [está] sobre as grandes águas... a voz de JEHOVAH quebra os cedros,... JEHOVAH despedaça os cedros do Líbano e os faz saltar como bezerro, ao Líbano e ao Sirmom como filhotes do unicórnio; a voz de JEHOVAH corta como chama de fogo; a voz de JEHOVAH faz tremer o deserto, faz tremer o deserto de Kadesh. A voz de JEHOVAH faz parir as cervas e desnuda as florestas; mas no Seu templo cada um diz glória” (Sl. 29:3-9).

Quem não sabe que todas as expressões aqui, quanto a cada vocábulo, são Divinas e santas, pode, se for meramente natural, dizer consigo mesmo: “Que é isso, que JEHOVAH se assenta sobre as águas? que por Sua voz quebra os cedros, fazendo-os saltar como um bezerro e ao Líbano como um filhote de unicórnio? que faz parir as cervas?” e muitas outras coisas. Pois não sabe que por elas, no sentido espiritual, se descreve o poder do Divino Vero ou Palavra.

[5] Porque nesse sentido pela “voz de JEHOVAH”, que é aí o trovão, se entende o Divino Vero ou a Palavra em seu poder; pelas “grandes águas”, sobre as quais JEHOVAH se assenta, entendem-se os seus veros; pelos “cedros” e pelo “Líbano”, que quebra e despedaça, entendem-se os falsos do homem racional; pelo “bezerro” e pelo “filhote do unicórnio”, os falsos do homem natural e sensual; pela “chama de

fogo”, a afeição do falso; pelo “deserto” e pelo “deserto de Kadesh”, a igreja onde não há vero e bem algum; pelas “cervas” que JEHOVAH faz parir se entendem os gentios que estão no bem natural; e pelas “selvas” que desnuda se entendem as ciências e as cognições que a Palavra lhes abre; por isso se segue: “No Seu templo cada um diz glória”, pelo que se entende que em cada coisa da palavra há veros Divinos, porque o “templo” significa o Senhor e, assim, a Palavra, como também o céu e a igreja; e “glória” significa o Divino Vero. Por aí é evidente que não há ali vocábulo algum que não descreva o poder Divino da Palavra contra os falsos de todo gênero no homem natural e o poder Divino para reformar os gentios.

19. Na Palavra existe um sentido ainda mais interior que se chama celeste, de que se falou alguma coisa acima (n. 6). Mas esse sentido dificilmente pode ser desvendado, porque não cai tanto no pensamento do entendimento como na afeição da vontade. Que haja um sentido ainda mais interior na Palavra, chamado celeste, é porque do Senhor procedem o Divino Bem e o Divino Vero; o Divino Bem do Seu Divino Amor, e o Divino Vero de Sua Divina Sabedoria; um e outro estão na Palavra, pois a Palavra é o Divino procedente; e como é tanto um quanto outro, por isso a Palavra vivifica aqueles que a lêem santamente. Sobre esse assunto, porém, tratar-se-á no capítulo onde será demonstrado que em cada coisa da Palavra há um casamento do Senhor e da Igreja e, assim, um casamento do bem e do vero.

20. (iv) *O sentido espiritual da Palavra foi desconhecido até o presente.* Que todas e cada uma das coisas que há na natureza correspondam a coisas espirituais e, semelhantemente, todas e cada uma das coisas que há no corpo humano, foi mostrado na obra *O Céu e o Inferno* (n. 87-105). Mas até o presente se ignorou o que é correspondência; nos tempos antiqüíssimos, porém, era bem conhecida, pois para os que viviam naqueles tempos a ciência das correspondências era a ciência das ciências; e era tão universal que todos os seus tratados e livros eram escritos por correspondências. O *Livro de Jó*, que é um livro antigo, é cheio de correspondências. Os hieróglifos dos egípcios e também as fábulas dos antiqüíssimos não eram outra coisa. Todas as igrejas antigas eram igrejas representativas das coisas celestes; seus rituais, como também os estatutos segundo os quais o seu culto foi instituído, consistiam de meras correspondências. Do mesmo modo todas as coisas da igreja entre os filhos de Jacob. Os holocaustos e os sacrifícios, com cada uma de suas particularidades, eram correspondências, do mesmo modo que o tabernáculo com todos os objetos que nele se achavam. Além disso, também as suas festas,

como a festa dos ázimos, a festa dos tabernáculos e a festa das primícias. Também o sacerdócio de Aarão e dos levitas, como também as vestimentas de santidade de Aarão e de seus filhos, além de todos os estatutos e juízos que diziam respeito ao seu culto e à sua vida. E como os Divinos no mundo se apresentam por meio de correspondências, por isso a Palavra foi escrita por meras correspondências. É por isso que o Senhor, como falava por Seu Divino, falava por correspondências, pois o que procede do Divino cai na natureza em coisas tais que correspondem aos Divinos e então encerram em seu seio os Divinos que se chamam celestes e espirituais.

21. Fui informado de que homens da Igreja Antiquíssima, que existiu antes do dilúvio, foram de um gênio tão celeste que falaram com os anjos do céu e puderam falar com eles por correspondências. Assim, o estado de sua sabedoria se tornou tal que tudo o que viam na terra, sobre isso não pensavam só naturalmente, mas também espiritualmente ao mesmo tempo, portanto também em conjunção com os anjos. Fui informado, além disso, que Enoque (de que se faz menção em *Gn. 5:21-24*), com seus companheiros, recolheu de suas bocas as correspondências e transmitiu sua ciência aos descendentes; disso resulta que a ciência das correspondências foi não somente conhecida mas também cultivada em muitos reinos da Ásia, principalmente na terra de Canaan, no Egito, na Assíria, na Caldéia, na Síria, na Arábia, em Tiro, Sidon e Nínive, e daí comunicada aos lugares marítimos na Grécia, onde, porém, foi mudada em fábulas, como se pode ver pelos escritos dos antiquíssimos ali.

22. Quando, porém, os representativos da igreja, que eram correspondências, tornaram-se idolátricos e também magia no curso do tempo, então essa ciência, pela Divina Providência do Senhor, foi sucessivamente esquecida e, nas nações israelita e judaica, inteiramente perdida e extinta. Na verdade, o culto dessas nações consistia em meras correspondências e era representativo de coisas celestes; todavia, eles ignoravam que o culto significasse alguma coisa, porque eram homens inteiramente naturais e, por conseguinte, não queriam nem poderia saber coisa alguma dos espirituais nem, por consequência, coisa alguma das correspondências.

23. Que as idolatrias das nações nos tempos antigos tenham tido origem na ciência das correspondências, a razão é porque todas as coisas que aparecem sobre a terra correspondem; assim, não somente as árvores, mas também o gado e as aves de todo gênero, como também os peixes e as demais coisas. Os antigos, que estavam na ciência das correspondências, fizeram para si imagens que

correspondiam a coisas celestes e se deleitavam nelas porque significam coisas tais que eram do céu e, assim, da igreja. Por isso as punham não somente em seus templos, mas também em suas casas, não para adoração, mas para recordação da coisa celeste que elas significavam. Assim, no Egito e em outros lugares, havia imagens de bezeros, bois e serpentes, como também meninos, velhos e virgens, porque os bezeros e bois significavam as afeições e as forças do homem natural; as serpentes, a prudência do homem sensual; os meninos, a inocência e a caridade; os velhos, a sabedoria; as virgens, as afeições do vero, e assim por diante. Quando a ciência das correspondências foi esquecida, os descendentes começaram a adorar as imagens e os simulacros como santos e, finalmente, como deidades, porque estavam nos templos e junto a eles.

[2] Foi do mesmo modo com outras nações, como o Dagon dos filisteus em Asdod (de que se trata em *I Sm. 5:1 ao fim*), o qual era como homem na parte superior e como peixe na parte inferior. Essa imagem foi assim criada porque “homem” significa a inteligência e “peixe”, a ciência, que fazem um. Era por isso, também, que os antigos faziam culto nos jardins e nos bosques, segundo as espécies das árvores, como também nas montanhas e colinas, porque o jardim e o bosque significam a sabedoria e a inteligência, e cada uma das árvores significava alguma coisa da sabedoria e da inteligência. Por exemplo, a oliveira, o bem do amor; a videira, o vero oriundo desse bem; o cedro, o bem e o vero racionais, enquanto a montanha significava o céu supremo, e as colinas, o céu abaixo daquele.

[3] Que a ciência das correspondências tenha permanecido com muitos dos orientais até o advento do Senhor, pode-se ver pelos sábios do oriente, que vieram ao Senhor quando nasceu; por isso uma estrela os precedeu e eles trouxeram consigo ofertas: ouro, incenso e mirra (*Mt. 2:1, 2, 9-11*), pois a estrela que os precedeu significava a cognição do céu, o ouro significava o bem celeste; o incenso, o bem espiritual e a mirra, o bem natural. Desses três procede todo culto.

[4] Entretanto, a ciência das correspondências tornou-se inteiramente nula na nação israelita e judaica, embora todas as coisas do seu culto, todas as coisas dos juízos e estatutos que lhes foram dadas por Moisés e toda a Palavra fossem meras correspondências. A razão era porque eles eram idólatras de coração e tais que sequer queriam saber que alguma coisa de seu culto significava o celeste e o espiritual, pois queriam que todas essas coisas fossem santas por si mesmas e estivessem com eles. Por isso, se as coisas celestes e espirituais lhes fossem desvendadas, não apenas as rejeitaram, mas também as

profanariam. Por esse motivo, o céu foi tão fechado para eles que mal sabiam que existe uma vida eterna. Que isto seja assim, vê-se claramente pelo fato de que não reconheceram o Senhor, ainda que toda a Escritura Santa O tenha predito e sobre Ele profetizado. Rejeitaram-No por causa de si mesmos somente, porque Ele lhes ensinou sobre um reino celeste e não sobre um reino terrestre. Com efeito, queriam um Messias que os exaltasse sobre todas as nações em todo o mundo, e não algum Messias que considerasse a salvação eterna deles. Afirmam, além disso, que a Palavra contém em si muitos arcanos a que chamam místicos, mas não querem saber que eles são sobre o Senhor, embora queiram saber, quando se lhes diz que são de ouro.

24. Que a ciência das correspondências, pela qual é dado o sentido espiritual da Palavra, não tenha sido desvendada após aqueles tempos era porque os cristãos da igreja primitiva eram extremamente simples para que pudesse ser desvendada aos seus olhos, pois se o fosse, não lhes seria de utilidade alguma nem seria compreendida. Após o tempo desses, as trevas se elevaram sobre todo o mundo cristão por causa do domínio papal; e os que pertencem a esse domínio e se confirmaram em seus falsos não podem nem querem compreender espiritual algum, por conseguinte, a correspondência dos naturais com os espirituais na Palavra, pois assim seriam convencidos de que Pedro não é entendido por “Pedro”, mas o Senhor como Pedra; seriam também convencidos de que a Palavra é Divina desde os seus íntimos e que o ditame de um papa é relativamente nada. Mas depois da Reforma, visto que começaram a distinguir entre a fé e a caridade e a adorar Deus sob três Pessoas, portanto, três deuses que supunham ser um, então as verdades celestes lhes foram ocultadas, pois se lhes fossem desvendadas, eles as falsificariam e aplicariam à fé só, e nenhuma delas à caridade e ao amor. Assim, também, fechariam o céu para si mesmos.

25. Que o sentido espiritual da Palavra tenha sido desvendado hoje pelo Senhor, é porque a doutrina da verdade genuína agora foi revelada. Essa doutrina, e não outra, concorda com o sentido espiritual da Palavra. Esse sentido é também significado pela aparição do Senhor “nas nuvens do céu com glória e poder” (*Mt. 24:30, 31*), capítulo em se trata da consumação do século, pelo qual se entende o último tempo da igreja. A abertura da Palavra quanto ao seu sentido espiritual foi também prometida no *Apocalipse*; é entendida ali pelo “cavalo branco” e pela “grande ceia” à qual todos são convidados (*cap. 19:11-18*). O sentido espiritual não será reconhecido durante

muito tempo, o que é devido somente àqueles que estão nos falsos da doutrina sobre o Senhor, principalmente, e, por isso, não admitem os veros. Isto é o que se entende no *Apocalipse* pela “besta” e pelos “reis da terra”, que farão guerra contra Aquele que está assentado no cavalo branco (*cap. 19:19*); pela “besta” são entendidos os pontífices (*como no cap. 17:3*) e pelos “reis da terra” são entendidos os reformados, que estão nos falsos da doutrina.

26. (v.) *Que daqui em diante o sentido espiritual da Palavra não será concedido a ninguém, exceto quem estiver nos veros genuínos pelo Senhor.* A causa disso é porque ninguém pode ver o sentido espiritual senão pelo Senhor somente, e a não ser que esteja por Ele nos veros genuínos. Porque o sentido espiritual da Palavra trata somente do Senhor e de Seu reino, e é nesse sentido em que estão os Seus anjos no céu, porque é o Divino Vero ali. O homem pode violá-lo se estiver na ciência das correspondências e, por ela, quiser examinar o sentido espiritual da Palavra a partir da própria inteligência; pois, por algumas correspondências que conhece, pode perverter esse sentido e levá-lo a confirmar também o falso. Isso seria violar o Divino Vero e também o céu. Por isso, se alguém quiser abrir esse sentido por si mesmo e não pelo Senhor, o céu se fecha e, quando é fechado, o homem ou nada vê ou se torna espiritualmente insano. Outra causa é também porque o Senhor ensina a cada um pela Palavra; e ensina pelos veros que estão no homem e não infunde imediatamente coisas novas. Por isso, se o homem não estiver nos Divinos veros, ou se em poucos veros somente e nos falsos ao mesmo tempo, pode por estes falsificar os veros, como também acontece com todo herético quanto ao próprio sentido da letra da Palavra, como se sabe. Por isso, para que ninguém entre no sentido espiritual da Palavra nem perverta o vero genuíno que é desse sentido, foram postos guardas pelo Senhor, os quais se entendem pelos querubins.

[2] Que tenham sido postos guardas, é o que me foi representado assim: Foi-me concedido ver grandes bolsas parecendo sacos, nas quais se tinha encerrado prata em grande quantidade; e como estavam abertas, percebeu-se que qualquer um poderia tomar ou mesmo roubar a prata ali depositada. Mas, próximo a essas bolsas estavam assentados dois anjos, como guardas. O lugar onde as bolsas tinham sido colocadas parecia uma manjedoura num estábulo. Num cômodo próximo foram vistas virgens modestas juntamente com uma esposa casta; perto dessa câmara estavam duas crianças, e foi dito que com elas não se devia brincar infantilmente, mas sabiamente. Em seguida apareceu uma prostituta e, depois, um cavalo que jazia morto.

[3] Tendo visto essas coisas, fui instruído que por elas é representado o sentido da letra da Palavra, no qual está o sentido espiritual. Aquelas bolsas grandes cheias de prata representavam os conhecimentos do vero em grande quantidade. O fato de estarem abertas e, todavia, guardadas por anjos, significava que qualquer um pode tirar dali os conhecimentos do vero, mas que se deve precaver para que ninguém falsifique o sentido espiritual, no qual há puras verdades. A manjedoura no estábulo, onde as bolsas estavam, significava a instrução espiritual para o entendimento. Ela tem essa significação porque o cavalo, que ali come, significa o entendimento.

[5] As virgens modestas que foram vistas no cômodo próximo significavam as afeições do vero, e a esposa casta a conjunção do bem e do vero. As crianças significavam a inocência da sabedoria ali presente. Eram anjos do terceiro céu, que aparecem, todos, como crianças. A prostituta com o cavalo morto significava a falsificação da Palavra por muitos hoje em dia, pelo que parece todo entendimento do vero. A prostituta significava a falsificação, e o cavalo morto o entendimento nulo do vero.

III. O sentido da letra da Palavra é a base, o continente e o sustentáculo de seus sentidos espiritual e celeste

27. Em toda obra Divina existe um primeiro, um médio e um último; o primeiro vai pelo médio até o último e dessa maneira existe e subsiste; assim, o último é a base. Também, o primeiro está no médio e, pelo médio, no último; assim, o último é o continente. E como o último é o continente e a base, também é o sustentáculo.

28. O erudito compreende que esses três podem ser nomeados fim, causa e efeito, como também ser, tornar-se e existir, e que o fim é o ser, a causa é o tornar-se e o efeito é o existir. Conseqüentemente, em toda coisa completa existe um trino que se chama primeiro, médio e último, e, também, fim, causa e efeito, e, ainda, ser, tornar-se e existir. Quando se compreende isso, também se compreende que toda obra Divina é, no último, completa e perfeita; e, também, que no último, por ser trino, está o todo, porque nele os anteriores estão juntos.

29. Por isso é que por “três”, na Palavra, entende-se, no sentido espiritual, o que é completo e perfeito, portanto, o todo em conjunto. E

como isso é significado por esse número, por isso é empregado na Palavra tantas vezes quanto isso é designado, como nessas passagens:

Isaías caminhou nu e descalço por três anos (Is. 20:3).

JEHOVAH chamou Samuel três vezes, e Samuel correu três vezes a Eli, e na terceira vez Eli compreendeu (I Sm. 3:1-8).

Jônatas disse a Davi que se escondesse no campo por três dias; depois Jônatas lançou três flechas ao lado de uma pedra e, depois disso, Davi se curvou três vezes diante de Jônatas. (I Sm. 20:5, 12-41).

Elias se estendeu três vezes sobre o filho da viúva (I Rs. 17:21).

Elias ordenou que se derramasse água três vezes sobre o holocausto (I Rs. 18:34).

Jesus disse que o reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e encerrou em três medidas, até que tudo fermentasse (Mt. 13:33).

O Senhor disse três vezes a Pedro: “Amas-Me?” (Jo. 21:15-17).

Jonas esteve no ventre da baleia três dias e três noites (Jo. 1:17).

Jesus disse que destruíssem o templo e Ele o edificaria em três dias. ((Jo. 2:19, vide também) Mt. 26:61).

Jesus orou três vezes no Gethsemani (Mt. 26:39-44).

Jesus ressuscitou no terceiro dia (Mt. 28:1).

Além de muitas outras passagens onde o “três” é nomeado. E é nomeado onde se trata da obra acabada e perfeita, porque isso é significado por esse número.

30. Essas explicações são dadas como premissas por causa da seqüência, para que seja compreendida intelectualmente. Aqui, para que agora se compreenda que o sentido natural da Palavra, que é o sentido de sua letra, é a base, o continente e o sustentáculo de seus sentidos espiritual e celeste.

31. Que haja na Palavra três sentidos, foi dito acima (n. 6 e 19). Foi dito também que o sentido celeste é o seu primeiro, o sentido espiritual o seu médio e o sentido natural o seu último. Assim, o homem racional pode concluir que o primeiro da Palavra, que é o celeste, vai pelo seu médio, que é o espiritual, até o seu último, que é o natural. E, assim, seu último é a base; depois, seu primeiro, que é o celeste, está no médio, que é o espiritual, e, por este, no seu último, que é o natural. Assim, o seu último, que é o natural e o sentido da

letra da Palavra, é o continente. E visto que é o continente e a base, é também o sustentáculo.

32. De que maneira, porém, isso ocorre, não se pode dizer em poucas palavras. Porque há arcanos, nos quais os estão os anjos do céu, que serão desvendados tanto quanto possível nos tratados mencionados no prefácio da *Doutrina do Senhor*, que serão *Da Sabedoria Angélica sobre as Divinas Providência, Onipotência, Onipresença, Onisciência, Do Divino Amor e da Divina Sabedoria e, também, Da Vida*. Por ora basta dizer que, do que foi dito acima, pode-se concluir que a Palavra, que é a obra Divina mesma para a salvação do gênero humano, quanto ao seu sentido último, que é o natural e chamado sentido da letra, é a base, o continente e o sustentáculo dos dois sentidos interiores.

33. Segue-se, assim, que a Palavra sem o seu sentido da letra seria como um palácio sem fundação, portanto, como um palácio no ar e não sobre a terra, o que seria somente uma sombra sua, que desvaneceria. A Palavra sem o seu sentido da letra seria também como um tempo em que houvesse muitas coisas e, no seu meio, um santuário, mas sem teto e sem parede, que são os seus continentes. Se esses continentes desaparecessem ou fossem tirados, as coisas santas seriam pilhadas por ladrões, ou por bestas da terra ou por aves dos céus, violadas e, assim, dissipadas. Seria, semelhantemente, como um tabernáculo (em cujo íntimo ficava a arca da aliança, no seu meio o castiçal de ouro, o altar de ouro sobre o qual ficava o incenso, como também a mesa sobre a qual ficavam os pães das faces, que eram suas coisas santas) sem os seus últimos, que eram as cortinas e os véus. E mais, a Palavra sem o seu sentido da letra seria como o corpo humano sem os tegumentos que se chamam peles e sem os sustentáculos que se chamam ossos; sem estes e aqueles todos os interiores se espalhariam. E seria como o coração e o pulmão no tórax sem o seu tegumento que se chama pleura e sem os seus sustentáculos que se chamam costelas. Ou como o cérebro sem o seu tegumento que se chama dura-máter e sem o tegumento comum, seu continente e sustentáculo, que se chama crânio. Seria a mesma coisa com a Palavra sem o seu sentido da letra, pelo que se diz em Isaías:

Que JEHOVAH criou sobre toda glória uma cobertura (Is. 4:5).

34. Seria semelhante aos céus, onde estão os anjos, sem o mundo, onde estão os homens. O gênero humano é a base, o continente e o sustentáculo dos céus, e a Palavra está neles e com os homens. Pois todos os céus foram distintos em dois reinos, que se chamam reino

celeste e reino espiritual. Esses dois reinos estão fundados sobre o reino natural em que estão os homens; do mesmo modo a Palavra, que está com os homens e nos homens. (Que os céus angélicos sejam distintos em dois reinos, celeste e espiritual, veja-se na obra *O Céu e o Inferno*, n. 20-28).

35. Na *Doutrina do Senhor* (n. 28) foi mostrado que os profetas do Velho Testamento representaram o Senhor quanto à Palavra e, desse modo, significaram a doutrina da igreja oriunda da Palavra e, por isso, foram chamados “Filhos do homem”. Segue-se daí que, por várias coisas que passaram e suportaram, eles representaram a violência praticada pelos judeus contra o sentido da letra da Palavra. Como [foi ordenado]:

Que o profeta Isaías despisse o pano de saco de sob os seus lombos, tirasse o calçado de seus pés e andasse nu e descalço por três anos (Is. 20:2, 3).

Que o profeta Ezequiel passasse uma navalha de tosquiadores sobre a cabeça e sobre a barba, e terça parte [dos cabelos] queimasse no meio da cidade, terça parte ferisse com a espada e terça parte dispersasse ao vento, e um pouco deles atasse à veste e, finalmente, o lançasse no meio do fogo e queimasse (Ez. 5:1-4).

[2] Visto que os profetas representaram a Palavra e, assim, significaram a doutrina da igreja oriunda da Palavra, como se disse acima, e visto que pela “cabeça” é significada a sabedoria proveniente da Palavra, por isso, pelos “cabelos da cabeça” e pela “barba” era significado o último do vero. Como isso era significado pelos cabelos e pela barba, por isso era um símbolo de grande desgosto e também de grande vergonha causar a própria calvície como também mostrar-se calvo. Era por causa disso e não outra coisa que ao profeta [foi ordenado] raspar os cabelos de sua cabeça e a barba para que, com isso, representasse o estado da Igreja Judaica quanto à Palavra. Por causa disso, e não outra coisa, que

Quarenta e dois meninos que chamavam Eliseu de calvo foram despedaçados por duas ursas (II Rs. 2:23, 24),

Pois o profeta representava a Palavra, como se disse anteriormente, e “calvo” significava a Palavra sem o seu sentido último. No capítulo seguinte (n. 49) se verá que os nazireus representaram o Senhor quanto à Palavra em seus últimos. Por isso era um estatuto para eles que fizessem crescer a cabeleira e nada dela cortassem. Também, na língua hebraica “nazireu” significa cabeleira. Também era um estatuto para o sumo sacerdote que não raspasse a cabeça (*Lv. 21:10*), do

mesmo modo os pais de família (*Lv. 21:5*). Por isso a calvície lhes era grande vergonha, como se por ver por essas passagens:

“Nas cabeças de todos, a calvície, e a barba de todos raspada” (*Is. 15:2; Jr. 48:37*).

“Sobre todas as faces, a vergonha, e em todas as cabeças... calvícies” (*Ez. 7:18*).

“Toda a cabeça, calva, e todo ombro pelado” (*Ez. 29:18*).

“Farei subir sobre todo lombo o pano de saco, e sobre toda cabeça a calvície” (*Am. 8:10*).

“Faze-te calva, e tosquia-te, por causa dos filhos de tuas delícias; e alarga a calvície... porque partiram de ti” (*Mq. 1:16*).

Aqui, por “fazer-te calva e alargar [a calvície]” é significado falsificar os veros da Palavra em seus últimos. Sendo esses falsificados, como foi feito pelos judeus, toda a Palavra está destruída, porquanto os últimos da Palavra são seus esteios e sustentáculos; e mais, cada vocábulo é um esteio e um sustentáculo de suas verdades celestes e espirituais. Visto que os cabelos da cabeça significam o vero nos últimos, por isso, no mundo espiritual, todos os que desprezam a Palavra e falsificam o seu sentido da letra se mostram calvos, enquanto os que a honram e amam se mostram com decentes cabelos. Sobre isso, veja-se também abaixo (n. 49).

36. Em seu sentido último ou natural, que é o seu sentido da letra, a Palavra é também significada pelo muro da santa Jerusalém, cuja estrutura era jaspe, e pelos fundamentos do muro, que eram de pedras preciosas, como também pelas portas, que eram de pérola (*Ap. 19:18-21*), pois por “Jerusalém” é significada a igreja quanto à doutrina. Mas, a respeito deste assunto, muitas coisas serão ditas no capítulo seguinte. Por essas referências pode-se agora ver que o sentido da letra da Palavra, que é o sentido natural, é a base, o continente e o sustentáculo de seus sentidos interiores, que são os sentidos espiritual e celeste.

IV. O Divino Vero no sentido da letra da Palavra está em sua plenitude, sua santidade e seu poder.

37. Que a Palavra em seu sentido da letra esteja em sua plenitude, em sua santidade e em seu poder, é porque os dois sentido anteriores ou interiores, que se chamam espiritual e celeste, estão juntamente em

seu sentido natural, que é o sentido da letra, como se disse acima (n. 31). Mas agora se dirá em poucas palavras de que modo estão aí juntamente.

38. No céu e no mundo existe uma ordem sucessiva e uma ordem simultânea. Na ordem sucessiva um sucede e segue após outro, do supremo até o ínfimo; mas na ordem simultânea um está próximo ao outro, dos íntimos até os extremos. A ordem sucessiva é como uma coluna com degraus do mais alto ao mais baixo, enquanto a ordem simultânea é como uma obra coerente com as periferias desde o centro até à superfície. Dir-se-á agora de que a modo a ordem sucessiva se torna ordem simultânea no último. Isto se faz assim: os supremos da ordem sucessiva se tornam os íntimos da ordem simultânea, e os ínfimos da ordem sucessiva se tornam os extremos da ordem simultânea. É, por comparação, como uma coluna de degraus que, abatendo-se, torna-se um corpo coerente no plano.

[2] Assim, o simultâneo é formado do sucessivo, e isto em todas e cada uma das coisas do mundo natural e em todas e cada uma das coisas do mundo espiritual, pois em toda parte existe um primeiro, um médio e um último, e o primeiro, por meio do médio, tende e vai para seu último. Agora, no que concerne à Palavra, o celeste, o espiritual e o natural procedem do Senhor em ordem sucessiva e estão na ordem simultânea no último. Ora, assim os sentidos celeste e espiritual da Palavra estão no seu sentido natural simultaneamente. Quando se compreende isso, pode-se ver de que maneira o sentido natural da Palavra, que é o seu sentido da letra, é a base, o continente e o sustentáculo dos seus sentidos espiritual e celeste, como também de que maneira o Divino Bem e o Divino Vero, no sentido da letra da Palavra, estão em sua plenitude, em sua santidade e em seu poder.

39. Pelo que foi exposto, pode-se ver que a Palavra em seu sentido da letra é a Palavra mesma, porque em seu interior há espírito e vida; o sentido espiritual é o seu espírito, e o sentido celeste é a sua vida. É isso que o Senhor disse:

“As palavras que Eu vos falo são espírito e vida” (Jo. 6:63).

O Senhor falou Suas palavras perante o mundo e no sentido natural. O sentido espiritual e o sentido celeste não são a Palavra sem o sentido natural, que é o sentido da letra, pois são como o espírito e a vida sem o corpo e (como foi dito anteriormente, n. 33) como o palácio destituído de sua base.

40. Em sua maior parte, os veros no sentido da letra da Palavra

não são veros nus, mas aparências de vero; são como similitudes e comparações tiradas de coisas tais as que estão na natureza; são, por conseguinte, acomodadas e adequadas à compreensão dos simples e também das crianças. Como, porém, são correspondências, são receptáculos e habitáculos do vero genuíno; são como vasos que o encerram e contêm, do mesmo modo que a taça cristalina encerra o vinho nobre, do mesmo modo que o prato de prata contém o alimento nutriente e do mesmo modo que as vestimentas revestem, como, por exemplo, as faixas de uma criancinha e os vestidos decentes de uma virgem. São, também, como os conhecimentos naturais do homem, que envolvem em si mesmos percepções e afeições do vero espiritual do homem. Os veros nus mesmos, que encerram, contêm, revestem e envolvem, estão no sentido espiritual da Palavra, enquanto os bens nus estão em seu sentido celeste.

[2] Mas isso vai ser ilustrado pela Palavra. Disse Jesus:

“Ai de vós, escribas e fariseus, que limpais o exterior do copo e do prato, mas os interiores estão cheios de rapina e intemperança. Fariseus cegos, limpai antes o interior do copo e do prato, para que o exterior também seja limpo” (Mt. 23:25, 26).

Aí o Senhor fala pelos últimos, que são os continentes, e diz “copo e prato”; pelo “copo” se entende o vinho e, pelo vinho, o vero da Palavra; e pelo “prato” se entende a comida e, pela comida, o bem da Palavra. Por “limpar o interno do copo e do prato” se entende purificar, pela Palavra, os interiores que são da vontade e do pensamento, assim, do amor e da fé. Para que “assim o exterior esteja limpo”, entende-se por isso que assim os exteriores são purificados, os quais são as obras e a linguagem, pois estas tiram daqueles a sua essência.

[3] Jesus disse, ainda:

“Havia um certo homem rico que se vestia de púrpura e linho, e se regalava todos os dias esplendidamente; e havia um certo pobre por nome Lázaro que se estendia ulceroso à sua entrada” (Lc. 16:19, 20).

Isso, também, o Senhor falou por meio de coisas naturais que eram correspondências e continham coisas espirituais. Pelo “homem rico” se entende a nação judaica, que foi chamada “rica” porque tinha a Palavra, na qual se acham as riquezas espirituais. Pela “púrpura” e pelo “linho” de que era vestido são significados o bem e o vero da Palavra; pela “púrpura”, o seu bem, e pelo “linho”, o seu vero. Por “regalar-se todos os dias esplendidamente” é significado o prazer em

ter e ler [a Palavra]; pelo “pobre Lázaro” se entendem os gentios, que não tinham a Palavra. Que elas eram desprezadas e rejeitadas pelos judeus, se entende pelo fato de Lázaro estender-se ulceroso à entrada do rico.

[4] Que os gentios sejam entendidos por “Lázaro”, eram porque os gentios eram amados pelo Senhor, assim como era amado pelo Senhor o Lázaro que foi ressuscitado dos mortos (*Jo. 11:35, 36*), era chamado Seu amigo (*Jo. 11:11*) e sentava-se à mesa com o Senhor (*Jo. 12:2*). Por essas duas passagens é evidente que os veros e bens do sentido da letra da Palavra são como vasos e como vestes do vero e do bem nus que se acham no sentido espiritual e celeste da Palavra.

41. Visto que a Palavra no sentido da letra é assim, segue-se que aqueles que estão nos veros Divinos e na fé de que a Palavra em seu seio é a santidade Divina, e, ainda mais, os que estão na fé de que Palavra é assim pelo seu sentido espiritual e celeste, vêem veros Divinos na luz natural quando na iluminação do Senhor lêem a Palavra, pois a luz do céu, na qual está o sentido espiritual da Palavra, influi na luz natural, na qual está o sentido da letra da Palavra, ilumina o intelectual do homem, que se chama racional, e faz com que veja e reconheça os Divinos veros, onde se manifestam e onde se ocultam. Estes, com a luz do céu, influem às vezes em alguns, ainda que o ignorem.

42. Como a nossa Palavra em seu seio íntimo é, pelo seu sentido celeste, como uma chama que abrasa e, pelo sentido espiritual, é, no seu seio médio, como uma luz que ilumina, por isso a Palavra em seu último seio, pelo seu sentido natural, no qual os dois anteriores estão, é como um rubi e um diamante; pela chama celeste, como um rubi, e pela luz espiritual, como um diamante. Como a Palavra é assim em seu sentido da letra pela transparência, por isso a Palavra, nesse sentido, é entendida (1) pelas fundações do muro de Jerusalém; (2) pelo Urim e Thumim no éfode de Aarão; (3) pelo jardim de Éden em que estava o rei de Tiro; (4) também pelas cortinas e pelos véus do tabernáculo; (5) e pelos externos do templo de Jerusalém. (6) Mas, em sua glória, pelo Senhor quando foi transfigurado.

43. (1) *Que os veros do sentido da letra da Palavra sejam entendidos pelas fundações do muro da Nova Jerusalém* (no *Apocalipse*, cap. 21) isso se segue do fato de que pela “Nova Jerusalém” se entende a nova igreja quanto à doutrina (como se mostrou na *Doutrina do Senhor*, n. 62, 63); por isso, pelo “seu muro” e pelos “fundamentos do muro” não se pode entender outra coisa

senão o externo da Palavra, que é o seu sentido da letra, pois é por ele que há a doutrina e, pela doutrina, a igreja; é como um muro que, com as suas fundações, cerca e protege uma cidade. A respeito do muro da nova Jerusalém e de seus fundamentos, lêem-se essas palavras no *Apocalipse*:

O anjo “mediu o muro” da cidade de Jerusalém “cento e quarenta e quatro côvados, que era medida de homem, isto é, de anjo”. ... E o muro tinha doze fundações “ornadas de toda pedra preciosa; o primeiro fundamento era de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedônia, o quarto de esmeralda, o quinto de sardônica, o sexto de sárdio, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o décimo primeiro de jacinto, o décimo segundo de ametista” (Ap. 21: 17-20).

Pelo número “cento e quarenta e quatro” são significados todos os veros e bens da igreja oriundos da doutrina do sentido da letra da Palavra, do mesmo modo que por “doze”. Pelo “homem” é significada a inteligência, pelo “anjo” o Divino Vero do qual ela procede; pela “medida”, a qualidade deles; pelo “muro” e pelas suas “fundações”, o sentido da letra da Palavra; e pelas “pedras preciosas”, os veros e bens da Palavra em sua ordem, dos quais vem a doutrina e, pela doutrina, a igreja.

44. (2) *Que os veros e bens do sentido da letra da Palavra sejam entendidos pelo Urim e Thumim.* O Urim e o Thumim estavam sobre o éfode de Aarão, por cujo sacerdócio o Senhor era representado quanto ao Divino Bem e quanto à obra de salvação. Pelas vestimentas do sacerdócio e da santidade era representado o Divino Vero proveniente do Divino Bem; pelo éfode era representado o Divino Vero em seu último, assim, na Palavra, no sentido da letra, pois este é o Divino Vero em seu último, como se disse anteriormente. Portanto, pelas doze pedras preciosas com os nomes das doze tribos de Israel, que eram o Urim e Thumim, eram representados os Divinos veros proveniente do Divino Bem em todo o complexo.

[2] Sobre isso se lê em Moisés:

“Farão o éfode de [ouro], azul e púrpura, escarlate tingido duas vezes e linho fino entrelaçado; ... depois farás o peitoral do juízo... segundo a obra do éfode... e o encherás de enchimento de pedras; quatro ordens de pedra: rubi, topázio e esmeralda, a primeira ordem; crisópraso, safira e diamante, a segunda ordem; lápis-lazúli [*cyanus*], ágata e ametista, a terceira ordem; berilo, sárdio e jaspe, a quarta ordem. ... As pedras ... elas serão segundo os nomes de filhos de Israel... as esculturas dos selos segundo o seu nome serão para as

doze tribos... E Aarão levará... sobre o peitoral do juízo Urim e Thumim, e que estejam sobre o coração de Aarão, quando entrar diante de JEHOVAH” (Êx. 28:6, 15-21).

[3] O que foi representado pelas vestes de Aarão, por seu éfode, pelo manto, pela túnica, pelo diadema e pelo cinto, foi explicado nos *Arcanos Celestes* sobre esse capítulo, onde se mostrou que pelo éfode foi representado o Divino Vero em seu último. Pelas pedras preciosas foram ali representados os veros transparecendo pelo bem; pelas doze pedras preciosas, todos os veros últimos transparecendo pelo bem do amor em sua ordem; pelas doze tribos de Israel, todas as coisas da igreja; pelo peitoral, o Divino Vero oriundo do Divino Bem; pelo Urim e Thumim, o esplendor do Divino Vero oriundo do Divino Bem nos últimos, porque ‘Urim’ é a chama brilhando e ‘Thumim’ é ‘esplendor’ na língua angélica e ‘integridade’ na língua hebraica; assim, as respostas eram dadas pelas variações da luz e, ao mesmo tempo, por uma percepção tácita ou por viva voz; além de muitas outras coisas. Por aí se pode ver que por essas pedras preciosas foram também significados os veros provenientes do bem no sentido último da Palavra. As respostas do céu não são dadas de outra maneira, porque nesse sentido está o Divino procedente em sua plenitude.

[4] Que as pedras preciosas e o diadema signifiquem os Divinos veros em seus últimos, como os que são do sentido da letra da Palavra, tornou-se-me claramente evidente pelas pedras preciosas e mitras no mundo espiritual, nos anjos e espíritos ali, os quais vi ornados com elas e também em suas vestes. Foi-me dado saber que elas correspondem aos veros nos últimos, até mesmo que elas vêm e aparecem dali. Como essas coisas são significadas pelas mitras e pedras preciosas, por isso elas também foram vistas por João sobre a cabeça do dragão (*Ap. 12:3*), sobre os chifres da besta (*Ap. 13:1*) e, as pedras preciosas, sobre a meretriz que se assentava sobre a besta escarlate (*Ap. 17:4*). Foram vistas ali porque por elas são significados aqueles com quem está a Palavra no mundo cristão.

45. (3) *Que os veros do sentido da letra da Palavra sejam entendidos pelas pedras preciosas no jardim do Éden, onde se disse em Ezequiel que o rei de Tiro tinha estado. Lê-se em Ezequiel:*

Ó rei de Tiro, “tu que selas a tua medida, cheio de sabedoria e perfeito em beleza. Estiveste no Éden, jardim de Deus. Toda pedra preciosa era tua cobertura: rubi, topázio e diamante; berilo [*tarshish*], sardônica e jaspe; safira, crisópraso e esmeralda, e ouro” (Ez. 28:12, 13).

Por “Tiro”, na Palavra, são significadas as cognições do vero e do bem; pelo “rei” é significado o vero celeste; pelo “jardim de Éden” é significada a sabedoria e a inteligência provenientes da Palavra; pelas “pedras preciosas” são significados os veros transparecendo do bem, tais como estão no sentido da letra da Palavra; e como eles são significados por essas pedras, por isso elas são chamadas “sua cobertura”. Que o sentido da letra cubra os interiores da Palavra, viu-se nos capítulos precedentes.

46. (4) *Que o sentido da letra da Palavra seja significado pelas cortinas e pelos véus do tabernáculo.* Pelo tabernáculo foi representado o céu e a igreja. Por isso sua forma foi mostrada por JEHOVAH sobre o monte Sinai. Por conseguinte, todas as coisas que havia no tabernáculo, que eram o castiçal, o altar de ouro para o incenso e a mesa sobre a qual ficavam os pães das faces, representavam e, assim, significavam coisas santas do céu e da igreja. E pelo santo dos santos, onde estava a arca da aliança, era representado e, assim, significado o íntimo do céu e da igreja. E pela Lei mesma inscrita nas duas tábuas de pedra e encerrada na arca foi significado o Senhor quanto à Palavra. Ora, como os externos tiram sua essência dos internos, e estes e aqueles a tiram do íntimo, que era a Lei, por isso as coisas santas da Palavra eram também representadas e significadas por todas as coisas do tabernáculo. Segue-se, assim, que pelos últimos do tabernáculo, que eram as cortinas e os véus, como também as coberturas e os continentes, foram significados os últimos da Palavra, que são os veros e bens de seu sentido da letra. Visto que essas coisas eram significadas, por isso,

Todas as cortinas e todos os véus foram feitos de linho entrelaçado, de azul e púrpura, de escarlate duas vezes tingido, com os querubins (Êx. 26:1, 31, 36).

Nos *Arcanos Celestes*, a respeito desse capítulo no *Êxodo*, explicou-se o que foi representado e significado em geral e em particular pelo tabernáculo e por todas as coisas que ali havia. E mostrou-se ali que pelas “cortinas” e pelos “véus” foram representados os externos do céu e da igreja, como também os externos da Palavra. Depois, que pelo “linho fino” ou “linho” [*byssinum*] foi significado o vero de origem espiritual, pela “azul”, o vero de origem celeste, pela “púrpura”, o bem celeste, pelo “escarlate duas vezes tingido” o bem espiritual, e pelos “querubins” a proteção dos interiores da Palavra.

47. (5) *Que os externos do tempo de Jerusalém tenham representado os externos da Palavra, que são o seu sentido da letra, é*

porque o mesmo é representando pelo templo e pelo tabernáculo, a saber, o céu e a igreja, e, assim, também a Palavra. Que pelo templo de Jerusalém seja significado o Divino Humano do Senhor, Ele mesmo o ensina em *João*:

“Derribai este templo, e em três dias o edificarei. ... Ele falava do templo do Seu corpo” (Jo. 2:19, 21).

E onde se entende o Senhor, entende-se também a Palavra, porque o Senhor é a Palavra. Ora, como pelos interiores do templo foram representados os interiores do céu e da igreja, como também da Palavra, por isso pelos seus exteriores foram representados e significados os exteriores do céu e da igreja, como também da Palavra, que são o seu sentido da letra. A respeito dos exteriores do templo, lê-se:

Que foram edificados de pedra inteira, não cortada, e de cedro por dentro; e todas as suas paredes de dentro foram esculpidas de querubins, palmas e flores abertas, e o solo revestido de ouro (I Rs. 6: 7, 29, 30),

coisas pelas quais, todas, eram significados os externos da Palavra, que são as santidades do seu sentido da letra.

48. (6). *Que a Palavra em sua glória seja representada pelo Senhor quando Se transfigurou.* Lê-se a respeito do Senhor, ao ser transformado diante de Pedro, Tiago e João:

Que Sua face fulgurou como o sol; Suas vestimentas tornaram-se como a luz; viram-se Moisés e Elias conversando com Ele; uma nuvem brilhante cobriu os discípulos e ouviu-se da nuvem uma voz dizendo: “Este é Meu filho amado... a Ele escutai” (Mt. 17:1-5).

Fui informado de que o Senhor então estava representando a Palavra: pela “face”, que fulgurou como o sol, Seu Divino Bem; pela “vestimenta” que se tornou como a luz, Seu Divino Vero; por “Moisés e Elias”, a Palavra histórica e profética; por “Moisés”, a Palavra que foi escrita por ele e, em geral, a Palavra histórica, e por “Elias”, a Palavra profética; pela “nuvem brilhante” que cobriu os discípulos, a Palavra no sentido da letra; por isso dela foi ouvida uma voz, que disse: “Este é Meu filho amado... a Ele escutai”, porquanto todas as coisas enunciadas e respondidas do céu só se fazem por meio dos últimos, como estão no sentido da letra da Palavra, pois se fazem pelo Senhor em plenitude.

49. Mostrou-se até aqui que a Palavra no sentido natural, que é o sentido da letra, está em sua santidade e em sua plenitude. Agora se

dirá alguma coisa a respeito de a Palavra nesse sentido estar em seu poder. Quão grande e qual é o poder do Divino Vero nos céus e também nas terras, pode-se ver pelo que foi dito na obra *O Céu e o Inferno*, sobre o poder dos anjos do céu (n. 228-233). O poder do Divino Vero é principalmente contra os falsos e males, assim, contra os infernos. Contra eles deve-se combater por meio dos veros do sentido da letra da Palavra. Também é pelos veros que estão no homem que o Senhor tem poder de salvá-lo, pois o homem é reformado e regenerado pelos veros do sentido da letra da Palavra e, desse modo, tirado do inferno e introduzido no céu. Esse poder o Senhor assumiu também quanto ao Seu Divino Humano, depois de cumprir todas as coisas da Palavra, até os seus últimos.

[2] Por isso o Senhor disse ao principal dos sacerdotes, quando estava para cumprir o que restava, pela paixão da cruz:

“De agora em diante vereis o Filho do homem assentado à direita do poder, vindo nas nuvens do céu” (Mt. 26:64; Mc. 14:62);

“Filho do homem” é o Senhor quanto à Palavra; “nuvens do céu” é a Palavra no sentido da letra; “sentar à direita de Deus” é a Onipotência por meio da Palavra (como também em *Mc. 16:9*). O poder do Senhor pelos últimos do vero foi representado na Igreja Judaica pelos nazireus, como por Sansão, de quem se disse que era nazireu desde o ventre da mãe e que seu poder residia em seus cabelos. O nazireu e o nazireato significam o cabelo.

[3] Que seu poder residisse nos cabelos, ele o manifestou, dizendo:

“A navalha não subiu sobre minha cabeça, porque nazireu... sou desde o ventre de minha mãe; se raspar, então se retirará a minha força, e ficarei fraco, e serei como qualquer homem” (Jz. 16:7).

Ninguém pode saber por que foi instituído o nazireato, por quem é significado o cabelo, nem de onde havia a força de Sansão nos cabelos, a menos que saiba o que é significado na Palavra pela “cabeça”. Pela “cabeça” é significada a sabedoria celeste que existe para os anjos e para os homens desde o Senhor por meio do Divino Vero. Assim, pelos “cabelos da cabeça” é significada a sabedoria celeste nos últimos e também o Divino Vero nos últimos.

[4] Como isso é significado pelos cabelos por causa da correspondência com os céus, por isso o estatuto para os nazireus era:

Que não raspassem o cabelo de sua cabeça, porque esse é o nazireato de Deus sobre as suas cabeças” (Nm. 6:1-21);

E foi, também, instituído:

“Que o sumo sacerdote e os seus filhos não raspassem sua cabeça, para que não morressem e houvesse indignação sobre toda a casa de Israel” (Lv. 10:6).

[5] Visto que os cabelos eram tão santos por causa dessa significação, a qual procede da correspondência, por isso o Filho do homem, que é o Senhor quanto à Palavra, é também descrito quanto aos cabelos, que eram como a branca lã, como a neve (*Ap. 1:14*), do mesmo modo que o Ancião dos dias (*Dn. 7:9*). Sobre este assunto, veja-se também alguma coisa acima (n. 35). Em suma, que o poder do Divino Vero ou da Palavra esteja no sentido da letra é porque a Palavra aí está em sua plenitude e porque nela estão os anjos de ambos os reinos do Senhor e homens juntamente.

V. A Doutrina da Igreja deve ser extraída do sentido da letra da Palavra e confirmada por esse sentido

50. Na capítulo precedente mostrou-se que a Palavra no sentido da letra está em sua plenitude, em sua santidade e em seu poder; e como o Senhor é a Palavra, porque é tudo da Palavra, segue-se que o Senhor está presente principalmente nesse sentido e, por esse sentido, ensina e ilumina o homem. Mas isso vai ser demonstrado nesta ordem:

(i.) A Palavra não é entendida sem a doutrina.

(ii.) A Doutrina deve ser extraída do sentido da letra.

(iii.) Mas o Divino Vero, que deve ser da doutrina, não aparece senão aos que estão na iluminação pelo Senhor.

51. (i.) *Que a Palavra não seja entendida sem a doutrina* é porque a Palavra no sentido da letra consiste em puras correspondências, a fim de que as coisas espirituais e celestes estejam ali presentes ao mesmo tempo e cada um vocábulos seja o seu continente e esteio. Por esse motivo, em algumas passagens do sentido da letra não há veros nus, mas revestidos, que se chamam aparências de vero. E há muitos que estão acomodados à compreensão dos simples, cujos pensamentos não se elevam acima do que vêem diante dos olhos, e alguns que parecem como se fossem contradições, quando, todavia, não há

contradição alguma na Palavra, considerada em sua luz. E, também, em algumas passagens nos Profetas, há coleções de nomes de lugares e de pessoas dos quais não se pode extrair sentido algum, como se mostrou nas citações acima (n. 15). E como tal é a Palavra no sentido da letra, pode-se ver que não é possível entendê-la sem a doutrina.

[2] Mas exemplos ilustrarão isso. Foi dito

Que JEHOVAH Se arrepende (Êx. 22:12, 14; Jn. 3:9, 4:2);

e foi dito também

Que JEHOVAH não Se arrepende (Nm. 23:19; I Sm. 15:29).

Sem a doutrina essas passagens não podem se conciliar. Foi dito

Que JEHOVAH visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração (Nm. 14:18);

e foi dito também

Que o pai não morrerá por causa do filho, nem o filho por causa do pai, mas cada um em seu pecado (Dt. 24:16).

Pela doutrina, essas passagens não são discordantes, mas concordantes.

[3] Jesus disse:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á; aquele que pede, recebe; e [quem] busca, encontra; e ao que bate, abrir-se-lhe-á” (Mt. 7:7, 8; 21:21, 22).

Sem a doutrina, acreditar-se-á que cada um deve receber o que pede; mas, pela doutrina, crê-se que tudo que o homem pede, não por si, mas pelo Senhor, isso lhe é dado. Porque o Senhor também ensina isto:

“Se permaneceres em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito” (Jo. 15:7).

[4] O Senhor disse:

“Bem-aventurados os pobres, porque deles é reino de Deus” (Lc. 6:20);

sem a doutrina, pode-se pensar que o céu é para os pobres e não para os ricos. Mas a doutrina ensina que se deve entender os pobres de espíritos, pois o Senhor disse:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt. 5:3).

[5] O Senhor disse:

“Não julgueis, para que não sejais julgados; ... com o juízo que julgais, sereis julgados” (Mt. 7:1, 2; Lc. 6:37);

sem a doutrina pode-se ser levado a confirmar que não se deve dizer do mal que é um mal, portanto, não se deve julgar que o mau é mau. Mas, pela doutrina, é permitido julgar, porém justamente, porque o Senhor disse:

“Com juízo justo julgai” (Jo. 7:24).

[6] Jesus disse:

“Não sejais chamados rabi [*doctor*], porque um só é vosso Rabi, Cristo... A ninguém chameis pai na terra, porque um só é vosso Pai... nos céus. A ninguém chameis mestre, porque um só é vosso Mestre, Cristo” (Mt. 23:8-10);

sem a doutrina, resultaria que não seria lícito chamar a alguém rabi, pai e mestre, mas pela doutrina se sabe que é lícito no sentido natural, mas não no espiritual.

[7] Jesus disse aos discípulos:

“Quando o Filho do homem sentar no trono de Sua glória, também vós sentareis em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel” (Mt. 19:28);

por essas palavras pode-se concluir que os discípulos do Senhor também deverão julgar, quando, todavia, a ninguém podem julgar. Assim, a doutrina revelará este arcano pelo seguinte, que somente o Senhor, que é Onisciente e conhece o coração de todos, deve julgar e pode julgar. E que, pelos Seus “doze discípulos” se entende a igreja quanto a todos os veros e bens que lhe vêm do Senhor por meio da Palavra. Por aí a doutrina conclui que eles [os veros e bens] devem julgar a cada um, segundo as palavras do Senhor em *João (3:17, 18; 12:47, 48)*.

[8] Quem lê a Palavra sem a doutrina não sabe de que maneira são coerentes as coisas que se dizem nos Profetas sobre a nação judaica e sobre Jerusalém, a saber, que a igreja permanecerá para sempre com aquela nação e com sua sede naquela cidade, como nas seguintes passagens:

“Visitará JEHOVAH o Seu rebanho, a casa de Judá, e os porá como em glória... na guerra; d’Ele sairá a pedra de esquina, d’Ele sairá a estaca; e d’Ele sairá o arco de guerra” (Zc. 10. 3, 4, 6, 7).

“Eis que eu venho, para habitar no meio de ti; e JEHOVAH fará de Judá

uma herança... e elegerá de novo Jerusalém” (Zc. 2:10, 12).

“Sucederá naquele dia que os montes destilarão mosto, e a colinas fluirão leite; ... e Judá será para sempre, e Jerusalém de geração em geração” (Jl. 3:18-20).

“Eis que os dias vêm... em que sementarei a casa de Israel e a casa de Judá com semente de homem... e em que então farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma aliança nova... E esta será a aliança: ... porei a Minha lei no seu meio, e sobre o coração deles a escreverei, e lhes serei por Deus, e eles Me serão por povo” (Jr. 31: 27, 31, 33).

“Naquele dia, dez varões de todas as línguas das nações pegarão na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque ouvimos Deus convosco” (Zc. 8:22, 23).

Do mesmo modo que em outras passagens (como *Is. 44:24, 26; 49:22, 23; 65:9; 66:20, 22; Jr. 3:18; 23:5; 50:19, 20; Na.1:15; Mal. 3:4*), passagens em que se trata do advento do Senhor e isso então acontecerá.

[9] Mas diz-se o contrário em muitas outras passagens, das quais será citada aqui somente esta:

“Esconderei deles a Minha face; verei o que a posteridade deles será, porque são uma geração de perversos, filhos em que não há fidelidade. ... Se Eu dissesse: Nos cantos extremos os lançarei, farei cessar do homem a memória deles; ... porque são gente falta de conselhos, nem há inteligência neles. Da videira de Sodoma é a sua videira, e dos campos de Gomorra; suas uvas são uvas de fel, cachos de amargor são elas; veneno de dragão é o seu vinho, e fel cruel de áspides. Não está isso guardado comigo, selado em Meus tesouros? A Mim [pertencem] a vingança e a retribuição” (Dt. 32:20-35).

Isso foi dito a respeito daquela nação. E semelhantes expressões se acham em outras passagens, como *Is. 3:1, 2, 8; 5:3-6; Dt. 9:5, 6; Mt. 12:39; 23:27, 28; Jo. 8:44*, e em toda parte em *Jeremias* e *Ezequiel*. Mas essas passagens, que parecem contraditórias, mostram-se concordantes pela doutrina, que ensina que por “Israel” e por “Judá”, na Palavra, não se entendem Israel e Judá, mas a igreja em ambos os sentidos: em um, que foi devastada, em outro, que vai ser instaurada pelo Senhor. Passagens semelhantes a estas estão em outros lugares na Palavra, pelas quais se vê claramente que a Palavra não é compreendida sem a doutrina.

52. Pode-se ver, por isso, que aqueles que lêem a Palavra sem a doutrina, ou, que não obtêm da Palavra uma doutrina para si, estão na

escuridão a respeito de toda a verdade, e sua mente é vaga e incerta, inclinada facilmente a erros e também a heresias, que eles também abraçam se aspiram ao favor ou à autoridade e se a reputação não corre perigo. Com efeito, a Palavra para eles é como um castiçal sem o lume. Vêem, na sombra, como se fossem muitas coisas, e, todavia, mal vêem alguma coisa, pois somente a doutrina é lâmpada. Vi tais indivíduos examinados pelos anjos e achou-se que podem confirmar pela Palavra tudo o que quiserem, e confirmam o que é do amor de si e do amor daqueles que favorecem. E os vi despídos de seus vestidos, um sinal de que estavam sem veros; as vestes ali são os veros.

53. (ii) *Que a doutrina deve ser extraída do sentido da letra da Palavra* e confirmada por aí, é porque ali e não em outro lugar o Senhor está presente com o homem, iluminando-o e ensinando-lhe os veros da igreja. O Senhor jamais opera em alguma coisa que não seja na plenitude, e a Palavra no seu sentido da letra está em Sua plenitude, como se mostrou acima. Assim é que a doutrina deve ser extraída do sentido da letra.

54. Pela doutrina a Palavra não somente é compreendida, mas também brilha, por assim dizer, porque a Palavra sem a doutrina não é compreendida e é como uma castiçal sem o lume, como se disse acima. Por isso, pela doutrina a Palavra é compreendida e é como um castiçal com o lume aceso. O homem então vê muitas coisas que não tinha visto antes, e também compreende as que não tinha antes compreendido. As coisas obscuras e discordantes, ou não as vê e deixa para trás, ou as vê e explica de modo a concordarem com a doutrina. Que a Palavra seja vista pela doutrina e também segundo ela seja explicada, é o que confirma a experiência no mundo cristão. Porque todos os reformados vêem a Palavra pela sua doutrina e segundo ela explicam a Palavra, do mesmo modo que os católicos pela sua e segundo a sua. Mesmo os judeus o fazem por sua doutrina e segundo ela. Conseqüentemente, os falsos por uma doutrina falsa e os veros por uma doutrina verdadeira. Assim, é evidente que a doutrina verdadeira é como uma lâmpada nas trevas e como um poste indicador nos caminhos. Mas a doutrina deve não somente ser extraída do sentido da letra da Palavra, mas também ser confirmada por esse sentido, porque, se não for confirmada por aí, o vero da doutrina parece como se nele houvesse somente a inteligência do homem e não a Divina Sabedoria do Senhor; assim, a doutrina seria como uma casa no ar e não sobre a terra, por conseguinte, não fundamentada.

55. A doutrina do vero genuíno pode ser extraída plenamente do sentido da letra da Palavra, pois a Palavra nesse sentido é como um

homem vestido cuja face é nua, como também são nuas as mãos. Todas as coisas que pertencem à vida do homem, assim, à sua salvação, estão ali nuas, mas as outras estão vestidas. E, em muitas passagens onde estão vestidas, transparecem, como a face transparece por um fino véu de seda. Além disso, os veros da Palavra, à medida que são multiplicados pelo amor a eles, e à medida que são por eles ordenados, tornam-se cada vez mais claros e mais claramente transparecem pelas vestes, e brilham. Mas isso também acontece pela doutrina.

56. Pode-se supor que a doutrina do vero genuíno poderia ser adquirida pelo sentido espiritual da Palavra, que é dado pela ciência das correspondências. Todavia, a doutrina não é adquirida por esse sentido, mas somente ilustrada e corroborada. Pois (como foi dito acima, n. 26), ninguém entra no sentido espiritual da Palavra por meio das correspondências, a não ser que antes esteja nos veros genuínos pela doutrina. Se não estiver antes nos veros genuínos, o homem pode falsificar a Palavra por algumas correspondências que conhece, ligando e explicando-as para confirmar aquilo que a mente adotou por um princípio confirmado. Além disso, o sentido espiritual não é dado a alguém senão pelo Senhor somente. Esse sentido é protegido por Ele assim como o céu é protegido, pois nele o céu está. Importa, pois, que o homem estude a Palavra no sentido da letra; por esse sentido, somente, a doutrina existe.

57. (iii.) *Que o Divino Vero, que deve ser da doutrina, não apareça no sentido da letra da Palavra senão aos que estão na iluminação pelo Senhor.* A iluminação procede do Senhor, somente, e está naqueles que amam os veros porque são veros e os tornam usos da vida; em outros não existe iluminação na Palavra. Que a iluminação seja proveniente somente do Senhor é porque o Senhor está em tudo da Palavra. Que a iluminação esteja naqueles que amam os veros porque são veros e os tornam usos da vida é porque esses estão no Senhor e o Senhor está neles. De fato, o Senhor é o Seu Divino Vero; quando este é amado por ser o Divino Vero - e este é amado quando se torna uso - então nele o Senhor está com o homem. Isso o Senhor também ensina em *João*:

“Naquele dia conhecereis... que vós estais em Mim e Eu em vós. Quem tem os Meus preceitos e os faz, esse... Me ama... e Eu o amarei, e Me manifestarei a ele... E virei a ele e morada nele farei” (Jo. 14:20, 21, 23).

E, em *Mateus*:

“Bem-aventurados os limpes de coração, porque eles verão a Deus”
(Mt. 5:8).

São esses que estão na iluminação quando lêem a Palavra e nos quais a Palavra brilha e transluz.

58. Neles a Palavra brilha e transluz porque em cada coisa da Palavra há os sentidos espiritual e celeste, e esses sentidos estão na luz do céu. Por isso o Senhor, por esses sentidos e pela luz deles, influi no sentido natural e nessa luz no homem. Assim, por uma percepção interior o homem reconhece o vero e, em seguida, o vê em seu pensamento, e isto todas as vezes que estiver na afeição do vero por causa do vero. Da afeição vem a percepção, da percepção o pensamento, e assim se dá o reconhecimento que se chama fé. Sobre este assunto, porém, muitas coisas se dirão no capítulo seguinte, a respeito da conjunção do Senhor com o homem por meio da Palavra.

59. A primeira coisa para eles é adquirir da Palavra a doutrina para si mesmos. Assim é que acendem para si a lâmpada para ulterior progresso. Mas depois de adquirida a doutrina e acesa a lâmpada, por ela vêem a Palavra. Aqueles, porém, que não adquirem doutrina para si mesmos, primeiro investigam se concorda com a Palavra a doutrina dada por outros e recebida por uma percepção comum; dão consentimento às coisas que concordam, mas reprovam as que não concordam. Assim se faz a sua doutrina e, pela doutrina, a sua fé. Mas isso ocorre naqueles que podem ver sem serem distraídos pelos negócios do mundo; esses, se amam os veros porque são veros e fazem deles usos da vida, estão na iluminação pelo Senhor. Por estes, os outros, que estão em alguma vida segundo os veros, podem aprender.

60. O contrário acontece àqueles que lêem a Palavra pela doutrina de uma religião falsa e, ainda mais, aqueles que confirmam essa doutrina pela Palavra e, então, têm em vista sua glória e as riquezas do mundo. Neles o vero da Palavra está como na sombra da noite e o falso como na luz do dia. Lêem o vero, mas não o vêem; e, se vêem a sua sombra, falsificam-na. São esses a respeito de quem o Senhor disse:

Que têm olhos e não vêem, e ouvidos e não entendem (Mt. 13:14, 15),

pois nada mais cega o homem do que o seu *proprium* e a confirmação do falso. O *proprium* do homem é o amor de si e, assim, o orgulho da própria inteligência; e a confirmação do falso é a escuridão que simula a luz. A sua luz é meramente natural, e a sua vista é como a dos que

vêm fantasmas na sombra.

61. Foi-me dado falar com muitos, após sua morte, que tinham acreditado que brilhariam como estrelas no céu, porque, como disseram, tinham tido a Palavra como santa, lendo-a toda muita vezes e tirando dela muitas coisas pelas quais confirmaram os dogmas de sua fé; tinham, por isso, sido reputados no mundo como eruditos, pelo que acreditavam que seriam Migueis ou Rafeais.

[2] Mas muitos deles foram examinados quanto ao amor pelo qual tinham estudado a Palavra e descobriu-se que alguns o fizeram pelo amor de si, a fim de parecerem grandes no mundo e serem cultuados como primazes da igreja. Outros, porém, fizeram-no pelo amor do mundo, a fim de obterem riquezas. Esses, ao serem examinados quanto ao que sabiam da Palavra, concluiu-se que nada sabiam do vero genuíno, mas somente esse vero que se chama falsificado, que é, em si, o falso. E foi-lhes dito que isso lhes vinha em razão de terem tido a si mesmos e ao mundo como fins, ou como é o mesmo, seus amores, e não o Senhor e o céu. E quando se tem a si mesmo e ao mundo como fins, quando se lê a Palavra, a sua mente fica presa neles próprios e no mundo. Assim, pensa-se continuamente pelo seu *proprium*, que está na escuridão quanto a todas as coisas que são do céu. Nesse estado, o homem não pode ser retirado de seu *proprium* pelo Senhor e ser elevado à luz do céu, tampouco receber influxo algum proveniente do Senhor por meio do céu.

[3] Vi também esses serem admitidos no céu, mas quando se descobriu ali que estavam sem os veros, foram expulsos, permanecendo sempre neles o orgulho de terem mérito. Ocorreu diferentemente com aqueles que estudaram a Palavra pela afeição de saber o vero porque é vero e porque lhes serve de uso da vida, não somente a sua, mas também a do próximo. Vi-os serem elevados ao céu e, assim, à luz em que o Divino Vero está e, ao mesmo tempo, exaltados na sabedoria angélica e na sua felicidade, que é a vida eterna.

VI. Pelo sentido da letra da Palavra há conjunção com o Senhor e consociação com os anjos

62. Que haja pela Palavra conjunção com o Senhor é porque a Palavra trata d'Ele somente; por ela o Senhor é tudo em todas as

coisas da Palavra e é chamado Palavra, como se mostrou na *Doutrina do Senhor*. Que nesse sentido haja conjunção, é porque a Palavra nesse sentido está em sua plenitude, em sua santidade e em seu poder, como se mostrou acima em seu capítulo. A conjunção não se mostra ao homem, mas está na afeição do vero e na sua percepção, assim, no amor e na fé do Divino Vero nele.

63. Que haja pelo sentido da letra consociação com os anjos do céu é porque nesse sentido há os sentidos espiritual e celeste, e os anjos estão nesses sentidos; os anjos do reino espiritual no sentido espiritual da Palavra, e os anjos do reino celeste no seu sentido celeste. Esses sentidos se desprendem do sentido natural da Palavra, que é o sentido da letra, quando um homem verdadeiro nele está. O desprendimento é instantâneo, por conseguinte, também a consociação.

64. Que os anjos espirituais estejam no sentido espiritual da Palavra e os anjos celestes no seu sentido celeste, foi manifestado a mim por muita experiência. Foi-me dado perceber que, quando eu lia a Palavra no seu sentido da letra, fazia-se uma comunicação com os céus, ora com uma de suas sociedades, ora com outra. E aquilo que eu entendia segundo o sentido natural, os anjos espirituais entendiam segundo o sentido espiritual e os anjos celestes segundo o sentido celeste, e isto instantaneamente. Como percebi essa comunicação alguns milhares de vezes, não me restou dúvida alguma quanto a isso. Há, também, espíritos que estão abaixo dos céus e que abusam dessa comunicação, pois recitam algumas passagens do sentido da letra da Palavra e imediatamente observam e notam a sociedade com que a comunicação se faz. Isso também eu vi e ouvi muitas vezes. Pelo que foi exposto, foi-me dado saber por viva experiência que a Palavra, quanto ao seu sentido da letra, é o Divino meio de conjunção com o Senhor e com o céu. Sobre essa conjunção por meio da Palavra, veja-se também o que foi referido na obra *O Céu e o Inferno* (n. 303-310).

65. Mas de que maneira se faz o desprendimento desses sentidos, é o que se dirá em poucas palavras. Para que se compreenda isso, deve ser lembrado o que acima se disse (n. 6, 38) a respeito da ordem sucessiva e da ordem simultânea, a saber, que o celeste, o espiritual e o natural se seguem em ordem sucessiva, um após o outro, desde os supremos que estão no céu até os últimos que estão no mundo. Na ordem simultânea, esses estão no último, que é o natural, um junto ao outro, dos íntimos para os extremos; e, semelhantemente, os sentidos sucessivos da Palavra, que são o celeste e o espiritual, estão ao mesmo tempo no natural. Compreendendo-se isso, pode-se de algum modo

explicar ao entendimento de que maneira os dois sentidos, espiritual e celeste se desprendem do sentido natural quando o homem lê a Palavra. Com efeito, o anjo espiritual evoca o espiritual e o anjo celeste evoca o celeste; não poderiam fazê-lo de outra maneira, pois as coisas são homogêneas, e a natureza e a essência delas são consentâneas.

66. Isso, porém, vai ser ilustrado primeiro por comparações tiradas dos três reinos da natureza, que se chamam animal, vegetal e mineral. *No reino animal*: Da comida, quando se torna quilo, os vasos tiram e evocam seu sangue, as fibras nervosas a sua seiva, e as substâncias que são as origens das fibras, o seu espírito animal. *No reino vegetal*: A árvore, com seu tronco, ramos, folhas e frutos se sustenta em sua raiz; do humo, por meio da raiz, extrai e evoca uma seiva mais grosseira para o tronco, os ramos e as folhas, um mais puro para a polpa dos frutos e um ainda mais puro para as sementes no interior dos frutos. *No reino mineral*: No seio da terra, em alguns lugares, há minas impregnados de ouro, prata e ferro; e das exalações ocultas na terra o ouro tira seu elemento, a prata o seu e o ferro o seu.

67. Será ilustrado agora por um exemplo a maneira pela qual os anjos espirituais extraem o seu sentido e os anjos celestes o seu, do sentido natural em que a Palavra está com os homens. Seja, por exemplo, cinco preceitos do Decálogo.

O preceito “*Honrarás teu pai e tua mãe*”. Por “pai” e “mãe” o homem entende o pai e a mãe na terra e todos aqueles que estão em lugar do pai e da mãe; e por “honrar” entende dar-lhes honra e obedecer-lhes. Mas o anjo espiritual entende por “pai” o Senhor e por “mãe” a igreja; e por “honrar” entende amar. O anjo celeste, porém, por “pai” entende o Divino Amor do Senhor, por “mãe” a Sua Divina Sabedoria e por “honrar” entende fazer o bem por Ele.

[2] O preceito “*Não furtarás*”. Por “furtar” o homem entende furto, defraudar o próximo e arrebatar-lhe seus bens de qualquer modo. O anjo espiritual entende por “furtar” privar os outros dos veros de sua fé e dos bens da caridade por meio dos falsos e males. Mas o anjo celeste entende por “furtar” atribuir a si as coisas que pertencem ao Senhor e reivindicar para si mesmo Sua justiça e Seu mérito.

[3] O preceito “*Não adulterarás*”. Por “adulterar” o homem entende cometer adultério, escortação, praticar coisas obscenas, falar lascivamente e pensar imundícies. O anjo espiritual entende, por “adulterar”, adulterar os bens da Palavra e falsificar os seus veros. Mas o anjo celeste, por “adulterar”, entende negar o Divino do Senhor

e profanar a Palavra.

[4] O preceito “*Não matarás*”. Por “matar” o homem entende também ter ódio e desejar vingança até à morte. O anjo espiritual entende, por “matar”, agir como diabo e matar a alma do homem. Mas o anjo celeste entende, por “matar”, ter ódio ao Senhor e às coisas que pertencem ao Senhor.

[5] O preceito: “*Não dirás falso testemunho*”. Por “dar falso testemunho” o homem entende mentir e difamar. O anjo espiritual, por “dar falso testemunho”, entende dizer e persuadir que o falso é o vero e o mal é o bom, e vice-versa. Mas o anjo celeste, por “dar falso testemunho”, entende blasfemar contra o Senhor e a Palavra.

[6] Pelo que foi exposto é possível ver de que maneira o sentido espiritual e celeste é desprendido e extraído do sentido natural da Palavra, que os contém. E, o que é memorável, os anjos extraem o seu sentido sem que saibam o que o homem pensa, ainda que os pensamentos dos anjos e dos homens façam um pelas correspondências, como o fim, a causa e o efeito. Na verdade, os fins também estão no reino celestes, as causas no reino espiritual e os efeitos no reino natural. A conjunção mesma pelas correspondências vem da criação. Assim é, então, que existe consociação com os anjos pela Palavra.

68. Que a consociação do homem com os anjos seja pelo sentido natural ou literal da Palavra, isso vem também de que em cada homem há, por criação, três graus de vida: celeste, espiritual e natural. Mas o homem está no natural enquanto estiver no mundo e, então, está no espiritual tanto quanto estiver nos veros genuínos, e está no celeste tanto quanto estiver na vida segundo esses veros. Contudo, não vem a ao espiritual e celeste mesmo senão após a morte. Mas em outro lugar se dirá mais coisas a esse respeito.

69. Por essas explicações pode-se ver que somente na Palavra há espírito e vida, pelo fato de haver por ela conjunção com o Senhor e consociação com os anjos, conforme o Senhor ensina:

“As palavras que Eu vos falo são espírito e vida” (Jo. 6:63).

“A água que Eu [vos] der se tornará... uma fonte que salta para a vida eterna” (Jo. 4:14).

“Nem só de pão vive o homem, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4:4).

“Trabalhai... pela comida... que permanece para a vida eterna, a qual

o Filho do homem vos dará” (Jo. 6:27).

VII. A Palavra está em todos os céus e por ela há a sabedoria angélica

70. Que haja a Palavra nos céus, até hoje não se soube. Tampouco poderia ser sabido, enquanto a igreja ignorava que os anjos e os espíritos são homens semelhantes aos homens no mundo e têm coisas em tudo semelhantes às que os homens têm, com esta única diferença, que eles são espirituais e todas as coisas que têm são de origem espiritual, enquanto os homens no mundo são naturais e todas as coisas que têm são de origem natural. Enquanto isso permaneceu oculto, não se pôde saber que nos céus há também a Palavra e que ali ela é lida pelos anjos e também pelos espíritos que estão sob os céus. Mas para que isso não ficasse perpetuamente desconhecido, foi-me concedido ter comunicação com os anjos e espíritos, falar com eles e ver o que eles têm, para em seguida relatar as muitas coisas que ouvi e vi. Isso se fez na obra *O Céu e o Inferno* (publicada em Londres no ano de 1758), na qual se pode ver que os anjos e espíritos são homens e têm todas as coisas em abundância, como os homens no mundo. Que os anjos e espíritos sejam homens, veja-se naquela obra (n. 73-77 e n. 453-456); que tenham coisas semelhantes às dos homens no mundo (n. 170-190); como também o culto Divino; e que haja pregações para eles nos templos (n. 221-227); escritos e também livros (n. 258-264); e a Palavra (n. 259).

71. Quanto à Palavra no céu, ela foi escrita num estilo espiritual, que difere inteiramente do estilo natural. O estilo espiritual consiste meramente em letras, cada uma das quais envolvendo um sentido; e há pontuações sobre as letras que exaltam o sentido. Entre os anjos do reino espiritual as letras são semelhantes às letras tipográficas em nosso mundo. Entre os anjos do reino celeste, as letras - cada uma das quais envolve um sentido completo - são semelhantes à letras hebraicas antigas, curvadas de vários modos, com sinais em cima e dentro. Pois que a escrita deles é assim, por isso não há nome algum de pessoas nem de lugares na sua Palavra, como na nossa, mas há, em lugar dos nomes, as coisas que eles significam. Por exemplo, em lugar de “Moisés”, a Palavra histórica. Em lugar de “Elias”, a Palavra profética. Em lugar de “Abrahão, Isaque e Jacob”, o Senhor quanto ao Divino e o Divino Humano. Em lugar de “Aarão”, o sacerdócio e, em

lugar de “David”, a realza, um e outra pertencentes ao Senhor. Em lugar dos doze nomes dos filhos de Jacob ou das tribos de Israel, várias coisas da igreja e do céu. Dá-se o mesmo com relação aos nomes dos doze discípulos do Senhor. Em lugar de “Sião” e “Jerusalém”, a igreja quanto à Palavra e quanto à doutrina oriunda da Palavra. Em lugar da terra de Canaan, a igreja mesma. Em lugar das cidades ali, aquém e além do Jordão, as várias coisas que pertencem à igreja e à sua doutrina, do mesmo modo que com as coisas restantes. É semelhante com os números. Esses tampouco existem na Palavra que está no céu, mas, em lugar deles, coisas a que os números em nossa Palavra correspondem. Por aí se pode ver que a Palavra no céu é uma Palavra correspondente à nossa Palavra e que, assim, são uma só, pois as correspondências fazem com que sejam uma.

72. É uma memorável que a Palavra nos céus foi escrita de tal modo que os simples a entendem com simplicidade e os sábios com sabedoria. De fato, há muitas pontuações e sinalizações sobre as letras que, como se disse, exaltam o sentido. Os simples não prestam atenção a elas, nem as conhecem, mas os sábios lhes prestam atenção, cada um segundo a sua sabedoria, até a mais alta. Existe um exemplar da Palavra, escrita por anjos inspirados pelo Senhor, em cada sociedade maior do céu, depositada em seu sacrário, para que não seja, em parte alguma, mudada quanto a ponto algum. A nossa Palavra é, de fato, semelhante à Palavra no céu, pelo fato de os simples a entenderem com simplicidade e os sábios com sabedoria, mas isso se faz aqui de outro modo.

73. Que os anjos tenham toda sabedoria pela Palavra, eles mesmos o declaram, pois quanto mais estão no entendimento da Palavra, mais estão na luz. A luz do céu é a Divina Sabedoria, que é luz diante de seus olhos. No sacrário em que a Palavra foi depositada existe uma luz de chama e de uma brancura brilhante que excede todos os graus de luz que há no céu fora dali. A causa é a mesma que foi dita acima, a saber, que o Senhor está na Palavra.

74. A sabedoria dos anjos celestes excede a sabedoria dos anjos espirituais quase como a sabedoria dos anjos espirituais excede a sabedoria dos homens. A razão disso é que os anjos celestes estão no bem do amor proveniente do Senhor, enquanto os anjos espirituais estão nos veros da sabedoria proveniente do Senhor. E onde há o bem do amor, aí reside ao mesmo tempo a sabedoria, mas onde há os veros, aí não reside sabedoria exceto na medida em que houver, ao mesmo tempo, o bem do amor. Esta é a razão pela qual a Palavra no reino celeste é escrita de maneira diferente da Palavra no reino espiritual,

pois na Palavra do reino celeste foram expressos os bens do amor, e os sinais são as afeições, mas na Palavra do reino espiritual foram expressos os veros da sabedoria, e os sinais são as percepções.

75. Pelo que foi exposto pode-se concluir quanta sabedoria se acha encerrada na Palavra que está no mundo. De fato, nela se encerra toda a sabedoria angélica, que é inefável, pois é o seu continente. E a essa sabedoria vem, após a morte, o homem que se torna anjo pelo Senhor por meio da Palavra.

VIII. A igreja existe pela Palavra e é tal qual é o seu entendimento da Palavra

76. Que a igreja exista pela Palavra, não se pode duvidar, pois a Palavra é o Divino Vero mesmo (n. 1-4); da Palavra vem a doutrina da igreja (n. 50-61); e pela Palavra há conjunção com o Senhor (n. 62-69). Mas que o entendimento da Palavra faça a igreja, isso pode ser motivo de dúvida, porque há aqueles que crêem que são da igreja porque têm a Palavra e a lêem ou ouvem do pregador, pelo que sabem alguma coisa de seu sentido da letra. Não sabem, porém, de que maneira se deve entender isso ou aquilo na Palavra, e alguns nem dão importância a isso. Por isso, vai ser confirmado aqui que não é a Palavra que faz a igreja, mas o entendimento da Palavra, e a igreja é tal qual é o entendimento da Palavra naqueles que estão na igreja. Isso vai ser confirmado pelo que se segue.

77. A Palavra é Palavra conforme o seu entendimento no homem, isto é, conforme é compreendida. Se não é compreendida, a Palavra é até chamada Palavra, mas no homem não é. A Palavra é a verdade conforme o seu entendimento, pois a Palavra pode não ser a verdade, como também pode ser falsificada. A Palavra é espírito e vida conforme o seu entendimento, pois a letra sem o seu entendimento é morta. Uma vez que há para o homem verdade e vida segundo o entendimento da Palavra, também há para ele a fé e o amor segundo ela, pois a verdade pertence à fé e o amor pertence à vida. Ora, como a igreja existe pela fé e pelo amor, e é conforme estes, segue-se que a igreja é igreja conforme o entendimento da Palavra e segundo este. É uma igreja nobre se estiver nos veros genuínos, ignóbil se não estiver nos veros genuínos e destruída se estiver nos veros falsificados.

78. Além disso, o Senhor está presente no homem e é conjunto a

ele por meio da Palavra, porquanto o Senhor é a Palavra e nela fala, por assim dizer, com o homem. E depois, porque o Senhor é o Divino Vero mesmo e a Palavra é esse [Divino Vero]. Por isso é evidente que o Senhor está presente no homem e é, ao mesmo tempo, conjunto a ele segundo o entendimento da Palavra. Pois segundo isso há para o homem verdade e, assim, fé, como também amor e, assim, vida. Entretanto, o Senhor está presente no homem pela leitura da Palavra, mas é conjunto a ele pelo entendimento do vero proveniente da Palavra e segundo esse entendimento. E quanto mais o Senhor está conjunto ao homem, mais o homem é da igreja. A igreja está no homem; a igreja que está fora dele é a igreja com muitos em que a igreja está. Isso é o que se entende pelas palavras do Senhor aos fariseus que o interrogaram sobre quando viria o reino de Deus:

“O reino de Deus está dentro de vós” (Lc. 17:21);

Pelo “reino de Deus” aí se entende o Senhor e a igreja proveniente d’Ele.

79. Em muitas passagens nos Profetas se trata do entendimento quando se fala a respeito da Igreja e se ensina que a igreja não está em outra parte a não ser onde a Palavra é justamente compreendida, e que a igreja é tal qual o entendimento da Palavra naqueles que são da igreja. Em muitas passagens nos Profetas também se descreve a igreja com a nação israelita e judaica, a saber, foi inteiramente destruída e aniquilada pelo fato de eles terem falsificado o sentido ou o entendimento da Palavra, pois nenhuma outra coisa destrói a igreja.

[2] O entendimento da Palavra, tanto o verdadeiro quanto o falso, é representado nos Profetas por “Efraím”, principalmente em *Oséias*, pois “Efraím”, na Palavra, significa o entendimento da Palavra na igreja. E como o entendimento da Palavra faz a igreja, por isso Efraím é chamado:

“Um filho precioso” e “criança das delícias” (Jr. 31:20);

“Primogênito” (Jr. 31:9);

“Força da cabeça de JEHOVAH” (Sl. 60:7; 108:8);

“Poderoso” (Zc. 10:7);

“Cheio com o arco” (Zc. 9:13).

E os filhos de Efraím são chamados:

“Armados” e “atiradores com o arco” (Sl. 78:9).

O “arco” significa a doutrina oriunda da Palavra combatendo contra os

falsos. Por isso, também,

Efraím foi passado para a direita de Israel e abençoado; depois, foi aceito no lugar de Reuben (Gn. 48:5, 11 e seq.).

E, por isso,

Na bênção de Moisés aos filhos de Israel, Efraím, juntamente com seu irmão, Manassés, sob o nome do pai deles, José, foi exaltado sobre todos os outros. (Dt. 33:13-17).

[3] Qual é, porém, a igreja quando o entendimento da Palavra é destruído, isso também foi representado por “Efraím” nos Profetas, principalmente em *Oséias*, como é evidente pelo que se segue:

“Israel e Efraím cairão... Efraím estará na desolação... oprimido e quebrantado no juízo. ... Eu serei como um leão para Efraím... despedaçá-lo-ei e ir-me-ei embora, arrebatarei e não [haverá quem o] livre” (Os. 5:5, 9, 11-14).

“Que te farei, Efraím? ... porque tua santidade se foi como nuvem da aurora e como o orvalho cai de manhã” (Os. 6:4).

“Não habitarão na terra de JEHOVAH... Efraím voltará [ao] Egito, e na Assíria comerá imundície” (Os. 9:3).

[4] A “terra de JEHOVAH” é a igreja; “Egito” é o conhecimento natural do homem; “Assíria” é o raciocínio daí proveniente, pelo qual a Palavra é falsificada quanto ao seu entendimento. Por isso se diz que “Efraím voltará ao Egito, e na Assíria comerá imundície”.

[5] “Efraím se apascenta de vento, e segue o vento leste; todo dia multiplica a mentira e a vastação; trata aliança com a Assíria, e o azeite se leva ao Egito” (Os. 12:1);

“apascentar de vento”, “seguir o vento leste” e “multiplicar a mentira e a vastação” é falsificar os veros e, assim, destruir a igreja.

[6] O mesmo é significado também pela “escortação de Efraím” – pois a “escortação” significa a falsificação do entendimento da Palavra, isto é, seu vero genuíno – no que se segue:

“Eu conheço a Efraím... que é inteiramente devasso... e Israel está contaminado” (Os. 5:3).

“Na casa de Israel vi uma coisa horrenda; ali está a escortação de Efraím... e Israel está contaminado” (Os. 6:10).

“Israel” é a igreja mesma e “Efraím” é o entendimento da Palavra, do qual e segundo o qual existe a igreja, pelo que se diz que “Efraím é devasso e Israel está contaminado”.

[7] Visto que a igreja entre os judeus foi completamente destruída pelas falsificações da Palavra, por isso assim se diz a respeito de Efraím:

“Dar-te-ei, Efraím, entregar-te-ei, Israel, como Admá, e te porei como Zeboím” (Os. 11:8).

Ora, como o profeta Oséias, do primeiro ao último capítulo, trata da falsificação da Palavra e, pela falsificação, da destruição da igreja, e como pela “escortação” é significada a falsificação do vero ali, por isso foi ordenado a esse profeta, para representar com isso tal estado da igreja, que tomasse para si uma prostituta por mulher e gerasse filhos por ela (cap. 1). E, novamente, que tomasse uma mulher adúltera (cap. 3).

[8] Essas passagens foram citadas para que se saiba e se confirme pela Palavra que a igreja é tal qual é nela o entendimento da Palavra. É excelente e preciosa se o seu entendimento for proveniente dos veros genuínos da Palavra, mas destruída e, até, horrenda, se o entendimento for proveniente de veros falsificados. Para se confirmar que “Efraím” significa o entendimento da Palavra e, no sentido oposto, a Palavra falsificada, e que daí resulta a destruição da igreja, podem ser consultadas demais passagens que tratam de Efraím, como *Os. 4:17, 18; 7:1, 11; 8:9, 11; 9:11-13, 16; 10:11; 11:3; 12:1, 8, 14; 13:1, 12; Is. 17: 3; 28:1; Jr. 6:15; 31:6, 18; 50:19; Ez. 37:16; 48:5; Ob. vers. 19; Zc. 9:10.*

IX. Em cada coisa da Palavra há o casamento do Senhor e da igreja, e, por conseguinte, o casamento do bem e do vero.

80. Que em cada coisa da Palavra haja o casamento do Senhor e da igreja e, por conseguinte, o casamento do bem e do vero, até hoje não tinha sido visto, e não poderia sê-lo, porque o sentido espiritual da Palavra não foi desvendado antes, e isso não pode ser visto senão por esse sentido. Com efeito, há dois sentidos na Palavra, latentes no seu sentido da letra, o espiritual e o celeste. No sentido espiritual, os assuntos da Palavra se referem principalmente à igreja; no sentido celeste, principalmente ao Senhor. Também se referem, no sentido espiritual, ao Divino Vero, e, no sentido celeste, ao Divino Bem. Assim é que existe no sentido literal da Palavra esse casamento. Isso, porém, a ninguém se mostra senão àquele que, pelo sentido espiritual

e celeste da Palavra, conhece as significações dos vocábulos e dos nomes. Pois alguns vocábulos e nomes se atribuem ao bem, alguns ao vero e alguns incluem um e outro. Por isso, sem esse conhecimento, não se pode ver esse casamento em cada coisa da Palavra. Esta é razão pela qual esse arcano não foi revelado antes.

81. Como existe tal casamento em cada coisa da Palavra, por isso há, muitas vezes, expressões duplas que parecem ser repetições de uma mesma coisa. Não são, todavia, repetições, mas uma se refere ao bem e a outra ao vero, sendo que uma e outra tomadas juntamente fazem a conjunção dos dois, assim, uma só coisa. Vem daí, também, a Divindade da Palavra e a sua santidade, porque em toda obra do Senhor o bem é conjunto ao vero e o vero é conjunto ao bem.

82. Foi dito que em cada coisa da Palavra há o casamento do Senhor e da igreja e, por conseguinte, o casamento do bem e do vero, porque onde está o casamento do Senhor e da igreja, aí também está o casamento do bem e do vero, porque este vem daquele. Porque, quanto a igreja ou o homem da igreja está nos veros, então o Senhor influi com o bem em seus veros e os vivifica. Ou, o que é a mesma coisa, quando a igreja ou o homem da igreja está na inteligência por meio dos veros, então o Senhor, pelo bem do amor e da caridade, influi em sua inteligência e, assim, introduz ali a vida.

83. Em todo homem existem duas faculdades da vida, que se chamam entendimento e vontade. O entendimento é o receptáculo do vero, por conseguinte, da sabedoria, e a vontade é o receptáculo do bem, por conseguinte, do amor. Esses dois constituem um só, para que o homem seja homem da igreja. Mas fazem um quando o homem forma o entendimento com os veros genuínos, e isso se faz aparentemente como se por ele mesmo; e é feito pelo Senhor quando a sua vontade se enche do bem do amor. Assim há, no homem, a vida do bem e do vero, a vida do vero no entendimento proveniente da vontade, e a vida do bem na vontade por meio do entendimento. Este é o casamento do vero e do bem no homem, portanto, o casamento do Senhor e da igreja nele. Mas, a respeito dessa conjunção recíproca que se chama casamento, veja-se na obra *Sabedoria Angélica da Divina Providência, do Divino Amor e da Divina Sabedoria*, e também *Da Vida*.

84. Que haja na Palavra expressões duplas que parecem repetições da mesma coisa, isso se pode ser visto pelo leitor que prestar atenção. Por exemplo: ‘irmão’ [e ‘companheiro’, ‘pobre’] e ‘indigente’, ‘desolação’ e ‘solidão’, ‘vacuidade’ e ‘inanidade’, ‘adversário’ e

‘inimigo’, ‘pecado’ e ‘iniquidade’, ‘ira’ e ‘inflamação’, ‘gente’ e ‘nação’, ‘regozijo’ e ‘alegria’, ‘luto’ e ‘pranto’, ‘justiça’ e ‘juízo’ etc. Elas parecem sinônimas, quando, todavia, não o são, pois irmão, ‘pobre’, ‘desolação’, [‘vacuidade’], ‘adversário’, ‘pecado’, ‘ira’, ‘gente’, ‘regozijo’, ‘luto’ e ‘justiça’ são atribuições do bem e, no sentido oposto, do mal, enquanto ‘companheiro’, ‘indigente’, ‘solidão’, ‘inabilidade’, ‘inimigo’, ‘iniquidade’, ‘inflamação’, ‘povo’, ‘alegria’, ‘pranto’ e ‘juízo’ são atribuições do vero e, no sentido oposto, do falso. Todavia, ao leitor que não conhece esse arcano, parece que ‘pobre’ e ‘indigente’, ‘desolação’ e ‘solidão’, ‘vacuidade’ e ‘inabilidade’, ‘adversário’ e ‘inimigo’ são uma só coisa, do mesmo modo que ‘pecado’ e ‘iniquidade’, ‘ira’ e ‘inflamação’, ‘gente’ e ‘povo’, ‘regozijo’ e ‘alegria’, ‘luto’ e ‘pranto’, ‘justiça’ e ‘juízo’. E, embora não sejam uma só coisa, fazem uma só pela conjunção. Há na Palavra, também, muitas combinações, como ‘fogo’ e ‘chama’, ‘ouro’ e ‘prata’, ‘bronze’ e ‘ferro’, ‘madeira’ e ‘pedra’, ‘pão’ e ‘água’, ‘pão’ e ‘vinho’, ‘púrpura’ e ‘linho fino’ etc. E isso porque ‘fogo’, ‘ouro’, ‘bronze’, ‘madeira’, ‘pão’ e ‘púrpura’ significam o bem, enquanto ‘chama’, ‘prata’, ‘ferro’, ‘pedra’, ‘água’, ‘vinho’ e ‘linho fino’ significam o vero. É por razão semelhante que se diz que se deve amar a Deus “de todo o coração e de toda a alma”, como também que Deus irá criar no homem “um coração novo e um espírito novo”, porque o ‘coração’ se atribui ao bem do amor, e a ‘alma’ ao vero proveniente desse bem. Há, ainda, vocábulos que, por participarem de um e outro, tanto do vero quanto do bem, são referidos isoladamente, sem estarem conjuntos a outros vocábulos. Mas estas e muitas outras coisas não se apresentam senão diante dos anjos e diante daqueles que, quando estão no sentido natural, também estão no sentido espiritual.

85. Que haja, na Palavra, essas expressões duplas que parecem ser repetições da mesma coisa, seria prolixo mostrar por citações da Palavra, pois isso encheria páginas. Mas, para tirar a dúvida, quero citar as passagens onde ocorrem ao mesmo tempo ‘juízo’ e ‘justiça’, como também ‘gente’ e ‘povo’, e ‘regozijo’ e ‘alegria’. As passagens onde são nomeados ‘juízo’ juntamente com ‘justiça’ são estas:

“A cidade... estava cheia de juízo, a justiça nela pernoitava” (Is. 1:21).

“Sião será redimida em justiça, e em juízo os que retornam para ela” (Is. 1:27).

“Exaltado seja JEHOVAH Zebaoth em juízo, e o Deus santo seja santificado em justiça” (Is. 5:16).

Sentará “sobre o trono de David e sobre o seu reino, para estabelecê-lo ... em juízo e justiça” (Is. 9:7).

“Exaltado seja JEHOVAH, porque habita na altura, e enche a terra de juízo e justiça” (Is. 33:5).

“Disse JEHOVAH: Guardai o juízo e fazei justiça, porque perto está a Minha salvação... para que Minha justiça seja revelada” (Is. 56:1).

“Como uma gente que fez justiça e não deixou o juízo de seu Deus; que roguem... pelos juízos de justiça” (Is. 58:2).

“Jura por JEHOVAH vivo em... juízo e justiça” (Jr. 4:2).

“Aquele que se gloria, glorie-se nisso: que JEHOVAH faça... juízo e justiça na terra” (Jr. 9:24).

“Fazei juízo e justiça... Ai daquele que edifica a sua casa sem justiça, e os seus aposentos sem juízo. ... Acaso teu pai... não fez juízo e justiça, e por isso lhe sucedeu bem?” (Jr. 22:3, 13, 15).

“Suscitarei a David um renovo justo, que reinará Rei... e fará juízo e justiça na terra” (Jr. 23:5; 33:15).

“Se o varão tiver sido justo, que tenha feito juízo e justiça...” (Ez. 18:5).

Se o ímpio “tiver convertido, e tiver feito juízo e justiça, não se fará menção contra ele; juízo e justiça fez, vivendo viverá” (Ez. 33:14, 16, 19).

“Desposar-Me-ei contigo eternamente... em juízo e em justiça; e em misericórdia e em comiserações” (Os. 2:19).

“Flua o juízo como a água, e a justiça como forte corrente” (Am. 5:24).

“Convertestes o juízo em fel, e o fruto da justiça em absinto” (Am. 6:12).

JEHOVAH “pleiteará o meu pleito, e me fará juízo, e me tirará para a luz, e verei a Sua justiça” (Mq. 7:9).

“JEHOVAH, Tua justiça [é] como as montanhas de Deus, os Teus juízos como os grandes abismos” (Sl. 36:6).

JEHOVAH “fará sair a tua justiça como a luz, e [teus] juízos como o meio dia” (Sl. 37:6).

JEHOVAH “julgará o Seu povo em justiça, e aos Seus pobres em juízo” (Sl. 72:2).

“Justiça e juízo [são] a base de Teu trono” (Sl. 89:14).

“Quando eu tiver aprendido os juízos de Tua justiça. ... Sete vezes

ao dia Te louvo pelos juízos de Tua justiça” (Sl. 119: 7, 164).

Gad “fez a justiça de JEHOVAH, e os Seus juízos para com Israel” (Dt. 33:21).

O Espírito da verdade “convencerá o mundo... da justiça e do juízo” (Jo. 16:8, 10).

E em outras passagens. Que o juízo e a justiça sejam mencionados tantas vezes é porque o juízo se refere aos veros e a justiça ao bem. Por isso, por “fazer juízo e justiça” se entende também fazê-los pelo vero e pelo bem. Que o juízo seja atribuído ao vero e a justiça ao bem, é porque o governo do Senhor no reino espiritual se chama juízo e o governo do Senhor no reino celeste se chama justiça (sobre isso, veja-se a obra *O Céu e o Inferno*, n. 214, 215). Como o juízo se diz do vero, por isso também se diz em algumas passagens “verdade e justiça” (como em *Is. 11:5, Sl. 85:11* e em outras passagens).

86. Que haja na Palavra como que repetições de uma mesma coisa, por causa do casamento do bem e do vero, pode-se ver mais claramente pelas passagens onde se falam das nações [*gentes*] e povos, como nestas:

“Ai da nação pecadora, povo carregado de iniquidade” (Is. 1:4).

“Os povos que andavam em trevas viram uma grande luz;... multiplicaste a nação” (Is. 9:2, 3).

“Assíria, vara de Minha ira... contra a nação hipócrita a enviarei, contra o povo de Minha inflamação o mandarei” (Is. 10:5, 6).

“Acontecerá naquele dia... que as nações buscarão a raiz de Jessé, que está posto para sinal dos povos” (Is. 9:10).

JEHOVAH “que fere os povos... com uma praga incurável, que domina com ira as nações” (Is. 14:6).

“Naquele dia será trazido um presente a JEHOVAH Zebaoth de um povo disperso e tosquiado, e ... uma nação medida e espezinhada” (Is. 18:7).

“Honrar-Te-ão um povo forte, a cidade das nações poderosas Te temerão”²⁰ (Is. 25:3).

JEHOVAH “tirá... a cobertura de sobre todos os povos, e o véu... de sobre todas as nações” (Is. 25:7).

“Aproximai-vos, nações... e [vós], povos, escutai” (Is. 34:1).

²⁰ (Sic) “Honrarão” e “temerão”, no plural, referindo-as a “povo” e “cidade”, no singular.

“Chamei-Te... por aliança do povo, para luz das nações” (Is. 42:6).

“Todas as nações se congreguem em uma, e se reúnam os povos” (Is. 43:9).

“Eis que levantarei Minha mão para as nações [ou gentios], e para os povos... o Meu estandarte [*signum*]” (Is. 49:22).

“(Eu) O dei por testemunha dos povos, príncipe e legislador das nações” (Is. 55:4, 5).

“Eis que um povo vem da terra do norte, e uma grande nação... dos lados da terra” (Jr. 6:22, 23).

“Não te farei mais ouvir a calúnia das nações, e o opróbrio dos povos não levarás mais” (Ez. 36:15).

“[Para que] todos os povos e nações O adorem” (Dn. 7:14).

“Para que as nações não façam escárnio deles, e os povos digam: Onde está o Deus deles?” (Jl. 2:17).

“Os restantes do Meu povo os depredarão, e os resíduos de Minha nação os terão por herança” (Sf. 2:19).

“Meu olhos viram a Tua salvação, a qual preparaste diante da face de todos os povos, luz para revelação das nações” (Lc. 2:30-32).

“Com Teu sangue nos resgataste de todo... povo e nação” (Ap. 5:9).

“Importa-te novamente profetizar sobre todos os povos e nações” (Ap. 10:11).

“Pões por cabeça das nações; um povo que [Eu] não tinha conhecido, Me servirão” (Sl. 18:43).

“JEHOVAH torna inútil o conselho das nações, confunde o pensamento dos povos” (Sl. 38:10).

“Põe-nos por provérbio entre as nações, por meneio de cabeça entre os povos” (Sl. 44:14).

JEHOVAH “nos sujeitará os povos, e as nações sob nossos pés... JEHOVAH reinará sobre as nações... os voluntários dos povos foram congregados” (Sl. 47:3, 8, 9).

“Os povos Te confessarão, as nações se alegrarão e jubilarão; pois julgarás os povos em retidão e governarás as nações na terra” (Sl. 67:2-4).

“Lembra-Te de mim, JEHOVAH, no beneplácito para com Teu povo;... para que eu me alegre no regozijo de Tuas nações” (Sl. 106:4, 5).

Além de outras passagens. Que “nações” sejam referidos ao mesmo tempo que “povos”, é porque pelas “nações” se entendem aqui os que

estão no bem e, no sentido oposto, os que estão nos males; e, por “povos”, os que estão nos veros e, no sentido oposto, os que estão nos falsos. Por isso aqueles que são do reino espiritual do Senhor se chamam “povos” e aqueles que são do reino celeste do Senhor se chamam “nações”, pois no reino espiritual todos estão nos veros e, por conseguinte, na sabedoria, enquanto no reino celeste todos estão no bem e, por conseguinte, no amor.

87. Dá-se de modo semelhantes com as demais expressões; por exemplo, onde se diz “regozijo” também se diz “alegria”, como nestas passagens:

“Eis, regozijo e alegria a matar o boi” (Is. 22:3).

“Regozijo e alegria obterão... tristeza e gemido fugirão” (Is. 35:10; 51:11).

“Foi cortada da casa de Deus nossa alegria e o regozijo”²¹ (Jl. 1:16)

“Farei cessar... a voz de regozijo e a voz de alegria” (Jr. 7:34; 25:10).

“O jejum do décimo [mês] será para a casa de Judá regozijo e alegria” (Zc. 8:19).

“Para que regozijemos todos os nossos dias. Alegria-nos” (Sl. 105:14, 15).

“Alegrai-vos por Jerusalém... regozijai-vos por ela” (Is. 66:10).

“Regozija-te e alegre-te, filha de Edom” (Lm. 4:21).

“Alegram-se os céus e a regozije-se a terra” (Sl. 96:11).

“Far-me-ão ouvir regozijo e alegria” (Sl. 51:8).

“Regozijo e alegria se acharão” em Sião, “confissão e voz de canto” (Is. 51:3).

“Haverá alegria, e muitos se regozijarão em Seu nascimento” (Lc. 1:14).

“Farei cessar... a voz de regozijo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva” (Jr. 7:34; 16:9; 25:10).

“Ainda se ouvirá neste lugar... voz de regozijo e voz de alegria, e a voz do noivo e a voz da noiva (Jr. 33:10, 11).

E em outras passagens. Que se digam um e outro, tanto “regozijo” quanto “alegria”, é porque o regozijo pertence ao bem e a alegria ao vero, ou, o regozijo pertence ao amor e a alegria à sabedoria, porque o

²¹ (Sic) Sem concordância no original.

regozijo é do coração e alegria é da alma, ou ainda, o regozijo pertence à vontade e a alegria ao entendimento. Que haja também aí o casamento do Senhor e da igreja, é evidente pelo fato de se dizer:

“Voz de regozijo e voz de alegria, voz do Noivo e voz da Noiva”
(Jr. 7:34; 16:9; 25:10; 33:10, 11),

O Senhor é o Noivo e igreja é a Noiva. Que o Senhor seja o Noivo, veja-se em *Mt. 9:15; Mc. 2:19, 20; Lc. 5:35*. E que a igreja seja a Noiva, *Ap. 21:2, 9; 22:17*. Por isso João Batista disse a respeito de Jesus:

“Aquele que tem a noiva é o noivo” (Jo. 3:29).

88. Por causa do casamento do Senhor e da igreja ou, o que é o mesmo, por causa do casamento do Divino Bem e do Divino Vero em cada coisa da Palavra, diz-se em muitas passagens JEHOVAH e Deus, como também JEHOVAH e o Santo de Israel, como se fossem dois, quando, todavia, são um só. De fato, por “JEHOVAH” se entende o Senhor quanto ao Divino Bem, e por Deus (e o Santo de Israel) o Senhor quanto ao Divino Vero. Que JEHOVAH, Deus e Santo de Israel sejam mencionados em muitas passagens da Palavra e, no entanto, sejam um só, que é o Senhor, veja-se na *Doutrina do Senhor* (n. 34, 38 e 46).

89. Porquanto em todas e cada uma das coisas da Palavra há o casamento do Senhor e da igreja, pode-se ver que todas e cada uma das coisas da Palavra tratam do Senhor, como se começou a demonstrar na obra *Doutrina do Senhor* (n. 1-7). A igreja, da qual também se trata, é também do Senhor, pois o Senhor ensina que o homem da igreja está n’Ele e Ele está no homem (*Jo. 6:56; 14:20, 21; 15:5, 7*).

90. Como se trata aqui da Divindade e da santidade da Palavra, é lícito acrescentar um memorável às coisas que até agora se disse. Uma vez me foi enviada do céu uma folhinha de papel coberta de letras hebraicas, mas escritas como nos tempos antigos, quando essas letras que hoje são lineares em algumas partes tinham sido curvas com pequenos chifres voltados para cima. Os anjos que então se achavam comigo disseram que conheciam todos os sentidos pelas próprias letras, e os conheciam principalmente pelas curvas e ápices das letras. Explicaram o que significavam separadamente e o que significavam conjuntamente. Disseram que o ‘h’, que foi acrescentado aos nomes de Abrão e Sara significava o infinito e o eterno. Explicaram também, diante de mim, o sentido da Palavra no *Salmo 22*, versículo 2, só pelas

letras ou sílabas; o sentido delas, em resumo, é que o Senhor tem misericórdia também daqueles que praticam o mal.

[2] Informaram-me que a escrita no terceiro céu consiste em letras inflexas e curvadas de variadas maneiras, cada uma das quais tendo seu sentido. As vogais são para indicação do som, que corresponde à afeição. Naquele céu não se podem enunciar as vogais ‘i’ e ‘e’, mas, em lugar delas ‘y’ e ‘eu’; e as vogais ‘a’, ‘o’ e ‘u’ são-lhes de uso, porque dão um som pleno. Também, que lá algumas letras consoantes não são expressas asperamente, mas suavemente. Por isso é que existem na língua hebraica algumas letras que são pontuadas internamente, como sinal para que sejam pronunciadas mais suavemente. Disseram, também, que a aspereza nas letras era para uso do céu espiritual, em razão de que ali há veros e o vero admite a aspereza, mas não o bem, em que estão os anjos do reino celeste ou terceiro céu. Disseram, ainda, que tinham com eles a Palavra escrita com letras inflexas com pequenos tiles [*corniculis*] e ápices significativos. Assim tornou-se evidente o que significam essas palavras do Senhor:

“Nem um iota ou til passará da Lei, sem que tudo seja cumprido”
(Mt. 5:18);

e também:

“É mais o céu e a terra passar, do que cair um só ápice da Lei” (Lc. 16:17).

X. Heresias podem ser extraídas do sentido da letra da Palavra, mas confirmá-las é perigoso

91. Mostrou-se acima que a Palavra não pode ser compreendida sem a doutrina e que a doutrina é como uma lâmpada, para que se vejam os veros genuínos. Esta é a razão por que a Palavra foi escrita por puras correspondências, isto é, muitas coisas ali são aparências de vero e não veros nus. Muitas coisas foram escritas para a compreensão do homem natural e, até, do sensual, de um modo, todavia, que os simples a possam entender com simplicidade, os inteligentes com inteligência e os sábios com sabedoria. Ora, como a Palavra é assim, as aparências de vero, que são veros revestidos, podem ser compreendidas em lugar de veros nus e, quando confirmadas, tornam-se falsos. Mas isso se faz por aqueles que se crêem mais sábios do que

os outros, quando, todavia, nada sabem. Pois saber é ver se algo é um vero antes se confirmar, mas não confirmar tudo o que se quer. Isso fazem aqueles que têm a disposição de confirmar e estão no orgulho da própria inteligência, mas da outra maneira fazem aqueles que amam os veros e são afetados por eles por serem veros, fazendo-os usos da vida. Esses, com efeito, são iluminados pelo Senhor para que vejam os veros pela luz dos veros, enquanto os outros são iluminados por si mesmos e vêem os falsos também pela luz dos falsos.

92. Que as aparências de vero, que são os veros revestidos, possam ser tomados da Palavra por veros nus e, quando confirmados, tornem-se falsos, pode-se ver por todas as heresias que existiram e ainda existem no cristianismo. As heresias mesmas não condenam os homens, mas a vida má; então os condenam as confirmações das falsidades que se acham nas heresias, tomadas da Palavra, e os raciocínios oriundos do homem natural. Pois cada um nasce na religião de seus pais, inicia-se nela desde a infância e, depois, a conserva. Não pode, por causa dos negócios do mundo, se afastar por si mesmo de seus falsos. Mas viver no mal e confirmar os falsos até à destruição do vero genuíno, isso é o que condena. Porque aquele que se conserva em sua religião, crê em Deus e, no cristianismo, crê no Senhor, tem a Palavra como santa e vive segundo os preceitos do decálogo segundo a religião, esse não professa os falsos. Por isso, quando ouve os veros e os percebe a seu modo, pode depois abraçá-los e, assim, ser tirado dos falsos. Não o pode, porém, aquele que se confirmou nos falsos de sua religião, pois o falso confirmado permanece e não pode ser extirpado. Com efeito, o falso após a confirmação, como se dá em alguém que o professa, é coerente sobretudo com o amor do *proprium* e, assim, com o orgulho da sabedoria.

93. Falei com alguns, no mundo espiritual, que tinha vivido há muitos séculos e se tinham confirmado nos falsos de sua religião, e constatei que ainda permaneciam constantemente nos mesmos falsos. E falei com alguns que tinham sido da mesma religião e tinham pensado como eles, mas não tinham confirmado em si mesmos os seus falsos, e constatei que, após terem sido instruídos pelos anjos, rejeitaram os falsos e se imbuíram dos veros. Estes últimos podem ser salvos, mas não os anteriores. Todo homem é instruído após a morte pelos anjos; aqueles que vêem os veros e, pelos veros, os falsos, são recebidos, pois a cada um é concedido ver espiritualmente após a morte. Vêem os veros aqueles que não se confirmaram (nos falsos), mas os que se confirmaram não querem ver os veros e, se os vêem,

voltam as costas e, então, ou riem dos veros ou os falsificam.

94. Mas isso pode ser ilustrado por um exemplo. Em muitas passagens da Palavra se atribuem a Deus a ira, a inflamação e a vingança, como também que Ele castiga, lança no inferno, tenta, e muitas coisas semelhantes. Aquele que crê nisso com simplicidade e, por causa disso, teme a Deus e guarda-se de pecar contra Ele, esse, por causa dessa fé simples, não é condenado. Mas aquele que se confirma nela a ponto de crer que em Deus estejam a ira, a inflamação, a vingança e coisas assim que são do mal, e que, pela ira, pela inflamação e pela vingança Ele castiga o homem e o lança ao inferno, esse é condenado, porque destruiu o vero genuíno, o qual é que Deus é o Amor mesmo, a Misericórdia mesma e o Bem mesmo, e, sendo assim, Ele não pode Se irar, inflamar nem vingar. É pela aparência que esses sentimentos são atribuídos a Deus. Dá-se de modo semelhante com muitos outros casos.

95. Pode-se ilustrar também por exemplos na natureza que muitas coisas no sentido da letra são aparências de vero, nos quais estão latentes os veros genuínos, e que não é danoso pensar e falar segundo elas, mas é danoso confirmá-las até à destruição do vero genuíno que está latente ali. Isso é referido porque o natural ensina e persuade mais claramente que o espiritual.

[2] Parece à vista que o sol gira cada dia em volta da terra e também a cada ano. Por isso se diz, na Palavra, que o sol nasce e se põe, fazendo que exista a manhã, o meio-dia, a tarde e a noite, como também as estações da primavera, verão, outono e inverno, assim, os dias e os anos. Todavia, o sol está imóvel, pois é um oceano de fogo, e é a terra que o circunda diariamente e todos os anos. O homem que, por simplicidade e por ignorância, pensa que o sol gira não destrói a verdade natural, a saber, que a terra gira diariamente em seu eixo e é levada todos os anos segundo a eclíptica. Mas aquele que confirma pela Palavra e pelo raciocínio do homem natural a aparência do movimento e do curso do sol, esse invalida a verdade e também a destrói.

[3] Que o sol se move, é um vero aparente; que ele não se move, é o vero genuíno. Qualquer um pode falar e mesmo fala segundo a aparência de vero. Mas pensar segundo a aparência pela confirmação entorpece e escurece o racional. É semelhante com as estrelas do céu astral: é um vero aparente que elas também giram diariamente, como sol. Por isso também se diz das estrelas que elas nascem e se põem. Mas o vero genuíno é que as estrelas são fixas e que o seu céu é

imóvel. Entretanto, qualquer um pode falar segundo a aparência.

96. Que seja danoso confirmar a aparência de vero da Palavra até à destruição da verdade genuína que está presente em seu seio, é porque todas e cada uma das coisas do sentido da letra da Palavra comunicam-se com o céu e o abrem, conforme o que acima se disse (n. 62-69). Quando, pois, o homem aplica esse sentido para confirmar os amores do mundo contrários aos amores do céu, então o interno da Palavra se torna falso, pois os anjos, que estão no interno da Palavra, o rejeitam. Por aí se faz evidente que o falso interno ou o vero falsificado tira a comunicação com o céu e o fecha. Esta é a razão por que é danoso confirmar algum falso herético.

96a. A Palavra é como o jardim que se chama paraíso celeste, no qual se encontram coisas apetitosas e deliciosas de todo gênero, as apetitosas dos frutos e as deliciosas das flores. No meio desse jardim estão as árvores da vida e, junto a elas, as fontes de água viva; em torno do jardim se encontram árvores silvestres. O homem que está nos Divinos veros pela doutrina está no meio, onde estão as árvores da vida e usufrui realmente das coisas apetitosas e deliciosas ali. Mas o homem que não está nos veros pela doutrina, mas só pelo sentido da letra, esse está na periferia e vê somente as árvores silvestres. Aquele que, porém, que está numa doutrina falsa e se confirmou em seu falso nem mesmo está na floresta, mas fora dela, num campo arenoso onde não há sequer grama. Que esses sejam também os seus estados após a morte, será confirmado em seu lugar.

97. Deve-se saber, sobretudo, que o sentido da letra da Palavra é uma guarda para os veros genuínos que estão em seu interior. E essa guarda consiste em que esse sentido pode ser voltado de uma lado para o outro e ser explicado segundo se compreende, sem que, todavia, o interno seja por isso lesado e violentado. Porque não faz mal que o sentido da letra da Palavra seja entendido por um diferentemente do outro, mas faz mal se os Divinos veros que estão no interior forem pervertidos, porque assim se faz violência à Palavra. Para que tal não suceda, o sentido da letra guarda, e guarda naqueles que estão nos falsos pela religião e não confirmam esses falsos, pois esses não fazem violência alguma.

[2] Essa guarda foi significada pelos querubim²² e também foi descrita por meio deles na Palavra. Ela foi significada pelos querubim que foram postos à entrada do jardim do Éden, depois que Adão foi dali

²² “Querubim” em vez de “querubins”, pois aquela já é a forma plural de “cherub”.

expulso com a esposa, conforme se lê:

Quando JEHOVAH Deus “expulsou o homem, fez habitar para o oriente do jardim do Éden os querubim, e a chama que se voltava de um lado para outro²³, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn. 3:23, 24);

Pelos “querubim” é significada a guarda; pelo “caminho da árvore da vida” é significada a entrada para o Senhor, que, para o homem, é por meio da Palavra; pela “chama da espada que se voltava de um lado para outro” é significado o Divino Vero nos últimos, que é como a Palavra no sentido da letra, que pode ser assim voltada.

[3] O mesmo se entende pelos “querubim de ouro” postos sobre as duas extremidades do propiciatório que estava sobre a arca, no tabernáculo (*Êx. 25:18-21*). Como isso era significado pelos “querubins”, por isso

O Senhor falou com Moisés de entre os querubim (*Êx. 25:22; 37:9; Nm. 7:89*).

Que o Senhor só fale com o homem no que é pleno, e a Palavra no sentido da letra é o Divino Vero na plenitude, veja-se acima. Assim é que o Senhor falou com Moisés de entre os querubim. Outra coisa não é significada pelos querubim sobre as cortinas do tabernáculo e sobre os véus ali (*Êx. 26:1,31*), pois as cortinas e os véus do tabernáculo representavam os últimos do céu e da igreja e, assim, também a Palavra (veja-se acima, n. 46). Nem outra coisa é significada pelos querubim no meio do templo jerusalemita (*I Rs. 6:23-28*), pelos querubim esculpidos nas doze paredes e sobre as portas do templo (*I Rs. 6:29, 32, 35*) e, semelhantemente, pelos querubim no novo templo (*Ez. 41:18-20*). Veja-se, também, acima, n. 47.

[4] Visto que pelos “querubim” era significada a guarda para que o Senhor, o céu e o Divino Vero, como está no seio da Palavra, não sejam imediatamente abordados, mas mediatamente, por meio dos últimos, por isso se diz assim a respeito do rei de Tiro:

“Tu, que selas a medida, cheio de sabedoria e perfeito em beleza; no jardim do Éden... estiveste; de toda pedra preciosa era tua cobertura; tu, querub²⁴, expansão de proteção; perdi-te, querub que protege, no meio das pedras de fogo” (*Ez. 28: 12-14, 16*);

Por “Tiro” é significada a igreja quanto aos conhecimentos do vero e bem; assim, pelo “rei de Tiro”, a Palavra onde se acham esses

²³ No latim, “hinc inde vertentis se”.

²⁴ Vide nota 21.

conhecimentos e de onde eles vêm. Que a Palavra em seu último, que é o sentido da letra, seja aqui significada por ele, e que pelo “querub” seja significada a guarda, é evidente, pois se diz: “Tu, que selas a medida... de toda pedra preciosa era tua cobertura; ... tu, querub, expansão de proteção”, como também “querub que protege”. Que pelas “pedras preciosas” que são aí também nomeadas se entendam os veros do sentido da letra da Palavra, veja-se acima (n. 45). Visto que pelos “querubim” é significado o último do Divino Vero, como uma guarda, por isso se diz em David:

JEHOVAH “inclinou os céus e desceu, e cavalgou sobre um querub” (Sl. 18:9, 10).

“Pastor de Israel, que está assentado sobre os querubim, refulge” (Sl. 80:1).

“JEHOVAH... que [Se] assenta nos querubim” (Sl. 99:1).

“Cavalgar sobre os querubim”, “assentar-se sobre eles” e “sentar-se neles” é sobre o último sentido da Palavra.

[5] O Divino Vero na Palavra, bem como a sua natureza, é descrito pelos querubim em *Ezequiel*, nos capítulos primeiro, nono e décimo. E como ninguém pode saber o que é significado por cada uma de suas descrições a não ser que lhe seja aberto o sentido espiritual, por isso me foi desvendado o que é significado, em sumário, por todas as coisas que se dizem sobre os querubim no primeiro capítulo de *Ezequiel*, as quais são: É descrita a esfera Divina externa da Palavra (vers. 4); ela é representada como um homem (vers. 5); conjunta aos espirituais e celestes (vers. 6); o natural da Palavra, qual é (vers. 7); o espiritual e celeste da Palavra conjunto ao seu natural, sua qualidade (vers. 8, 9); o Divino Amor do bem e do vero celestes, o espiritual e o natural ali, distinta e simultaneamente (vers. 10, 11); que se referem a um só (vers. 12); a esfera da Palavra pelo Divino Bem e o Divino Vero do Senhor, dos quais a Palavra vive (vers. 13, 14); a doutrina do bem e do vero na Palavra e oriunda da Palavra (vers. 15-21); o Divino do Senhor acima dela e nela (vers. 22, 23); e proveniente dela (vers. 24, 25); que o Senhor está acima dos céus (vers. 26); e que Ele é o Divino Amor e a Divina Sabedoria (vers. 27, 28). Esses sumários foram comparados também com a Palavra no céu e estão em conformidade com ela.

XI. O Senhor veio ao mundo para cumprir todas as coisas da Palavra e por esse modo tornar-Se o Divino Vero ou a Palavra também nos últimos.

98. Que o Senhor tenha vindo ao mundo para cumprir todas as coisas da Palavra, veja-se na *Doutrina do Senhor* (n. 8-11). Que por esse modo tenha-Se tornado o Divino Vero ou a Palavra também nos últimos, é o que se entende por essas palavras em *João*:

“A Palavra Se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, glória como a do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade” (Jo. 1:14).

“Fazer-se carne” é tornar-se a Palavra nos últimos. Quando Se transfigurou, o Senhor mostrou aos discípulos qual Ele era como a Palavra nos últimos (*Mt. 17:2 e seq.; Mc. 9:2 e seq.; Lc. 9:28 e seq.*). Ali se disse que Moisés e Elias foram vistos em glória; por “Moisés e Elias” se entende a Palavra (veja-se acima, n. 48). O Senhor como a Palavra nos últimos foi também descrito por João no *Apocalipse* (cap. 1:13-16), onde todas as coisas de Sua descrição significam os últimos do Divino Vero ou da Palavra. De fato, anteriormente o Senhor fora a Palavra, mas nos primeiros, pois se diz:

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava em Deus, e Deus era a Palavra; ela estava no princípio em Deus” (Jo. 1:1-3);

mas quando a Palavra Se fez carne, então o Senhor Se tornou a Palavra também nos últimos. Por isso Ele é chamado:

“Primeiro e Último” (Ap. 1:8, 11, 17; 2:8; 21:6; 22:11, 13).

99. Pelo fato de o Senhor ter-Se tornado a Palavra nos últimos, o estado da igreja foi inteiramente mudado. Todas as igrejas que existiram antes do advento foram igrejas representativas, que não puderam ver o Divino Vero senão como na sombra. Mas após o advento do Senhor ao mundo, uma igreja foi instituída por Ele que viu o Divino Vero na luz. A diferença é qual a que existe entre a tarde e a manhã. O estado da igreja antes do Seu advento também se chama “tarde”, e o estado da igreja após o Seu advento se chama “manhã”. Antes de Seu advento ao mundo, o Senhor estava, de fato, presente nos homens da igreja, mas mediatamente, por meio do céu. Mas após Seu advento ao mundo Ele está presente nos homens da igreja imediatamente, pois no mundo Se revestiu também do Divino Natural, no qual está presente nos homens. A glorificação do Senhor é a glorificação do Seu Humano, o qual tomou no mundo, e o Humano

glorificado do Senhor é o Divino Natural.

100. Poucos compreendem como o Senhor é a Palavra, pois pensam que o Senhor pode até iluminar e ensinar o homem pela Palavra e, todavia, nem por isso pode ser chamado a Palavra. Mas saibam que todo homem é o seu amor e, assim, é o seu bem e o seu vero; não por outra razão o homem é homem, e nenhuma outra coisa nele é homem. Pelo fato de o homem ser o seu bem e o seu vero, também anjos e espíritos são homens, pois todo bem e vero procedente do Senhor é um homem em sua forma. O Senhor, porém, é o Divino Bem e o Divino Vero mesmos, assim é o Homem mesmo, do qual todo homem é homem. Que todo Divino Bem e Divino Vero em sua forma seja Homem, veja-se na obra *O Céu e o Inferno* (n. 460), e mais claramente se verá nos tratados seguintes, que serão sobre a *Sabedoria Angélica*.

XII. Antes dessa Palavra que há hoje no mundo existiu uma Palavra que foi perdida.

101. Que antes da Palavra dada por Moisés e pelos profetas à nação israelita conhecia-se o culto por meio de sacrifícios, e que tenham profetizado da boca de JEHOVAH, pode-se ver pelos relatos nos Livros de Moisés. Que o culto por meio dos sacrifícios tenha sido conhecido, vê-se por isso:

Foi ordenado que os filhos de Israel destruíssem os altares das nações, quebrassem suas estátuas e cortassem seus bosques (Êx. 34:13; Dt. 7:5; 12:3).

Israel, em Sitim, começou a cometer escortação com as filhas de Moab, que chamavam o povo para os sacrifícios aos seus deuses; e que o povo comeu deles e se curvou diante dos deuses deles e, sobretudo, ajuntou-se a Baal-peor; e que, por causa disso, acendeu-se a ira de JEHOVAH contra Israel (Nm. 25:1-3).

Depois, Balaão, que era da Síria, fez erigir altares e sacrificou bois e gado (Nm. 22:40; 23:1, 2, 14, 29, 30).

Que, também, tenham profetizado pela boca de JEHOVAH, vê-se pelas profecias de Balaão (*Nm. 23:7-10, 18-24; 24:3-9, 16-24*):

que profetizou também a respeito do Senhor, que sairia de Jacob uma estrela e o cetro de Israel (Nm. 23:17);

e profetizou pela boca de JEHOVAH (Nm. 22:13, 18; 23:3, 5, 6, 16, 26; 24:1, 13).

Por essas citações vê-se que o culto dos gentios foi semelhante ao culto Divino instituído por Moisés na nação israelita. Que também tenha existido antes de Abrahão, vê-se de algum modo pelas palavras em Moisés (*Dt. 32:7, 8*), porém ainda mais claramente por Melquisedeque, rei de Salém,

Que trouxe pão e vinho, e abençoou Abrahão, e Abrahão lhe deu dízimos de tudo (*Gn. 14:18-20*).

Melquisedeque representava o Senhor, pois foi chamado “Sacerdote do Deus altíssimo” (*Gn. 14:18*). Sobre o Senhor, diz-se em David:

“Tu, Sacerdote na eternidade, segundo o modo de Melquisedeque” (*Sl. 110:4*).

Assim foi que Melquisedeque trouxe pão e vinho, como coisas santas da igreja, do mesmo modo que há no sacramento da Santa Ceia; e Melquisedeque pôde abençoar Abrahão e Abrahão lhe deu dízimos de tudo.

102. Que a Palavra entre os antigos tenha sido escrita por meras correspondências, mas que tenha sido perdida, foi-me relatado pelos anjos do céu. E foi dito que essa Palavra ainda é conservada entre eles, para uso dos antigos, no céu, entre os quais havia a Palavra quando estavam no mundo. Esses antigos, entre os quais essa Palavra no céu ainda é de uso, foram, em parte, da terra de Canaan e de seus confins, como Síria, Mesopotâmia, Arábia, Caldéia, Assíria, Egito, Sidon, Tiro e Nínive. Os habitantes de todos esses reinos estiveram no culto representativo e, assim, na ciência das correspondências. A sabedoria daqueles tempos vinha dessa ciência e, por ela, estavam na percepção interior e tinham comunicação com os céus. Aqueles que conheceram as correspondências do interior dessa Palavra foram chamados sábios e inteligentes, mas, depois, advinhos e magos. Como, porém, essa Palavra era cheia de tais correspondências que significavam remotamente coisas celestes e espirituais, e, assim, começou a ser falsificada por muitos, por isso, pela Divina Providência do Senhor, ela começou a desaparecer no transcorrer do tempo e, finalmente, foi perdida. Uma outra Palavra, escrita por correspondências não tão remotas, foi dada por meio dos profetas aos filhos de Israel. Nessa Palavra, todavia, se conservaram os nomes dos lugares que estão na terra de Canaan e nas circunvizinhanças, na Ásia, os quais significam coisas semelhantes às que estavam na Palavra antiga. Por essa causa Abrahão foi mandado ir para aquela terra, e os seus descendentes, por

Jacob, foram ali introduzidos.

103. Que tenha havido uma Palavra entre os antigos, pode-se ver também em Moisés, que a citou e dela tirou alguma coisa (*Nm. 21:14, 15, 27-30*). Os livros históricos daquela Palavra foram chamados *Guerras de JEHOVAH* e os proféticos, *Enunciações*. Desses históricos da Palavra Moisés tirou isto:

“Por causa disso se diz no Livro das Guerras de JEHOVAH: Vaheb em Supha, e os ribeiros Arnon; e o curso dos rios, que descia até [onde] Ar era habitada, e encosta-se aos termos de Moab” (*Nm. 21:14, 15*);

pelas “guerras de JEHOVAH” naquela Palavra, assim como na nossa, eram entendidos e descritos os combates do Senhor contra o inferno e as vitórias sobre ele, quando viesse ao mundo. Esses mesmos combates são entendidos e descritos em muitas passagens nos históricos de nossa Palavra, como nas guerras de Josué com as nações da terra de Canaan e nas guerras dos juizes e dos reis de Israel.

[2] Dos proféticos daquela Palavra essas expressões foram tomadas por Moisés:

“Por isso os Enunciadores dizem: Entrai em Hesbom, seja edificada e confirmada a cidade de Siom. Pois um fogo saiu de Hesbom, uma chama da cidade de Siom; consumiu Ar de Moab, e os possuidores dos altos de Arnon. Ai de ti, Moab. Pereceste, povo de Quemós; deu seus filhos, fugitivos, e as suas filhas em cativo a Siom, rei dos amorreus; com flechas os derrubamos. Hesbom pereceu até Dibon, e devastamos até Nofá, que vai até Medebã” (*Nm. 21:27-30*).

Os tradutores escreveram “Compositores de Provérbios”, mas deve-se chamar “Enunciadores” ou “Enunciados Proféticos”, como se pode ver pela significação do vocábulo ‘moschalim’ na língua hebraica, que não são somente provérbios, mas também enunciados proféticos, como em *Nm. 23:7, 18; 24:3, 15*, onde se diz que Balaão pronunciou seu enunciado, que era profético, também a respeito do Senhor. Seu enunciado se chama ‘maschal’, no singular. Acresce que as passagens que foram dali tomadas por Moisés não são proverbiais, mas proféticas.

[3] Que aquela Palavra tenha sido igualmente Divina ou inspirada pelo Divino, vê-se em *Jeremias*, onde se lêem quase as mesmas coisas:

“Um fogo saiu de Hesbom, e uma chama de entre Siom, que consumiu o ângulo de Moab e o topo [da cabeça] dos filhos do estrépito. Ai de ti, Moab, pereceu o povo de Quemós, pois teus filhos foram raptados em cativo, e tuas filhas em cativo” (*Jr. 48:45, 46*).

Além dessas citações, também é nomeado o livro profético da Palavra antiga chamado *Livro de Jasher*, ou *Livro do Reto*, por David e por Josué. Por David:

“Lamentou David... sobre Saul e sobre Jônatas...; e escreveu: Para ensinar aos filhos de Judá o [uso do] arco. Eis que está escrito no Livro de Jasher” (II Sam. 1:17,18).

E por Josué:

Disse Josué: “Sol, detém-te em Gibeon; e [tu,] Lua, no vale de Ajalon. Isto não está escrito no Livro de Jasher?” (Js. 10:12, 13).

Além disso, foi-me dito que os sete primeiros capítulos de *Gênesis* se acham naquela Palavra antiga, de sorte que não falta um só vocábulo.

XIII. Pela Palavra há luz também para os que estão fora da igreja e não têm a Palavra

104. Não pode haver conjunção com o céu a menos que haja em algum lugar da terra uma igreja onde esteja a Palavra e por esta o Senhor seja conhecido. Porque o Senhor é o Deus do céu e da terra, e sem o Senhor não há salvação. É bastante que exista uma igreja onde está a Palavra, ainda que ela consista de relativamente poucos. Por ela o Senhor está sempre presente em toda parte em todas as terras do globo, porque por ela o céu é conjunto ao gênero humano. Que a conjunção seja pela Palavra, veja-se acima (n. 62-69).

105. Dir-se-á, porém, de que maneira existe a presença e a conjunção do Senhor e do céu em todas as terras pela Palavra. Perante o Senhor, todo o céu é como um único homem, do mesmo modo que a igreja. Que eles até apareçam como um homem, veja-se na obra sobre *O Céu e o Inferno* (n. 59-86). Nesse homem, a igreja onde se lê a Palavra, e pela qual o Senhor é conhecido, é como o coração e o pulmão; o reino celeste como o coração, e o reino espiritual como o pulmão.

[2] Assim como todos os demais membros e vísceras no corpo humano subsistem e vivem por essas duas fontes de vida, assim também subsistem e vivem todos os que estão nas terras do globo, nos quais há uma religiosidade, adoram um só Deus e vivem no bem e,

por esse modo, estão nesse homem, referindo-as aos seus membros e vísceras fora do tórax, onde estão o coração e o pulmão, pela conjunção do Senhor e do céu com a igreja por meio da Palavra. Pois a palavra na igreja, embora esteja relativamente entre poucos, é, para os demais, a vida proveniente do Senhor por meio do céu, assim como a vida dos membros e vísceras de todo o corpo procede do coração e do pulmão. Existe também uma semelhante comunicação.

[3] Esta é, também, a razão por que os cristãos com quem a Palavra é lida constituem o peito desse homem. Estão também no meio de todos, e ao seu redor estão os católicos; ao redor destes estão os maometanos que reconhecem o Senhor como o Maior Profeta e como Filho de Deus. Depois destes estão os africanos, enquanto os gentios e povos da Ásia e da Índia constituem a última circunferência. A respeito da ordenação destes, algumas coisas podem ser vistas no opúsculo *Do Juízo Final* (n. 48). Também, todos os que estão nesse homem se voltam para o meio da terra²⁵, onde se acham os cristãos.

106. No meio da terra, onde se acham os cristãos com quem está a Palavra, existe a maior luz. Com efeito, a luz nos céus é o Divino Vero procedendo do Senhor como o Sol ali; e como a Palavra é isso, existe uma luz maior onde estão aqueles com quem há a Palavra. A luz se propaga dali, como de seu centro, aos arredores em todas as periferias, até à última. Assim é que existe pela Palavra iluminação dos gentios e dos povos fora da igreja. Que a luz nos céus seja o Divino Vero procedendo do Senhor, e que essa luz dê inteligência não somente aos anjos, mas também aos homens, veja-se na obra *O Céu e o Inferno* (n. 126-140).

107. Que seja assim em todo o céu, pode-se concluir pela semelhança em cada sociedade ali, pois cada sociedade do céu é um céu na menor forma e também é como um homem. Que isso seja assim, veja-se na obra *O Céu e o Inferno* (n. 41-87). Em toda sociedade do céu, os que estão no meio se referem, do mesmo modo, ao coração e ao pulmão, e com eles há a maior luz. Essa luz e, daí, a percepção do vero, propaga-se do meio para as periferias em todas as direções, assim, a todos os que estão na sociedade, e faz a sua vida espiritual. Mostrou-se que, quando foram tirados aqueles que estavam no meio, que constituíam a província do coração e do pulmão, e com quem havia a maior luz, os que estavam ao redor ficaram na sombra e então em uma frágil percepção do vero que mal era alguma coisa. Mas tão logo aqueles retornaram, viu-se a luz e houve para estes a

²⁵ No latim, “meditullium”. O autor se refere à região central do mundo dos espíritos.

percepção do vero como anteriormente.

108. A mesma coisa pode ser ilustrada pela seguinte experiência. Havia comigo uns espíritos africanos, da Abissínia. Num dado momento, foram-lhes abertos os ouvidos para que ouvissem um cântico em algum templo no mundo, de um salmo de David. Com isso, foram tão tocados de prazer que cantaram juntamente com eles. Mas logo depois seus ouvidos foram fechados, para que não ouvissem coisa alguma dali. No entanto, foram tocados de um prazer ainda maior, por ser este espiritual, e, ao mesmo tempo, foram cheios de inteligência, porque aquele salmo tratava do Senhor e da redenção. A causa do crescente prazer foi porque se lhes concedeu comunicação com a sociedade no céu que estava em conjunção com os do mundo que cantavam o salmo. Por esta e muitas outras experiências, tornou-se-me evidente que existe comunicação de todo o céu por meio da Palavra. Por essa razão, existe, pela Divina Providência do Senhor, um intercurso universal dos reinos da Europa, principalmente daqueles onde se lê a Palavra, com as nações fora da igreja.

109. Pode-se fazer uma comparação com o calor e a luz oriundos do sol do mundo, que dão vegetação às árvores e aos arbustos, mesmo àqueles que ficam para os lados e que estão sob uma nuvem, bastando que o sol se levante e apareça no mundo. Assim é também com a luz e o calor do céu oriundos do Senhor como Sol, luz essa que é o Divino Vero, do qual existe toda inteligência e sabedoria para os anjos e os homens. Por isso se diz a respeito da Palavra:

Que ela estava em Deus e era Deus; que ela ilumina todo homem que vem ao mundo (Jo. 1:1, 19) e que essa Luz também aparece nas trevas (Idem, vers. 5).

110. Por aí se pode ver que a Palavra, que está na igreja dos reformados, ilumina todas as nações e povos por meio de uma comunicação espiritual. Também, que foi provido pelo Senhor que haja sempre na terra uma igreja onde a Palavra seja lida e por ela o Senhor seja conhecido. Por isso, quando a Palavra estava quase sendo rejeitada pelos católicos, fez-se a Reforma, pela Divina Providência do Senhor, e, assim, a Palavra foi de novo recebida. E foi provido também que a Palavra fosse tida como santa por uma nobre nação dentre os católicos.

111. Visto que sem a Palavra não há conhecimento do Senhor e, portanto, não há salvação, por isso, quando a Palavra entre os da nação judaica foi inteiramente falsificada, adulterada e, por assim dizer, tornou-se nula, então aprouve ao Senhor descer do céu e vir ao

mundo, cumprir a Palavra e, por esse meio, reintegrá-la e restituí-la, dando novamente a luz aos habitantes da terra, segundo as palavras do Senhor:

“O povo que estava assentado nas trevas viu uma grande luz;... aos que se sentavam na região e na sombra da morte, a luz raiou” (Mt. 4:16; Is. 9:2).

112. Uma vez que foi predito que no fim desta igreja também se levantariam trevas pela falta de conhecimento e reconhecimento de que o Senhor é o Deus do céu e da terra, e, devido à separação entre a fé e a caridade, para que o genuíno entendimento da Palavra não percesse por isso, assim aprovou ao Senhor agora revelar o sentido espiritual da Palavra e manifestar que a Palavra nesse sentido e, por este, no sentido natural, trata do Senhor, da igreja e, de fato, disso somente, além de muitas outras coisas pelas quais a luz do vero proveniente da Palavra, quase extinta, fosse restituída. Que a luz do vero seria quase extinta no fim desta igreja, é o que foi predito em muitas passagens no *Apocalipse*, além de ser também o que se entende por essas palavras do Senhor em *Mateus*:

“Logo após a aflição daqueles dias, o sol será escurecido, e a lua não dará sua luz, e as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abaladas; então... verá o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com glória e poder” (Mt. 24:29, 30).

Pelo “sol” aí entende-se o Senhor quanto ao amor; pela “lua”, o Senhor quanto à fé; pelas “estrelas”, o Senhor quando aos conhecimentos do bem e do vero; pelo “Filho do homem”, o Senhor quanto à Palavra; pela “nuvem”, o sentido da letra da Palavra; e pela “glória”, o sentido espiritual e sua transparência no sentido da letra.

113. Por muitas experiências foi-me concedido saber que pela Palavra existe comunicação do homem com o céu. Quando eu li a Palavra do primeiro capítulo de *Isaias* até o último capítulo de *Malaquias*, e os *Salmos* de David, foi-me concedido perceber claramente que cada um dos versículos comunicava com alguma sociedade do céu e que, assim, toda a Palavra se comunica com o céu inteiro.

XIV. Se não houvesse a Palavra, ninguém saberia sobre Deus, o céu e o inferno, a vida após a morte e, ainda menos, sobre o Senhor.

114. Isto se segue como conclusão geral de tudo o que até aqui foi dito e mostrado, a saber: A Palavra é o Divino Vero mesmo (n. 1-4); a Palavra é o meio de conjunção com os anjos do céu (n. 62-69); em toda parte na Palavra existe um casamento do Senhor e da igreja, assim, um casamento do bem e do vero (n. 80-89); a Igreja é tal qual é nela o entendimento da Palavra (n. 76-79); a Palavra está também nos céus e dela os anjos têm a sabedoria (n. 70-75); pela Palavra há luz espiritual também para os gentios e povos fora da igreja (n. 104-113), além de muitas outras coisas. Por elas se pode concluir que sem a Palavra ninguém teria inteligência espiritual, que consiste em saber sobre Deus, o céu e o inferno e a vida após a morte; e nada, absolutamente, se saberia sobre o Senhor, sobre a fé e o amor a Ele, portanto, nada sobre a redenção, pela qual, todavia, existe a salvação. O Senhor até disse aos discípulos:

“Sem Mim nada podeis fazer” (Jo. 15:5);

e em *João*:

“Não pode o homem receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu” (Jo. 3:27).

115. Como, porém, há aqueles que afirmam e confirmaram em si mesmos que sem a Palavra o homem pode saber sobre a existência de Deus e também do céu e do inferno, bem como algumas das outras coisas que a Palavra ensina, e, por esse modo, esses enfraquecem a autoridade e a santidade da Palavra – se não de boca, certamente de coração – por isso não se pode tratar com eles a partir da Palavra, mas a partir do lume racional, porquanto não crêem na Palavra, mas em si mesmos. Inquire pelo lume racional e descobrirás que no homem há duas faculdades da vida que se chamam entendimento e vontade, e que o entendimento está sujeito à vontade e não a vontade ao entendimento. De fato, o entendimento apenas ensina e mostra o caminho. Inquire também e descobrirás que a vontade do homem é o seu *proprium*, e que este, considerado em si mesmo, é meramente o mal, sendo que daí procede o falso no entendimento.

[2] Quando descobrires isso, verás que o homem, de si mesmo, não quer entender senão aquilo que provém de sua própria vontade, e nem pode fazê-lo, a não ser que haja outra parte por onde saiba. Por sua própria vontade, o homem não quer entender outra coisa senão aquilo que é de si e do mundo; tudo o que se acha acima disso está para ele na escuridão. É como quando vê o sol, a lua e as estrelas; se então por acaso pensasse na origem deles, não poderia pensar outra coisa senão que eles existem por si mesmos. Não seria isso mais elevado do que o

pensamento de muitos eruditos no mundo que, embora saibam pela Palavra a respeito da criação de todas as coisas por Deus, ainda assim reconhecem a natureza? E o que seria deles se nada soubessem da palavra?

[3] Por ventura acreditas que os sábios antigos, como Aristóteles, Cícero, Sêneca e outros, que escreveram sobre Deus e sobre a imortalidade da alma, tenham primeiro formulado isso por si próprios? Não, mas de outros que pela tradição receberam dos que souberam disso pela Palavra. Tampouco os escritores da teologia natural tiram de si mesmos alguma dessas coisas, mas somente confirmam, por meios racionais, as coisas que sabem pela igreja em que se acha a Palavra. E pode haver entre eles os que as confirmam e, todavia, não crêem.

116. Foi-me concedido ver pessoas nascidas em ilhas, racionais quanto às coisas civis, que quase nada souberam sobre Deus. Esses, no mundo espiritual, aparecem como macacos e com uma vida quase semelhante à deles. Como, porém, nasceram homens e, por conseguinte, na faculdade de receber a vida espiritual, foram instruídos pelos anjos e vivificados por meio dos conhecimentos a respeito do Senhor como Homem. O que é o homem por si mesmo, mostra-se de modo mais evidente naqueles que estão no inferno, entre os quais se acham também alguns clérigos e eruditos que nem mesmo querem ouvir sobre Deus e, por causa disso, não podem pronunciar Deus. Eu os vi e falei com eles. Falei também com aqueles que tinham ira e inflamação quando ouviam alguém falar de Deus. Considera, pois, o que seria o homem que nada ouviu de Deus, quando são assim os que ouviram sobre Deus, escreveram sobre Deus e pregaram o nome de Deus. Tais são muitos dos jesuítas. Que eles sejam tais, isso procede da vontade, que é má; e essa, como foi dito anteriormente, conduz o entendimento e arrebata dali o vero que vem da Palavra. Se o homem pudesse saber por si mesmo que há um Deus e uma vida após a morte, por que não saberia que o homem é homem após a morte? Por que então acredita que sua alma ou espírito é como o vento ou como o éter, que não vê com os olhos, não ouve com os ouvidos nem fala com a boca antes de ser conjunto e unido ao seu cadáver e ao seu esqueleto? Imagina, pois, uma doutrina para o culto formulada somente pelo lume racional; não seria ela que o homem deve adorar a si mesmo? É como tem acontecido há séculos e como hoje fazem aqueles que sabem pela Palavra que só Deus deve ser adorado. Nenhum outro culto pode provir do *proprium* do homem, nem mesmo o culto ao sol e à lua.

117. Que tenha existido uma religião desde os tempos antiqüíssimos e que os habitantes de toda parte do mundo tenham tido conhecimento de Deus e algum conhecimento sobre a vida após a morte, isso não veio deles mesmos nem de sua sagacidade, mas da Palavra antiga (da qual se falou acima, n. 101-103) e, depois, da Palavra israelita. Daí emanaram os conceitos religiosos nas Índias e nas suas ilhas; pelo Egito e a Etiópia, nos reinos da África, e pelas regiões marítimas, na Ásia, na Grécia e, dali, na Itália. Mas como a Palavra não podia ser escrita de outra maneira senão por representativos, que são as coisas no mundo que correspondem às celestes e, assim, as significam, por isso as noções religiosas em muitas nações tornaram-se idolátricas e, na Grécia, fábulas, enquanto os atributos e qualidades Divinos mudaram-se em tantos deuses sobre os quais estabeleceram um supremo a que chamaram Jove²⁶, [talvez²⁷] de JEHOVAH. É notório que houve entre eles o conhecimento acerca do paraíso, do dilúvio, do fogo sagrado, das quatro idades, desde a primeira, de ouro, até à última, de ferro, pelas quais são significados na Palavra os quatro estados da igreja (como em *Daniel 2:31-35*). Também é notório que a religião maometana, que sucedeu e destruiu muitas religiões anteriores dos gentios, foi tirada da Palavra de ambos os Testamentos.

118. Por último, direi o que se tornam, após a morte, aqueles que atribuem tudo à própria inteligência, e pouco, se alguma coisa, à Palavra. A princípio tornam-se como ébrios, depois como tolos e, finalmente, estúpidos e se assentam nas trevas. Que se precavenham, portanto, de tal delírio.

²⁶ Júpiter

²⁷ Assim em VRC 275.

Doutrina de Vida

(Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém
segundo os preceitos do Decálogo)

Emanuel Swedenborg

Publicado originalmente em latim
Amsterdã, 1763

Edições das Doutrinas Celestes da Nova Jerusalém
Dezembro 2006

I. Toda religião pertence à vida e a vida da religião é fazer o bem

1. Todo homem que tem religião sabe e reconhece que aquele que vive bem é salvo e aquele que vive mal é condenado. Com efeito, ele sabe e reconhece que aquele que vive bem pensa bem, não somente a respeito de Deus, mas também a respeito do próximo, porém não aquele que vive mal. A vida do homem é seu amor e o que o homem ama, não somente ele o faz com prazer, como também nisso pensa com prazer. Se, portanto se diz que a vida da religião é fazer o bem, é porque fazer o bem faz um com pensar no bem; se essas duas coisas não fazem um no homem, não pertencem à sua vida. Mas essas proposições serão demonstradas no que se segue.

2. Que a religião pertença à vida e que a vida da religião seja fazer o bem, todo homem que lê a Palavra o vê e, quando a lê, o reconhece. Na Palavra estão estas passagens:

“Qualquer que violar um destes mais pequenos preceitos e assim ensinar os homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, quem os cumpre e ensina será chamado grande no reino dos céus”. “Eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mt. 5: 19, 20).

“Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo; por isso, pelos seus frutos os conhecereis.” (Mt. 7:19, 20).

“Nem todo o que Me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus.” (Mt. 7:21).

“Muitos Me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! não profetizamos por Teu Nome e em Teu Nome não fizemos muitas virtudes? Mas então lhes confessarei: Nunca vos conheci! apartai-vos de Mim, vós que obrais iniquidade.” (Mt. 7:22, 23).

“Todo aquele... que ouve as Minhas palavras e as pratica, compará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. Mas aquele que ouve as Minhas palavras e não as pratica, será comparado ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.” (Mt. 7:24, 26).

“Jesus disse: O semeador saiu a semear... uma semente caiu sobre o caminho duro... outra, em pedregais; ... outra, entre espinhos; e

outra, em boa terra. O que foi semeado em boa terra, esse é o que ouve e atende a Palavra e esse, assim, dá fruto e produz, um, cem, outro sessenta e outro trinta. Quando Jesus disse estas palavras, clamou, dizendo: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mt. 13:3,9, 23).

“Virá... o Filho do homem na glória de Seu Pai... e então dará a cada um segundo seus feitos.” (Mt. 16: 27).

“O reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que produz seus frutos.” (Mt. 21:43).

“Quando... vier o Filho do homem em Sua glória... então Se assentará no trono de glória. E dirá às ovelhas à direita: Vinde, benditos... e possuí por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo; porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; fui estrangeiro e hospedastes-Me; estive nu e vestistes-Me; estive doente e visitastes-Me; na prisão estive e viestes a Mim. Então os justos... responderão: Quando Te vimos assim?... Mas, respondendo, o Rei... dirá: Amém vos digo que, quando o fizestes a um dos mais pequenos de Meus irmãos, a Mim o fizestes. E o Rei dirá coisas semelhantes aos bodes, que estiverem à esquerda; e como estes não fizeram tais coisas, dirá: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.” (Mt. 25: 31 a 46).

“Dai... frutos dignos de penitência. Já, já... está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo.” (Lc. 3:8,9).

“Jesus disse: Por que... Me chamais Senhor! Senhor ! e não fazeis o que digo? Todo aquele que vem a Mim. e ouve as Minhas palavras e as pratica... é semelhante a um homem que edifica uma casa e põe os alicerces sobre a rocha;... mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre o humo, sem alicerces.” (Lc. 6:46 a 49).

“Jesus disse: Minha mãe e Meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam.” (Lc. 8:21).

“Então começareis a estar [de fora] e bater à porta, dizendo: Senhor, ... abre-nos; mas, respondendo, vos dirá: Não sei donde vós sois;... Apartai-vos de Mim, vós todos, obreiros de iniquidade.” (Lc. 13: 25 a 27).

“Este... é o juízo: Que a Luz veio ao mundo, mas os homens estimaram mais as trevas do que a luz, porque as obras deles eram más. Todo aquele que pratica o mal odeia a luz, para que suas obras não sejam argüidas; mas o que pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em

Deus.” (Jo. 3:19-21).

“E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição (da vida; porém os que fizeram o mal, para a ressurreição) do juízo.” (Jo. 5:29).

“...Sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém honra a Deus e faz a Sua vontade, a esse ouve.” (Jo. 9:31).

“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” (Jo. 13:17).

“Aquele que tem os... preceitos e os pratica, esse é o que Me ama;... e Eu o amarei e Me manifestarei a ele; e irei para ele e nele farei morada. Quem não Me ama, não guarda as Minhas palavras.” (Jo. 14:15 a 24).

“Jesus disse: Eu sou a videira... e Meu Pai é o lavrador; todo ramo em Mim que não dá fruto, a tira; porém toda ramo que dá fruto, a limpará, para que dê mais fruto.” (Jo. 15:1,2).

“Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto e vos torneis Meus discípulos.” (Jo. 15:8).

“Vós sereis Meus amigos se fizerdes o que vos mando. ... Eu vos escolhi... para que deis fruto e o vosso fruto permaneça.” (Jo. 15: 14, 16).

O Senhor disse a João: “Escreve ao anjo da Igreja de Éfeso: Conheço as tuas obras;... tenho contra ti que deixaste a tua primeira caridade; ... faze penitência e pratica as primeiras obras; senão... retirarei o teu candelabro do seu lugar.” (Ap. 2: 1, 2, 4, 5).

“Ao anjo da Igreja de Smirna escreve: ... Conheço as tuas obras.” (Ap. 2:8(,9)).

“Ao anjo da Igreja em Pérgamo escreve: Conheço as tuas obras; faze penitência.” (Ap. 2:12, 16).

“Ao anjo da Igreja em Tiatira escreve: Conheço as tuas obras; e caridade; ... e as tuas obras, as últimas mais numerosas do que as primeiras.” (Ap. 2:18, 19).

“Ao anjo da Igreja em Sardes escreve: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, mas estás morto;... não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus; faze penitência.” (Ap. 3:1, 2, 3).

“Ao anjo da Igreja que está em Filadélfia escreve:... Conheço as tuas obras.” (Ap. 3:7, 8).

“Ao anjo da Igreja de Laodicéia escreve: ... Conheço as tuas obras, faze penitência.” (Ap. 3:14, 15, 19).

“Ouvi uma voz do céu dizendo: Escreve: bem-aventurados os

mortos que desde agora morrem no Senhor! ...Diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos; as suas obras seguem com eles.” (Ap. 14:13).

“Um livro foi aberto, que é o da vida; e os mortos foram julgados conforme as coisas que estavam escritas no livro, todos segundo as suas obras.” (Ap. 20:12).

“Eis que presto venho e a Minha recompensa comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” (Ap. 22:12,13).

Semelhantemente, no Antigo Testamento:

“Retribui-lhes conforme as obras deles e conforme os feitos das mãos deles.” (Jr. 25:14).

JEHOVAH, “cujos olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo os frutos de suas obras.” (Jr. 32:19).

“Visitarei segundo os seus caminhos e as suas obras lhes recompensarei.” (Oséias, 4:9).

“JEHOVAH... conforme os nossos caminhos, conforme as nossas obras nos tratou.” (Zc. 1:6).

Em muitas passagens se prescreve executar os estatutos, os mandamentos e as leis, assim:

“Observareis os Meus estatutos e os Meus juízos, os quais, se o homem fizer, por eles viverá.” (Lv. 18:5).

“Observareis todos os Meus estatutos e todos os Meus juízos, para os fazer.” (Lv. 19:37; 20:8; 22:31).

“Bênçãos, se praticarem os preceitos e maldições, se os não praticarem.” (Lv. 26:4-46).

Foi mandado aos filhos de Israel que fizessem para si uma franja nas bordas dos seus vestidos, para que se recordassem de todos os preceitos de JEHOVAH, para que os praticassem (Nm. 15:38,39).

E em mil outras passagens. Que sejam as obras que fazem o homem da Igreja e que, segundo elas, ele é salvo, o Senhor o ensina também nas parábolas, algumas das quais envolvem que aqueles que fazem os bens são aceitos e que os que fazem os males são rejeitados. Como na parábola dos lavradores da vinha (*Mt. 21:33-44*); da figueira que não deu fruto (*Lc. 13:6-9*); dos talentos e das minas com que se devia negociar (*Mt. 25:19-31*); do samaritano que ligou as chagas do homem ferido pelos ladrões (*Lc. 10:30-37*); do rico e Lázaro (*Lc. 16:19-31*); das dez virgens (*Mt. 25:1-12*).

3. Que todo homem que tem religião saiba e reconheça que aquele que vive bem é salvo e que aquele que vive mal é condenado, é pela conjunção do céu com o homem, o qual, pela Palavra, conhece que há um Deus, que há um céu e um inferno e que há uma vida depois da morte; daí vem essa percepção geral. Eis por que, na doutrina da fé atanasiana sobre a Trindade, doutrina universalmente recebida no mundo cristão, esta proposição, que se acha no fim, foi também universalmente reconhecida, a saber: “Jesus Cristo, que sofreu para a nossa salvação, subiu ao céu e está assentado à direita do Pai onipotente, donde deve vir para julgar os vivos e os mortos; e então, os que fizeram os bens entrarão na vida eterna e os que fizeram os males, no fogo eterno.”

4. Nas igrejas cristãs há muitos que ensinam, porém, que a fé, só, salva e não algum bem da vida ou boa obra. Acrescentam também que o mal da vida, ou a má obra não condena os justificados pela fé, só, porque estão em Deus e na graça. Mas é de admirar que, embora ensinem tais coisas, reconheçam, todavia - o que resulta de uma percepção geral vinda do céu - que são salvos aqueles que vivem bem e são condenados aqueles que vivem mal. Que, contudo, eles o reconheçam, é evidente pela exortação que é lida nos templos, tanto na Inglaterra como na Alemanha, na Suécia e na Dinamarca, perante o povo que participa da Santa Ceia. Que nesses reinos estejam aqueles que ensinam a fé só, é notório. A exortação, que é lida na Inglaterra diante do povo que participa do sacramento da Ceia, é esta:

5. “The way and means to be received as worthy partakers of that Holy Table, is, first, to examine your lives and conversations by the rule of God's commandments, and wherein soever ye shall perceive yourselves to have offended either by will, word or deed, there to bewail your own sinfulness, and to confess yourselves to Almighty God, with full purpose of amendment of life; and if ye shall perceive your offences to be such as are not only against God, but also against your neighbors, then ye shall reconcile yourselves unto them, being ready to make restitution and satisfaction according to the utmost of your powers, for all injuries and wrongs done by you to any other, and being likewise ready to forgive others that have offended you, as ye would have forgiveness of your offences at God's hand, for otherwise the receiving of the Holy Communion doth nothing else but increase your damnation. Therefore if any of you be a blasphemer of God, a hinderer or slanderer of His Word, an adulterer, or be in malice or envy, or in any other grievous crime, repent you of your sins, or else come not to that Holy Table; lest after the taking of that Holy

Sacrament the Devil enter into you, as he entered into Judas, and fill you full of all iniquities, and bring you to destruction both of body and soul.”

6. Estas palavras, em português, são assim: “Este é o caminho e este é o meio para quem quer participar dignamente da Santa Ceia: Primeiro, que examine as ações e os relacionamentos de sua vida segundo a norma dos preceitos de Deus; e quaisquer que sejam aquelas nas quais descobre que transgrediu por vontade, por palavra ou por ação, deplora sua natureza viciosa e se confesse diante de Deus onipotente, com o pleno propósito de emendar a vida. E se descobre que suas ofensas são não somente contra Deus, mas também contra o próximo, então, que se reconcilie e esteja pronto a fazer-lhe restituição e dar-lhe satisfação, segundo todas as suas forças, pelas injustiças e males que lhe tiver feito; e que esteja igualmente pronto a perdoar aos outros as suas ofensas, assim como deseja que as próprias ofensas sejam remidas por Deus, de outro modo, o recebimento da Santa Comunhão não fará mais que agravar a condenação. Por conseqüência, se alguém dentre vós é blasfemador de Deus, maldizente ou escarnecedor de Sua Palavra, ou adúltero, ou estiver em malícia ou malevolência, ou em algum outro crime enorme, que faça penitência dos seus pecados, senão, que não se aproxime da Santa Ceia. De outro modo, depois de tê-la recebido, o diabo entrará em ti como entrou em Judas e te encherá de toda iniquidade, destruindo-te tanto o corpo como a alma”.

7. Foi-me dado interrogar, no mundo espiritual, a alguns presbíteros da Inglaterra que tinham confessado e pregado a fé, só, se, quando liam nos templos essa exortação, na qual a fé não é sequer nomeada, se tinham acreditado que era assim, que, se fizessem más obras e não fizessem penitência delas, o diabo entraria neles como em Judas e lhes destruiria tanto o corpo como a alma. Disseram que, no estado em que se achavam quando liam essa exortação, sabiam e pensavam somente que essas coisas constituíam a própria religião; porém, que não pensavam da mesma maneira quando preparavam ou poliam os sermões ou pregações; que então pensavam na fé como o único meio de salvação e, no bem da vida, como um acessório moral para o bem público. Mas, todavia, foram convencidos de que também tinham estado nessa percepção geral, que aquele que vive bem é salvo e aquele que vive mal é condenado; e tinham essa percepção quando não estavam em seu próprio.

8. Que toda religião pertença à vida, é porque cada um, depois da morte, é a sua vida. Com efeito, a vida fica tal qual tinha sido no

mundo e não é mudada. Uma vida má não pode ser convertida em boa, nem uma boa em má, porque são opostas e a conversão em seu oposto é a extinção. Por conseqüência, como são opostas, a vida no bem é chamada vida e a vida no mal é chamada morte. Assim é que a religião pertença à vida e a vida seja fazer o bem. Que o homem, depois da morte, seja tal qual foi sua vida no mundo, vê-se no tratado d'*O Céu e o Inferno* (n. 470 a 484).

II. Ninguém pode, por si mesmo, fazer o bem que é realmente o bem

9. Que, até hoje, mal existe alguém que saiba se o bem que faz vem de si mesmo ou de Deus, é porque a Igreja separou a fé da caridade e o bem pertence à caridade. O homem dá aos pobres, socorre os indigentes, doa aos templos e hospitais, serve à igreja, à pátria e ao seu concidadão; freqüenta assiduamente o templo, ouvindo e orando com devoção; lê a Palavra, os livros de piedade e pensa na salvação, porém não sabe se faz essas coisas por si mesmo ou segundo Deus. Pode fazê-las segundo Deus e pode fazê-las por si; se as faz segundo Deus, são bens; se as faz por si mesmo não são bens. Além disso, há bens semelhantes que ele faz por si que, na realidade, são males, como são os bens hipócritas, que são enganos e fraudes.

10. Os bens segundo Deus e por si podem ser comparados ao ouro. O ouro, que desde o seu íntimo é ouro e é chamado ouro acrisolado, é o bom ouro; o ouro ligado à prata é também ouro, mas é bom segundo sua liga; e o ouro ligado ao cobre é pior. Porém o ouro feito pela arte e que imita o ouro pela cor, não é bom, porquanto não há nele a substância do ouro. Há também a douradura, como a prata dourada, o cobre, o ferro, o estanho, o chumbo dourados; depois, a madeira dourada e a pedra dourada, materiais que, superficialmente, podem até parecer ouro, mas, como não são ouro, são estimados ou segundo a arte, ou segundo o preço da coisa dourada, ou segundo o preço do ouro que se pode tirar da douradura. Em bondade, essas coisas diferem do ouro mesmo, como o vestuário difere do homem. Pode-se mesmo cobrir de ouro madeira podre, escórias e até esterco; é esse ouro que pode ser comparado ao bem farisaico.

11. O homem, pela ciência, conhece se o ouro é bom em sua substância, se tem liga, se é falsificado e se está apenas em douradura: mas, pela ciência, não conhece se o bem que faz é um bem em si; sabe somente isto, que o bem que vem de Deus é bem e o bem que vem do

homem não é bem. Por isso, como é importante para a salvação saber se o bem que se faz vem de Deus ou se não vem de Deus, isto deve ser revelado. Mas, antes que isto seja revelado, será dito alguma coisa sobre os bens.

12. Há um bem civil, um bem moral e um bem espiritual. O bem civil é aquele que o homem faz pela lei civil; por esse bem e segundo esse bem, o homem é cidadão no mundo natural. O bem moral é aquele que o homem faz pela lei racional; por esse bem e segundo esse bem ele é homem. O bem espiritual é aquele que o homem faz pela lei espiritual; por esse bem e segundo esse bem o homem é cidadão no mundo espiritual. Esses Bens se seguem nesta ordem: o bem espiritual é o supremo, o bem moral é o médio e o bem civil é o último.

13. O homem que tem o bem espiritual é homem moral e também homem civil; mas o homem que não tem o bem espiritual aparece como se fosse homem moral e civil, contudo não é. Que o homem que tem o bem espiritual seja homem moral e civil, é por que o bem espiritual tem em si a essência do bem e dele procedem o bem moral e o civil; a essência do bem não pode vir senão d'Aquele que é o Bem mesmo. Aplica o pensamento ao assunto, estende-o e inquirir de onde o bem é bem e verás que é de sua essência, do Bem mesmo, assim, de Deus. Por conseguinte, o bem que não procede de Deus, mas que vem do homem, não é o bem.

14. Pelas coisas que foram ditas na *Doutrina sobre a Escritura Santa* (n. 27, 28, 38), pode-se ver que o supremo, o médio e o último fazem um, como o fim, a causa e o efeito; e, como fazem um, o fim mesmo é chamado fim primeiro; a causa, fim médio e o efeito, fim último. Assim será evidente que no homem que tem o bem espiritual, o moral nele é o espiritual médio e o civil é o espiritual último. Vem daí, pois, a razão de ser dito que o homem que tem o bem espiritual é homem moral e homem civil e o homem que não tem o bem espiritual não é nem homem moral nem civil, mas somente aparece como se o fora; assim aparece a si mesmo e também aos outros.

15. Que o homem que não é espiritual possa, todavia, pensar racionalmente e, daí, falar como o homem espiritual, é porque o entendimento do homem pode ser elevado à luz do céu, que é a verdade e ver por essa luz; mas a vontade do homem não pode ser da mesma maneira elevada ao calor do céu, que é o amor, e por ele agir. Assim é que a verdade e o amor não fazem um no homem, a menos que seja espiritual. Assim é, também, que o homem pode falar; é

mesmo o que faz a diferença entre o homem e o animal. Pelo fato de o entendimento poder ser elevado ao céu, quando a vontade ainda não o foi, resulta que o homem pode ser reformado e tornar-se espiritual; porem só é reformado e se torna espiritual quando a vontade é também elevada. Dessa faculdade do entendimento, mais do que da faculdade da vontade, resulta que o homem, qualquer que seja, mesmo o mau, pode, como o homem espiritual, pensar racionalmente e assim falar. Mas se, todavia, não é racional, é porque o entendimento não conduz a vontade, mas a vontade o entendimento. O entendimento somente ensina e mostra o caminho, assim como foi dito *na Doutrina sobre a Escritura Santa* (n. 115); e enquanto a vontade não está, junto com o entendimento, no céu, o homem não é espiritual, nem por conseguinte racional. Porque, quando está entregue à sua vontade ou ao seu amor, rejeita de seu entendimento as coisas racionais sobre Deus, o céu e sobre a vida eterna e em seu lugar admite coisas que concordem com o amor de sua vontade e as chama racionais. Mas essas coisas devem ser vistas nos tratados Sobre a Sabedoria Angélica.

16. Nos capítulos seguintes, aqueles que fazem o bem por si mesmos são chamados homens naturais, porque neles o moral e o civil são naturais quanto à essência; mas aqueles que fazem o bem pelo Senhor serão chamados homens espirituais, porque neles o moral e o civil são espirituais quanto à essência.

17. Que ninguém possa, por si mesmo, fazer algum bem que seja o bem, o Senhor o ensina em *João*:

“Um homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu.” (Jo. 3:27);

e no mesmo:

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer.” (Jo. 15:5);

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto” quer dizer que todo bem vem do Senhor; o “fruto” é o bem; “sem Mim nada podeis fazer” quer dizer que ninguém pode fazer o bem por si mesmo. Aqueles que crêem no Senhor e fazem o bem por Ele são chamados “Filhos da luz”, (*Jo.*, 12:36. *Lc.* 16:8); “Filhos das núpcias.” (*Mc.* 2:19); “Filhos da ressurreição.” (*Lc.* 20:36); “Filhos de Deus.” (*Lc.* 20:36; *Jo.*, 1:12); “Nascidos de Deus.” (*Jo.* 1:13); verão a Deus (*Mt.* 5:8); o Senhor fará morada neles (*Jo.* 14:23); têm a fé em Deus (*Mc.* 11:22); suas obras são feitas em Deus (*Jo.* 3:21). Estas coisas estão, em suma, nestas palavras:

“A todos quantos O receberam”, Jesus “deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêm no seu Nome, os quais não nasceram dos sangues, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.” (Jo. 1:12, 13);

“crer no Nome do filho de Deus” é crer na Palavra e viver segundo ela; a “vontade da carne” é o *proprium* da vontade do homem, que em si é o mal; a “vontade do varão” é o *proprium* do seu entendimento, que em si é o falso proveniente do mal; os “nascidos desses [da vontade da carne e da vontade do homem]” são aqueles que querem e fazem, pensam e falam, segundo o *proprium*; os “nascidos de Deus” são aqueles que fazem isso segundo o Senhor. Em suma, o que vem do homem não é o bem, mas o que vem do Senhor é o bem.

III. Quanto mais o homem foge dos males como pecados, mais pratica os bens, não por si, mas pelo Senhor

18. Quem não sabe e não pode saber que os males impedem o Senhor de entrar no homem? Com efeito, o mal é o inferno e o Senhor é o céu, e o inferno e o céu são opostos; assim, quanto mais o homem está em um, tanto menos pode estar no outro, porque um age contra o outro e o destrói.

19. Enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o inferno e o céu; abaixo está o inferno e acima está o céu; então é mantido na liberdade de se voltar ou para o inferno ou para o céu; se se volta para o inferno, desvia-se do céu; mas se se volta para o céu, desvia-se do inferno. Ou, o que é a mesma coisa: enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o Senhor e o diabo, e é mantido na liberdade de voltar-se ou para um ou para o outro; se se volta para o diabo, desvia-se do Senhor; mas se se volta para o Senhor desvia-se do diabo. Ou, o que é ainda a mesma coisa: enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o mal e o bem, e é mantido na liberdade de voltar-se para um ou para outro; se se volta para a mal, desvia-se do bem; mas se se volta para o bem, desvia-se do mal.

20. Foi dito que o homem é mantido na liberdade de se voltar para um lado ou para outro. Essa liberdade cabe a cada homem, não por si mesmo, mas pelo Senhor; por isso foi dito que é aí mantido. Sobre o equilíbrio entre o céu e o inferno, e que o homem esteja nesse equilíbrio e, por consequência, na liberdade, veja-se a obra *O Céu e o*

Inferno (n. 589 a 596 e 597 a 603). Que cada homem seja mantido na liberdade e que esta não é retirada de pessoa alguma, ver-se-á em seu lugar.

21. Por aí se vê claramente que, quanto mais o homem foge dos males, mais está com o Senhor e no Senhor; e, quanto mais está no Senhor, mais pratica os bens, não por si mesmo, mas pelo Senhor. Daí vem esta lei geral: Quanto mais alguém foge dos males, mais pratica os bens.

22. Há, porém, dois requisitos: um, que o homem deve fugir dos males porque são pecados, isto é, porque são infernais e diabólicos, assim contra o Senhor e contra as leis Divinas; o outro, que o homem deve como por si mesmo fugir dos males porque são pecados, mas saiba e creia que é pelo Senhor. Mas, sobre esses dois requisitos, falar-se-á nos artigos seguintes.

23. Daí resultam estas três conseqüências: (i.) Se o homem quer e pratica os bens antes de fugir dos males como pecados, os bens não são bens. (ii.) Se o homem pensa e fala com piedade e não foge dos males como pecados, a piedade não é piedade. (iii.) Se o homem tem muito conhecimento e sabe muitas coisas e não foge dos males como pecados, não é realmente sábio.

24. (i.) *Se o homem quer e pratica os bens antes de fugir dos males como pecados, os bens não são bens.* É porque, antes disso, ele não está no Senhor, como foi dito acima. Por exemplo, se dá aos pobres, se presta socorro aos indigentes, se doa aos templos e hospitais, se beneficia a igreja, a pátria e os concidadãos, se ensina o evangelho e converte, se pratica a justiça nos julgamentos, a sinceridade nos negócios e a retidão nas suas obras, e, todavia, não considera os males como sendo pecados, tais como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias e outras coisas semelhantes, então só pode fazer bens que interiormente são males. Com efeito, ele os faz por si mesmo e não segundo o Senhor; assim, é ele mesmo que está nesses bens e não o Senhor. E os bens nos quais está o homem mesmo são todos manchados por seus males e se referem a ele mesmo e ao mundo. Mas esses mesmos feitos que foram enumerados acima são interiormente bens se o homem foge dos males como pecados, tais como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias e outras coisas semelhantes, porque as faz segundo o Senhor e são chamadas “feitas em Deus.” (*Jo. 3:19-21*).

25. (ii.) *Se o homem pensa e fala com piedade e não foge dos males como pecados, sua piedade não é piedade porque não está no*

Senhor. Por exemplo, se freqüenta os templos, se escuta devotamente as pregações, se lê a Palavra e os livros de piedade, se participa do sacramento da Ceia, se cada dia faz orações, se mesmo pensa muito em Deus e na salvação, e, todavia, não considera absolutamente os males como pecados (como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias e outros males semelhantes), então só pode pensar e pronunciar coisas piedosas que interiormente não são piedosas, porque o homem mesmo, com seus males, está nelas. Ele então o ignora, é verdade, todavia os seus males aí estão e aí ficam ocultos à sua vista; é como uma fonte cuja água é impura por sua origem. Os exercícios da sua piedade são, ou somente práticas de hábito, ou meritórios, ou hipócritas. Na verdade, sobem para o céu, mas se desviam a caminho e caem, como fumaça no ar.

26. Foi-me dado ver e ouvir muitos que, depois da morte, enumeravam suas boas obras e os exercícios de piedade, tais como os que acabam de ser referidos (n. 24, 25), e ainda de muitos outros. Vi mesmo entre eles alguns que tinham lâmpadas, mas não óleo. Indagou-se se tinham fugido dos males como pecados e descobriu-se que não; por isso lhes foi dito que eram maus. Mais tarde, também foram vistos a entrarem em cavernas, onde estavam maus que lhes eram semelhantes.

27. (iii.) *Se o homem tem muito conhecimento e sabe muitas coisas e não foge dos males como pecados, não é realmente sábio.* Isto vem da mesma razão acima dada, a saber, ele é sábio por si mesmo e não pelo Senhor. Ainda que conheça à risca a doutrina de sua igreja e todas as coisas que a ela se referem, saiba confirmá-las pela Palavra e pelos raciocínios, conheça as doutrinas de todas as igrejas desde séculos e, ao mesmo tempo, os editos de todos os concílios, ainda mesmo que saiba as verdades e mesmo as veja e as compreenda; e saiba, por exemplo, o que é a fé, o que é a caridade, o que é a piedade, o que é a penitência e a remissão dos pecados, o que é a regeneração, o que é o batismo e a santa Ceia, o que é o Senhor e o que é a redenção e a salvação; se, todavia, não foge dos males como pecados, não sabe realmente tais coisas, porque são conhecimentos sem vida, uma vez que pertencem somente ao seu entendimento e não ao mesmo tempo à sua vontade. Tais conhecimentos perecem com o tempo, pela razão de que se falou acima (n. 15). Também, depois da morte, o homem mesmo os rejeita, porque não concordam com o amor da sua vontade. Todavia esses conhecimentos são extremamente necessários, porque ensinam como o homem deve agir; e, se os põe em prática, então os conhecimentos vivem com ele, porém não antes.

28. Todas essas coisas que até aqui foram ditas, a Palavra ensina em muitas passagens, entre as quais serão referidas somente as que se seguem. A Palavra ensina que ninguém pode estar no bem e ao mesmo tempo no mal, ou, o que é a mesma coisa, que ninguém pode estar, quanto à alma, no céu e ao mesmo tempo no inferno. Ensina-o nestas passagens:

“Ninguém pode servir a dois senhores; pois, ou terá ódio a um e amará o outro, ou se ligará a um e desprezará o outro; não podeis servir a Deus e a Mamon.” (Mt. 6:24).

“Como podeis dizer boas coisas, quando sois maus? (...) a boca fala da abundância do coração; o homem bom, do bom tesouro do seu coração tira boas coisas; e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.” (Mt. 12:34, 35).

“A árvore ... boa não dá fruto mau, nem a árvore má dá fruto bom; toda ... árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindima da sarça a uva.” (Lc. 6:43, 44).

29. A Palavra ensina que ninguém pode fazer o bem por si mesmo, mas pelo Senhor:

“Eu sou a Videira..., e Meu Pai é o Vinhateiro; todo ramo que em Mim não dá fruto, a tira; mas a todo o que dá fruto, limpa, para que dê mais fruto. Permaneci em Mim, também Eu em vós; como o ramo de si mesmo não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim nem vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a Videira, vós os ramos; quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em Mim, será lançado fora, como o ramo, e se seca; e o colhem, e o lançam no fogo, e será queimado.” (Jo. 15:1 a 6).

30. A Palavra, nas passagens seguintes, ensina que, enquanto o homem não tiver sido purificado dos males, seus bens não são bens, sua piedade não é piedade e ele não tem sabedoria; e vice-versa.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque vos fazeis semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora, realmente, parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim, também vós exteriormente pareceis justos..., mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade. Ai de vós... porque limpais o exterior do copo e do prato, mas os interiores estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.” (Mt. 23:25-28).

Também por esta passagem, em *Isaiás*:

“Ouvi a palavra de JEHOVAH, príncipes de Sodoma; ouvi a lei do nosso Deus, povo de Gomorra. Que é para Mim a multidão dos vossos sacrifícios? ... Não continueis mais a trazer minchah de vaidade; o incenso é para Mim abominação, a lua nova e o sabbath, ... não posso suportar a iniquidade;... vossas luas novas e vossas festas solenes Minha alma odeia... Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os Meus olhos; ainda que multipliqueis a oração, Eu não ouço; as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, removi a malícia de vossas obras de diante dos Meus olhos, cessai de fazer o mal. ... Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos, se tornarão como a lã.” (Is. 1:10-18).

Em suma, resulta dessas passagens que, se o homem não foge dos males, todas as coisas do seu culto não são boas. O mesmo sucede com todas as suas obras, porque foi dito: “Não posso suportar a iniquidade; purificai-vos, removi a malícia de vossas obras, cessai de fazer o mal.”

Em *Jeremias*:

“Convertei-vos cada um do seu mau caminho, e fazei boas as vossas ações.” (Jr. 35:15).

[2] Que eles não tenham sabedoria, vê-se em *Isaias*:

“Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e, diante de suas próprias faces, inteligentes!” (Is. 5:21).

No mesmo:

“Perecerá a sabedoria dos sábios ... e a inteligência dos inteligentes; ai daqueles que sabem profundamente... e fazem nas trevas as suas obras.” (Is. 29:14,15).

E, em outra passagem, no mesmo:

“Ai dos que descem ao Egito por auxílio, e se estribam em cavalos, e confiam em carros, porque são muitos, e nos cavaleiros, porque são fortes; ... mas não atentam para o Santo de Israel, e a JEHOVAH não buscam. ... Mas [Ele] Se levantará contra a casa dos malignos, e contra o auxílio dos que obram iniquidade; pois o Egito não é Deus, e o seu cavalo é carne e não espírito.” (Is. 31:1-3).

Assim é descrita a própria inteligência: o “Egito” é a ciência, o “cavalo” é o entendimento que dela provém; o “carro” é a doutrina que daí procede; o “cavaleiro” é a inteligência que procede daí; sobre essas coisas se diz: “Ai daqueles que não atentam para o Santo de Israel, e a JEHOVAH não buscam!” Sua destruição pelos males é

entendida por “[Ele] Se levantará contra a casa dos malignos, e contra o auxílio daqueles que obram iniquidade”; por “o Egito é homem e não Deus, e os seus cavalos carne e não espírito”, é entendido que estas coisas vêm do próprio do homem, e portanto não têm vida alguma. “Homem” e “carne” são o *proprium* do homem; “Deus” e “espírito” são a vida proveniente do Senhor; os “cavalos do Egito” são a própria inteligência. Há, na Palavra, sobre a inteligência que vem de si e sobre a inteligência que vem do Senhor, muitas outras passagens assim, que são desvendadas somente pelo sentido espiritual.

[3] Que ninguém seja salvo pelos bens vindos de si, porque não são bens, isso é evidente por estas passagens:

“Nem todo o que Me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai... Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos pelo Teu nome? e pelo Teu nome não expulsamos demônios? e em Teu nome não fizemos muitas virtudes? Mas então lhes confessarei: Nunca vos conheci, apartai-vos de Mim, vós que obrais iniquidade”. (Mt. 7:21-23).

E em outro lugar:

“Então começareis a estar de fora, e a bater à porta, dizendo: Senhor..., abre-nos: ... e começareis a dizer: Comemos diante de Ti, e bebemos, e nas nossas praças ensinaste; mas dirá: Digo-vos, não sei donde vós sois; apartai-vos de Mim, vós todos, obreiros de iniquidade.” (Lc. 13:25-27).

Com efeito, são semelhantes ao fariseu que, no templo, estando em pé, orava dizendo que não era, como o restante dos homens, roubador, injusto e devasso; jejuava duas vezes na semana e dava dízimos de tudo que possuía (Lc. 18:11-14). São também os que são chamados “servos inúteis” (Lc. 17:10).

31. A verdade é que nenhum homem pode, por si mesmo, fazer o bem que é realmente o bem. Mas, por causa disso, aviltar todo bem da caridade que faz o homem que foge dos males como pecados, é uma enormidade, pois que é diametralmente contra a Palavra, que manda que o homem o faça. É contra os preceitos do amor a Deus e do amor ao próximo, mandamentos dos quais dependem a Lei e os Profetas, e é ultrajar e suprimir toda a religião. Com efeito, qualquer um sabe que a religião consiste em fazer o bem e que cada um é julgado segundo seus feitos. Todo o homem é tal que pode fugir dos males como por si mesmo pelo poder do Senhor, se o implora; e o que ele depois faz é o bem pelo Senhor.

IV. Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais ama os veros.

32. Há dois universais que procedem do Senhor: o Divino Bem e o Divino Vero; o Divino Bem pertence ao Seu Divino Amor e o Divino Vero pertence à Sua Divina Sabedoria; esses dois são um no Senhor e, por consequência, procedem d'Ele como um; mas não são recebidos como um pelos anjos nos céus nem pelos homens nas terras. Há anjos e homens que recebem mais do Divino Vero que do Divino Bem e há os que recebem mais do Divino Bem que do Divino Vero. Assim é que os céus são distintos em dois reinos, dos quais um é chamado reino celeste e o outro reino espiritual. Os céus que recebem mais do Divino Bem constituem o reino celeste, mas os que recebem mais do Divino Vero constituem o reino espiritual. Sobre esses dois reinos nos quais os céus foram distintos, veja-se o tratado d'*O Céu e o Inferno* (n. 20-28). Mas os anjos de todos os céus estão na sabedoria e na inteligência tanto quanto o bem neles faz um com o vero. O bem que não faz um com o vero não é para eles o bem e, reciprocamente, o vero que não faz um com o bem não é para eles o vero. Assim se torna evidente que o bem conjunto ao vero faz o amor e a sabedoria no anjo e no homem. E, como o anjo é anjo segundo o amor e a sabedoria nele, e o mesmo sucede com o homem, é evidente que o bem conjunto ao vero faz com que o anjo seja anjo do céu e o homem seja homem da igreja.

33. Visto que o bem e o vero são um no Senhor e d'Ele procedem como um, segue-se que o bem ama o vero, o vero ama o bem e querem ser um. É semelhante com os seus opostos, porque o mal ama o falso, o falso o mal e querem ser um. Na seqüência, a conjunção do bem e do vero será chamada casamento celeste e a conjunção do mal e do falso, casamento infernal.

34. A consequência do que precede é que, quanto mais se foge dos males como pecados, mais se ama os veros, porque mais se está nos bens, como foi mostrado no artigo que há pouco precedeu. E, vice-versa, quanto mais não se foge dos males como pecados, mais se deixa de amar os veros, porque menos se está no bem.

35. O homem que não foge dos males como pecados pode até amar os veros, mas ama-os não porque são veros, mas porque servem à sua reputação, da qual tira honra ou proveito; por isso, se para isso não servem, ele não os ama.

36. O bem pertence á vontade, o vero pertence ao entendimento.

Do amor do bem na vontade procede o amor do vero no entendimento; do amor do vero procede a percepção do vero; da percepção do vero, o pensamento do vero; e de tudo isso resulta o reconhecimento do vero, que é a fé em seu sentido genuíno. Que haja essa progressão do amor do bem para a fé, será demonstrado no tratado *Do Divino Amor e da Divina Sabedoria* [*Sabedoria Angélica*].

37. Pois que o bem não é realmente o bem, a menos que seja conjunto ao vero, como foi dito, conseqüentemente o bem não existe antes e, todavia, quer continuamente existir; por isso, a fim de existir, deseja os veros, adquire-os e deles tira sua nutrição e sua formação. É por essa razão que, quanto mais alguém está no bem, mais ama os veros; por conseqüência, quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais ama os veros, porque mais está no bem.

38. Quanto mais alguém está nos bens e pelo bem ama os veros, mais ama o Senhor, pois que o Senhor é o Bem mesmo e o Vero mesmo. O Senhor está, pois, no bem e no vero no homem. Se o vero é amado segundo o bem, então o Senhor é amado e não de outra maneira. É o que o Senhor ensina em *João*:

“Quem tem os Meus preceitos e os cumpre, esse é o que Me ama; ... mas aquele que não Me ama não guarda as Minhas palavras.” (Jo. 14:21, 24).

E em outra passagem:

“Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor.” (Jo. 15:10).

Os “preceitos”, as “palavras” e os “mandamentos” do Senhor são os veros.

39. Que o bem ame o vero, pode ser ilustrado por comparações com o sacerdote, o militar, o negociante e o artífice. *Com o sacerdote*: se ele está no bem do sacerdócio, que consiste em prover à salvação das almas, em ensinar o caminho do céu e em dirigir aqueles que ele instrui, na medida em que está nesse bem, assim, pelo amor e o desejo deste amor, adquire os veros que ensina e pelos quais dirige. Se, porém, um sacerdote não está no bem do sacerdócio, mas no prazer de sua função pelo amor de si e do mundo, prazer que para ele é o único bem, ele, também segundo o amor e o desejo deste amor, adquire para si veros em abundância, segundo a inspiração do seu prazer, que é seu bem. *Com o militar*: se está no amor da milícia e sente o bem na ação de proteger, ou na fama, então por esse bem e segundo esse bem adquire a ciência da sua posição e, se é chefe, da inteligência daí;

essas coisas são como veros de que se nutre e se forma o prazer do seu amor, que é o seu bem. *Com o negociante*: se se aplica aos negócios pelo amor dos negócios, absorve com satisfação todas as coisas que, como meios, entram nesse amor e o compõem; essas coisas também são como veros, pois negociar é o seu bem. *Com o artifice*: se se aplica com zelo à sua obra e a ama como o bem de sua vida, compra instrumentos e se aperfeiçoa por meio de coisas que pertencem à sua ciência; por essas coisas faz a sua obra, pois que é o seu bem. Por estas comparações é evidente que os veros são meios pelos quais o bem do amor existe e se torna alguma coisa; por conseqüência, o bem ama os veros a fim de existir. Daí, na Palavra, por “praticar a verdade” entende-se fazer com que o bem exista. É o que se entende por “praticar a verdade” (Jo. 3:21); “fazer o que diz o Senhor” (Lc. 6:47); “cumprir os Seus preceitos” (Jo. 14:24); “praticar as Suas palavras” (Mt. 7:24); “ouvir a palavra de Deus” (Lc. 8:21); e “cumprir os estatutos e juízos” (Lv. 18:5). Isso também é “fazer o bem” e “dar fruto”, porque o bem e o fruto é o que existe.

40. Que o bem ame o vero e queira com ele ser conjugado, também pode ser ilustrado por uma comparação com a comida e a água, ou com o pão e o vinho. É preciso que haja um e outro; a comida ou o pão, só, nada faz no corpo para a nutrição, mas, sim, com a água ou o vinho, porque um apetece e deseja o outro. Pela “comida” e pelo “pão”, na Palavra, entende-se também, em seu sentido espiritual, o bem; e pela “água” e pelo “vinho” entende-se o vero.

41. Pelo que foi dito, pode-se agora ver que aquele que foge dos males como pecados ama os veros e os deseja. E quanto mais foge dos males, mais ama e deseja os veros, porque mais está no bem. Daí vem ao casamento celeste, que é o casamento do bem e do vero, no qual está o céu e estará a igreja.

V. Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais tem a fé e é espiritual

42. A fé e a vida são distintas entre si da mesma maneira que o pensar e o fazer; e como pensar pertence ao entendimento e fazer pertence à vontade, resulta que a fé e a vida são distintas entre si como o entendimento e a vontade. Quem sabe fazer a distinção destes, sabe também fazer a distinção daqueles; e quem conhece a conjugação de uns conhece também a conjugação dos outros. Por isso vai-se antecipar alguma coisa sobre o entendimento e a vontade.

43. Há no homem duas faculdades, das quais uma se chama vontade e a outra entendimento. São distintas entre si, mas criadas de maneira que sejam uma; e quando são uma, são chamadas mente; estas faculdades são, pois, a mente humana, e toda a vida do homem aí está. Da mesma maneira que no universo todas as coisas que são conformes à Ordem Divina se referem ao bem e ao vero, assim também no homem todas as coisas se referem à vontade e ao entendimento, pois o bem no homem pertence à sua vontade e o vero pertence ao seu entendimento. Com efeito, essas duas faculdades são os seus receptáculos e sujeitos; a vontade é o receptáculo e o sujeito de todas as coisas do bem e o entendimento é o receptáculo e o sujeito de todas as coisas do vero. Os bens e os veros, no homem, não se acham em outra parte. Assim, o amor e a fé não se acham em outra parte, pois que o amor pertence ao bem e o bem ao amor, assim como a fé pertence ao vero e o vero à fé. Nada interessa mais do que saber como a vontade e o entendimento fazem uma só mente: fazem uma só mente da mesma maneira que o bem e o vero fazem um, porque entre a vontade e o entendimento há um casamento semelhante ao casamento entre o bem e o vero. No artigo precedente se disse alguma coisa sobre a qualidade desse casamento; será acrescentado isto, que, do mesmo modo que o bem é o ser mesmo da coisa e o vero é o seu existir, assim também a vontade no homem é o ser mesmo de sua vida e o entendimento é o seu existir, pois que o bem, que pertence à vontade, forma-se no entendimento e se faz ver de determinada maneira.

44. Que o homem possa saber, pensar e compreender muitas coisas e, todavia, não ser sábio, mostrou-se acima, n. 27 e 28. E como pertence à fé saber e pensar e, ainda mais, compreender que uma coisa é de tal ou tal modo, o homem pode assim crer que tem a fé e, todavia, não a ter. O que faz com que não a tenha é ele estar no mal da vida, e o mal da vida e o vero da fé nunca podem agir juntamente. O mal da vida destrói o vero da fé, porque o mal da vida pertence à vontade e o vero da fé ao entendimento, e a vontade conduz o entendimento e faz que aja juntamente consigo; por isso, se no entendimento há alguma coisa que não concorde com a vontade, quando o homem está entregue a si mesmo e pensa segundo o seu mal e segundo o amor desse mal, ou ele repele o vero que está no entendimento, ou o força a ser um por falsificação. Sucede de outro modo naqueles que estão no bem da vida; estes, entregues a si mesmos, pensam pelo bem e amam o vero que está no entendimento, porque está em concordância. Assim, a conjunção da fé e da vida se faz como a conjunção do vero e do bem, sendo que essas duas conjunções são como a conjunção do

entendimento e da vontade.

45. Daí agora se segue que, da mesma maneira que o homem foge dos males como pecados, na mesma proporção tem a fé, porque assim está no bem, como foi mostrado acima. Isso também é confirmado por seu contrário: aquele que não foge dos males como pecados não tem a fé, porque está no mal, e o mal odeia interiormente o vero. Exteriormente pode mesmo agir como amigo, tolerá-lo, até mesmo estimar que esteja no entendimento; quando porém o exterior é retirado - o que acontece depois da morte - então ele primeiro rejeita o vero como seu amigo no mundo, depois nega que seja vero e enfim o tem em aversão.

46. A fé do homem mau é uma fé intelectual, que nada tem do bem procedente da vontade; assim, é uma fé morta que é como a respiração pulmonar sem sua alma procedente do coração. O entendimento também corresponde ao pulmão e a vontade ao coração. É também como uma meretriz bela, até adornada de púrpura e ouro, que interiormente está corrompida de doenças malignas; a meretriz também corresponde à falsificação do vero e, por consequência, na Palavra, tem tal significação. É ainda como uma árvore luxuriante de folhas e que não dá frutos, que o jardineiro arranca; a árvore também significa o homem, as “folhas” e “flores”, seus veros da fé e o “fruto”, o bem do amor. Mas diferente é a fé num entendimento onde está o bem procedente da vontade: essa fé é viva e é como a respiração pulmonar cuja alma provém do coração; e é como uma bela esposa, que a castidade torna amável para o marido, e como uma árvore frutífera.

47. Há várias coisas que parecem pertencer somente à fé, por exemplo, que há um Deus; que o Senhor, que é esse Deus, é o Redentor e o Salvador; que há um céu e um inferno; que há uma vida depois da morte e várias outras coisas, das quais não se diz que devem ser feitas, mas que devem ser cridas. Essas coisas da fé são mortas também no homem que está no mal, porém vivas no homem que está no bem. A razão é que o homem que está no bem não só faz o bem pela vontade, mas também pensa no bem pelo entendimento, não só perante o mundo, mas também perante si mesmo, quando está só. Ocorre diferentemente com quem está no mal.

48. Foi dito que essas coisas parecem pertencer somente à fé, mas o pensamento do entendimento tira seu existir do amor da vontade, que é o ser do pensamento no entendimento, como foi dito acima, n. 43. Com efeito, o que alguém quer pelo amor, quer fazê-lo, quer pensar nisso, quer compreendê-lo e quer disso falar; ou, o que é a

mesma coisa, o que alguém ama pela vontade, ama fazê-lo, ama pensar nisso, ama compreendê-lo e ama disso falar. Acrescente-se a isso que, quando o homem foge do mal como pecado, então está no Senhor, como foi mostrado acima, e o Senhor opera todas as coisas. Por isso o Senhor disse àqueles que Lhe perguntavam o que deviam fazer para praticar as obras de Deus:

“A obra de Deus é esta, que creiais n’Aquele que Ele enviou.” (Jo. 6:28).

“Crer no Senhor” não é somente pensar que Ele é o Senhor, mas também praticar Suas palavras, conforme Ele ensina.

49. Que aqueles que estão nos males não tenham a fé, ainda que pensem tê-la, é o que foi mostrado a tais indivíduos no mundo espiritual: eles foram conduzidos a uma sociedade celeste, donde o espiritual da fé dos anjos entrou nos interiores da fé daqueles que para ali foram conduzidos, pelo que eles perceberam que tinham somente o natural ou o externo da fé e não seu espiritual ou interno. Por isso eles mesmos confessaram que nada tinham, absolutamente, da fé e se haviam persuadido, no mundo, que pensar que uma coisa é de tal maneira por uma causa qualquer é crer ou ter fé. Mas a fé daqueles que não tinham estado no mal foi percebida diferentemente.

50. Por essas razões, pode-se ver o que é a fé espiritual e o que é a fé não espiritual. Que a fé espiritual esteja naqueles que não cometem pecados, pois os que não cometem pecados fazem o bem, não por si mesmos, mas pelo Senhor (vide acima, n. 18 a 21); e pela fé eles se tornam espirituais. A fé neles é a verdade. Isto o Senhor ensina em *João*:

“Este... é o juízo: Que a Luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Todo aquele que pratica o mal odeia a luz, para que suas obras não venham para a luz e não sejam argüidas; mas o que pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.” (Jo. 3:19-21).

51. As coisas que até aqui têm sido ditas são confirmadas por estas passagens na Palavra:

“O homem bom do bom tesouro do seu coração tira o bem, mas o homem mau do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do coração fala a boca.” (Lc. 6:46; Mt. 12:35);

pelo “coração”, na Palavra, entende-se a vontade do homem; e como pela vontade o homem pensa e fala, diz-se que “pela abundância do

coração fala a boca”.

“Não é o que entra na boca que torna o homem impuro; mas o que sai do coração, isso é o que torna o homem impuro.” (Mt. 15:11);

aqui também, pelo “coração” entende-se a vontade. Jesus disse sobre a mulher que Lhe lavou os pés com unguento:

“Os pecados lhe são remidos, porque muito amou”.

E, depois, disse-lhe:

“A tua fé te fez salva.” (Lc. 7:46 a 50).

Por aí é evidente que a fé salva quando os pecados são remidos, isto é, quando não existem mais. Aqueles que não estão no próprio da sua vontade, nem por consequência no próprio do seu entendimento, isto é, que não estão no mal e, por consequência, não no falso, são chamados “filhos de Deus” e “nascidos de Deus.” E esses são aqueles que crêem no Senhor, como Ele mesmo ensina em *Jo. 1:12, 13*, passagem que se vê explicada acima (vide n. 17, no fim).

52. Daí se segue esta conclusão: que no homem não há um grão de verdade a mais do que há de bem, assim como nenhum grão de fé a mais do que há de vida. Há no entendimento o pensamento de que uma coisa é assim, mas não o reconhecimento que é a fé, a não ser que haja consentimento na vontade. Assim, a fé e a vida andam num passo igual. Agora, segundo isso, é claro que quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais tem fé e é espiritual.

VI. O Decálogo ensina quais são os males que são pecados

53. Qual é o povo, em todo este globo terrestre, que não sabe que é um mal roubar, cometer adultério, matar e dar falso testemunho? Se os povos o ignorassem e não procurassem por leis prevenir tais ações, seria o fim para eles, porque sem essas leis as sociedades, as repúblicas e os reinos pereceriam. Quem, pois, pode presumir que o povo israelita tenha sido mais estúpido que todos os outros, ao ponto de ignorar que essas ações fossem males? Pode-se, pois, ficar admirado que tais leis, universalmente conhecidas em toda a terra, hajam sido promulgadas da montanha do Sinai com tantos milagres, por JEHOVAH Mesmo. Mas escuta: Essas leis foram promulgadas no meio de tantos milagres a fim de que se soubesse que eram leis não

somente civis e morais, mas também espirituais; e transgredi-las era não só fazer mal ao concidadão e à sociedade, mas também pecar contra Deus. Eis porque tais leis, pela promulgação que delas fez JEHOVAH da montanha do Sinai, tornaram-se leis de religião; porque é evidente que tudo o que JEHOVAH Deus ordena, Ele o ordena para que seja objeto da religião, para que seja feita em vista d'Ele Mesmo e por causa da salvação do homem.

54. Como essas leis foram as primícias da Palavra e, por conseqüência, as primícias da igreja que ia ser instaurada pelo Senhor na nação israelita, e, como eram, em um curto sumário, o complexo de todas as coisas da religião, pelas quais há conjunção do Senhor com o homem e do homem com o Senhor, por isso é que elas foram tão santas que nada houve mais santo.

55. Que elas tenham sido santíssimas, pode-se ver por isto: JEHOVAH mesmo, isto é, o Senhor, desceu sobre o Monte Sinai, no fogo e com os anjos e, assim, promulgou-as de viva voz. O povo se preparou durante três dias para ver e ouvir. O monte foi cercado para que ninguém se aproximasse e morresse. Nem os sacerdotes nem os anciãos se aproximaram, mas só Moisés. Essas Leis foram gravadas pelo dedo de Deus sobre duas tábuas de pedra. A face de Moisés irradiava, quando pela segunda vez desceu com essas tábuas. Mais tarde, as tábuas foram colocadas na arca e a arca depositada no íntimo do tabernáculo. Sobre ela havia o propiciatório e sobre este os querubim²⁸ de ouro. Isso era o que havia de mais santo na igreja deles e foi chamado o “santo dos santos”. Fora do véu, que o envolvia, tinham sido postos objetos que representavam as coisas santas do céu e da igreja, a saber, o candelabro de ouro com sete lâmpadas, o altar de ouro, dos perfumes, a mesa coberta de ouro, sobre a qual ficavam os pães das faces, com as cortinas de fino linho, púrpura e escarlate, que estavam ao redor. A santidade de todo este tabernáculo vinha unicamente da Lei, que estava na arca.

[2] Por causa da santidade do tabernáculo, proveniente da Lei na arca, todo o povo Israelita recebeu o mandamento de se acampar em ordem, em torno dele, conforme as tribos e de caminhar em ordem atrás dele. E, também, uma nuvem pousava durante o dia sobre o tabernáculo e uma coluna de fogo durante a noite. Por causa da santidade dessa Lei e da presença do Senhor nela, o Senhor falava com Moisés acima do propiciatório, entre os querubim, e a arca era chamada “JEHOVAH-ali”. Ademais, não era permitido a Aarão passar além do véu senão com

²⁸ Vide nota 21.

sacrifícios e perfumes. É porque essa Lei era a Santidade mesma da Igreja, que a arca foi introduzida por David em Sião. Por isso também foi colocada depois no meio do templo de Jerusalém e formou o seu santuário.

[3] Por causa da presença do Senhor nessa Lei e em tudo ao redor, milagres foram operados pela arca, na qual estava a Lei. As águas do Jordão foram separadas e, enquanto a arca ficou no meio do rio, o povo o passou a pé seco. Os muros de Jericó caíram quando a arca os rodeou. Dagon, o deus dos filisteus, caiu diante dela e, mais tarde, foi achado estendido na porta do templo, a cabeça separada do corpo. Por causa da arca, alguns milhares de bethsemitas foram feridos, além de muitos outros milagres. Todas essas coisas provinham somente da presença do Senhor em Suas Dez Palavras, que são os preceitos do Decálogo.

56. Se havia tanto poder e tanta santidade nessa Lei, é também porque ela era o conjunto de todas as coisas de religião, pois que consistia em duas tábuas, uma das quais contém todas as coisas que se referem a Deus e a outra, no conjunto, todas as coisas que se referem ao homem. É por esta razão que os preceitos dessa Lei são chamados as “dez palavras”. São chamados assim porque “dez” significa todas as coisas. Mas de que maneira essa Lei é o conjunto de todas as coisas da religião, ver-se-á no artigo seguinte.

57. Como, por essa lei, há conjunção do Senhor com o homem e do homem com o Senhor, ela é chamada “aliança” e “testemunho”; Aliança, porque conjunta e Testemunho porque atesta, porquanto “aliança” significa a conjunção e “testemunho” significa o atestado. É por isso que havia duas tábuas, uma para o Senhor e a outra para o homem. A conjunção é feita pelo Senhor, mas somente quando o homem cumpre o que foi escrito em sua tábua; porque continuamente o Senhor está presente, opera e quer entrar, mas o homem, segundo seu livre que lhe vem do Senhor, deve abrir. Com efeito, o Senhor diz:

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele comigo.” (Ap. 3:20).

58. Na outra tábua, que é para o homem, não foi dito que o homem fará tal ou tal bem, mas foi dito que ele não fará tal ou tal mal, como: “Não matarás”, “não adulterarás”, “não roubarás”, “não dirás falso testemunho”, “não cobiçarás.” A razão disso é que o homem não pode por si mesmo fazer bem algum, mas quando não faz os males, então faz o bem, não por si mesmo, mas pelo Senhor. Que o homem,

segundo o poder do Senhor, se o implora, possa fugir dos males como por si mesmo, ver-se-á na seqüência.

59. Os fatos acima referidos (n.55), sobre a promulgação, a santidade e o poder dessa Lei, acham-se na Palavra nas seguintes passagens:

Que JEHOVAH desceu sobre o Monte Sinai no fogo e que então o monte foi coberto de fumaça e tremeu; e que houve trovões, relâmpagos, uma nuvem espessa e um som de trombeta (Êx. 19:16, 18; Dt. 4:11, 5:19 a 23).

Que o povo, antes da descida de JEHOVAH, tinha-se preparado e santificado durante três dias (Êx. 19:10, 11, 15).

Que o monte foi cercado, para que ninguém, a não ser Moisés, somente, se aproximasse e o tocasse, e morresse, até mesmo os sacerdotes (Êx. 19:12, 13, 20-23; 24:1, 2).

Que a Lei foi promulgada do alto do Monte Sinai (Êx. 20:2-14; Dt. 5:6-18).

Que essa Lei foi gravada pelo dedo de Deus sobre duas tábuas de pedra (Êx. 31:18, 32:15, 16; Dt. 9:10).

Que a face de Moisés resplandecia, quando trouxe do monte essas tábuas pela segunda vez (Êx. 34:29 a 35).

Que as tábuas foram depositadas na arca (Êx. 25:16; 40:20; Dt. 10:5; I Reis, 8:9).

Que se colocou o propiciatório sobre a arca e os querubim de ouro sobre o propiciatório (Êx. 15:17 a 21).

Que a arca, com o propiciatório e os querubim, fazia o íntimo do tabernáculo; e que o candelabro de ouro, o altar de ouro do perfume e a mesa coberta de ouro, sobre a qual ficavam os pães das faces, faziam o exterior do tabernáculo; e que as dez cortinas de fino linho, de púrpura e de escarlata constituíam o seu exterior (Êx. 25:1 até o fim; 26:1 até o fim; 40:17 a 28).

Que o lugar onde estava a arca foi chamado o “santo dos santos.” (Êx. 26:33).

Que todo o povo de Israel se acampava em ordem, conforme as tribos, ao redor do habitáculo e partia em ordem, atrás dele (Nm. 2:1 até o fim).

Que, então, sobre o tabernáculo, havia uma nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite (Êx. 40:38; Nm. 9:15, 16 até o fim; 14:14; Dt. 1:33).

Que o Senhor falava com Moisés acima da arca, entre os querubim (Êx. 25:22; Nm. 6:89).

Que a arca, por causa da Lei nela, era chamada “JEHOVAH-ali”; porque Moisés dizia, quando a Arca partia: “Levanta-Te, JEHOVAH!” e quando parava: “Torna-Te, JEHOVAH!” (Nm. 10:35, 36 e outras passagens; II Sm. 6:2; Sl. 132:7,8).

Que não era permitido a Aarão, por causa da santidade dessa Lei, penetrar além do véu senão com os sacrifícios e o perfume (Lv. 16:2 a 14 e seguintes).

Que a arca foi introduzida por David em Sião com sacrifícios e com júbilo (II Sm. 6:1 a 19).

Que então Uzah morreu porque a tinha tocado (Ibid., vers. 6, 7).

Que a arca foi colocada no meio do templo de Jerusalém, cujo santuário formava (I Rs, 6:19 e seg.; 8:3 a 9).

Que, pela presença e poder do Senhor na Lei que estava na arca, as águas do Jordão foram separadas e, enquanto a arca ficou no meio, o povo o passou em seco (Js. 3:1 a 17; 4:5 a 20).

Que os muros de Jericó desmoronaram, quando a arca os rodeou (Js. 6:1 a 20).

Que Dagon, o deus dos filisteus, caiu por terra diante da arca e foi, depois, achado estendido à porta do templo, a cabeça separada do corpo (I Sm. 5:1 a 4).

Que alguns milhares de bethsemitas foram feridos por causa da arca (I Sm. 6:19).

60. Que as tábuas de pedra, sobre as quais a Lei estava gravada, foram chamadas “tábuas da aliança” e a arca, por causa dessas tábuas, foi chamada “arca da aliança” e a Lei mesma a “aliança”, vê-se em Nm. 10:33; Dt. 4:13, 23; 5:2, 3; 9:9; Js. 3:11; I Rs. 8:19, 21; Ap. 11:19 e em muitas outras passagens. A Lei foi chamada “aliança” porque a aliança significa a conjunção; por isso o Senhor disse que *Ele “será dado por aliança do povo”* (Is. 42:6; 49:8); e é chamado “o Anjo da aliança” (Ml. 3:1); e Seu sangue, o “sangue da aliança.” (Mt. 26:27; Zc. 9:11; Êx. 24:4 a 10). É por isso que a Palavra é chamada “Antiga Aliança” e “Nova Aliança”. As alianças também se fazem em vista do amor, da amizade e da consociação, por conseguinte, em vista da conjunção.

61. Os preceitos dessa Lei são chamados as “Dez palavras.” (Êx. 34:28; Dt. 4:13; 10:4). Assim são chamados porque “dez” significa todas as coisas e “palavras” significam os veros. De fato, havia ali

mais de dez palavras. Como “dez” significa todas as coisas, por isso o tabernáculo tinha dez cortinas (*Êx. 26:1*). Por isso o Senhor disse que o homem, quando foi tomar posse de um reino, chamou “dez servos” e lhes deu “dez minas” para negociar (*Lc. 19:13*). É por isso que o Senhor comparou o reino dos céus a “dez virgens.” (*Mt. 25:1*). Por isso foi dito, na descrição do dragão, que este tinha “dez chifres” e sobre os chifres “dez diademas” (*Ap. 12:3*), como a besta que subia do mar (*Ap. 13:1*) e também como a outra besta (*Ap. 16:3,7*); também a besta em *Dn. (7:7, 20, 24)*. “Dez” significa a mesma coisa em *Lv. 26:26, Zc. 8:23* e em outras passagens. Daí se originaram os “dízimos”, que significam algo proveniente de todas as coisas.

VII. Que os homicídios, adultérios, roubos e falsos testemunhos de todo gênero, como as concupiscência por eles, são os males de que se deve fugir como pecados.

62. Sabe-se que a Lei do Sinai foi gravada em duas tábuas e que a primeira tábua contém as coisas que são de Deus e a outra, as que são do homem. Que a primeira tábua contenha todas as coisas que são de Deus e a outra todas as que são do homem, isto não aparece na letra, mas todas essas coisas estão nelas. É por isso que são também chamadas as “Dez Palavras”, pelas quais são significados todos os veros no complexo (vide acima, n. 61). Mas como todas as coisas estão ali, não é possível expô-lo em poucas palavras; todavia, pode-se compreendê-lo segundo o que foi referido na *Doutrina da Escritura Santa* (n. 67). Assim é que se diz todo gênero de homicídios, adultérios, roubos e falsos testemunhos.

63. Estabeleceu-se uma religião que declara que ninguém pode cumprir a Lei; e a Lei é não matar, não adular, não roubar e não levantar falso testemunho. Estes preceitos da Lei todo homem civil e moral pode cumprir segundo a vida civil e moral, mas essa religião nega que ele o possa segundo a vida espiritual. Assim, segue-se que é preciso não praticar essas ações somente para evitar as penas e os danos no mundo e não para evitar as penas e os danos depois que se deixou o mundo. Resulta que o homem, em quem tal religião se estabeleceu, pensa que aquelas ações são lícitas perante Deus, mas ilícitas perante o mundo.

[2] Por causa deste pensamento, proveniente de sua religião, o homem

está na concupiscência de todos esses males e somente deixa de fazê-los por causa do mundo. Eis porque tal homem, depois da morte, ainda que não tenha praticado homicídios, adultérios, roubos, falsos testemunhos, todavia cobiça praticá-los e também os pratica quando lhe é retirado o externo que teve no mundo. Toda cobiça permanece no homem depois da morte. Assim se segue que tais homens fazem um com o inferno e não podem deixar de ter a sorte daqueles que estão no inferno.

[3] Mas uma outra sorte cabe àqueles que não querem nem matar, nem cometer adultério, nem roubar, nem levantar falso testemunho, porque praticar tais atos é agir contra Deus. Esses, depois de alguns combates contra tais males, não os desejam, assim, não cobiçam fazê-los. Dizem em seu coração que são pecados, em si infernais e diabólicos. Esses, depois da morte, quando lhes é retirado o externo que tiveram para o mundo, fazem um com o céu; e, porque estão no Senhor, entram também no céu.

64. É coisa comum a toda religião que o homem deve se examinar, fazer penitência e desistir dos pecados, porque, se não faz isso, está em condenação. Que seja comum a toda religião, vê-se acima (n. 4-8). É ainda comum, em todo o mundo cristão, ensinar o Decálogo e, por seu intermédio, iniciar as crianças na religião cristã, porque ele está na mão de todas as crianças. Os pais mesmos e os mestres lhes dizem que fazer o que ele proíbe é pecar contra Deus, e quando assim falam com as crianças estão disso convencidos. Quem deixará de se admirar que esses mesmos homens, e também as crianças depois de adultas, pensem que não estão debaixo dessa Lei e não podem fazer as coisas determinadas por essa Lei? A única razão que os induz a pensar assim é que eles amam os males e, por consequência, os falsos que favorecem tais males. São esses, portanto, que não consideram os preceitos do Decálogo como coisas da religião. Que essas mesmas pessoas vivam sem religião, ver-se-á na *Doutrina da Fé*.

65. Em todas as nações da terra que têm uma religião há preceitos semelhantes aos do Decálogo, e todos aqueles que vivem conforme esses preceitos pela religião são salvos, mas todos aqueles que não vivem conforme esses preceitos pela religião são condenados. Aqueles que vivem conforme esses preceitos pela religião, sendo instruídos depois de sua morte pelos anjos, recebem os veros e reconhecem o Senhor. A razão disso é que eles fogem dos males como pecados e, por consequência, estão no bem e o bem ama o vero e, segundo o desejo do amor, o recebe, assim como foi mostrado acima, (n. 32 a

41). Isto é o que se entende pelas palavras do Senhor aos judeus:

“Será tirado de vós o reino de Deus, e será dado a uma nação que dê frutos.” (Mt. 21:43).

Depois, por estas outras:

“Quando... vier o Senhor da vinha, dará à morte os maus, e arrendará a Sua vinha a outros lavradores, que a seu tempo Lhe dêem os frutos” (Mt. 21:40, 41).

E ainda por estas:

“Eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente” “e do norte e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus”; “mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores.” (Mt. 8:11, 12; Lc. 13:29).

66. Lê-se, em *Marcos*, que um homem rico veio a Jesus e perguntou-Lhe o que era preciso fazer para receber a vida eterna em herança. Jesus lhe disse:

“Conheces os mandamentos: Não cometerás adultério; não matarás; não roubarás; não levantarás falso testemunho; não cometerás fraude; honra teu pai e tua mãe. Ele, respondendo, disse: Todas essas coisas tenho guardado desde a juventude. Jesus... olhou, e o amou; todavia, disse-lhe: Uma coisa te falta: Vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres; assim terás um tesouro nos céus; então, vem, toma a cruz, e segue-Me.” (Mc. 10:17 a 22).

É dito que Jesus o amou; isto é porque o homem dissera que tinha guardado os preceitos desde a juventude; mas restavam-lhe três coisas a cumprir, a saber, não tinha desapegado o seu coração das riquezas, não tinha combatido contra as cobiças e ainda não tinha reconhecido o Senhor como Deus. Por isso o Senhor lhe disse que “vendesse tudo quanto tinha”, o que significa desapegar o coração das riquezas; “trouxesse a cruz”, o que significa combater contra as concupiscências; e “seguir-Lo”, o que significa reconhecer o Senhor como Deus. Aqui, como por toda a parte, o Senhor falou por meio das correspondências (vide a “*Doutrina da Escritura Santa*”, n. 17). Com efeito, fugir dos males como pecados, ninguém o pode, a não ser reconhecendo o Senhor, a Ele se dirigindo e combatendo contra os males, afastando assim as concupiscências. Mas, sobre este assunto, achar-se-ão maiores detalhes no artigo sobre os combates contra os males.

VIII. Quanto mais alguém foge dos homicídios de todo gênero como pecados, mais tem amor para com o próximo.

67. Pelos homicídios de todo gênero se entendem também as inimizades, os ódios e as vinganças de todo gênero, que respiram a morte, porque o homicídio está latente nesses sentimentos como o fogo na lenha sob a cinza. O fogo infernal não é outra coisa. É por isso que se diz: “arder de ódio” e “inflamar por vingança.” Esses são os homicídios no sentido natural. Mas, no sentido espiritual, pelos homicídios se entendem todos os modos, que são variados e em grande número, de se matar e destruir as almas dos homens. E, no sentido supremo, por “homicídio” se entende ter ódio ao Senhor. Esses três gêneros de homicídios fazem um e são coerentes, porquanto aquele que quer a morte do corpo de um homem no mundo, quer a morte de sua alma depois da morte e quer a morte do Senhor, porque está inflamado de ira contra Ele e quer extinguir Seu Nome.

68. Esses gêneros de homicídios estão latentes no íntimo do homem por nascimento, mas ele aprende, desde a infância, a cobri-los pela civilidade e pela moralidade nas quais deve estar com os homens no mundo. E, enquanto ama a honra ou o lucro, vigia para que isso não se mostre. Torna-se isso o externo do homem, enquanto aqueles homicídios formam-lhe o interno. Tal é o homem em si mesmo. Ora, como ele se despe do externo com o corpo, quando morre, e retém o interno, vê-se claramente que diabo seria ele, se não fosse reformado.

69. Visto que os gêneros de homicídios acima designados, estão, como foi dito, latentes no íntimo do homem por nascimento, e, ao mesmo tempo, os roubos de todo gênero e todo gênero de falsos testemunhos, com as concupiscências para tais males, dos quais se tratará adiante, é claro que, se o Senhor não tivesse provido os meios de reforma, o homem não teria podido deixar de perecer pela eternidade. Os meios de reforma, os quais o Senhor tem provido, são estes: ao nascer, o homem está em mera ignorância e logo que nasce é mantido em um estado de inocência externa; pouco depois, num estado de caridade externa, e, em seguida, num estado da amizade externa. Mas quando entra no pensamento pelo seu entendimento, é mantido em uma espécie de liberdade de agir segundo a razão. É esse estado que foi descrito acima, n. 19 e que é necessário repetir aqui, em razão do que será dito na seqüência, a saber: “Enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o inferno e o céu; abaixo está o inferno e

acima está o céu e, assim, é mantido na liberdade de se voltar ou para o inferno ou para o céu; se se volta para o inferno, desvia-se do céu; mas se se volta para o céu, desvia-se do inferno. Ou, o que é a mesma coisa: enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o Senhor e o diabo e é mantido na liberdade de se voltar ou para um ou para outro; se se volta para o diabo, desvia-se do Senhor; mas se se volta para o Senhor, desvia-se do diabo. Ou, o que é ainda a mesma coisa: enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o mal e o bem e é mantido na liberdade de se voltar ou para um ou para outro; se se volta para o mal, desvia-se do bem; mas se se volta para o bem, desvia-se do mal.” Isto foi dito acima, n. 19. Vide também os n. 20 a 22, que ali se seguem.

70. Ora, pois que o mal e o bem são dois opostos, absolutamente como o inferno e o céu, ou como o diabo e o Senhor, segue-se que, se o homem foge do mal como pecado, vem ao bem oposto ao mal; o bem oposto ao mal que se entende pelo homicídio é o bem do amor para com o próximo.

71. Como esse bem e esse mal são opostos, segue-se que um é afastado pelo outro. Dois opostos não podem estar juntos, da mesma maneira que não podem estar juntos o céu e o inferno. Se estivessem juntos, haveria o morno de que assim se fala no *Apocalipse*:

“Conheço que nem és frio nem quente; melhor foras frio ou quente; assim, pois que és morno, e nem és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.” (Ap. 3:15, 16).

72. Quando o homem não está mais no mal do homicídio, mas no bem do amor para com o próximo, então tudo o que ele faz é o bem desse amor, por consequência, uma boa obra. O sacerdote que está nesse bem faz uma boa obra todas as vezes que ensina e conduz, porque é pelo amor de salvar as almas. O magistrado que está nesse bem faz uma boa obra todas as vezes que prepara e julga, porque é pelo amor de cuidar da pátria, da sociedade e dos concidadãos. Semelhantemente o negociante: se está nesse bem, toda operação do seus negócios é uma boa obra, está no amor para com o próximo; e o próximo é a pátria, a sociedade, os concidadãos e também as pessoas de casa, dos quais cuida como de si mesmo. Também o operário, que está nesse bem quando trabalha fielmente para os outros como para si próprio, temendo causar dano ao próximo como a si mesmo. Que os seus feitos sejam boas obras, é porque quanto mais alguém foge do mal, mais pratica o bem, segundo a lei geral (vide acima, n. 21); e quem foge do mal como pecado faz o bem não por si, mas pelo

Senhor (n. 18 a 31). O contrário se dá com aquele que não considera como pecados os diversos gêneros de homicídios que são as inimizades, os ódios, as vinganças e muitos outros, quer seja sacerdote, magistrado, negociante ou operário; tudo o que faz não é boa obra, porque todas as suas obras participam do mal que está interiormente nele. Com efeito, seu interno é que as produz. O externo pode ser bom, mas para os outros, não para ele.

73. O Senhor ensina o bem do amor em muitos lugares na Palavra e o ensina em *Mateus*, pela reconciliação com o próximo:

“Se apresentares a tua oferta sobre o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, e vai antes reconciliar-te com o irmão, e então vem e apresenta a tua oferta. Faze benevolência com o teu adversário enquanto estás no caminho com ele, para que o adversário não te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao servidor, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que não sairás dali enquanto não pagares o último ceitil.” (Mt. 5:23 a 26).

“Reconciliar-se com o irmão” é fugir da inimizade, do ódio e da vingança. Que isto seja fugir de tais males como pecados, é evidente. O Senhor o ensina também em *Mateus*:

“Tudo o que quereis que os homens vos façam, assim fazei-lho também vós, porque esta é a Lei e os Profetas.” (Mt. 7:12),

por conseguinte, não é o mal. E em muitas outras passagens. O Senhor também ensina que “matar” é também encolerizar-se sem motivo contra o irmão ou o próximo e tê-lo como inimigo (Mt. 5:21,22).

IX. Quanto mais alguém foge dos adultérios de todo gênero como pecados, mais ama a castidade.

74. Por “adulterar”, no sexto preceito do Decálogo, entende-se, no sentido natural, não só praticar escortação, mas também fazer obscenidades, dizer lascívia e pensar indecências. No sentido espiritual, porém, por “adulterar” entende-se adulterar os bens da Palavra e falsificar os seus veros. Mas no sentido supremo, por “adulterar” se entende negar o Divino do Senhor e profanar a Palavra. São esses os adultérios de todo o gênero. O homem natural pode saber, segundo a luz racional, que por “adulterar” se entende também fazer obscenidades, dizer lascívia e pensar indecências, mas não sabe que, por “adulterar”, entende-se também adulterar os bens da Palavra

e falsificar os seus veros; e ainda menos sabe que se entende negar o Divino do Senhor e profanar a Palavra. Por conseqüência, não sabe tampouco que o adultério é um mal tão grande que pode ser chamado o diabólico mesmo. Porque aquele que está no adultério natural está também no adultério espiritual e vice-versa. Que tal seja, será demonstrado em uma obra especial, *Do Casamento*. Estão ao mesmo tempo nos adultérios de todo o gênero aqueles que, segundo a fé e a vida, não consideram os adultérios como pecados.

75. Que quanto mais alguém foge do adultério, mais ama o casamento, ou, o que é o mesmo, quanto mais alguém foge das lascívia do adultério mais ama a castidade do casamento, é porque a lascívia do adultério e a castidade do casamento são dois opostos. Por isso, quanto mais alguém não está em um, mais está no outro, exatamente como foi dito acima (n.70).

76. Ninguém pode saber o que é a castidade do casamento, a não ser que fuja da lascívia do adultério como pecado. O homem pode saber o que é aquilo em que está, mas não pode saber aquilo em que não está. Se, por descrição ou pelo pensamento, sabe alguma coisa daquilo em que não está, não o pode saber senão na sombra, sempre acompanhado de dúvida. A razão é porque ele não o vê na luz e sem dúvida senão quando ele próprio ali está. Isto é saber, mas aquilo é saber e não saber. A verdade é que a lascívia do adultério e a castidade do casamento estão entre si absolutamente como o inferno e o céu. A lascívia do adultério produz o inferno no homem, mas a castidade do casamento produz o céu nele. A castidade do casamento só existe para aquele que foge da lascívia do adultério como pecado (vide abaixo, n. 111).

77. Segundo isto, pode-se concluir e ver, sem ambigüidade, se um homem é cristão ou não, e mesmo se tem alguma religião ou não. Aquele que, segundo a fé e a vida, não considera os adultérios como pecados, esse não é cristão e não tem religião. Aquele, ao contrario, que foge dos adultérios como pecados e, mais ainda, aquele que, por causa disso, os tem em aversão e, mais ainda, aquele que por causa disso os abomina, esse tem religião; e, se está na igreja cristã, é cristão. Mas, sobre este assunto, muitas coisas serão ditas na obra *Do Casamento*. Vide também as coisas que a este respeito foram ditas na obra *O Céu e o Inferno*, n. 366 a 386.

78. Que por “adulterar” se entenda também fazer obscenidades, dizer lascívia e pensar indecências, vê-se pelas palavras do Senhor em *Mateus*:

“Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo que qualquer que olhar a mulher de outrem para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.” (Mt. 5:27,28).

79. Que, no sentido espiritual, por “adulterar”, se entenda adulterar o bem da Palavra e falsificar-lhe o vero, vê-se por isto:

“Babilônia... do vinho da sua escortação, deu de beber a todas as nações” (Ap. 14: 8);

O Anjo disse: “Mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que está assentada sobre muitas águas, com a qual os reis da terra cometeram escortação” (Ap. 17: 1, 2);

Babilônia “do vinho do furor da sua escortação deu a beber a todas as nações, e os reis da terra com ela cometeram escortação” (Ap. 18:3);

Deus “julgou a grande meretriz, que corrompeu a terra com a sua escortação” (Ap. 19:2).

A “escortação” se diz de Babilônia, porque por “Babilônia” são entendidos aqueles que se arrogam o Divino poder do Senhor e profanam a Palavra, adulterando-a e falsificando. É também por isso que Babilônia é chamada

“A mãe das escortações e das abominações da terra” (Ap. 17: 5)

[2] Semelhante coisa significa a “escortação” nos Profetas. Por exemplo, em *Jeremias*:

“Nos profetas de Jerusalém vejo uma obstinação horrenda em adulterar e em caminhar em mentiras” (Jr. 3:14).

Em *Ezequiel*:

“Duas mulheres, filhas de uma mesma mãe, cometeram escortação no Egito; em sua adolescência cometeram escortação... uma cometeu escortação sendo Minha, e enamorou-se dos seus amásios, dos Assírios, seus vizinhos; assim cometeu ela as suas escortações com eles, mas as suas escortações, que trouxe do Egito, não deixou. A outra corrompeu o seu amor mais do que ela, e as suas escortações acima das escortações de sua irmã; aumentou as suas escortações, amou os caldeus; a ela vieram os filhos de Babel para a cama dos amores, e a contaminaram com as suas escortações” (Ez. 23: 2 a 17).

Estas expressões se referem às Igrejas Israelita e Judaica, que são aqui “as filhas de uma mesma mãe”. Por “suas escortações” são entendidas as adulterações e as falsificações da Palavra. E como, na Palavra, o “Egito” significa a ciência, a “Assíria” o raciocínio, a “Caldéia” a

profanação do vero e “Babel” a profanação do bem, daí se dizer que elas “cometeram escortação com eles”.

[3] Diz-se a mesma coisa de Jerusalém, que significa a igreja quanto à doutrina, em *Ezequiel*:

Jerusalém, “confiaste na tua beleza, e cometeste escortação por causa da tua fama, ao ponto que derramaste as tuas escortações sobre todo o que passava. Cometeste escortação com os filhos do Egito, teus vizinhos, grandes de carnes, e multiplicaste a tua escortação; cometeste escortação com os filhos da Assíria... como eras insaciável, depois de ter com eles cometido escortação, ... multiplicaste as tuas escortações até na terra do comércio, a Caldéia... Mulher adúltera! que, em lugar do seu marido, recebe os estranhos: a todas as meretrizes se dá seu pagamento, mas tu dás pagamento a todos os teus amantes,... para que venham a ti de todas as partes para tuas escortações. ...por isso, ó meretriz, ouve a palavra de JEHOVAH” (Ez. 16: 15, 26, 28, 29, 32, 33, 35 e seq.).

Que por “Jerusalém” se entenda a igreja, vê-se na *Doutrina no Senhor*, n. 62 e 63. Semelhante coisas são significadas pelas escortações em *Is.33:17, 18; 57:3; Jr. 3:2, 6, 8 e 9; 5:1, 7; 13:27; 29:23; Mq. 1: 7; Na. 3:3, 4; Os. 4: 10, 11 e Lv. 20:5; Nm. 14:33; 15:39* e em outras passagens. Foi por esse motivo também que o Senhor chamou a nação judaica de “geração adúltera.” (*Mt. 12:39; 16:4; Mc. 8:38*).

X. Quanto mais alguém foge dos roubos de todo gênero como pecados, mais ama a sinceridade.

80. Por “roubar”, no sentido natural, se entende não só roubar e assaltar, mas também fraudar e tomar de outrem o seus bens sob um pretexto qualquer. Mas por “roubar”, no sentido espiritual, se entende privar os outros dos seus veros da fé e dos seus bens da caridade. No sentido supremo, por “roubar” se entende tomar do Senhor as coisas que Lhe pertencem e atribuí-las a si próprio, por consequência, arrogar-se justiça e mérito. São esses os roubos de todo o gênero. Também eles formam um, como os adultérios de todo o gênero e como os homicídios de todo o gênero, dos quais precedentemente se falou. Se formam um, é porque um está dentro do outro.

81. O mal do roubo entra no homem mais profundamente do que qualquer outro mal porque se conjunta com a astúcia e o dolo, e a astúcia e o dolo se insinuam até na mente espiritual do homem, onde

está seu pensamento com o entendimento. Que no homem haja uma mente espiritual e uma mente natural, ver-se-á abaixo.

82. Que quanto mais alguém foge do roubo como pecado, mais ama a sinceridade, é porque o roubo é também uma fraude, e a fraude e a sinceridade são dois opostos. Por isso, quanto mais alguém não está na fraude, mais está na sinceridade.

83. Por sinceridade entende-se também a integridade, a justiça, a fidelidade e a retidão. O homem não pode estar nelas por si mesmo, ao ponto de amá-las segundo elas e por causa delas. Mas aquele que foge das fraudes, das astúcias e dos dolos como pecados, está nelas, não por si, mas pelo Senhor, como foi mostrado acima (n. 18 a 31). Assim é com o sacerdote, o magistrado, o juiz, o negociante, o operário, cada um em sua função e em sua obra.

84. É o que ensina a Palavra em muitas passagens, das quais se verão algumas:

“Aquele que anda em justiça e fala com retidão; que tem aversão ao ganho da opressão; sacode suas mãos para não receber presentes, tapa os ouvidos para não ouvir acerca de sangues e fecha os olhos para não ver o mal; esse habitará nas alturas” (Is. 33:15).

“JEHOVAH, quem morará na Tua tenda, quem habitará no monte de Tua santidade? Aquele que anda em integridade e pratica a justiça... aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu amigo” (Sl. 15:1, 2, 3 e seq).

“Os meus olhos estão sobre os fiéis da terra, para que se assentem comigo. O que anda no caminho do íntegro, esse me servirá. Não se assentará dentro de Minha casa o que age dolosamente. O que fala mentiras não ficará diante dos Meus olhos. Pela aurora destruirei todos os ímpios da terra, para desarraigar da cidade... todos os que obram iniquidade” (Sl. 101:6-8).

Se alguém não for interiormente sincero, justo, fiel e reto, ele é insincero, injusto, infiel e não reto; é o que o Senhor ensina por estas palavras:

“Se vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mt. 5:20);

pela “justiça que excede a dos escribas e fariseus”, entende-se uma justiça interior, na qual se acha o homem que está no Senhor. Que o homem possa estar no Senhor, é o que o Ele também ensina em *João*:

“Eu lhes dei a glória que Me deste, para que sejam um, como nós somos Um: Eu neles, e Tu em Mim, para que sejam perfeitos em

um... e para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles.” (Jo. 27:22, 23, 26),

pelo que é evidente que os homens são perfeitos quando o Senhor está neles. São esses os que são chamados

“...puros de coração, que verão a Deus”, e “perfeitos como o Pai que está nos céus” (Mt. 5: 8, 48).

85. Acima (n. 81) foi dito que o mal do roubo entra no homem mais profundamente do que qualquer outro mal, porque foi conjunto à astúcia e ao dolo; e que a astúcia e o dolo se insinuam até na mente espiritual do homem, na qual está o seu pensamento com o entendimento. Por isso, agora se dirá alguma coisa sobre a mente do homem. Que a mente do homem seja seu entendimento e, ao mesmo tempo, sua vontade, viu-se acima (n. 43).

86. Há no homem uma mente natural e uma mente espiritual. A mente natural está em baixo e a mente espiritual, em cima. A mente natural é a mente de seu mundo e a mente espiritual é a de seu céu. A mente natural pode ser chamada mente animal e a espiritual, mente humana. O homem é distinguido do animal por isso, que há nele uma mente espiritual pela qual pode estar no céu enquanto está no mundo. É também por esta mente que o homem vive depois da morte.

[2] Pelo entendimento, o homem pode estar na mente espiritual e, por conseguinte, no céu; mas, pela vontade, ele não pode estar na mente espiritual e, portanto, no céu, se não fugir dos males como pecados. E se não estiver aí também pela vontade, não está entretanto no céu, porque a vontade arrasta o entendimento para baixo e faz com que ele se torne com ela igualmente natural e animal.

[3] O homem pode ser comparado ao jardim, o entendimento, à luz e a vontade, ao calor. Na tempo do inverno, o jardim está na luz e não ao mesmo tempo no calor, mas, no tempo do verão, está na luz e ao mesmo tempo no calor. É por esse motivo que o homem que está somente na luz do entendimento é como um jardim no tempo do inverno; mas o que está ao mesmo tempo na luz do entendimento e no calor da vontade é como um jardim no tempo do verão. Também, o entendimento é sábio pela luz espiritual e a vontade ama pelo calor espiritual, pois que a luz espiritual é a Divina Sabedoria e calor espiritual é o Divino Amor.

[4] Enquanto não fuge dos males como pecados, as concupiscências dos males obstruem os interiores da mente natural na parte da vontade. Elas formam ali um denso véu e como que uma nuvem escura sob a

mente espiritual e impedem que esta se abra. Porém, logo que o homem foge dos males como pecados, então o Senhor influi do céu e tira o véu, dissipa a nuvem, abre a mente espiritual e, assim, introduz o homem no céu.

[5] Enquanto as concupiscências dos males obstruírem os interiores da mente natural, como já se disse, o homem está no inferno. Mas logo que essas concupiscências são dissipadas pelo Senhor, o homem está no céu. E mais, enquanto as cobiças dos males obstruírem os interiores da mente natural, o homem é natural; mas logo que essas cobiças são dissipadas pelo Senhor, o homem é espiritual. E ainda mais, enquanto as cobiças dos males obstruírem os interiores da mente natural, o homem é animal; ele difere do animal unicamente pelo fato de poder pensar e falar, até sobre as coisas que não vê com os olhos, o que lhe vem da faculdade que possui de elevar seu entendimento à luz do céu. Mas logo que as concupiscências são dissipadas pelo Senhor, o homem é homem, porque então pensa o vero no entendimento pelo bem na vontade. Enfim, enquanto as concupiscências dos males obstruírem os interiores da mente natural, o homem é como um jardim no tempo do inverno; mas logo que essas concupiscências são dissipadas pelo Senhor, é como um jardim no tempo do verão.

[6] A conjunção da vontade com o entendimento no homem é o que se entende, na Palavra, pelo “coração” e pela “alma”, como também pelo “coração” e pelo “espírito”, como onde se diz que se deve amar a Deus

“de todo o coração e de toda a alma.” (Mt. 22:37),

que Deus dará

“um novo coração e um novo espírito” (Ez. 11:19; 36:26, 27);

pelo “coração” se entende a vontade e seu amor; e pela “alma” e o “espírito”, o entendimento e sua sabedoria.

XI. Quanto mais alguém foge dos falsos testemunhos de todo gênero como pecados, mais ama a verdade.

87. No sentido natural, por “dar falso testemunho” se entende não só ser testemunha falsa, mas também mentir e difamar. No sentido espiritual, por “dar falso testemunho” entende-se dizer e persuadir que o falso é o vero e que o mal é o bem, e vice-versa. E, no sentido

supremo, por “dar falso testemunho” entende-se blasfemar contra o Senhor e a Palavra. Tais são os “falsos testemunhos” no tríplice sentido. Que essas coisas façam um no homem que é testemunha falsa, fala mentira e difama, pode-se ver pelo que se mostrou sobre o tríplice sentido da Palavra na *Doutrina da Escritura Santa* (n. 5, 6, 7 e seguintes, e n. 57).

88. Visto que a mentira e a verdade são dois opostos, segue-se que, quanto mais alguém foge da mentira como pecado, mais ama a verdade.

89. Quanto mais alguém ama a verdade, mais ele quer conhecê-la e é afetado de coração quando a encontra. Nenhum outro vem à sabedoria. E quanto mais ama praticar a verdade, mais sente a amenidade da luz em que a verdade está. Dá-se com isso como com as outras coisas de que se falou até aqui, como da sinceridade e da justiça naquele que foge de todo gênero de roubo, da castidade e da pureza naquele que foge de todo gênero de adultério, do amor e da caridade naquele que foge de todo gênero de homicídio e assim por diante. Mas aquele que está nos opostos nada sabe dessas coisas, ainda que nelas haja tudo o que é real.

90. É a verdade que se entende pela “semente no campo”, a cujo respeito o Senhor disse:

“O semeador saiu a semear... e, quando semeava, alguma caiu no caminho e foi pisada, e as aves do céu a comeram. E uma outra caiu sobre lugares pedregosos, mas quando cresceu, secou-se, porquanto não tinha raiz... Outra caiu no meio de espinhos, e crescendo com ela os espinhos, a sufocaram. E outra caiu em boa terra, e, tendo nascido, produziu muito fruto.” (Lc. 8:5-8; Mt. 13: 3- 8; Mc. 4:3-8);

aqui, o “Semeador” é o Senhor e a “semente” é a Sua Palavra, por conseguinte, a verdade; a “semente no caminho” é naqueles que não se importam com a verdade; a “semente nos lugares pedregosos” é naqueles que se ocupam da verdade, mas não por ela mesma e portanto não interiormente; a “semente no meio de espinhos” é naqueles que estão nas concupiscências do mal; mas a “semente em boa terra” é nos que amam as verdades que estão na Palavra procedente do Senhor e que, por Ele, as praticam e assim produzem frutos. Que seja isso o que é entendido, vê-se pela explicação que o Senhor lhes dá (*Mt. 13:19-23, 37; Mc. 4:14-20; Lc. 8:11-15*). Por aí é evidente que a verdade da Palavra não pode se enraizar nos que não se importam com a verdade, nem nos que amam a verdade exteriormente e não interiormente, nem nos que estão nas concupiscências do mal, mas naqueles em quem as

concupiscências do mal foram dissipadas pelo Senhor. Nesses, a semente, isto é, a verdade, se enraíza em sua mente espiritual (vide n. 86, no fim).

91. É hoje opinião geral que, para ser salvo, basta crer tal ou qual coisa que a igreja ensina e que não é praticar os preceitos do Decálogo, que são: não matar, não adulterar, não roubar, não levantar falso testemunho, tanto no sentido estrito como no sentido lato. Com efeito, diz-se que Deus não considera as obras, mas a fé, quando a verdade é que quanto mais alguém está nesses males, mais ele não tem fé (vide n. 42-52). Consulta a tua razão e examina com perspicácia se quem é homicida, adúltero, ladrão ou falsa testemunha, pode ter fé enquanto estiver na concupiscência desses males, e também se a concupiscência desses males pode ser dissipada senão por não querer cometê-los por serem pecados, isto é, porque são infernais e diabólicos. Por isso, aquele que pensa que, para ser salvo, basta crer em tal ou qual coisa que a igreja ensina e que se entrega a esses males, não passa de um estulto, segundo as palavras do Senhor em *Mateus* (7:26). Tal igreja é descrita assim em *Jeremias*:

“Põe-te à porta da casa de JEHOVAH, e proclama ali esta Palavra: ...Assim diz JEHOVAH Zebaoth, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras ... não vos fieis em palavras de mentira, dizendo: O templo de JEHOVAH! o templo de JEHOVAH, este! Porventura é roubando, matando, e adulterando e jurando com mentiras que vireis depois e vos poreis diante de Mim, nesta casa que se chama pelo Meu Nome, e direis: Fomos resgatados, enquanto fazes tais abominações? Porventura esta casa se tornou caverna de ladrões...? Também eis que Eu vi, palavra de JEHOVAH” (Jr. 7:2-4,9-11).

XII. Ninguém pode fugir dos males como pecados, até ao ponto de ter interiormente aversão por eles, a não ser por combates contra eles.

92. Pela Palavra e pela doutrina tirada da Palavra, qualquer um sabe que o *proprium* do homem é mal por nascimento e assim é que, por uma concupiscência inata, ele ama os males e é levado a eles, de modo que quer vingar-se, quer fraudar, quer difamar e quer adulterar. E, se não considera que tais coisas são pecados e, por esse motivo, não resiste a elas, ele as pratica todas as vezes que a ocasião se apresentar e a sua reputação não sofrer em relação à honra ou ganho. Acresce que

o homem as pratica por prazer, se não houver religião nele.

93. Como esse *proprium* do homem constitui a primeira raiz de sua vida, vê-se qual árvore seria o homem, se essa raiz não fosse extirpada e uma nova raiz não fosse implantada: seria a árvore podre que deve ser cortada e lançada no fogo, segundo o que se diz em *Mateus 3:10; 7:19*. Essa raiz não é extirpada e uma nova não é colocada em seu lugar, a não ser se o homem considerar os males que formam essa raiz como danosos para sua alma e queira, em razão disso, desviar-se deles. Mas como eles pertencem a seu *proprium* e, portanto, são prazeres, não pode desviar-se deles senão como contra si próprio, com luta e, assim, com combate.

94. Todo homem que crê que há um inferno e um céu, e que o céu é uma eterna felicidade e o inferno uma eterna infelicidade, e crê que para o inferno vão os que praticam os males e para o céu os que praticam os bens, esse homem combate. E quem combate opera pelo interior e contra a concupiscência mesma que constitui a raiz do mal. Porque aquele que combate contra alguma coisa não quer essa tal coisa, e cobiçar é querer. Assim, é evidente que a raiz do mal não é tirada senão pelo combate.

95. Quanto mais, pois, alguém combate e, assim, afasta o mal, mais o bem toma o lugar do mal e mais vê, pelo bem, a face do mal, e então vê que é infernal e horrendo. E, por ser tal, não só foge dele, mas também o tem em aversão e finalmente o abomina.

96. O homem que combate contra os males não pode deixar de combatê-los como por si próprio, porque aquele que não combate como por si mesmo, não combate, mas é qual um autômato que nada vê e nada faz; e, de conformidade com o mal, pensa continuamente a favor do mal e não contra o mal. Mas cumpre bem saber que só o Senhor é Quem combate no homem contra os males; ao homem somente parece que combate por si mesmo. E o Senhor quer que isso assim pareça ao homem porque, sem essa aparência, não há combate e, por conseguinte, não há reforma.

97. Esse combate não é grave senão para aqueles que soltaram todos os freios às concupiscências e a elas se entregaram de propósito e, também, para os que repudiaram com obstinação as coisas santas da Palavra e da igreja. Mas para os outros não é grave. Que eles resistam aos males na intenção, ao menos uma vez por semana, ou duas vezes por mês, e perceberão uma mudança.

98. A igreja cristã é chamada igreja combatente e somente ela

pode ser chamada combatente contra o diabo, assim, contra o que procede do inferno. O inferno é o diabo. Esse combate é a tentação que o homem da igreja sofre.

99. Desses combates contra os males, que são as tentações, trata-se em muitas passagens da Palavra. São entendidos por estas palavras do Senhor:

“Eu vo-lo digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, ele permanece só; mas se morrer, produz muito fruto.” (Jo. 12:24).

Também por estas:

“Qualquer que quiser vir após Mim, renuncie a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-Me. Qualquer... que quiser salvar a sua alma, perdê-la-á, mas quem perder a sua alma por causa de Mim e por causa do Evangelho, esse a salvará” (Mc. 8:34,35);

pela “cruz” se entende a tentação (como também em *Mt.10:38, 16:24, Mc. 10:21, Lc.14:27*). Pela “alma” se entende a vida do *proprium* do homem (como também em *Mt. 10:39, 16:25, Lc. 9:24* e sobretudo em *Jo. 12:25*), a qual é também a vida da “carne”, que “para nada aproveita.” (*Jo. 6:63*). É dos combates contra os males e das vitórias sobre eles que o Senhor fala a todas as igrejas no *Apocalipse*. À Igreja de Éfeso:

“Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus” (Ap. 2:7).

À Igreja em Smirna:

“O que vencer não receberá dano da segunda morte” (Ap. 2:11).

À Igreja em Pérgamo:

“Ao que vencer dar-lhe-ei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei um seixo branco, e no seixo um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe” (Ap. 2:17).

À Igreja em Tiatira:

“Ao que vencer e conservar até ao fim as Minhas obras, dar-lhe-ei poder sobre as nações; ... e a estrela matutina” (Ap. 2:26,28).

À Igreja em Sardes:

“O que vencer será vestido de vestes brancas, e não riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos” (Ap. 3:5).

À Igreja em Filadélfia:

“A quem vencer, fã-lo-ei coluna no templo de Meu Deus, e escreverei sobre ele o Nome de Deus, e o nome da cidade de Deus, a Nova Jerusalém, que de Deus desce do céu ...e o meu novo Nome” (Ap. 3:12).

À Igreja em Laodicéia:

“Ao que vencer, dar-lhe-ei que se assente comigo em Meu trono” (Ap. 3:21).

100. Desses combates, que são as tentações, vide o que se tratou especialmente na *Doutrina da Nova Jerusalém*, publicada em Londres, no ano de 1758, n. 187-201; de onde vêm e quais são, n. 196, 197; como e quando se efetuam, n. 198; que bem produzem, n. 199; que o Senhor combate pelo homem, n. 200; dos combates ou tentações do Senhor, n. 201.

XIII. O homem deve fugir dos males como pecados e combater contra eles como por si mesmo.

101. É da Ordem Divina que o homem aja pelo livre segundo a razão, porquanto agir pelo livre segundo a razão é agir por si mesmo. Mas estas duas faculdades, o livre [ou liberdade] e a razão, não são próprias do homem: pertencem ao Senhor no homem e, enquanto ele for homem, não lhe são tiradas, visto que sem elas não pode ser reformado, porque sem elas não pode fazer penitência, não pode combater contra os males, nem produzir, por conseguinte, frutos dignos da penitência. Ora, como o homem tem a liberdade e a razão pelo Senhor e por essas o homem age, segue-se que ele age não por si, mas como por si. Que o homem seja livre pelo Senhor, vide acima (n. 19, 20) e na obra d’*O Céu e o Inferno*, n. 589-596 e 597-603. E o que é o livre, vide na *Doutrina da Nova Jerusalém* publicada em Londres em 1758, n. 141 a 149.

102. O Senhor ama o homem e quer habitar nele; mas não pode amá-lo nem habitar nele, exceto se for recebido e reciprocamente amado. É daí, e não de outra parte, que há a conjunção. O Senhor, por esta causa, deu ao homem a liberdade e a razão: a liberdade de pensar e de querer como por si mesmo e a razão segundo a qual o faça. Não é possível amar alguém nem ser-lhe conjunto se não houver nele o recíproco. E não é possível entrar em alguém nem permanecer nele se não houver recepção. Como a recepção e a reciprocidade estão no homem pelo Senhor, por isso o Senhor disse:

“Permaneeci em Mim, e Eu em vós” (Jo. 15:4);

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse produz muito fruto” (Jo. 15:5);

“Nesse dia conhecereis que vós estais em Mim, e Eu em vós” (Jo. 14:20).

Que o Senhor esteja nos veros e nos bens que o homem recebe e estão no homem, Ele o ensina também:

“Se permanecerdes em Mim, e Minhas palavras permanecerem em vós... Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor” (Jo. 15:7,10);

“Aquele que tem os Meus mandamentos e os faz, esse é o que Me ama, e Eu o amarei, e nele habitarei” (Jo. 21:23).

Assim, o Senhor habita naquilo que Lhe pertence no homem e o homem habita nas coisas que procedem do Senhor, assim, no Senhor.

103. Visto que há no homem, pelo Senhor, esse recíproco e esse alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o Senhor diz que o homem deve fazer penitência. E ninguém pode fazer penitência senão como por si mesmo.

Jesus disse: “Se não fizerdes penitência, vós todos perecereis” (Lc. 13:3, 5);

Jesus disse: “O reino de Deus está próximo, fazei penitência... crede no Evangelho” (Mc. 1:14, 15);

Jesus disse: “Vim para chamar... os pecadores à penitência” (Lc. 5:32).

Jesus disse às Igrejas: “Fazei penitência” (Ap. 2:5, 16, 21, 22; 3:3).

Depois também:

“Não fizeram penitência de suas obras” (Ap. 16:11).

104. Como há no homem, pelo Senhor, esse recíproco e esse alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o Senhor disse que o homem deve cumprir os preceitos e produzir frutos:

“Por que... Me chamais Senhor, Senhor! e não fazeis o que Eu digo?” (Lucas 6:46-49);

“Se sabeis estas coisas, felizes sois, se as fizerdes” (Jo. 13:17);

“Meus amigos sois, se fizerdes o que vos mando” (Jo. 15:14);

“Aquele que faz e ensina, será chamado grande no reino dos céus” (Mt. 5:19).

“Todo aquele... que escuta as Minhas palavras e as pratica, compará-lo-ei a um homem prudente” (Mt. 7:24);

“Produzi frutos dignos da penitência” (Mt. 3:8);

“Fazei a árvore boa, e seu fruto bom” (Mt. 12:33);

“O reino... será dado a uma nação que produz seus frutos” (Mt. 21:43);

“Toda árvore que não produz frutos... é cortada e lançada no fogo” (Mt. 7:19).

E em muitos outros lugares. Pelo que se torna evidente que o homem deve fazer por si mesmo, mas pelo poder do Senhor, o qual ele deve implorar, e isso é fazer como por si mesmo.

105. Como há no homem, pelo Senhor, o recíproco e o alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o homem prestará conta de suas obras e segundo elas será retribuído, porque o Senhor disse:

“Virá... o Filho do homem... e dará a cada um segundo os seus feitos” (Mt. 16:27).

“Os que tiverem feito os bens sairão em ressurreição de vida; e os que tiverem feito os males, em ressurreição de juízo” (Jo. 5:29);

“As suas obras seguem com eles” (Ap. 14:13);

“Todos foram julgados segundo as suas obras” (Ap. 20:13);

“Eis, venho... e a Minha recompensa comigo, para dar a cada um segundo a sua obra” (Ap. 22:12).

Se não houvesse o recíproco no homem, não haveria imputação alguma.

106. Como a recepção e o recíproco estão no homem, por isso a igreja ensina que o homem deve se examinar, confessar seus pecados diante de Deus, desistir deles e viver uma nova vida. Que toda igreja no mundo cristão ensine isso, é o que se viu acima (n. 3-8).

107. Se não houvesse recepção da parte do homem, e, então, o pensamento como se procedendo dele, não se poderia dizer coisa alguma da fé, pois a fé não vem tampouco do homem. De outro modo, o homem seria como a palha ao vento e como que inanimado, com a boca aberta e as mãos pendidas, esperando o influxo, nada pensando e nada fazendo quanto às coisas que pertencem à sua salvação. A verdade é que nada faz a respeito delas, mas, no entanto, reage como por si mesmo. Mas essas coisas serão referidas sob luz ainda mais clara no tratado sobre a *Sabedoria Angélica*.

XIV. Se alguém fugir dos males por qualquer outra causa que não seja porque são pecados, não foge deles, mas somente faz com que não apareçam diante do mundo.

108. Há homens morais que observam os preceitos da segunda tábua do Decálogo: não fraudam, não blasfemam, não se vingam, não adulteram; e os que dentre eles confirmam que esses são males porque são danosos à causa pública e, por conseguinte, contrários às leis da humanidade, esses exercem a caridade, a sinceridade, a justiça e a castidade. Mas se praticam esses bens e fogem desses males somente porque são males e não ao mesmo tempo porque são pecados, eles são, contudo, meramente naturais. E nos homens meramente naturais a raiz do mal permanece implantada e não é removida. Por isso, os bens que eles fazem não são bens, porque os fazem por si próprios.

109. O homem moral natural pode parecer, diante dos homens no mundo, inteiramente semelhante ao homem moral espiritual, mas não diante dos anjos no céu. Diante dos anjos, no céu, ele aparece, se está nos bens, como uma imagem de madeira, e, se está nos veros, como uma imagem de mármore, nas quais não há vida. É diferente com o homem moral espiritual, porque o homem moral natural é um moral externo e o homem moral espiritual é um moral interno; e o externo sem o interno não vive. Vive, é certo, mas não a vida que se chama vida.

110. As concupiscências do mal, que constituem os interiores do homem por nascimento, não são removidas senão pelo Senhor, somente, pois o Senhor influi pelo espiritual no natural, mas o homem influi por si mesmo pelo natural no espiritual e esse influxo é contra a ordem e não opera nas concupiscências nem as remove, mas as encerra cada vez mais estreitamente conforme ele se confirma. E como o mal hereditário fica assim latente e encerrado, esse mal, depois da morte, quando o homem se torna espírito, rompe a cobertura com que foi velado no mundo e explode como pus de uma úlcera curada somente no exterior.

111. Há muitas e variadas causas que fazem com que o homem seja moral na forma externa, mas, se não se torna moral também na interna, não é realmente moral. Por exemplo, se alguém se abstém dos adultérios e das escortações por temor da lei civil e de suas penas;

pelo temor da perda da reputação e, daí, da honra; pelo temor das enfermidades provenientes; pelo temor das querelas no lar com a esposa e, daí, de perder a tranqüilidade da vida; pelo temor da vingança do marido ou dos parentes; por indigência ou por avareza; por debilidade proveniente ou da doença, ou do abuso ou da velhice, ou da impotência; se mesmo se abstém por causa de alguma lei natural ou moral, e não ao mesmo tempo por uma lei espiritual, ele, todavia, não passa de um adúltero e devasso interior. Com efeito, crê, não obstante, que esses males não são pecados e, por conseguinte, não os considera ilícitos em seu espírito, diante de Deus. E assim, em seu espírito os comete, ainda que não os cometa no corpo, diante do mundo. Por isso, após a morte, quando se torna espírito, fala abertamente a favor desses males. Por aí é evidente que um ímpio pode fugir dos males como coisas danosas, mas só um cristão pode fugir dos males como pecados.

112. Acontece coisa semelhante com os roubos e as fraudes de todo gênero, com os homicídios e as vinganças de todo gênero e com os falsos testemunhos e as mentiras de todo gênero. Ninguém pode limpar-se deles nem purificar-se por si próprio, porque há inerente em cada concupiscência uma infinidade de coisas que o homem não vê senão como uma só e simples coisa, mas o Senhor vê singularíssimos em toda série. Em uma palavra, o homem não pode regenerar-se por si mesmo, isto é, formar em si um novo coração e um novo espírito: só o Senhor o pode, porque Ele é o Reformador mesmo e o Regenerador mesmo. Por isso, se o homem quiser tornar-se novo por sua própria prudência e inteligência, é somente como aquele que põe uma pintura sobre um rosto disforme, ou que esfrega linimento sobre uma parte interiormente infectada de putrefação.

113. É por esta razão que o Senhor diz em *Mateus*:

“Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o seu exterior fique limpo” (23:26);

E em *Isaías*:

“Lavai-vos, purificai-vos, e afastai a malícia de vossas obras de diante de Meus olhos; cessai de fazer o mal; ... E ainda que os vossos pecados fossem como o escarlate, como a neve se tornarão brancos; se vermelhos fossem como a púrpura, como a lã serão” (1:16, 18).

114. Às coisas que foram ditas acima, serão acrescentadas estas: I. Que a caridade cristã consiste em que cada um aja fielmente em sua função, porque, assim, se fugir dos males como pecados, pratica os

bens quotidianamente, e ele mesmo é seu uso no corpo comum. Assim, serve também a todos em geral e a cada um em particular. II. Que todas as outras coisas não são propriamente obras da caridade: elas são unicamente sinais, ou benefícios, ou deveres da caridade.

Doutrina da Fé

(Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Fé)

Emanuel Swedenborg

Publicado originalmente em latim

Amsterdã, 1763

Edições das Doutrinas Celestes da Nova Jerusalém

Dezembro 2006

I. A fé é o reconhecimento interno do vero

1. Hoje, por “fé” não se entende outra coisa senão o pensamento de que algo é assim porque a igreja o ensina e porque não é evidente ao entendimento. Pois se diz: “Crê, e não duvida”. Se se responde: “Não compreendo isso”, diz-se que por isso mesmo é que se deve crer. Por esse motivo, a fé de hoje é uma fé no desconhecido e pode ser chamada fé cega. E, visto que é um ditame interno de alguém em outrem, é uma fé histórica. Que essa não seja a fé espiritual, ver-se-á na seqüência.

2. A fé mesma não é outra coisa senão o reconhecimento de que algo é assim porque é um vero. Com efeito, quem está nessa fé pensa e fala assim: “Isso é um vero, por isso o creio”, porque a fé pertence ao vero e o vero pertence à fé. Esse, também, se não compreende que é um vero, diz: “Não sei se é vero, por isso ainda não creio. De que maneira creia naquilo que não compreendo? Pode, talvez, ser um falso”.

3. Mas o dito comum é que ninguém pode compreender as coisas espirituais ou teológicas porque são sobrenaturais. Entretanto, os veros espirituais podem ser compreendidos do mesmo modo que os veros naturais e, se não são compreendidos claramente, pelo menos caem na percepção se são veros ou não quando ouvidos, ainda mais naqueles que são tocados pelos veros. Isso me foi dado saber por muita experiência. Foi-me dado falar com ignorantes, com obscuros, com estúpidos, como também com os que estiveram nos falsos e com os que estiveram nos falsos e nos males, os quais nasceram na igreja a ouvirem alguma coisa sobre o Senhor, sobre a fé e a caridade. Foi-me concedido falar-lhes arcanos da sabedoria e eles compreenderam e reconheceram todas as coisas. Mas estavam, então, na luz do entendimento que existe em todo homem e, ao mesmo tempo, na glória de que eram inteligentes. Mas estas coisas aconteceram na interação com os espíritos. Por elas, muitos dos que estavam comigo se convenceram de que as coisas espirituais podem ser compreendidas igualmente às naturais, mas quando são ouvidas ou lidas, porém dificilmente pelo homem mesmo quando pensa por si. A razão por que as coisas espirituais são compreendidas é porque o homem pode ser elevado à luz do céu quanto ao entendimento e nessa luz não aparecem senão coisas espirituais que são os veros da fé, pois a luz do

céu é a luz espiritual.

4. Segue-se, assim, que o reconhecimento interno do vero está naqueles que estão na afeição espiritual do vero. Visto que os anjos estão nessa afeição, por isso rejeitam completamente o dogma de que o entendimento deve estar sob a obediência da fé, pois dizem: “O que é crer e não ver se é verdadeiro?” E se alguém diz que ainda assim se deve crer, respondem: “Não te achas um deus em quem eu deva crer? Ou serei insensato para crer no que não vejo ser um vero? Faz que seja assim, para que eu veja.” Esse dogmático então se retira. A sabedoria angélica consiste unicamente em que vêem e compreendem aquilo em que pensam.

5. Existe uma idéia espiritual – da qual poucos conhecem alguma coisa – que influi naqueles que estão na afeição do vero e lhes dita interiormente se é vero ou não aquilo que é lido ou ouvido. Acham-se nessa idéia aqueles que estão na iluminação pelo Senhor quando lêem a Palavra. Estar na iluminação não é outra coisa senão estar na percepção e, assim, no reconhecimento interno de que isso ou aquilo é verdadeiro. São esses que são chamados “ensinados de JEHOVAH” (*Is. 54:13; Jo. 6:45*) e de quem se diz em *Jeremias*:

“Eis que dias vêm... em que estabecerei... uma nova aliança... Essa aliança será... Porei Minha lei em seu meio, e sobre o seu coração a escreverei... e não ensinarão mais o varão a seu companheiro, nem o varão a seu irmão, dizendo: Conhece JEHOVAH, porque todos Me conhecerão” (*Jr. 31:31, 33, 34*).

6. Por aí se torna evidente que a fé e a verdade são uma coisa só. Por isso, também, os antigos, que, pela afeição, estiveram no pensamento dos veros mais do que os contemporâneos, em vez de “fé” disseram “verdade”. Assim é, também, que na língua hebraica verdade e fé são um só vocábulo que se chama ‘amuna’ ou ‘amém’.

7. Que o Senhor tenha mencionado a fé nos Evangelhos e no *Apocalipse* foi porque os judeus não acreditaram ser verdade que Ele era o Messias predito pelos profetas; e onde não se crê na verdade aí se diz “fé”. Mas uma coisa é ter fé e crer no Senhor e outra coisa é ter fé e crer em outrem. Abaixo se falará dessa diferença.

8. A fé separada da verdade entrou na igreja e a invadiu com o domínio papal, porque a principal salvaguarda dessa religião era a ignorância do vero. Por isso a leitura da Palavra foi também proibida, senão não poderiam ser adorados como deuses nem os seus santos serem invocados; tampouco poderiam introduzir ídolos como

cadáveres, ossos e sepulcros daqueles que acreditavam serem santos e, assim, obterem lucro. Por aí se torna evidente quão enormes falsidades a fé cega pode produzir.

9. A fé cega também permaneceu depois em muitos reformados, pelo fato de terem separado da fé a caridade; e os que separam esta daquela não podem deixar de estar na ignorância do vero e chamar de fé ao pensamento que foi assim separado do reconhecimento interno de que algo é assim. Neles, a ignorância é a salvaguarda do dogma, pois, enquanto a ignorância reina com a persuasão de que as coisas teológicas são transcendentais, eles podem falar sem serem contraditados, crer que aquelas coisas são verdadeiras e que eles mesmos as entendem.

10. O Senhor disse a Tomé:

“Porque Me viste, Tomé, creste. Bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo. 20:29),

Pelo que se entende não a fé separada do reconhecimento interno do vero, mas, sim, que são bem-aventurados aqueles que não viram o Senhor com os olhos, como Tomé, e, todavia, creram que Ele é. Com efeito, isso está na luz da verdade oriunda da Palavra.

11. Visto que o reconhecimento interno da verdade é a fé, e a fé e a verdade são uma só coisa (como se disse acima, n. 2, 4-6), segue-se que o reconhecimento externo sem o interno não é fé e tampouco é fé a persuasão do falso. O reconhecimento externo sem o interno é a fé no desconhecido, e a fé no desconhecido é somente uma ciência pertencente à memória que, se confirmada, torna-se persuasão. E aqueles que se acham nessa fé no desconhecido e nessa persuasão pensam que algo é vero porque alguém assim o disse, ou pensam que é um vero pela confirmação. E, todavia, o falso pode ser confirmado igualmente ao vero e, às vezes, mais firmemente. Por pensar que algo é vero pela confirmação entende-se pensar que o que foi dito por outrem é um vero e não examinar isso antes, mas somente confirmá-lo.

12. Se alguém pensar consigo mesmo, ou disser a um outro: “Quem pode ter o reconhecimento interno da verdade que é a fé? Eu não posso”, eu lhe direi: “Foge dos males como pecados, vai ao Senhor e terás o quanto desejares”. Que aquele que foge dos males como pecados esteja no Senhor, veja-se na *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém* (n. 18-31); que esse ame o vero e o veja, n. 32-41; e que esse tenha a fé, n. 42-52.

II. O reconhecimento interno do vero, que é a fé, não existe senão nos que estão na caridade

13. Acima se disse o que é a fé; aqui se dirá o que é a caridade. A caridade, em sua primeira origem, é a afeição do bem; e como o bem ama o vero, essa [afeição do bem] produz a afeição do vero e, por esta, o reconhecimento do vero que é a fé. Por elas, em sua série, a afeição do vero existe e se torna caridade. Esta é a progressão da caridade desde a sua origem, que é a afeição do bem, por meio da fé, que é o reconhecimento do vero, até o seu fim, que é a caridade. O fim é a ação. Por aí é evidente de que maneira o amor, que é a afeição do bem, produz a fé, que é a mesma coisa que o reconhecimento do vero, e, por esta, produz a caridade, que é a mesma coisa que a ação do amor por meio da fé.

14. Para falar mais claramente: o bem não é outra coisa senão o uso; por isso a caridade, em sua primeira origem, é a afeição do uso. E como o uso ama os meios, produz a afeição dos meios, de que vem o conhecimento destes e, por estes, em sua série, a afeição do uso existe e se torna caridade.

15. A progressão destes é exatamente como a progressão de todas as coisas da vontade, por meio do entendimento, nas ações do corpo. A vontade nada produz sem o entendimento, nem o entendimento produz coisa alguma de si sem a vontade. Agem em conjunto para que algo exista ou, o que é a mesma coisa, a afeição que é da vontade nada produz por si mesma senão por meio do pensamento que é do entendimento, nem vice-versa. Agem em conjunto para que algo exista. Examina tu se podes pensar, se removeres do pensamento a afeição que é de algum amor. Ou, se da afeição removeres o pensamento, podes ser afetado por alguma coisa? Ou, o que é o mesmo, se do pensamento removeres a afeição, podes falar? Ou se da afeição removeres o pensamento ou o entendimento, podes fazer alguma coisa? Dá-se de modo semelhante com a caridade e a fé.

16. Essas coisas podem ser ilustradas por uma comparação com a árvore. A árvore, em sua primeira origem, é a semente em que está o esforço de produzir fruto. Esse esforço, estimulado pelo calor, primeiro produz a raiz; por ela, a vara ou o caule com os ramos e folhas e, finalmente, o fruto. Assim existe o esforço de frutificar, pelo que é evidente que o esforço de produzir frutos é perpétuo em toda a

progressão até que exista, pois, se faltasse, a faculdade de vegetar imediatamente pereceria. A aplicação disso é: a árvore é o homem; o esforço de produzir os meios está no homem pela vontade no entendimento; a vara ou caule com os ramos e folhas são, no homem, os meios pelos quais age, que se chamam veros da fé; os frutos, que são, na árvore, o último do efeito de frutificar, são os usos no homem; nesses é que a vontade existe. Por aí se pode ver que a vontade de produzir usos por meio do entendimento é perpétua em toda progressão até que exista. Sobre a vontade e o entendimento, como também sobre a sua conjunção, veja-se a *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém* (n. 43).

17. Pelo que agora se disse é evidente que a caridade, enquanto for a afeição do bem ou uso, produz a fé como meio pelo qual exista. Conseqüentemente, a caridade e a fé, na operação do uso, agem em conjunto. Também é evidente que a fé não produz por si mesma o bem ou o uso, mas pela caridade, pois a fé é a caridade nos meios. Assim, é uma falácia dizer que a fé produz o bem como a árvore produz o fruto. A árvore não é a fé; a árvore é o homem.

18. Deve-se saber que a caridade e a fé fazem um assim como a vontade e o entendimento, porque a caridade pertence à vontade, e a fé pertence ao entendimento. Semelhantemente, a caridade e a fé fazem um assim como a afeição e o pensamento, porque a afeição pertence à vontade e o pensamento ao entendimento. Semelhantemente, a caridade e a fé fazem um assim como o bem e o vero, porque o bem pertence à afeição, que é da vontade, e o vero pertence ao pensamento, que é do entendimento. Numa palavra, a caridade e a fé fazem um assim como a essência e a forma, porque a essência da fé é a caridade e a forma da caridade é a fé. Por essas explicações é evidente que a fé sem a caridade é como a forma sem a essência, que não é coisa alguma; e a caridade sem a fé é como a essência sem a forma, que também não é coisa alguma.

19. A caridade e a fé, no homem, são absolutamente como os movimentos do coração, que se chamam sístole e diástole, e o movimento do pulmão, que se chama respiração. Também existe uma plenária correspondência deles com a vontade e o entendimento do homem, portanto, com a caridade e a fé. Por isso, também, a vontade e sua afeição são entendidos, na Palavra, por “coração” e o entendimento e seu pensamento são entendidos, na Palavra, por “alma” e também “espírito”. Assim, “entregar a alma” é quando ela não mais anima o corpo, e “entregar o espírito” é não mais respirar. Disso se segue que não pode haver fé sem caridade nem caridade sem

fê. E a fê sem caridade é como a respiração pulmonar sem o coração, que não pode haver em ser vivo algum, mas somente num autômato. E a caridade sem a fê é como o coração sem o pulmão, do que não se sente o que é vivo. Conseqüentemente, a caridade opera o uso por meio da fê, assim como o coração produz a ação por meio do pulmão. Há tanta semelhança entre o coração e a caridade, como também entre o pulmão e a fê, que, no mundo espiritual, cada um é conhecido em que fê está apenas pela respiração, e em que caridade está apenas pelo batimento do coração. Com efeito, os anjos e espíritos vivem, igualmente aos homens, pelo coração e pela respiração. Por isso é que eles sentem, pensam, agem e falam, semelhantemente aos homens no mundo.

20. Visto que a caridade é o amor para com o próximo, também se dirá o que é o próximo. O próximo, no sentido natural, é o homem no coletivo e no individual. O homem no coletivo é a igreja, a pátria e a sociedade; e o homem no individual é o concidadão que, na Palavra, se chama “irmão” e “amigo”. Mas, no sentido espiritual, o próximo é o bem. E como o uso é o bem, o próximo, no sentido espiritual, é o uso. Que o uso seja o próximo espiritual, qualquer um o reconhece, pois quem ama o homem somente quanto à pessoa? Mas ama-o pelo que está nele, pelo que é, assim, por sua qualidade, pois que ela é o homem. Essa qualidade que é amada é o uso e se chama bem; assim, esse é o próximo. Visto que a Palavra é espiritual em seu seio, conseqüentemente isso é amar o próximo no seu sentido espiritual.

21. Mas uma coisa é amar o próximo pelo bem ou uso nele para consigo e outra coisa é amar o próximo pelo bem ou uso em si, para com o próximo. O mau também pode amar o próximo pelo bem ou uso nele para consigo, mas somente o bom pode amar o próximo pelo bem ou uso em si, para com o próximo, pois esse ama o bem pelo bem ou ama o uso pela afeição do uso. A diferença entre um e outro é descrita pelo Senhor em *Mateus (cap. 5:42-47 e seq.)*. Muitos dizem: “Amo aquele porque me ama e me faz bem”, todavia, amá-lo somente por causa de si não é amá-lo interiormente a não ser que esteja no bem e, por este, ame o seu bem. Este está na caridade, mas aquele está na amizade, que não é caridade. Aquele que pela caridade ama o próximo conjunta-se com o seu bem e não com a pessoa, a não ser o quanto e enquanto está no bem. Esse é espiritual e ama espiritualmente o próximo. Mas quem ama o outro somente pela amizade conjunta-se com a pessoa e, então, com o seu mal ao mesmo tempo. Esse, depois da morte, dificilmente pode ser separado da pessoa que está no mal, mas o outro o pode. A caridade faz isso por meio da fê, que é a

verdade. E o homem que está na caridade examina pela verdade, vê o que deve ser amado e, amando e beneficiando, tem em vista a qualidade do uso do outro.

22. O amor ao Senhor é propriamente o amor, e o amor para com o próximo é a caridade. No homem não existe amor ao Senhor senão na caridade; é nela que o Senhor se conjunta ao homem. Como a fé em sua essência é a caridade, segue-se que ninguém pode ter a fé no Senhor se não estiver na caridade; por esta há a conjunção por meio da fé: pela caridade, conjunção do Senhor com o homem e, pela fé, conjunção do homem com o Senhor. Que a conjunção seja recíproca, veja-se na *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém* (n. 102-107).

23. Em suma, quanto mais alguém foge dos males como pecados e tem em vista o Senhor, mais está na caridade e, por conseguinte, mais está na fé. Que quanto mais alguém fuja dos males como pecados e tenha em vista o Senhor mais esteja na caridade, veja-se na *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém*, n. 67-73 e, depois, n. 74-91; e mais tenha fé, n. 42-52. O que é caridade no sentido próprio, veja-se no n. 114 naquela obra.

24. De tudo o que até aqui foi dito, pode-se ver que a fé salvífica, que é o reconhecimento interno do vero, só pode existir naqueles que estão na caridade e não em outros.

III. Os conhecimentos do vero e do bem não são da fé antes de o homem estar na caridade, mas são a despensa de que a fé da caridade pode ser formada.

25. Desde a primeira infância o homem tem afeição de saber; aprende por ela muitas coisas que lhe serão de uso e muitas que não terão uso. Quando cresce, pela aplicação a algum negócio adquire as coisas que são do assunto do negócio; isso, então, torna-se uso para ele, pelo que é afetado. Assim começa a afeição do uso que produz a afeição dos meios pelos quais vem ao seu negócio, que é seu uso. Essa progressão existe em cada um no mundo, porque para cada um existe um negócio pelo qual avança do uso que é do fim, pelos meios, até o uso mesmo que é o efeito. Mas como esse uso com os seus meios é para a vida no mundo, sua afeição é natural.

26. Como, porém, todo homem tem em vista não só os usos para a

vida no mundo, mas também deve ter em vista os usos para a vida no céu (porque virá a essa vida após a vida no mundo e nela viverá eternamente), por isso cada um, desde a infância, adquire para si conhecimentos do vero e do bem pela Palavra, pela doutrina da igreja ou pelas pregações, que serão para aquela vida; ele as deposita na memória natural em maior ou menor quantidade segundo a afeição inata de saber, que é aumentada por vários estímulos.

27. Mas todos esses conhecimentos, quaisquer que sejam e quantos sejam, são somente uma despesa de que a fé da caridade pode ser formada. E essa fé não é formada senão na medida em que se foge dos males como pecados. Se foge dos males como pecados, então esses conhecimentos se tornam da fé que tem em si a vida espiritual. Se, porém, não foge dos males como pecados, esses conhecimentos não são mais do que conhecimentos e não se tornam da fé que tem em si alguma vida espiritual.

28. Essa despesa é de máxima necessidade, porque sem ela a fé não pode ser formada, pois os conhecimentos do vero e do bem entram e fazem a fé. Se forem nulos, a fé não existe. Fé inteiramente vácuca e vazia não existe. Se os conhecimentos forem poucos, a fé se torna pequena e indigente; se forem muitos, a fé se enriquece e se completa segundo a quantidade.

29. Deve-se saber, porém, que os conhecimentos do vero e do bem genuíno não fazem a fé; e tampouco a fazem, absolutamente, os conhecimentos do falso, porque a fé é a verdade, como acima se disse (n. 5-11), e a falsidade, por ser oposta à verdade, destrói a fé. Tampouco a caridade existe onde há meras falsidades, porque (como foi dito acima, n. 19), caridade e fé fazem um, assim como o bem e o vero fazem um. Assim, segue-se também que nulos conhecimentos do vero e do bem genuínos fazem a fé nula; poucos conhecimentos fazem alguma fé, e muitos, uma fé iluminada segundo a plenitude. Qual é, no homem, a fé proveniente da caridade, tal é sua inteligência.

30. Também existem muitos que não têm reconhecimento interno do vero e, todavia, têm a fé da caridade. São aqueles que na vida tiveram em vista o Senhor e pela religião evitaram os males, porém foram impedidos de pensar nos veros pelos cuidados no mundo como também pela ausência do vero nos instrutores. Contudo, interiormente ou em seu espírito, estão no reconhecimento do vero, porque estão em sua afeição. Por isso, após a morte, quando se tornam espíritos e são instruídos pelos anjos, reconhecem os veros e os recebem com alegria. Mas é diferente com aqueles que em vida não tiveram em vista o

Senhor e não evitaram os males pela religião. Esses não estão interiormente, ou em seu espírito, em afeição alguma do vero e, por isso, em reconhecimento algum do vero. Esses, por conseguinte, após a morte, quando se tornam espíritos e são instruídos pelos anjos, não querem reconhecer os veros e, por isso, não os recebem, porque o mal da vida odeia interiormente os veros, mas o bem da vida os ama interiormente.

31. Os conhecimentos do vero e do bem que precedem a fé parecem, para alguns, que são da fé, todavia não o são. O fato de acharem e dizerem que crêem nem por isso faz com que creiam. Tampouco pertencem à fé, pois são apenas do pensamento de que são assim, mas não do reconhecimento interno de que são verdades. E a fé de que são verdades quando não se sabe se são é uma espécie de persuasão removida do reconhecimento interno. Mas, tão logo a caridade é implantada, então esses conhecimentos se tornam da fé, porém não além da medida em que a caridade está presente. No primeiro estado, antes de a caridade ser percebida, parece-lhes que a fé está em primeiro lugar e a caridade em segundo. Mas, no segundo estado, quando a caridade é percebida, a fé passa para o segundo lugar e a caridade para o primeiro. O primeiro estado se chama reforma e o segundo estado se chama regeneração. Quando o homem está no segundo estado, então a sabedoria aumenta nele dia a dia, e dia a dia o bem multiplica os veros e os frutifica. O homem é, então, como a árvore, que dá fruto e no fruto põe a semente, dos quais nascem novas árvores e, finalmente, o horto. Torna-se, então, verdadeiramente homem e, depois da morte, anjo, cuja caridade faz a vida e cuja fé faz a forma, bela segundo a sua qualidade. Mas, então, a fé não se chama mais fé, mas inteligência. Por aí se pode ver que tudo o que é da fé provém da caridade e nada de si mesmo. Vê-se, também, que então a caridade produz a fé e não a fé a caridade. Os conhecimentos do vero que precedem são absolutamente como uma despensa no armazém, que não nutre o homem a não ser que tenha apetite e dali tome o grão.

32. Também se dirá de que maneira a fé se forma pela caridade. Existe em cada homem uma mente natural e uma mente espiritual; a mente natural é para o mundo e a mente espiritual é para o céu. O homem está em uma e outra quanto ao entendimento, mas não quanto à vontade antes de fugir dos males como pecados e lhes ter aversão. Quando, porém, faz isso, sua mente espiritual é então aberta também para a vontade. Sendo aberta, dali influi na mente natural o calor espiritual do céu, calor esse que em sua essência é a caridade, e vivifica os conhecimentos do vero e do bem que se acham ali e dos

quais se forma a fé. Isso sucede também como com a árvore, que não recebe vida vegetativa alguma antes de o calor influir do sol e conjuntar-se com a luz, como ocorre na estação da primavera. Existe, também, um paralelismo pleno entre a vivificação do homem e a vegetação da árvore, pelo fato de esta se fazer pelo calor do mundo e aquela pelo calor do céu. Também por isso o Senhor comparou tantas vezes o homem à árvore.

33. Por esses poucos exemplos pode-se ver que os conhecimentos do vero e do bem não são da fé antes de o homem estar na caridade, mas que são a despesa de que a fé da caridade pode ser formada. Os conhecimentos se tornam veros no regenerado, assim como os conhecimentos do bem, pois o conhecimento do bem está no entendimento, mas a afeição do bem está na vontade; chama-se vero àquilo que está no entendimento e bem àquilo que está na vontade.

IV. A fé cristã na forma universal

34. A fé cristã na forma universal é esta: “Que o Senhor de eternidade, que é JEHOVAH, veio ao mundo para subjugar os infernos e glorificar Seu Humano; sem isso, nenhum dos mortais poderia ser salvo; e são salvos os que crêem n'Ele”

35. Diz-se na forma universal, porque esse é o universal da fé, e o universal da fé é o que deve estar em todas e cada uma das coisas. É um universal da fé que Deus é Um em pessoa e em essência em que há a Trindade, e o Senhor é esse Deus. É um universal da fé que nenhum dos mortais poderia ser salvo se o Senhor não viesse ao mundo. É um universal da fé que Ele veio ao mundo para remover o inferno do homem, e o removeu por meio de combates contra ele e por vitórias sobre ele; assim o subjugou e o reduziu à ordem e sob Sua obediência. É um universal da fé, também, que Ele veio ao mundo para que o Humano tomado no mundo fosse glorificado, isto é, unido ao Divino de Que procedeu. Assim, mantém o inferno em ordem, subjugado a Si e sob Sua obediência na eternidade. Uma vez que uma e outra coisas não poderiam ter sido feitas senão por meio de tentações até a última delas - e a última delas foi a paixão da cruz - por isso Ele as suportou. Estes são os universais da fé cristã a respeito do Senhor.

36. O universal da fé cristã da parte do homem é que ele creia no Senhor, pois por crer n'Ele faz-se uma conjunção com Ele, pela qual há salvação. Crer n'Ele é ter certeza que Ele salva. E como só pode ter

certeza aquele que vive no bem, por isso, por crer n'Ele também se entende viver no bem.

37. Desses dois universais da fé cristã já se tratou em particular; do primeiro, que se refere ao Senhor, na *Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor*; e do outro, que se refere ao homem, na *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém*. Por isso não é necessário aqui estender-se mais sobre isso.

38. A fé de hoje na forma universal é esta: “Que Deus Pai enviou Seu Filho para fazer reparação pelo gênero humano e que, por causa desse mérito do Filho, Ele tem misericórdia e salva os que nisso crêm (ou, de acordo com outros, os que nisso e crêm e, ao mesmo tempo, praticam os bens)”.

39. Mas, para que se veja mais claramente a qualidade dessa fé, quero acrescentar em ordem aqui as várias coisas que essa fé afirma.

(i.) Afirma Deus Pai e Deus Filho como dois, um e outro de eternidade.

(ii.) Afirma que Deus Filho veio ao mundo pela vontade do Pai para fazer reparação pelo gênero humano que, de outro modo, pereceria de morte eterna pela justiça Divina, que também se chama vindicativa.

(iii.) Afirma a reparação pelo Filho por meio do cumprimento da Lei e da paixão da cruz.

(iv.) Afirma a misericórdia do Pai por causa dessa reparação do Filho.

(v.) Afirma a imputação do mérito do Filho para com aqueles que nisso crêm.

(vi.) Afirma que isso é instantâneo e, por isso, se não antes, mesmo na última hora da morte.

(vii.) Afirma alguma coisa de tentação e, assim, de liberação por essa fé.

(viii.) Afirma nessas, principalmente, a certeza e a confiança.

(ix.) Afirma nessas, principalmente, a justificação e a plenária graça do Pai por causa do Filho, a remissão de todos os pecadores e, assim, a salvação.

(x.) Os mais cultos afirmam nisso um esforço para o bem que opera ocultamente e move a vontade não manifestamente. Outros afirmam uma operação manifesta, uns e outros pelo Espírito Santo.

(xi) A maioria dos que se confirmam nisso – que ninguém pode fazer por si o bem que é bem a não ser que seja meritório, e que não estão sob o jugo da lei – omitem o bem e não pensam sobre o mal e o bem da vida. Com efeito, esses dizem em si mesmos que o bem não salva nem o mal condena, porque a fé sozinha faz todas as coisas.

(xii). Em geral, afirma estar o entendimento sob a obediência dessa fé, chamando de fé o que não é compreendido.

40. Mas é dispensável esclarecer e considerar uma a uma se essas coisas são verdades. São claramente evidentes pelo que acima foi dito aqui e, principalmente, pelo que foi demonstrado e ao mesmo tempo racionalmente confirmado na *Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor* e na *Doutrina de Vida para a Nova Jerusalém*.

41. Para que se veja, porém, qual é a fé separada da caridade e qual é a fé não separada dela, vou comunicar o que ouvi de um anjo do céu. Ele disse que falou com muitos reformados e ouviu a respeito da qualidade de sua fé; referiu o que falou com um que estava na fé separada da caridade, com outro que estava na fé não separada, e o que ouviu deles. Disse que os interrogou e eles responderam. Como essas coisas podem esclarecer, vou citar aqui as suas conversas.

42. O anjo disse que, ao falar com o que estava na fé separada da caridade, falou-lhe assim: “Amigo, quem és tu?” Respondeu: “Sou um cristão reformado”. “Qual é tua doutrina e, por conseguinte, tua religião?” Respondeu que era a fé. Disse: “Qual é tua fé?” Respondeu: “Minha fé é que Deus Pai enviou o Filho para fazer reparação pelo gênero humano e para que fossem salvos os que assim cressem”. Então lhe perguntou, dizendo: “Que mais sabes sobre a salvação?” Respondeu que a salvação era por essa fé somente. Disse, além disso: “Que sabes sobre a redenção?” Respondeu que ela se fez pela paixão da cruz e que o mérito do Filho é imputado por meio dessa fé. “Diz o que sabes sobre o amor e a caridade”. Respondeu que são essa fé. “Diz o que sabes sobre as boas obras”. Respondeu que são essa fé. “Diz o que pensas sobre todos os preceitos na Palavra”. Respondeu que estão nessa fé. Então disse: “Logo, nada fazes?” Respondeu: “Que farei? não posso fazer por mim mesmo o bem que é bem”. Disse: “Não podes ter fé por ti mesmo?” Respondeu: “Não posso”. Disse: “De que modo, então, podes ter fé?” Respondeu: “Sobre isso não indago. Tenho fé.” Finalmente, disse: “Decerto sabes mais alguma coisa sobre a salvação?” Respondeu: “Que há além disso, visto que a salvação é por essa fé só?” Mas, então, o anjo disse: “Respondes como alguém que toca um só tom na flauta; não ouço a não ser a fé. Se a

conheces e nada mais além disso, nada sabes. Vai e vê teus amigos”. E saiu e os encontrou no deserto, onde não havia relva. Perguntou-lhes por que era assim; disseram que era porque neles nada havia da igreja.

43. O anjo assim falou com o que estava na fé não separada da caridade: “Amigo, quem és?” Respondeu: “Sou um cristão reformado”. “Qual é tua doutrina e, assim, tua religião?” Respondeu: “Fé e caridade”. Disse: “Essas coisas são duas?” Respondeu: “Não podem ser separadas”. Disse: “Que é a fé?” Respondeu: “Crer no que a Palavra ensina”. Disse: “O que é a caridade?” Respondeu: “Fazer o que a Palavra ensina”. Disse: “Acaso somente creste nelas ou também as fizeste?” Respondeu: “Também as fiz”. O anjo do céu então o contemplou e disse: “Meu amigo, vem comigo e habita conosco”.

VI. Qual é a fé separada da caridade

44. Para que se veja qual é a fé separada da caridade, vou apresentá-la em sua nudez. Consiste nisso: Que Deus Pai, irado contra o gênero humano, rejeitara-o de Si e, pela justiça, determinou fazer vingança com a eterna condenação deles. E disse ao Filho: “Desce, cumpre a Lei e toma sobre Ti a condenação a eles destinada. Então, talvez, terei misericórdia”. Por isso o Filho desceu, cumpriu a Lei, deixou-Se suspender numa cruz e ser cruelmente morto. Feito isso, retornou ao Pai e disse: “Tomei sobre Mim a condenação do gênero humano. Agora tem misericórdia”, intercedendo por eles. Mas recebeu a resposta: “Por eles, não posso. Mas como Te vi sobre a cruz e vi o Teu sangue, faço-Me misericordioso. Todavia, não os desculparei, mas imputar-lhes-ei o Teu mérito. Não, porém, a outros senão aqueles que reconhecem isso. Essa será a fé pela qual podem ser salvos”.

45. Tal é essa fé em sua nudez. Quem é que, tendo uma razão iluminada, não vê nela paradoxos que são contra a essência divina? Como o fato de Deus, que é o Amor mesmo e a Misericórdia mesma, poder condenar os homens por ira e, assim, por vingança, e execrá-los ao inferno. Depois, de querer ser levado à misericórdia por meio da condenação imposta ao Filho e pela visão de Sua paixão sobre a cruz e de Seu sangue. Quem, tendo a razão iluminada, não vê que Deus não pode dizer a um Deus igual: “Não os desculpo, mas imputo-lhes o Teu mérito”? E também: “Agora, vivam como viverem, basta que creiam para que sejam salvos”, além de muitas outras coisas.

46. Mas a razão de essas coisas não serem vistas é porque

induziram uma fé cega e, por ela, fecharam os olhos e taparam os ouvidos. Fecha-lhes os olhos e tapa-lhes os ouvidos, isto é, faz com que não pensem por algum entendimento, e diz o que quiseres àqueles em que há impressa alguma idéia de vida eterna, e eles crerão. Mesmo se lhes disseres que Deus pode Se irar e desejar vingança; que Deus pode levar alguém à condenação eterna; que Deus quer ser levado a ter misericórdia por meio do sangue do Filho e isso imputar e atribuir como mérito ao homem, como se fosse dele; ou salvar só pelo pensamento. E, também, que um Deus possa estipular essas coisas com outro Deus de uma única essência e impô-las. Além de coisas semelhantes. Mas abre os olhos e destapa os ouvidos, isto é, pensa sobre isso pelo entendimento, e verás a discordância dessas coisas com a verdade mesma.

47. Fecha-lhes os olhos, tapa-lhes os ouvidos e faz com que não pensem por algum entendimento. Acaso não podes induzir a fé em que Deus deu todo o Seu poder ao homem para que este esteja em lugar de Deus nas terras? Acaso não podes induzir a fé em que homens mortos podem ser invocados? Que diante de suas imagens as cabeças devem ser descobertas e os joelhos dobrados? Que seus cadáveres, seus ossos e seus sepulcros são santos e devem ser venerados? Mas, se abrires os olhos e destapares os ouvidos, isto é, se pensares sobre essas coisas por algum entendimento, acaso não verás absurdos que a razão humana deve abominar?

48. Quando essas e outras coisas semelhantes são recebidas por um homem cujo entendimento foi fechado pela religião, acaso o templo em que presta culto não pode ser comparado a antros ou cavernas sob a terra, onde não se sabe o que são as coisas que se vêem? Sua religião não pode ser comparada à habitação numa casa em que não há janelas, e a voz do culto a seu som, e não à sua linguagem? Com tais homens os anjos do céu não podem falar, porque um não entende a linguagem do outro.

VII. Os que estão na fé separada da caridade foram representados na Palavra pelos filisteus

49. Na Palavra, por todos os nomes das nações e dos povos, como também das pessoas e dos lugares, são significadas coisas da igreja. A igreja mesma foi representada por Israel e Judá, porque foi instituída com eles, e as várias religiosidades foram representadas pelas nações e

povos à sua volta; as religiosidades concordantes, pelas nações boas e as religiosidades discordantes, pelas nações más. Há duas religiosidades más por que toda igreja se degenera no decorrer do tempo: uma que adultera o seu bem e outra que falsifica o seu vero. A religiosidade que adultera o bem da igreja tem sua origem no amor de dominar; a outra religiosidade, que falsifica os veros da igreja, tem sua origem no orgulho da própria inteligência. A religiosidade que tem sua origem no amor de dominar é entendida, na Palavra, por Babilônia; e a religiosidade que tem sua origem no orgulho da própria inteligência é entendida, na Palavra, pelos filisteus. Sabe-se quem são os da Babilônia hoje, mas não se sabe quem são os da Filístia. Da Filístia são os que estão na fé e não na caridade.

50. Que os da Filístia sejam os que estão na fé e não na caridade, pode-se ver pelas várias coisas que se dizem sobre eles na Palavra, entendida no sentido espiritual, tanto por suas altercações com os servos de Abraão e de Isaque (de que se trata no *Gênesis*, 21 e 26) quanto por suas guerras com os filhos de Israel (de que se trata no livro dos *Juizes* e nos livros de *Samuel* e *Reis*). Porque todas as guerras descritas na Palavra envolvem e significam, no sentido espiritual, guerras espirituais. E como essa religiosidade, que é a fé separada da caridade, quer continuamente invadir a igreja, por isso os filisteus permaneceram na terra de Canaan e repetidamente infestaram os filhos de Israel.

51. Visto que os filisteus representavam aqueles que estão na fé separada da caridade, por isso foram chamados “prepuciados”. Por “prepuciados” se entendem os que estão sem amor espiritual e, assim, somente no amor natural. O amor espiritual é a caridade. A razão de eles serem referidos como “prepuciados” é porque pelos “circuncisos” se entendem os que estão no amor espiritual. Que os filisteus sejam referidos como “prepuciados”, veja-se em *I Sm. 17:26, 36; II Sm. 1:20* e em outras passagens.

52. Que aqueles que estão na fé separada da caridade tenham sido representados pelos filisteus, pode-se ver não somente por suas guerras com os filhos de Israel, mas também por muitas outras coisas que são relatadas sobre eles na Palavra, como pelo que foi dito sobre o seu ídolo, Dagon, sobre as hemorróidas e os ratos de que foram feridos e infestados por causa da arca posta no templo de seu ídolo e pelas demais coisas que sucederam (de que se trata em *I Samuel 5 e 6*). Semelhantemente, pelo que foi dito sobre Golias, que era filisteu e foi morto por David (de que se trata em *I Samuel 17*). Porque Dagon, o ídolo deles, era como um homem na parte superior e, na inferior,

como um peixe, pelo que era representada a sua religião, que era, quanto à fé, como se fosse espiritual, mas, por não ter caridade, era meramente natural. Pelas hemorróidas de que foram feridos eram significados os seus amores impuros; pelos ratos de que foram infestados era significada a devastação da igreja pelas falsificações do vero; e por Golias morto por David foi representado o seu orgulho da própria inteligência.

53. Que aqueles que estão na fé separada da caridade tenham sido representados pelos filisteus, vê-se também pelos proféticos da Palavra, onde se trata deles, como nas seguintes passagens. Em *Jeremias*:

“Contra os filisteus... Eis águas que sobem do norte que se tornam um rio inundante, e inundará a terra e a sua plenitude, a cidade e os habitantes nela, para que os homens clamem, e todo habitante da terra lamentará... JEOVAH vastará os filisteus” (47:1, 2, 4);

“águas que sobrem do norte” são os falsos oriundos do inferno; que se “tornarão um rio inundante e inundarão a terra e a sua plenitude” significa a devastação, por essas coisas, de todas as coisas da igreja; “a cidade e os habitantes nela” significam a devastação de todas as coisas de sua doutrina; “para que os homens clamem, e todo habitante da terra lamentará” significa a falta de todo vero e bem na igreja; “JEOVAH vastará os filisteus” significa a destruição deles. Em *Isaias*:

“Não te alegres, tu, toda Filístia... que esteja quebrada a vara do que te fere, pois da raiz da serpente sairá um basilisco cujo fruto será uma serpente ardente, voadora” (Is. 14:29);

“não te alegres, tu, toda a Filístia” significa que não se alegrem por estarem na fé separada da caridade, em que ainda permanecem; “pois da raiz da serpente sairá um basilisco” significa que do orgulho da própria inteligência vem a destruição de todo vero com eles; “cujo fruto é uma serpente ardente, voadora” significa os raciocínios pelos falsos do mal contra os veros e bens da igreja.

54. Que pela circuncisão seja representada a purificação dos males que são do amor meramente natural, é evidente por isso:

“Circuncidai” o vosso coração “e removi os prepúcios de vosso coração... para que não saia... Minha ira... por causa da malícia de vossas obras” (Jr. 4:4);

“circuncidar o coração” ou “prepúcio do coração” é purificar-se dos males. Assim, ao contrário, por “incircunciso” ou “prepuciado” se entende aquele que não é purificado do mal do amor meramente

natural, por conseguinte, que não está na caridade. E como o impuro de coração se entende pelo “prepuciado”, diz-se:

“Nenhum prepuciado de coração, nem prepuciado da carne entrará no santuário” (Ez. 44:9);

“Nenhum prepuciado comerá a páscoa” (Êxodo 12:48).

E que esse era condenado, *Ez. 28:10; 31:18; 32:19*.

VIII. Os que estão na fé separada da caridade são entendidos pelo “dragão” no *Apocalipse*.

55. Acima se disse que toda igreja, no decorrer do tempo, desvia-se para duas religiosidades más e gerais: uma, pelo amor de dominar e outra, pelo orgulho da própria inteligência. E foi dito que a primeira religiosidade foi entendida e descrita na Palavra pela “Babilônia” e a segundo pela “Filístia”. Ora, como no *Apocalipse* se trata do estado da Igreja Cristã, principalmente como ela é no fim, por isso se trata ali dessas duas religiosidades más, em geral e em particular. A religiosidade que se entende por “Babilônia” é descrita nos capítulos 17, 18 e 19, sendo, ali, “a meretriz que se assenta sobre a besta escarlate”. E a religiosidade que se entende por “Filístia” é descrita nos capítulos 12 e 13, sendo, ali, o “dragão”, como também “a besta que sai do mar” e “a besta que sobe da terra”. Que essa religiosidade seja entendida pelo “dragão e suas duas bestas”, até hoje não se pôde saber. A razão é que o sentido espiritual da Palavra não foi aberto antes e, assim, o *Apocalipse* não foi entendido, principalmente porque essa religiosidade sobre a fé separada da caridade no mundo cristão prevaleceu tanto que ninguém pode ver isso. Com efeito, toda religiosidade má cega os olhos.

56. Que a religiosidade da fé separada da caridade seja entendida e descrita no *Apocalipse* pelo “dragão” e pelas “suas duas bestas” não somente me foi dito do céu, mas também me foi mostrado no mundo dos espíritos, que está sob o céu. Vi aqueles que estão na fé separada da caridade num ajuntamento como um grande dragão tendo uma comprida cauda voltada para o céu. E vi outros, separados, que eram, em aparência, tais como dragões, porque naquele mundo as aparências vêm da correspondência dos espirituais com os naturais. Por isso, também, eles são chamados dragonistas pelos anjos do céu. Mas há muitos desse gênero; alguns deles constituem a cabeça do dragão, outros o seu corpo e outros a sua cauda. Os que constituem a sua

cauda são os que falsificaram todos os veros da Palavra, pelo que se diz a respeito do dragão, no *Apocalipse*, que sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu. Pelas “estrelas do céu” são significados os conhecimentos do vero, e, por “terça parte”, todos.

57. Ora, como pelo “dragão” no *Apocalipse* se entendem os que estão na fé separada da caridade e isso foi até hoje ignorado e também oculto por não se conhecer o sentido espiritual da Palavra, por isso darei aqui uma explicação geral das coisas que se dizem ali, no cap. 12, sobre o dragão.

58. Sobre o dragão, essas coisas são ditas no capítulo 12, no *Apocalipse*:

“E um grande sinal foi visto no céu: uma mulher envolta pelo sol, e a lua sob os seus pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas. E estando grávida [*in utero habens*] gritava com dores de parto e atormentada para dar à luz. E foi visto outro sinal no céu; e eis um grande dragão vermelho tendo sete cabeças e dez chifres; e sobre suas cabeças, sete diademas. E a sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu e lançou-as na terra. E o dragão parou diante da mulher que ia dar à luz, para que, depois que ela desse à luz, devorasse-lhe o filho. E deu à luz um filho macho, que apascentará todas as nações com vara de ferro. E seu filho foi arrebatado para Deus e Seu trono. E a mulher fugiu para o deserto, onde tem um lugar preparado por Deus, para que ali a alimentassem por mil, duzentos e sessenta dias. E houve uma guerra no céu: Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão, e o dragão pelejou, e os seus anjos. E não prevaleceram, e não se achou mais o lugar deles no céu... E quando o dragão viu que foi lançado à terra, perseguiu a mulher que deu à luz o filho. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse ao deserto, ao seu lugar, onde seria alimentada ali por um tempo, e tempos e metade de um tempo, fora da face da serpente. E após a mulher a serpente lançou de sua boca água como um rio, para que ela fosse tragada pelo rio. E a terra ajudou a mulher, e abriu a sua boca, e engoliu o rio que o dragão lançou de sua boca. E irou-se o dragão contra a mulher, e foi fazer guerra aos restos de sua semente, os que observam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Ap. 1-8, 13-17).

59. A explicação dessas palavras é: “Um grande sinal foi visto no céu” significa a revelação pelo Senhor sobre a futura igreja e sobre a recepção de sua doutrina, pelo que será atacada; “uma mulher envolta pelo sol, e a lua sob os pés” significa a igreja que, pelo Senhor, está no amor e na fé; “e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas” significa a sabedoria e a inteligência com eles, pelos Divinos veros; “e

estando grávida” significa a doutrina nascente; “gritava com dores do parto, atormentada para dar à luz” significa a resistência por aqueles que estão na fé separada da caridade; “e foi visto outro sinal no céu” significa uma nova revelação; “e eis um grande dragão vermelho” significa a fé separada da caridade, porque “vermelho” se diz do amor meramente natural; “tendo sete cabeças” significa o falso entendimento da Palavra; “e dez chifres” significa o poder advindo da recepção por muitos; “e sobre suas cabeças sete diademas” significa os veros da Palavra falsificados; “e sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu, e as lançou à terra” significa a destruição de todos os conhecimentos do vero; “e o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para que, depois que ela desse à luz, lhe devorasse o filho” significa o seu ódio e sua disposição de destruir a doutrina da igreja em seu nascimento; “e deu à luz um filho macho” significa a doutrina; “que apascentará todas as nações com vara de ferro” significa que vencerá pelo poder do vero natural proveniente do espiritual; “e o filho foi arrebatado para Deus e o Seu trono” significa a sua proteção pelo Senhor desde o céu; “e [a mulher] fugiu para o deserto” significa a igreja entre poucos; “onde tem um lugar preparado por Deus” significa o seu estado enquanto se provê que esteja entre muitos; “para que a alimentassem mil duzentos e sessenta dias” significa até que cresça ao seu estado; “e houve uma guerra no céu, Miguel e seus anjos pejaram contra o dragão, e o dragão pelejou, e os seus anjos” significa a dissensão e a peleja daqueles que estão da fé separada da caridade contra aqueles que estão na doutrina da igreja, a respeito do Senhor e da vida de caridade; “e não prevaleceram” significa que sucumbiram; “e não se achou mais o lugar deles no céu” significa a sua expulsão; “quando o dragão viu que foi lançado à terra, perseguiu a mulher que deu à luz o macho” significa a infestação da igreja por aqueles que estão na fé separada da caridade, por causa de sua doutrina; “e foram dadas à mulher asas de grande águia, para que voasse ao deserto, ao seu lugar” significa a circunspeção enquanto ainda estiver entre poucos; “onde seria alimentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da face da serpente” significa enquanto cresce ao seu estado; “e após a mulher a serpente lançou de sua boca água como um rio, para que ela fosse tragada pelo rio” significa os raciocínios deles em abundância, pelos falsos, para destruir a igreja; “e a terra ajudou a mulher, e abriu a terra a sua boca, e engoliu o rio que o dragão lançou de sua boca” significa que os raciocínios, por serem dos falsos, por si mesmos cairiam; “e irou-se o dragão contra a mulher, e foi fazer guerra aos restos de sua semente” significa seu persistente ódio; “os que

observam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” significa contra aqueles que vivem a vida de caridade e crêm no Senhor.

60. No capítulo 13 seguinte, no *Apocalipse*, trata-se das duas bestas do dragão; uma, que foi vista subir do mar, e outra, que foi vista subir da terra; trata-se da primeira do versículo 1 ao 10, e da seguinte, do versículo 11 ao 18. Que sejam bestas do dragão, vê-se pelos versículos 2, 4 e 11 ali. Pela primeira besta é significada a fé separada da caridade quanto à sua confirmação pelo homem natural; e pela segunda é significada a fé separada da caridade quanto à sua confirmação pela Palavra, que também são falsificações do vero; mas deixo de explicá-las, porque contêm as suas argumentações e seria prolixo expô-las. Somente essa última parte será explicada:

“Quem tem inteligência calcule o número da besta, porque é número de homem, e seu número é seiscentos e sessenta e seis” (vers. 18).

“Quem tem inteligência calcule o número da besta” significa os que estão na iluminação investiguem como é a confirmação dessa fé pela Palavra; “porque é número de homem” significa que é da própria da inteligência; “e seu número é seiscentos e sessenta e seis” significa todo vero da Palavra falsificado.

IX. Os que estão na fé separada da caridade são entendidos pelos “bodes” em *Daniel* e *Mateus*.

61. Que pelo “bode” em *Daniel* (cap. 8) e pelos “bodes” em *Mateus* (cap. 25) se entendam aqueles que estão na fé separada da caridade, pode-se ver pelo fato de estarem ali em oposição aos “carneiros” e “ovelhas”. Pelo “carneiro” e pela “ovelha” se entendem os que estão na caridade, pois na Palavra o Senhor é chamado Pastor, e a igreja, aprisco. Os homens da igreja no geral são chamados rebanho e no particular, ovelhas. E como “ovelhas” são os que estão na caridade, por isso “bodes” são os que não estão na caridade.

62. Que aqueles que estão na fé separada da caridade sejam entendidos pelos “bodes”, será demonstrado (i.) pela experiência no mundo espiritual; (ii.) pelo juízo final, sobre os quais se efetuou; (iii.) pela descrição do combate entre o carneiro e o bode em *Daniel*; (iv) e, finalmente, pela omissão da caridade por eles, do que se tratou em *Mateus*.

63. (i.) *Que aqueles que estão na fé separada da caridade sejam entendidos pelos “bodes”, visto pela experiência no mundo espiritual.* No mundo espiritual vêem-se todas as coisas que estão no mundo natural. Vêem-se casas e palácios, vêem-se paraísos, hortos e, neles, árvores de todo gênero. Vêem-se campos e terras aradas, como também campinas e relvados, manadas e rebanhos, todas as coisas numa semelhança tal como as que há em nossa terra. Não há entre elas diferença alguma, senão que estas são de origem natural e aquelas de origem espiritual. Por isso os anjos, que são espirituais, vêem as coisas que são de origem espiritual do mesmo modo que os homens vêem as coisas que são de origem natural. Todas as coisas que se vêem no mundo espiritual são correspondências, porque correspondem às afeições dos anjos e espíritos. Esta é a razão por que aqueles que estão na afeição do bem e do vero e, por conseguinte, na sabedoria e na inteligência, habitam em palácios magníficos, em cuja volta há paraísos cheios de árvores, que correspondem, e, ao redor delas, campos e campinas nos quais se deitam rebanhos, que são aparências. Mas em correspondência oposta estão aqueles que se acham em afeições más. Esses, ou estão nos infernos encerrados em prisões sem janelas, nas quais, todavia, há um lume como de fogo fátuo, ou estão nos desertos, habitando em choupanas em cuja volta todas as coisas são estéreis; ali há serpentes, dragões, corujas e muitas outras coisas que correspondem aos seus males. Entre o céu e o inferno existe uma região intermediária que se chama mundo dos espíritos. A esse lugar vem todo homem logo após a morte e, ali, há a mesma interação de um com outro, assim como os homens entre si na terra. Ali, também, todas as coisas que se vêem são correspondências. Vêem-se ali, também, hortos, bosques, florestas com árvores e arbustos, como também campos floridos e verdes, juntamente com vários gêneros de bestas mansas e ferozes, todas segundo as correspondências de suas afeições. Vêem-se ali, muitas vezes, ovelhas e bodes, e também combates entre eles, semelhantes ao combate que é descrito em *Daniel* (cap. 8). Vi bodes com chifres voltados para frente e para trás, e vi-os irrompendo com furor sobre as ovelhas. Vi bodes, com dois chifres, que feriam com veemência as ovelhas. E quando observei para ver o que eram, vi algumas pessoas que entre si disputavam sobre a caridade e a fé, do que se tornou evidente que a fé separada da caridade era o que aparecia como bodes, e a caridade proveniente da fé era o que aparecia como ovelhas. Como vi essas coisas muitas vezes, foi-me dado saber com certeza que aqueles que estão na fé separada da caridade são entendidos, na Palavra, pelos “bodes”.

64. (ii.) Que os que estão na fé separada da caridade sejam

entendidos na palavra pelos “bodes”, visto pelo juízo final sobre os quais se efetuou. O juízo final não se efetuou sobre outros senão aqueles que nos externos eram morais mas, nos internos, não eram espirituais ou eram pouco espirituais. Mas aqueles que tanto nos externos quanto nos internos estavam nos males foram lançados ao inferno bem antes do juízo. E aqueles que eram espirituais nos externos e internos ao mesmo tempo foram elevados ao céu bem antes do juízo final, pois o juízo não foi feito sobre aqueles que estavam no céu nem sobre aqueles que estavam nos infernos, mas sobre aqueles que estavam no meio, entre o céu e o inferno, e ali fizeram céus, por assim dizer. Que o juízo final tenha sido feito sobre esses e não outros, pode-se ver no opúsculo sobre o Juízo Final (n. 59 e 70), e ver-se-á mais tarde na Continuação do Juízo Final e, ali, a respeito dos reformados. Dentre esses, foram lançados ao inferno os que ali então se achavam na fé separada da caridade não somente pela doutrina mas também pela vida. Mas aqueles que estavam na fé, só, quanto à doutrina, porém na caridade quanto à vida, foram elevados ao céu. Por aí tornou-se-me evidente que esses e não outros foram referidos pelo Senhor como “bodes” e “ovelhas” (Mateus 25), onde falou do juízo final.

65. (iii) Que aqueles que estão na fé separada da caridade sejam entendidos pelos “bodes”, pela descrição do combate entre o carneiro e o bode em Daniel. Todas as coisas que estão em Daniel tratam, no sentido espiritual, de coisas do céu e da igreja, assim como todas as coisas em toda a Escritura Santa, como foi mostrado a respeito na Doutrina da Nova Jerusalém (n. 5-26). Assim, também, as coisas que estão em Daniel que se dizem do combate entre o carneiro e o bode (cap. 8), que são:

“Vi na visão... um carneiro que tinha dois chifres altos, porém o mais alto subindo depois; e o chifre feria para o ocidente, norte e sul, e se engrandecia. Em seguida vi um bode vindo do ocidente sobre as faces de toda a terra, cujo chifre era entre os olhos, e que correu contra o carneiro com o furor de sua força... e quebrou seus dois chifres, e o lançou à terra e o pisoteou... Mas foi quebrado o grande chifre do bode e, em seu lugar, subiu quatro chifres e, de um deles, saiu um chifre muito pequeno que cresceu muito para o sul, para o oriente e para a [terra] formosa, e até para o exército dos céus, e lançou à terra [alguns] dos exércitos e [algumas] das estrelas, e os pisoteou. E se exaltou até contra o Príncipe dos exércitos, e dele foi tirado o sacrifício contínuo e lançado [por terra] o habitáculo do Seu santuário, porque lançou a verdade na terra. E ouvi um dos santos dizendo: ... Até quando essa visão, o sacrifício contínuo e a

prevaricação que vasta, para que sejam entregues o santo e o exército, para que sejam pisados? E disse: Até a tarde e a manhã... então o Santo será justificado” (Dn. 8:2-14).

66. Que essa visão prediga os estados futuros da igreja, vê-se claramente, pois se diz que “do Príncipe dos exércitos foi tirado o sacrifício contínuo”, “lançado o habitáculo do Seu santuário” e, depois, que um dos “santos disse: Até quando essa visão, o sacrifício contínuo e a prevaricação que vasta, para que sejam entregues o santo e o exército, para que sejam pisados”, e a que isso se disse: “Até a tarde a manhã, quando o Santo será justificado”. Com efeito, pela “véspera” se entende o fim da igreja, quando haverá uma nova. Depois, nesse capítulo, os “reis da Média e da Pérsia” significam o mesmo que o “carneiro”; e o “rei da Grécia” significa o mesmo que o “bode”, pois os nomes dos reinos, nações e povos, como também das pessoas e lugares, na Palavra, significam coisas do céu e da igreja.

67. A explicação dessas palavras é esta: o “carneiro” que tinha dois altos chifres, dos quais o mais alto subiu depois, significa aqueles que estão na fé oriunda da caridade; que “o chifre feria para o ocidente, o norte e o sul” significa a dissipação do mal e do falso; que se tenha “engrandecido” significa o aumento; “o bode vindo do ocidente sobre as faces de toda a terra” significa os que estão na fé separada da caridade e a invasão da igreja por eles; o “ocidente” é o mal do homem natural; que “tinha um chifre entre os olhos” significa a própria inteligência; que “tenha corrido contra o carneiro no furor de sua força” significa que veementemente atacou a caridade e sua fé; que tenha “quebrado seus dois chifres, lançando-o por terra e o pisoteando” significa que dispersou completamente a caridade e a fé, pois quem dispersa uma dispersa também a outra, porque constituem uma só coisa. Que o “chifre grande do bode tenha sido quebrado” significa a não aparência de que é pela própria inteligência; que “em seu lugar tenham subido quatro chifres” significa as aplicações do sentido da letra da Palavra para confirmação; “que de um deles tenha saído um chifre muito pequeno” significa a argumentação de que ninguém pode cumprir a lei e fazer o bem por si mesmo; que “esse chifre tenha crescido para o sul, para o oriente e para a [terra] formosa” significa a insurreição por aí contra todas as coisas da igreja; “e até o exército dos céus, e arrastou [alguns] do exército e [algumas] das estrelas, e os pisoteou” significa, assim, a destruição de todos os conhecimentos do bem e do vero, que pertencem à caridade e à fé; que “se tenha exaltado até contra o Príncipe do exército” e “tenha tirado d'Ele o sacrifício contínuo e o habitáculo do Seu santuário” significa

que assim foram arruinadas todas as coisas do culto ao Senhor e de Sua igreja; que “tenha lançado por terra a verdade” significa que os veros da Palavra formam falsificados; pela “véspera e manhã, quando o Santo será justificado” é significado o fim dessa igreja e o princípio de uma nova.

68. (iv) Que aqueles que estão na fé separada da caridade sejam entendidos pelos “bodes”, visto pela omissão da caridade por eles, em Mateus. Que pelos “bodes” e “ovelhas” em Mateus (cap. 25:31-46) sejam entendidas as mesmas coisas que pelo “bode” e pelo “carneiro” em Daniel, é evidente pelo fato de que às ovelhas foram enumeradas obras de caridade e foi dito que elas as fizeram, enquanto aos bodes foram enumeradas as mesmas obras de caridade e dito que eles não as fizeram, razão pela qual foram condenados. Porque a omissão das obras está naqueles que estão na fé separada da caridade, pela negação de que haja nelas alguma coisa da salvação e da igreja; e quando a caridade, que consiste em obras, é assim removida, a fé também cai, porquanto a fé provém da caridade; e quando não há caridade, há a condenação. Se todos os males fossem aí entendidos pelos “bodes”, teriam sido enumeradas não as obras de caridade que não fizeram, mas os males que fizeram. Coisas semelhantes são também entendidas pelos “bodes” em Zacarias:

“Sobre os pastores se acendeu Minha ira, e sobre os bodes visitarei”
(Zc. 10:3).

E em *Ezequiel*:

“Eis que Eu julgo entre rebanho e rebanho, entre carneiros e entre bodes. Acaso é pouco para vós pastar os bons pastos, também pisar os restantes dos pastos com vossos pés?... Com vossos chifres tendes ferido todas as ovelhas enfermas, até que as dispersais; por isso salvarei a Minha grei, para que não mais sirvam de presa”
(34:17, 18, 21, 22 e seq.)

X. A fé separada da caridade destrói a igreja e tudo o que lhe pertence

69. A fé separada da caridade é uma fé nula, porquanto a caridade é a vida da fé, é sua alma e é sua essência. E onde a fé é nula, por ser nula a caridade, aí a igreja é nula. Por isso o Senhor disse:

“Quando o Filho do homem vier, acaso achará fé sobre a terra?”
(Lucas 18:8).

70. Ouvei, algumas vezes, bodes e ovelhas falarem sobre isso: se os que se tinham confirmado na fé separada da caridade tinham alguma verdade; e como disseram que tinham muitas, a disputa foi posta em exame. Então, foram perguntados se sabiam o que é o amor, o que é a caridade e o que é o bem. E como essas eram as coisas que tinham separado, não puderam responder outra coisa senão que não o sabiam. Perguntaram-lhes o que é pecado, o que é penitência e o que é remissão dos pecados; e como responderam que os que são justificados pela fé têm os seus pecados remidos a ponto de não mais aparecerem, foi-lhes dito: “Essas coisas não são verdade”. Perguntaram-lhes o que é regeneração; responderam que ou é o batismo ou é a remissão dos pecados pela fé. Foi-lhes dito que isso não é verdade. Perguntaram-lhes o que é o homem espiritual; responderam que “É aquele que foi justificado pela fé de nossa confissão”. Mas foi-lhes dito que isso não era verdade. Perguntaram-lhes sobre a redenção, a união do Pai e o Senhor e a unidade de Deus e responderam coisas que não eram verdades, além de muitas coisas. Depois das interrogações e respostas a disputa veio ao juízo, a saber, que aqueles que se tinham confirmado na fé separada da caridade não têm verdade alguma.

71. Que isso seja assim, eles não o podem crer no mundo, porque aqueles que estão nos falsos não vêem outra coisa senão que os falsos são veros, e que saber muitas coisas que são de sua fé não é tão importante. A sua fé é separada do entendimento, porque é uma fé cega e, por isso, não investigam. E sobre isso não se pode inquirir senão pela Palavra, por meio da iluminação do entendimento. Por isso os veros que estão ali são convertidos em falsos; pensa-se na fé onde vêem amor, penitência, remissão dos pecados e muitas coisas que devem pertencer aos atos.

72. Mas, na verdade, esses são os que se confirmaram somente na fé, doutrina e vida, mas não aqueles que, ainda que tenham ouvido e crido que a fé, só, salva, ainda assim fugiram dos males como pecados.

Nota

A tradução destas quatro obras se fez a partir de duas fontes principais: o facsímile da edição original *Doctrina Novae Hierosolymae De Domino*, Phototypice Edidit Confederatio, Basileia, 1959, e os textos digitais de todas as quatro títulos, constituintes do programa *NewSearch*, da General Church of the New Jerusalem.

Para consulta, foram utilizadas diversas outras traduções, tais como: *The Four Doctrines*, tradução de J. F. Potts, publicada pela Swedenborg Foundation, 48ª. Edição, 1971, NY.

A Verdadeira Religião Cristã, capítulo sobre a Escritura Santa, tradução da edição francesa de Le Bois des Guays pelo Rev. J. M. Lima, e publicada em 1964, RJ.

Doutrina do Senhor e Doutrina da Escritura Santa, traduções feitas da edição francesa de Le Bois des pelos Srs. Magalhães e Coutinho, 1982, Rio, não publicadas.

Doutrina de Vida, primeira edição, de tradutor desconhecido, publicada pela Associação Geral da Nova Jerusalém, 1916, RJ.

Auxiliaram na revisão da tradução as Sras. Lygia C. F. Dalcin (*Doutrina do Senhor e Doutrina de Vida*) e Cláudia York (*Doutrina da Fé*).

A publicação desta obra em nosso idioma se faz possível graças aos recursos advindos do Fundo de Extensão da General Church of the New Jerusalem, provido para este propósito pela generosidade do Sr. John Pitcairn, no ano de 1910.

Fica expressa minha gratidão a todos essas pessoas e instituições pelo seu valioso uso na divulgação das Doutrinas Celestes para a Nova Igreja.

C. R. Nobre

Escritos Teológicos de Emanuel Swedenborg em Português:

A Verdadeira Religião Cristã (2 volumes)

Amor Conjugal

Apocalipse Revelado (2 volumes)

Arcanos Celestes (volume I)

Exposição Sumária da Doutrina da Nova Igreja

Divina Providência

Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste

O Céu e o Inferno

Quatro Doutrinas (Do Senhor, Da Escritura Santa, Da Fé, Da Vida)

Sabedoria Angélica

Podem ser obtidos nos seguintes endereços:

Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”

Rua das Graças, 45 – Bairro de Fátima

Rio de Janeiro, RJ

Email: andrewj@entermail.net

Igreja Nova Jerusalém

Estrada Santa Maria, - Campo Grande

Rio de Janeiro, RJ

Livraria Alexandria

Rua Nestor Castro, 223 – Centro

Curitiba, PR

Email: ebeirith@hotmail.com

Mais informações nos seguintes web sites:

www.novaigreja.com.br

www.swedenborg.com.br

